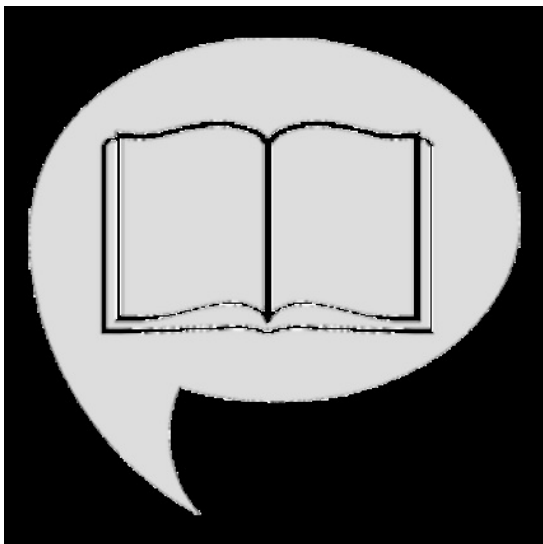
JOJO MOYES

Depois de Você

JOJO MOYES

Depois de você

A aguardada sequência de

Como eu era antes de você

N

este livro, Lou ainda não superou a perda de Will. Morando em um 7lat em L ondres, ela trabalha como garçonete em um pub no aeroporto. Certo dia, a pós beber muito, Lou cai do terraço. O terrível acidente a obriga voltar para a casa de sua família, mas também a permite conhecer Sam Fielding, um p aramédico cujo trabalho é lidar com a vida e a morte, a única pessoa que parece capaz de compreendê- ‑ la.

A

o se recuperar, Lou sabe que precisa dar uma guinada na própria história e

a caba entrando para um grupo de terapia de luto. Os membros compartilham

s abedoria, risadas, frustrações e biscoitos horrorosos, além de a

i ncentivarem a investir em Sam. Tudo parece começar a se encaixar, quando

a lguém do passado de Will surge e atrapalha os planos de Lou, levando- ‑ a a

um futuro totalmente diferente.

1

O homem corpulento na ponta do balcão está suando. Ele mantém a cabeça abaixada sobre o uísque duplo, mas de vez em quando se vira e olha para fora, pela porta às suas costas. Uma camada fina de suor brilha à luz das lâmpadas neon. Ele expira de forma trêmula e demorada, fingindo um suspiro, e se volta para a bebida.

— Ei, com licença.

Ergo os olhos dos copos que estou secando.

— Pode trazer mais um?

Quero dizer a ele que essa realmente não é uma boa ideia, que não vai ajudar e até poderia fazê-lo passar do limite. Mas ele já é adulto, faltam quinze minutos para o bar fechar e, segundo orientação da empresa, não tenho motivo para dizer não. Por isso, vou até ele, pego seu copo e levo ao dosador. O homem assente para a garrafa.

— Duplo — diz ele, deslizando a mão gorda pelo rosto úmido.

— São sete libras e vinte, por favor.

São quinze para as onze de uma terça-feira à noite, e o Shamrock and Clover, o pub irlandês do aeroporto East City, que é tão irlandês quanto Mahatma Ghandi, está num clima de fim de noite. O bar fecha dez minutos após o último avião decolar, e neste momento somos apenas eu, um jovem muito sério com um laptop, duas mulheres tagarelando na mesa dois e o homem que beberica um Jameson duplo enquanto espera o voo SC107 para Estocolmo ou o DB224 para Munique. Esse último está quarenta minutos atrasado.

Estou trabalhando desde o meio-dia, pois Carly estava com dor de estômago e foi para casa. Não me importo. Nunca me importo de ficar até tarde. Cantarolando baixinho para acompanhar as *Gaitas Celtas da Ilha Esmeralda Vol. III*, vou recolher os copos das duas mulheres, que estão assistindo atentamente a um vídeo no celular. Elas estão com o riso fácil, como acontece com quem já bebeu um bocado.

— Minha neta. Cinco dias de vida — diz a loura, assim que estico o braço para pegar seu copo na mesa.

— Linda.

Sorrio, apesar de achar que todos os bebês têm cara de brioche.

— Ela mora na Suécia. Nunca estive lá. Mas tenho que conhecer minha primeira neta, não é mesmo?

— Estamos bebendo para comemorar o nascimento da neném. — Elas caem na gargalhada mais uma vez. — Quer brindar com a gente? Vamos, sente-se aqui por cinco minutos. Não vamos conseguir terminar essa garrafa a tempo.

— Opa! Está na hora. Vamos nessa, Dor.

Alertadas por uma tela, elas juntam seus pertences, e talvez apenas eu repare num ligeiro cambaleio quando as duas se preparam para andar até a segurança do aeroporto. Coloco os copos delas no bar e observo o local à procura de qualquer outra coisa que precise ser lavada.

— Você nunca tentou?

A mulher mais baixa voltou para buscar o cachecol.

— Perdão?

— Simplesmente descer até lá, no fim do expediente, e entrar num avião.

Eu faria isso. — Ela ri. — Todo santo dia.

Dou aquele sorriso profissional que poderia expressar qualquer coisa e me viro para o bar.

* * *

As lojas à minha volta vão fechando, portas de aço baixando com estrépito

escondem bolsas caras demais e Toblerones para presentes de última hora.

As luzes se apagam nos portões três, cinco e onze, os últimos viajantes do dia embarcam para o céu noturno. Violet, a faxineira congolesa, empurra o carrinho na minha direção, caminhando com um gingado lento, os sapatos de sola de borracha rangendo no piso reluzente.

— Boa noite, querida.

— Boa noite, Violet.

— Você não devia estar aqui a uma hora dessas. Devia estar em casa com seus entes queridos.

Ela me diz exatamente a mesma coisa toda noite.

— Não vou demorar — respondo com exatamente essas palavras toda noite.

Satisfeita, ela balança a cabeça e segue seu caminho.

O Jovem Muito Sério com o Laptop e o Bebedor de Uísque Suado foram embora. Termino de empilhar os copos e confiro a caixa registradora, verificando duas vezes até o rolo condizer com o que há na gaveta. Registro tudo no livro-razão, verifico as bombas, anoto o que precisamos encomendar. Então percebo que o casaco do homem corpulento continua no banco onde ele estava. Vou até lá e dou uma olhada no monitor. O

embarque para Munique acabou de começar, mas não estou a fim de correr para devolver o casaco. Olho de novo e depois sigo devagar para o banheiro masculino.

— Olá? Tem alguém aí?

Surge uma voz abafada, com um leve tom de histeria. Empurro a porta.

O Bebedor de Uísque está debruçado na pia, jogando água no rosto. A pele dele está branca como giz.

— Estão chamando o meu voo?

— Acabou de aparecer no quadro. Você ainda tem alguns minutos.

Estou prestes a ir embora, mas algo me detém. O homem está me encarando, seus olhos parecem dois pequenos botões de ansiedade.

— Não posso fazer isso. — Ele pega uma toalha de papel e seca o rosto.

— Não posso embarcar.

Fico esperando.

— Eu deveria viajar para conhecer meu novo chefe, mas não consigo. Não tive coragem de dizer a ele que tenho medo de avião. — Ele balança a cabeça. — Medo, não. Pavor.

Deixo a porta fechar atrás de mim.

— Qual é seu trabalho novo?

Ele pisca.

— Hã… autopeças. Sou o novo Gerente Regional Sênior barra Peças de Reposição da Hunt Motors.

— Parece um ótimo emprego — digo. — Tem até uma barra no título.

— Faz muito tempo que venho trabalhando para isso. — Ele engole em seco. — Então não quero morrer em uma bola de fogo. Não quero mesmo morrer em uma bola de fogo no ar.

Eu me sinto tentada a ressaltar que, na verdade, não seria uma bola de fogo no ar, pois ela despencaria rapidamente, mas desconfio que essa informação não ajudaria muito. Ele volta a jogar água no rosto e eu lhe entrego outra toalha de papel.

— Obrigado. — Trêmulo, ele solta o ar e se empertiga, tentando se recompor. — Aposto que você nunca viu um homem adulto se comportar como um idiota, hein?

— Umas quatro vezes por dia.

Seus olhos miúdos ficam arregalados.

— Pelo menos quatro vezes por dia tenho que tirar alguém do banheiro masculino. E geralmente é por medo de voar.

O homem me encara.

— Mas, sabe, como digo para todo mundo, nunca um avião que saiu deste

aeroporto caiu.

Ele retrai o pescoço.

— É mesmo?

— Nenhum.

— Nem mesmo… uma batidinha na pista?

Encolho os ombros.

— Na verdade aqui é bem parado. As pessoas vão, seguem até seu destino e voltam alguns dias depois. — Empurro a porta com as costas para mantê-la aberta. Esses banheiros não ficam com um cheiro muito bom à noite. — E, enfim, na minha opinião, coisas piores podem acontecer com você.

— Bem. Acho que é verdade. — Ele fica refletindo, me olhando de soslaio.

— Quatro por dia, hein?

— Às vezes mais. Se não se importa, realmente preciso voltar agora. Ser vista saindo do banheiro masculino com tanta frequência não pega bem para mim.

O cara sorri, e, por um instante, consigo perceber como ele poderia ser em outras circunstâncias. Um homem naturalmente entusiasmado. Um sujeito alegre, no auge de sua carreira na área de autopeças.

— Sabe, acho que estou ouvindo chamarem seu voo.

— Garante que eu vou ficar bem?

— Você vai ficar bem. É uma companhia aérea muito segura. E são só poucas horas da sua vida. Olhe, o SK491 pousou há cinco minutos. Quando você estiver indo até o portão de embarque, vai ver os comissários de bordo voltando para casa, e todos estarão conversando e rindo. Para eles, embarcar nesses voos é como entrar num ônibus. Alguns fazem isso duas, três, quatro vezes por dia. E eles não são bobos. Se não fosse seguro, eles não embarcariam, não é mesmo?

— É como entrar num ônibus — repete ele.

— Provavelmente muito mais seguro.

— Bem, com certeza. — Ele ergue as sobrancelhas. — Há muitos idiotas na

estrada.

Concordo com um aceno de cabeça. Ele endireita a gravata.

— E é um trabalho importante.

— Seria uma pena perder isso por causa de algo tão pequeno. Você vai ficar bem quando se acostumar com o fato de estar lá em cima.

— Talvez. Obrigado…

— Louisa — digo.

— Obrigado, Louisa. Você é uma menina muito gentil. — Ele me olha de um jeito especulativo. — Imagino que você… não… gostaria de tomar um drinque qualquer hora dessas, não é?

— Acho que estou ouvindo chamarem o seu voo, senhor — respondo, abrindo a porta para deixá-lo passar.

Ele assente, tentando disfarçar seu constrangimento, e apalpa os bolsos de um jeito confuso.

— Certo. Claro. Bem… vou indo, então.

— Aproveite seu novo emprego.

Dois minutos depois de o homem ter ido embora, descubro que ele vomitou na terceira cabine do banheiro.

* * *

Chego em casa à uma e quinze e entro no apartamento silencioso. Troco a roupa pela calça do pijama e um moletom com capuz, depois abro a geladeira, pego uma garrafa de vinho branco e sirvo uma taça. Está tão ácido que franzo os lábios. Dou uma olhada no rótulo e me dou conta de que devo ter aberto na noite passada e me esquecido de tampar. Então decido que nunca é uma boa ideia pensar muito nessas coisas. Segurando a garrafa, me jogo numa cadeira.

Há dois cartões no console da lareira. Um é dos meus pais me desejando feliz aniversário. O “parabéns” da minha mãe é tão incisivo quanto uma punhalada. O outro é da minha irmã, sugerindo que Thom e ela venham passar o fim de semana aqui. Já faz seis meses. Há duas mensagens de voz no meu celular, sendo que uma é do dentista. A outra, não.

Oi, Louisa. Aqui é Jared. A gente se conheceu no Dirty Duck. Bem, a gente ficou (risada abafada, esquisita). *Foi só… sabe… eu gostei. Pensei que talvez pudéssemos repetir. Você tem meu número…*

Quando acaba o conteúdo da garrafa, penso em comprar outra, mas não quero sair de novo. Não quero ouvir o Samir do mercado vinte e quatro horas fazer uma de suas piadas sobre minhas garrafas de Pinot Grigio. Não quero ter que falar com ninguém. De repente me sinto exausta, mas é o tipo de exaustão que faz a cabeça zumbir e significa que, se eu for para a cama, não vou conseguir dormir. Por um instante, penso em Jared e no fato de que suas unhas tinham um formato estranho. Estou me preocupando com unhas de formato estranho? Encaro as paredes vazias da sala e subitamente me dou conta de que na verdade preciso de ar. Preciso mesmo de ar. Abro a janela do corredor e, sem firmeza, subo a escada de incêndio até chegar ao telhado.

A primeira vez que subi, nove meses atrás, o corretor me mostrou como os inquilinos anteriores haviam montado um pequeno jardim lá em cima, espalhando alguns arbustos em vasos de metal e colocando um banquinho.

“O terraço não é oficialmente seu”, dissera ele, “mas o seu apartamento é o único que tem acesso direto. Acho bem agradável. Você poderia até dar uma festa aqui em cima!”

Fiquei olhando para ele, me perguntando se eu parecia o tipo de pessoa que dava festas.

Já faz tempo que as plantas murcharam e morreram. Pelo visto, não sou muito boa em cuidar das coisas. Estou de pé no telhado, observando a escuridão bruxuleante de Londres lá embaixo. À minha volta, há um milhão de pessoas vivendo, respirando, comendo, discutindo. Um milhão de vidas completamente diferentes da minha. É um tipo estranho de paz.

As luzes amareladas brilham enquanto os ruídos da cidade sobem no ar noturno, motores aceleram, portas batem. Vários quilômetros ao sul, o barulho brutal e distante de um helicóptero da polícia, o feixe de luz vasculhando a escuridão à procura de algum malfeitor que sumiu em algum parque. Ao longe, uma sirene. Sempre tem uma sirene.

“Não vai demorar muito para você se sentir em casa aqui”, dissera o corretor.

Quase caí na gargalhada. A cidade parece tão alheia a mim como sempre pareceu. Mas, por outro lado, ultimamente todos os lugares parecem alheios a mim.

Hesito, depois subo no parapeito com os braços erguidos ao lado do corpo, feito uma equilibrista ligeiramente bêbada. Colocando um pé na frente do outro, ando devagarinho pelo concreto e a brisa arrepia os pelos dos meus braços. Logo que me mudei para cá, quando tudo me atingiu com mais força, às vezes eu me desafiava a andar de uma extremidade a outra do prédio. No momento em que chegava do outro lado, eu ria sob o ar noturno. *Viu? Estou aqui, viva, bem no limite. Estou fazendo o que você mandou!*

Isto virou um hábito secreto: eu, a silhueta da cidade, o conforto do escuro, o anonimato e a compreensão de que aqui em cima ninguém sabe quem eu sou. Ergo a cabeça, sentindo a brisa noturna, ouvindo risadas lá embaixo, o som abafado de uma garrafa quebrando, o tráfego para o centro da cidade, observando o interminável fluxo vermelho de lanternas traseiras que mais parecem um suprimento de sangue automotivo. Só entre as três e as cinco da manhã é relativamente sossegado, os bêbados já desabaram na cama, os chefs de restaurante já tiraram seus aventais brancos, os pubs já fecharam as portas. O silêncio desse período é interrompido, apenas esporadicamente, pelos caminhões-tanque que passam à noite, pela padaria judaica abrindo na rua, pelo baque macio dos pacotes de jornal sendo jogados das vans de entrega. Conheço os movimentos mais sutis da cidade porque já não durmo mais.

Em algum lugar lá embaixo está rolando uma festa fechada no White Horse, lotada de hipsters e gente da East End. Há um casal discutindo do lado de fora, enquanto na outra ponta da cidade o hospital geral cuida dos doentes, dos feridos e dos que acabaram de sobreviver a mais um dia. Aqui em cima há apenas o ar e a escuridão e, em algum lugar, o transporte de carga aéreo do FedEx de LHR para Pequim, e milhares de viajantes, como o Sr. Bebedor de Uísque, estão a caminho de algum lugar novo.

— Dezoito meses. Dezoito meses inteiros. Até quando vai ser assim? —

pergunto na escuridão. E pronto, posso senti-la fervendo de novo: aquela raiva inesperada. Dou dois passos olhando para os meus pés. — Porque isso não parece vida. Não parece nada.

Dois passos. Mais dois. Hoje à noite vou até o canto.

— Você não me deu uma vida, deu? De jeito nenhum. Só acabou com a minha antiga. Desfez em pedacinhos. O que eu faço com o que sobrou?

Quando é que vai parecer… — Abro os braços, sentindo na pele o ar fresco da noite, e percebo que estou chorando outra vez. — Vá se foder, Will —

murmuro. — Vá se foder por ter me deixado.

A mágoa ressurge de maneira súbita, intensa, opressora. E justo quando me sinto afundando nela, surge uma voz das sombras dizendo:

— Acho que você não deveria ficar em pé aí.

Eu me viro, e na escada de incêndio vislumbro um pequeno rosto pálido com olhos escuros arregalados. Em estado de choque, meus pés escorregam no parapeito e de repente meu peso pende para o lado errado.

Meu coração dá um pulo, uma fração de segundo antes do meu corpo acompanhá-lo. E então, como um pesadelo, fico leve, no abismo do ar noturno, minhas pernas se debatendo acima da cabeça enquanto ouço um grito agudo que talvez seja meu…

Cataploft.

Tudo fica preto.

2

— Qual é o seu nome, querida?

Há um colar cervical no meu pescoço.

Sinto uma mão envolver minha cabeça, com delicadeza e agilidade.

Estou viva. Na verdade, isso é bem surpreendente.

— Pronto. Abra os olhos. Agora olhe para mim. Olhe para mim. Pode me dizer o seu nome?

Quero falar, abrir a boca, mas minha voz sai abafada e incompreensível.

Acho que mordi a língua. Tem sangue na minha boca, que está quente e com um gosto metálico. Não consigo me mexer.

— Vamos colocá-la numa maca, ok? Talvez você se sinta um pouco desconfortável por um instante, mas vou lhe dar morfina para deixar a dor mais suportável.

A voz do homem é calma, serena, como se fosse a coisa mais normal do mundo estar estirada no chão toda quebrada, encarando o céu escuro.

Quero rir. Quero dizer a ele como é ridículo estar aqui. Mas nada parece funcionar do jeito que deveria.

O rosto do homem some. Uma mulher de jaqueta neon, com o cabelo escuro cacheado preso num rabo de cavalo, aproxima-se de mim e acende bruscamente uma lanterna fina diante dos meus olhos, me observando com o mesmo interesse distante que teria se eu fosse uma coisa, e não uma pessoa.

— Precisamos colocar um respirador nela?

Quero falar, mas a dor que sinto nas pernas me distrai. *Nossa*, digo, mas não tenho certeza se falo isso em voz alta.

— Fraturas múltiplas. Pupilas normais e reativas. Pressão nove por seis.

Ela teve sorte de ter batido naquele toldo. Qual é a probabilidade de aterrissar numa espreguiçadeira, hein?… Mas não gosto desse hematoma.

— Ar frio entra pelo meu diafragma, e sinto o leve toque de dedos quentes.

— Hemorragia interna?

— Precisamos de mais uma equipe?

— Pode recuar, por favor, senhor? Para trás.

Outra voz masculina:

— Saí para fumar e ela caiu bem na minha varanda. Quase cai em cima de mim.

— Bem, aí está… É o seu dia de sorte. Ela não caiu em cima do senhor.

— Levei o maior susto da vida. A gente não espera que alguém simplesmente caia do céu. Olhe só a minha cadeira. Custou oitocentas libras na Conran Shop… Acha que posso reivindicar ressarcimento de danos?

Há um breve silêncio.

— Pode fazer o que quiser, senhor. Vou lhe dizer uma coisa: poderia aproveitar e cobrar dela a limpeza do sangue da sua varanda. Que tal?

O primeiro homem olha para o colega. O tempo passa, e luto contra isso.

Eu caí de um telhado? Meu rosto está gelado e vagamente me dou conta de que

estou começando a tremer.

— Ela está entrando em choque, Sam.

A porta de uma ambulância se abre em algum lugar distante. Depois a maca embaixo de mim se move, por um instante só há *dor dor dor*... E tudo fica preto.

* * *

Uma sirene e um redemoinho azul. Tem sempre uma sirene em Londres.

Estamos nos movendo. Há soluços e repetições, o neon se espalha pela ambulância, iluminando o interior inesperadamente lotado, o homem de uniforme verde digita alguma coisa no celular antes de se virar para ajustar o soro acima da minha cabeça. A dor diminuiu — será a morfina? —, mas com a consciência vem o terror crescente. Um air bag gigante infla lentamente dentro de mim, bloqueando tudo aos poucos. *Ah, não. Ah, não.*

— Com lixenxa.

São necessárias duas tentativas para ser ouvida pelo homem que está com o braço apoiado na parte de trás do encosto do assento do motorista.

Ele se vira e se abaixa na direção do meu rosto. Ele cheira a limão e tem a barba malfeita.

— Você está bem?

— Eu…

O homem se abaixa.

— Desculpe. Fica difícil ouvir com essa sirene. Já vamos chegar ao hospital. — Ele coloca a mão em cima da minha. A mão dele é ressecada, quente e tranquilizadora. De repente tenho medo de que ele me solte. —

Aguente aí. Qual é a nossa HPC, Donna?

Não consigo dizer as palavras. Minha língua preenche a boca. Meus pensamentos estão confusos, sobrepostos. Será que mexi os braços quando me levantaram? Ergui a mão direita, não foi?

— Tô garalisada? — A frase sai como um suspiro.

— O quê? — Ele aproxima a orelha da minha boca.

— Garalisada? Tô garalisada?

— Paralisada? — O homem hesita, com os olhos fixos nos meus, depois se vira e observa minhas pernas. — Consegue mexer os dedos do pé?

Tento recordar como se faz para mexer os pés. Parece exigir muito mais concentração do que antes. O homem abaixa o braço e toca de leve meu dedo do pé, como se quisesse me lembrar de onde estão.

— Tente de novo. Isso aí.

A dor sobe pelas minhas pernas. Há um grito suprimido, possivelmente um soluço. Meu.

— Você está bem. Dor é uma coisa boa. Não posso afirmar com certeza, mas acho que não há nenhuma lesão na medula. Você machucou o quadril e algumas outras partes.

Ele está com os olhos fixos nos meus. Olhos bondosos. Parece entender que realmente preciso ser convencida. Sinto sua mão se fechar ao redor da minha. Nunca precisei tanto de um toque humano.

— De verdade. Tenho quase certeza de que você não está paralisada.

— Ah, gaças a gueus. — Escuto minha voz, que parece distante. Meus olhos estão cheios d'água. — For fafor, não me lharga — sussurro.

Ele aproxima mais a cabeça.

— Não estou largando você.

Quero falar, mas o rosto dele fica indistinto, e mais uma vez perco a consciência.

* * *

Algum tempo depois me contam que despenquei dois dos cinco andares do meu prédio, passando por um toldo, e minha queda foi interrompida pela enorme espreguiçadeira topo de linha feita de lona e vime falso com estofamento à prova d'água que fica na varanda do Sr. Antony Gardiner, advogado especializado em direitos autorais, um vizinho que nunca conheci. Fraturei o quadril em dois pontos, além de ter quebrado duas costelas e a clavícula. Quebrei dois dedos da mão esquerda e tive fratura exposta de um metatarso, que perfurou a pele do meu pé

e fez um dos estudantes de medicina desmaiar. Minhas radiografias causam certa fascinação.

Fico ouvindo a voz do paramédico que cuidou de mim: *Nunca se sabe o que vai acontecer quando se cai de uma grande altura.* Pelo visto, tenho muita sorte. Eles me dizem isso e ficam esperando, sorrindo, como se eu devesse responder com um enorme sorriso, ou talvez sapateando. Não me sinto com sorte. Não sinto nada. Cochilo e acordo, e acima de mim às vezes há as luzes fortes de um centro cirúrgico e depois há um quarto silencioso, tranquilo. O rosto de uma enfermeira. Trechos de conversa.

Viu a sujeira que aquela senhora fez no D4? Um fim de turno e tanto, hein?

Você trabalha no hospital Princess Elizabeth, não é? Pode dizer a eles que a gente sabe administrar uma Emergência. Ha ha ha ha ha.

Apenas descanse agora, Louisa. Estamos cuidando de tudo. Apenas descanse.

A morfina me deixa sonolenta. Eles aumentam a dose e sinto um grato gotejar frio de esquecimento.

* * *

Abro os olhos e encontro minha mãe ao pé da cama.

— Ela está acordada. Bernard, ela está acordada. Precisamos chamar a enfermeira?

Penso vagamente que ela mudou a cor do cabelo. E depois me dou conta: ah, é minha mãe. Ela não fala mais comigo.

— Ah, graças a Deus. Graças a Deus.

Minha mãe ergue o braço e toca o crucifixo pendurado no pescoço. Isso me faz lembrar de alguém, mas não sei quem. Ela se inclina para a frente e acaricia minha bochecha de leve. Por algum motivo, meus olhos se enchem de lágrimas imediatamente.

— Ah, minha garotinha. — Ela está debruçada sobre mim, como se quisesse me proteger de outros danos. Sinto seu perfume, tão familiar quanto o meu. — Ah, Lou. — Ela enxuga minhas lágrimas com um lenço de papel. — Levei o maior susto da vida quando ligaram. Está com dor?

Precisa de alguma coisa? Está confortável? O que posso trazer para você?

— Ela fala tão depressa que não consigo responder. — Viemos assim que nos contaram. Treena ficou cuidando do vovô. Ele mandou um beijo. Bem, ele meio que fez barulho de beijo, mas todos nós sabemos o que quer dizer.

Ah, querida, como você se meteu nessa confusão? O que é que estava *pensando*?

Ela não parece exigir uma resposta. Tudo o que tenho que fazer é continuar deitada aqui.

Minha mãe enxuga os próprios olhos e em seguida seca novamente os meus.

— Você ainda é minha filha. E… e eu não suportaria se alguma coisa acontecesse com você e a gente não estivesse… você sabe.

— Nhão… — Engulo as palavras. Minha língua parece ridícula. É como se eu estivesse bêbada. — Eu nhunca quis…

— Eu sei. Mas você dificultou muito para mim, Lou. Eu não conseguia…

— Agora não, hein, amor? — Meu pai toca o ombro dela.

Ela desvia o olhar e segura minha mão.

— Quando recebemos a ligação… Ah. Pensei… eu não sabia… — Minha mãe está fungando de novo, encostando o lenço nos lábios. — Graças a Deus ela está bem, Bernard.

— Claro que está. Essa aí é feita de borracha.

Meu pai se aproxima de mim. Faz dois meses desde a última vez que nos falamos pelo telefone, mas não o vejo há um ano e meio, desde que saí da minha cidade natal. Ele parece enorme, familiar e desesperadamente cansado.

— Finto muigo — murmuro.

Não consigo pensar em mais nada para dizer.

— Não seja boba. Estamos felizes por você estar bem. Mesmo que pareça ter lutado seis rounds com Mike Tyson. Já se olhou no espelho desde que chegou aqui?

Nego com a cabeça.

— Talvez… Eu esperaria um pouco mais. Lembra-se do Terry Nicholls, da vez

em que ele voou sobre o guidom da bicicleta perto da loja de conveniência? Bem, tire o bigode e é mais ou menos com aquela aparência que você está. Na verdade — ele observa meu rosto mais de perto —, agora que falamos sobre isso…

— Bernard.

— Amanhã traremos pinça. Enfim, da próxima vez que você quiser aulas de voo, podemos ir para a pista de aviação, pode ser? Pular e bater os braços obviamente não está funcionando para você.

Tento sorrir.

Os dois se inclinam sobre mim. Têm os rostos tensos e ansiosos. Meus pais.

— Ela emagreceu, Bernard. Não acha que ela emagreceu?

Meu pai se aproxima mais, e então percebo que seus olhos estão um pouco marejados, e seu sorriso está um pouco mais trêmulo que o normal.

— Ah… ela está linda, amor. Acredite em mim. Você está muito linda.

Ele aperta minha mão, depois a leva aos lábios e dá um beijo. Meu pai nunca fez nada parecido com isso em toda a minha vida.

Então me dou conta de que eles acharam que eu fosse morrer, e de repente um soluço irrompe do meu peito. Fecho os olhos, contendo as lágrimas quentes, e sinto a palma dele, grande e calejada pela madeira, em volta da minha mão.

— Estamos aqui, querida. Está tudo certo agora. Vai ficar tudo bem.

* * *

Durante duas semanas, eles viajam oitenta quilômetros todos os dias para me ver, pegando o primeiro trem da manhã; depois desse tempo, passam a me visitar a cada dois ou três dias. Meu pai consegue uma licença especial do trabalho, porque minha mãe não viaja sozinha. Afinal de contas, há todo tipo de gente em Londres. Isso é dito mais de uma vez, e sempre acompanhado de um olhar furtivo para trás, como se bem naquele momento algum encapuzado brandindo uma faca fosse entrar furtivamente no quarto. Treena está morando com eles para cuidar do vovô. Mamãe diz isso num tom que me faz achar que talvez esse arranjo não tenha sido a primeira escolha da minha irmã.

Minha mãe traz comida caseira. Ela faz isso desde o dia em que todos nós

ficamos encarando meu almoço e, após cinco minutos de intensa especulação, ninguém conseguiu descobrir o que realmente era aquilo. “E

em bandejas de plástico, Bernard. Como em uma prisão.” Ela cutucou tristemente a comida com um garfo e depois cheirou. Desde então, aparece todos os dias com enormes sanduíches, grossas fatias de presunto ou queijo no pão italiano e potes com sopas caseiras.

— Comida que a gente consegue identificar — diz ela antes de colocar a colher na minha boca como se eu fosse um bebê.

Aos poucos minha língua volta ao tamanho normal. Aparentemente, quase a decepei com uma mordida ao aterrissar. E me disseram que isso não é incomum.

Passo por duas cirurgias para colocar pinos no quadril e estou com o pé e o braço esquerdo engessados até as juntas. Keith, um dos auxiliares, pergunta se pode assinar meus gessos — parece que dá azar mantê-los imaculadamente brancos — e então escreve algo de tão baixo nível que Eveline, a enfermeira filipina, precisa colocar mais gesso por cima antes que o médico chegue. Quando Keith me leva para tirar radiografia, ou para a farmácia, ele me conta as fofocas do hospital. Eu podia ficar sem ouvir sobre as infinitas histórias de mortes lentas e horríveis de alguns pacientes, mas isso o deixa feliz. Às vezes me pergunto o que será que ele conta sobre mim para os outros. Sou a garota que caiu de um prédio de cinco andares e sobreviveu. No hospital, isso me dá um status muito superior ao do paciente que sofre de obstrução intestinal na enfermaria C ou da bocó que acidentalmente decepou o polegar com uma tesoura de poda.

É impressionante a rapidez com que nos tornamos dependentes de uma instituição. Acordo, aceito a ajuda de várias pessoas cuja fisionomia já reconheço, tento dizer a coisa certa para os médicos e espero meus pais chegarem. Eles se mantêm ocupados no meu quarto com pequenas tarefas e ficam deferentes diante dos médicos de um jeito que não é típico dos dois.

Meu pai pede desculpas toda hora pela minha incapacidade de pronta recuperação, até minha mãe chutá-lo, com bastante força, no tornozelo.

Quando a visita dos médicos termina, em geral minha mãe dá uma volta pelas lojas do saguão no andar inferior e volta comentando baixinho sobre a quantidade de restaurantes fast-food.

— Aquele cara perneta da enfermaria cardíaca estava ali sentado se entupindo de cheeseburger com batata frita. Você não ia acreditar, Bernard.

Meu pai se senta e lê o jornal local na cadeira ao pé da minha cama. Ele passa a primeira semana procurando reportagens sobre o meu acidente.

Tento lhe explicar que, nessa parte da cidade, nem mesmo assassinatos qualificados merecem mais do que uma notinha. Como em Stortfold, na semana anterior, a primeira página trazia a manchete “Carrinhos de supermercado deixados em local proibido no estacionamento” e na semana anterior a essa foi “Colegiais tristes com a situação do Lago dos Patos”, ele ainda não está convencido do que eu falo.

* * *

Na sexta-feira após minha última operação no quadril, minha mãe traz um robe um tamanho acima do meu e uma grande sacola marrom com sanduíches de ovo. Não preciso perguntar o que são, pois o cheiro inunda o quarto assim que ela abre a sacola. Meu pai balança a mão diante do nariz.

— As enfermeiras vão dizer que fui eu, Josie — diz ele, abrindo e fechando a porta do quarto.

— Os ovos vão deixá-la forte. Ela está muito magra. E, além do mais, você não pode falar nada. Culpava o cachorro pelos seus cheiros horríveis mesmo dois anos depois da morte do animal.

— Só estou mantendo acesa a chama do romance, amor.

Minha mãe abaixa o tom de voz:

— Treena disse que o último namorado que ela teve tapava a cabeça dela com cobertores toda vez que soltava um pum. Imagine só!

Meu pai se vira para mim.

— Quando faço isso, sua mãe não quer ficar nem no mesmo bairro que eu.

Há certa tensão no ar, mesmo enquanto eles riem. Consigo sentir. Quando nosso mundo inteiro encolhe para quatro paredes, ficamos muito conscientes das pequenas variações no ambiente. Está no jeito como os médicos se viram ao analisar as radiografias, ou como as enfermeiras tapam a boca quando estão falando sobre alguém que acabou de morrer ali perto.

— O quê? — pergunto. — O que é?

Eles se entreolham de uma forma estranha.

— Então… — Mamãe se senta na beirada da minha cama. — O doutor disse… O médico disse… que não está claro como você caiu.

Dou uma mordida no sanduíche de ovo. Já consigo pegar algumas coisas com a mão esquerda.

— Ah, isso. Eu me distraí.

— Enquanto contornava um telhado.

Passo um minuto mastigando.

— Há alguma chance de que você estivesse em um ataque de sonambulismo, querida?

— Pai… nunca fui sonâmbula.

— Foi, sim. Com treze anos, teve uma vez que você desceu a escada dormindo e comeu metade do bolo de aniversário de Treena.

— Ah. Talvez eu não estivesse realmente dormindo.

— E ainda há o teor alcoólico no seu sangue. Disseram… que você tinha bebido… muito.

— Tive uma noite difícil no trabalho, bebi uma ou duas taças e depois subi até o telhado para pegar um pouco de ar. Mas eu me distraí com uma voz.

— Você ouviu uma *voz*.

— Eu estava de pé lá no alto, olhando em volta. Às vezes faço isso. Depois a voz de uma garota surgiu atrás de mim, me assustou e perdi o equilíbrio.

— Uma garota?

— Só ouvi a voz dela.

Papai se inclina para a frente.

— Tem certeza de que era uma garota de verdade? E não uma imaginária…?

— É meu quadril que está quebrado, pai, não meu cérebro.

— Eles disseram que foi uma garota que chamou a ambulância.

Mamãe toca no braço do meu pai.

— Então você está falando que realmente *foi* um acidente — diz ele.

Paro de comer. Culpados, os dois desviam os olhos um do outro.

— O quê? Vocês… acham que eu pulei?

— Não estamos dizendo nada. — Meu pai coça a cabeça. — É só… Bem…

As coisas têm dado errado desde que… E a gente não vê você há tanto tempo… Ficamos um pouco surpresos por estar andando no telhado de um prédio no meio da madrugada. Você costumava ter medo de altura.

— Eu costumava ser noiva de um homem que achava normal calcular quantas calorias ele queimava enquanto dormia. Nossa. É por isso que vocês têm sido tão gentis comigo? Acham que tentei me matar?

— É só que ele estava nos perguntando um monte de…

— Quem estava perguntando o quê?

— O psiquiatra. Eles só querem ter certeza de que você está bem, querida. Sabemos que tudo andou… Bem, você sabe… Desde que…

— Psiquiatra?

— Estão colocando você na lista de espera para se consultar com um.

Para conversar, sabe. Batemos um longo papo com os médicos, e você vai voltar para casa com a gente. Só enquanto se recupera. Não pode ficar sozinha naquele seu apartamento. É…

— Vocês foram ao meu apartamento?

— Bem, tivemos que buscar suas coisas.

Há um longo silêncio. Imagino os dois parados à minha porta, as mãos da minha mãe apertando a bolsa enquanto ela observa a roupa de cama suja, as garrafas de vinho vazias enfileiradas no console da lareira, apenas uma barra de cereal de frutas e nozes na geladeira. Visualizo-os balançando a cabeça, se entreolhando. *Tem certeza de que estamos no lugar certo, Bernard?*

— Agora você precisa estar com sua família. Só até se recuperar.

Quero falar que ficarei bem no meu apartamento, não importa o que achem dele. Quero ir para o trabalho, voltar para casa e não pensar em nada até o próximo expediente. Tenho vontade de dizer que não posso retornar a Stortfold e ser de novo *aquela garota.* Não quero sentir o peso da recriminação cuidadosamente disfarçada da minha mãe, da determinação alegre do meu pai garantindo que *está tudo bem, está tudo muito bem*, como se o fato de dizer isso várias vezes realmente fizesse tudo ficar bem. Não quero passar todo dia pela casa de Will, pensar no que eu vivi, no que vai estar sempre ali.

Mas não digo nada disso porque de repente me sinto cansada, tudo dói e simplesmente não consigo mais lutar.

* * *

Duas semanas depois, meu pai me leva para casa na caminhonete do trabalho. Como só há espaço para duas pessoas na frente, minha mãe ficou arrumando a casa, e, à medida que a estrada vai passando depressa, sinto um aperto de nervoso no estômago.

As ruas alegres da minha cidade natal me parecem estranhas. Observo-as com um olhar distante e analítico, notando como tudo parece pequeno, cansado e *brega*. Eu me dou conta de que Will deve ter se sentido assim ao voltar para casa após o acidente, mas afasto esse pensamento. Enquanto descemos nossa rua, me flagro afundando ligeiramente no banco. Não quero bater papo com os vizinhos, ter que me explicar. Não quero ser julgada pelo que fiz.

— Você está bem?

Meu pai se vira, como se adivinhasse alguma das coisas que estão passando pela minha cabeça.

— Ótima.

— Muito bem.

Ele põe rapidamente a mão no meu ombro.

Minha mãe já está na porta quando estacionamos. Desconfio de que ela tenha passado a última meia hora na janela. Meu pai põe uma das minhas malas no degrau e depois volta para me ajudar a sair do carro, colocando minha bolsa no ombro.

Posiciono com cuidado a bengala nas pedras da calçada e sinto cortinas se

abrindo atrás de mim enquanto sigo devagar pelo caminho. *Olhe só quem é*, ouço as pessoas sussurrando. *O que acha que ela fez agora?*

Meu pai me conduz em frente, observando os meus pés com cautela, como se de repente eles pudessem desviar e parar em algum lugar indevido.

— Tudo bem aí? — Ele fica repetindo. — Não vá muito depressa.

Vejo meu avô rondando o hall atrás da minha mãe, usando sua camisa xadrez e seu suéter azul de sempre. Nada mudou. O papel de parede é o mesmo. O tapete do hall também, e as linhas no pelo gasto são visíveis onde minha mãe deve ter passado o aspirador pela manhã. Encontro meu velho casaco azul de capuz pendurado. Um ano e meio. Tenho a sensação de que passei uma década fora.

— Não a apresse — diz mamãe, apertando uma mão na outra. — Você está indo rápido demais, Bernard.

— Não é como se ela estivesse prestes a bater um recorde de velocidade.

Mais devagar, só se andasse para trás.

— Cuidado com aqueles degraus. Por que não fica atrás dela, Bernard, ao subir os degraus? Para o caso de ela cair para trás?

— Sei onde os degraus estão — digo com os dentes cerrados. — Morei aqui só vinte e seis anos.

— Cuidado para ela não se enganchar naquela borda ali, Bernard. Você não quer que ela quebre o quadril do outro lado.

Ai, meu Deus, penso. *Era assim com você, Will? Todo santo dia?*

Então minha irmã surge na porta, empurrando minha mãe para passar.

— Ah, pelo amor de Deus, mãe. Vamos logo, garota. Você está nos transformando em uma atração de circo.

Treena passa o braço por baixo da minha axila e se vira rapidamente para fitar nossos vizinhos, as sobrancelhas erguidas como se dissesse *jura?* .

Quase consigo ouvir o farfalhar das cortinas se fechando.

— Bando de curiosos. Enfim, vamos logo. Prometi ao Thomas que, antes de levá-lo para o encontro de jovens, ele podia ver suas cicatrizes. Meu Deus,

quantos quilos você perdeu? Seus peitos devem parecer duas tangerinas dentro de um par de meias.

É difícil rir e andar ao mesmo tempo. Thomas corre para me abraçar, então preciso parar e me escorar com uma das mãos na parede para manter o equilíbrio.

— Eles realmente abriram e remontaram você? — pergunta ele, aproximando a cabeça do meu peito. Ele perdeu quatro dentes da frente. —

Vovô diz que devem ter montado você ao contrário. E só Deus sabe como vamos perceber a diferença.

— Bernard!

— Eu estava *brincando.*

— Louisa. — A voz de vovô é grossa e hesitante. Ele estica o braço sem firmeza para me abraçar e retribuo com o mesmo gesto. Ele se afasta, agarrando meus braços com uma força surpreendente para suas mãos velhas, e franze a testa para mim, fingindo estar bravo.

— Eu sei, papai. Eu sei. Mas ela está em casa agora — diz minha mãe.

— E você volta para o seu antigo quarto — avisa meu pai. — Desculpe, mas a gente o reformou para Thom com papel de parede dos Transformers.

Você não se importa com um ou outro Autobot ou Predacon, não é?

— Tive vermes na bunda — conta Thomas. — Mamãe diz que não devo falar sobre isso fora de casa. Nem enfiar os dedos no…

— Ai, meu Deus — diz minha mãe.

— Bem-vinda ao lar, Lou — fala meu pai e deixa a bolsa cair no meu pé.

3

Ao olhar para trás, percebo que fiquei um pouco atordoada nos primeiros nove meses após a morte de Will. Fui direto para Paris e simplesmente não voltei para casa, eufórica com a liberdade, com os desejos que Will despertara em mim. Arranjei um emprego num dos bares preferidos dos imigrantes, onde ninguém se incomodava com meu francês horrível, que no final acabou melhorando. Aluguei um quartinho num sótão, no décimo sexto *arrondissement*, em cima de

um restaurante de comida do Oriente Médio, e ficava acordada na cama ouvindo o barulho dos beberrões notívagos e as entregas matinais. Todo dia eu tinha a impressão de estar levando a vida de outra pessoa.

Naqueles primeiros meses, parecia que eu estava em carne viva: eu sentia tudo com mais intensidade. Acordava rindo ou chorando, enxergava todas as coisas como se um filtro tivesse sido removido. Experimentava comidas novas, andava por ruas desconhecidas, falava com as pessoas numa língua que não era a minha. De vez em quando eu me sentia assombrada por Will, como se estivesse vendo tudo pelos olhos dele, como se escutasse a voz dele no meu ouvido.

E, então, o que acha disso, Clark?

Eu disse que você ia adorar.

Coma! Prove! Vá em frente!

Eu estava perdida sem nossa rotina. Minhas mãos demoraram semanas para não se sentir inúteis sem o contato diário com o corpo dele: a camisa macia que eu abotoava, as mãos quentes e imóveis que eu lavava com delicadeza, o cabelo sedoso que eu ainda conseguia sentir entre meus dedos. A voz dele e a risada abrupta conquistada a duras penas faziam falta, assim como o toque dos seus lábios nos meus dedos, o jeito que suas pálpebras baixavam quando ele estava quase pegando no sono. Minha mãe, ainda horrorizada com a minha participação naquilo, me dissera que, embora me amasse, não era capaz de conciliar essa Louisa com a filha que ela criara. Assim, tendo perdido minha família e o homem que eu amava, todos os vínculos que eu possuía com quem eu era foram cortados. Tinha a sensação de que eu simplesmente saíra voando, sem amarras, para algum universo desconhecido.

Então encenei uma vida nova. Fiz amizades casuais com outros turistas, sempre mantendo certa distância: jovens estudantes ingleses em anos sabáticos, americanos refazendo os passos de heróis literários, convencidos de que nunca voltariam ao Meio-Oeste, jovens banqueiros ricos, gente visitando a cidade inteira em um único dia, um conjunto de pessoas sempre diferente que chegava e ia embora, como fugitivos de outras vidas. Eu sorria, conversava e trabalhava, e dizia a mim mesma que estava fazendo o que ele queria. E, pelo menos nisso, tinha que haver algum consolo.

O inverno passou e a primavera foi linda. Mas de repente acordei certa manhã e percebi que tinha me desapaixonado por Paris. Ou pelo menos não me sentia parisiense o bastante para continuar ali. As histórias dos imigrantes começaram a soar enfadonhamente parecidas, os parisienses, a parecer antipáticos, e no

mínimo eu notava várias vezes por dia, de inúmeras maneiras, que nunca me integraria completamente. A cidade, fascinante como era, passava a impressão de ser um glamoroso vestido de alta-costura que eu comprara às pressas, mas que, no final das contas, não caía bem em mim. Pedi demissão e fui viajar pela Europa.

Nunca passei dois meses me sentindo tão inadequada. Eu ficava quase o tempo todo sozinha. Odiava não saber onde ia dormir a cada noite, estava sempre ansiosa com os horários dos trens e com a moeda corrente, além de ter dificuldade para fazer amigos por não confiar em ninguém que eu conhecia. E o que eu podia dizer sobre mim mesma, afinal? Quando as pessoas me perguntavam, eu só mencionava os detalhes mais superficiais.

Não podia compartilhar nada que era importante ou interessante a meu respeito. Sem ter alguém com quem conversar, toda paisagem que eu via —

fosse a Fontana di Trevi ou um canal em Amsterdã — parecia apenas mais um lugar para riscar da lista. Passei a última semana numa praia na Grécia que me lembrou demais de outra que eu tinha visitado com Will pouco tempo antes. Por fim, após passar uma semana sentada na areia dando fora em homens bronzeados — sendo que todos pareciam se chamar Dmitri —

e tentando me convencer de que estava realmente me divertindo, desisti e voltei para Paris. Foi a primeira vez que me dei conta de que não tinha outro lugar para ir.

Por duas semanas dormi no sofá de uma garota que trabalhava comigo no bar, enquanto tentava decidir o que fazer em seguida. Depois de recordar uma conversa que tivera com Will sobre carreira, escrevi para várias faculdades me candidatando para os cursos de moda, mas, como eu não tinha experiência profissional, fui educadamente recusada. A vaga que eu originalmente conseguira após a morte de Will havia sido cedida para outra pessoa, porque eu não consegui trancar a matrícula. O coordenador disse que eu poderia me candidatar de novo no ano seguinte, mas pelo seu tom deu para notar que ele sabia que eu não faria isso.

Fiz uma pesquisa em sites de emprego e percebi que, apesar de tudo pelo que passei, eu ainda não tinha qualificação para nenhum trabalho que poderia me interessar. E depois, por acaso, justo quando eu estava me perguntando o que fazer em seguida, Michael Lawler, advogado de Will, me ligou e sugeriu que estava na hora de fazer alguma coisa com o dinheiro que ele deixara. Era a desculpa de que eu precisava para me mudar. Lawler me ajudou a negociar o

preço assustadoramente alto de um apartamento de dois quartos próximo ao centro de Londres, que comprei sobretudo porque me lembrei da vez em que Will citou o bar de vinhos na esquina, e isso me fazia sentir um pouco mais perto dele. Usei a pequena quantia que sobrou para mobiliá-lo. Seis semanas depois, voltei para a Inglaterra, arranjei um emprego no Shamrock and Clover, dormi com um homem chamado Phil, que eu nunca mais vi, e esperei me sentir como se eu realmente tivesse começado a viver.

Nove meses se passaram e eu continuava esperando.

* * *

Não saí muito durante a primeira semana que passei na casa dos meus pais.

Eu estava com dor, me cansava com facilidade, então era fácil ficar deitada na cama e cochilar, derrubada por analgésicos fortíssimos, além de dizer a mim mesma que deixar meu corpo se recuperar era a única coisa que importava. De alguma forma estranha, ter voltado para a pequena casa da nossa família funcionou para mim: foi o primeiro lugar onde consegui dormir mais de quatro horas seguidas desde que eu fora embora. Tudo lá era suficientemente pequeno, portanto eu sempre conseguia encontrar uma parede para me escorar. Minha mãe me alimentava, meu avô me fazia companhia (Treena tinha voltado para a faculdade e levara Thom) e eu via bastante televisão durante o dia, espantada com os comerciais sem fim de empresas de crédito e cadeiras elevatórias, além das preocupações com subcelebridades, que após mais de um ano fora, eu era incapaz de reconhecer. Era como estar num pequeno casulo, onde com certeza havia um elefante descomunal agachado no canto.

Não tocávamos em nenhum assunto que pudesse perturbar esse delicado equilíbrio. Eu via uma notícia qualquer sobre celebridades nos programas diurnos da televisão e depois, durante o jantar, comentava:

— Bem, e aquela Shayna West, hein?

E, com gratidão, mamãe e papai discutiam o tópico, afirmando que ela era uma vagabunda, tinha um cabelo bonito ou que não podia ser melhor do que era. Assistíamos a *Pechinchas No Seu Sótão* (“Sempre me pergunto quanto aquela jardineira vitoriana da sua mãe custaria… Que velharia feia”) e *Casas Ideais No Campo* (“Eu não daria banho num cachorro naquele banheiro”). Eu não pensava em nada além da hora de cada refeição, além dos desafios básicos de me vestir, escovar os dentes e completar quaisquer pequenas tarefas que minha mãe me passasse (“Sabe, querida, enquanto eu estiver na rua, você poderia separar sua roupa suja, porque aí eu lavo com as minhas roupas coloridas”).

No entanto, feito uma maré que sobe lentamente, o mundo externo insistia em se intrometer. Eu ouvia os vizinhos fazendo perguntas à minha mãe quando ela ia pendurar roupa no varal. *Então quer dizer que a sua Lou está em casa?* E minha mãe dava uma resposta atipicamente seca: *Está*. Eu evitava os cômodos da casa que davam para o castelo. Mas sabia que estava lá, que tinha gente morando lá, respirando vínculos com Will. Às vezes eu me perguntava o que havia acontecido com essas pessoas. Quando eu estava em Paris, me encaminharam uma carta que a Sra. Traynor enviou para me agradecer formalmente por tudo o que eu havia feito pelo filho dela. "Tenho consciência de que você fez tudo o que pôde." Mas foi só isso.

Depois de ser a minha vida, aquela família virou um vestígio fantasmagórico de uma época de que eu não me permitiria lembrar. Mas enquanto nossa rua passava várias horas à sombra do castelo, eu sentia a presença dos Traynor como uma reprimenda.

Já fazia duas semanas que eu estava em casa quando me dei conta de que minha mãe e meu pai não iam mais aos encontros sociais.

— Hoje não é terça-feira? — perguntei na terceira semana, quando estávamos sentados à mesa de jantar. — Vocês já não deviam ter ido?

Os dois se entreolharam.

— Ah, não. Estamos bem aqui — respondeu meu pai, mastigando um pedaço da costela de porco.

— Estou bem sozinha, de verdade — falei. — Já me sinto muito melhor. E

fico feliz vendo televisão.

No fundo, eu queria poder ficar sentada, sem ninguém me olhando, só eu na sala. Eles não tinham me deixado sozinha por mais de meia hora desde que eu voltara para casa.

— Sério. Saiam e divirtam-se. Não se preocupem comigo.

— Nós… nós não vamos mais a esses encontros — disse minha mãe, fatiando uma batata.

— As pessoas… Elas falam muito. Sobre o que aconteceu. — Meu pai deu de ombros. — No final das contas foi mais fácil simplesmente ficar fora disso.

O silêncio que se seguiu durou seis minutos inteiros.

E havia outros lembretes mais concretos da vida que eu deixara para trás.

Lembretes que usavam calças de corrida coladas e com propriedades especiais de absorção.

Apenas na quarta manhã que Patrick passou fazendo cooper diante da nossa casa eu percebi que aquilo poderia ser mais do que só coincidência.

Ouvi a voz dele no primeiro dia e, sonolenta, fui mancando até a janela e espiei através da persiana. Lá estava ele, alongando os músculos da coxa enquanto conversava com uma loura de rabo de cavalo. Ela usava uma roupa de lycra azul que combinava com a dele, tão justa que dava até para ver o que tinha comido no café da manhã. Os dois pareciam atletas olímpicos, só faltava o trenó de bobsled.

Afastei-me da janela para eles não me verem caso erguessem a cabeça, e um minuto depois haviam sumido de novo, correndo pela rua, as costas eretas, as pernas se movendo para a frente e para trás, como dois cavalos de charrete turquesa e reluzente.

Dois dias depois, eu estava me arrumando quando os ouvi. Patrick falava alto sobre aumentar o consumo de carboidratos, e dessa vez a garota olhou desconfiada para a minha casa, como se estivesse se perguntando por que eles haviam parado duas vezes exatamente no mesmo lugar.

No terceiro dia, eu estava na sala com meu avô quando eles apareceram.

— A gente devia treinar *sprints* — dizia Patrick com a voz elevada. —

Veja, você vai até o terceiro poste, volta e eu cronometro seu tempo.

Intervalos de dois minutos. Vá!

Meu avô revirou os olhos significativamente.

— Ele tem feito isso o tempo todo desde que voltei?

Os olhos de vovô reviraram quase até ir parar na parte de trás da cabeça.

Através das cortinas de renda fiquei observando Patrick ali de pé, com os olhos fixos no cronômetro, seu melhor lado virado para a minha janela.

Vestia um casaco preto de *fleece* com zíper e uma bermuda de lycra combinando. Como ele estava parado logo do outro lado da cortina, consegui encará-lo, espantada com o fato de que aquela havia sido uma pessoa que, durante tanto tempo, eu tivera certeza de amar.

— Continue! — gritou ele, erguendo os olhos do cronômetro. Feito um cão de caça obediente, a garota tocou o poste ao lado dele e voltou a correr como um raio. — Quarenta e dois segundos e trinta e oito décimos —

elogiou ele, quando ela voltou, ofegante. — Acho que você pode diminuir cinco décimos de segundo desse tempo.

— Isso é para você — disse minha mãe, entrando na sala com duas canecas.

— Achei mesmo que fosse.

— A mãe dele me perguntou no supermercado se você tinha voltado e eu respondi que sim. Não me olhe desse jeito. Eu não ia conseguir mentir para a mulher. — Ela apontou com a cabeça para a janela. — Aquela ali operou os seios. Eles são o assunto do momento em Stortfold. Parece que dá para apoiar duas xícaras de chá nos peitos dela. — Minha mãe foi para o meu lado. — Sabia que os dois estão noivos?

Esperei sentir uma pontada, mas foi tão suave que poderia ser apenas ar.

— Eles parecem… feitos um para o outro.

Ela ficou ali parada por mais um instante, observando-o.

— Ele não é má pessoa, Lou. Você simplesmente… mudou.

Ela me entregou uma caneca e se afastou.

* * *

Na manhã em que ele parou para fazer flexões na calçada em frente à nossa casa, finalmente abri a porta e saí. Eu me apoiei na varanda, com os braços cruzados no peito, e fiquei observando-o até ele erguer os olhos.

— Eu não ficaria muito tempo aí parado. O cachorro do vizinho adora essa parte da calçada.

— Lou! — exclamou Patrick, como se eu fosse a última pessoa que ele esperasse ver parada diante da minha própria casa, a qual ele visitara diversas vezes por

semana durante os sete anos que passamos juntos. —

Bem… estou surpreso de ver você de volta. Pensei que tivesse ido conquistar este vasto mundo!

A noiva dele, que estava fazendo flexões ao seu lado, ergueu os olhos e depois voltou a fixá-los na calçada. Talvez fosse minha imaginação, mas seus glúteos pareceram se contrair ainda mais. Para cima e para baixo, ela se movia furiosamente. Para cima e para baixo. Cheguei inclusive a me preocupar um pouco com o bem-estar dos seus peitos novos.

Ele ficou de pé num pulo.

— Esta é Caroline, minha noiva. — Patrick mantinha o olhar fixo em mim, talvez aguardando alguma reação. — Estamos treinando para o próximo Ironman. Já participamos de dois juntos.

— Que… romântico — falei.

— Bem, Caroline e eu achamos que é bom fazer coisas juntos — disse ele.

— Estou vendo — comentei. — E a lycra turquesa dos dois!

— Ah, sim. É a cor da equipe.

Houve um breve silêncio e depois dei um pequeno soco no ar.

— Vai, time!

Caroline se levantou e começou a alongar os músculos da coxa, flexionando a perna para trás feito uma cegonha. Ela assentiu para mim, a cortesia mais razoável que poderia se permitir.

— Você emagreceu — disse ele.

— Pois é. Uma dieta de soro faz isso com a gente.

— Fiquei sabendo que você sofreu um… acidente. — Ele inclinou a cabeça para o lado, de um jeito solidário.

— As notícias correm depressa.

— Enfim. Fico feliz que esteja bem. — Ele fungou e olhou para a rua. —

Esse ano que passou deve ter sido difícil para você, sabe. Por ter feito aquilo e

tudo o mais.

E pronto. Tentei controlar minha respiração. Caroline estava determinada a não olhar para mim, alongando a musculatura da coxa. Por fim, falei:

— Aliás… parabéns pelo casamento.

Ele analisou a futura esposa com orgulho, concentrando-se em admirar sua perna sarada.

— Bem, é como dizem… Quando é para ser é para ser.

Ele me deu um falso sorriso de pedido de desculpas. E foi isso que acabou comigo.

— É claro. E imagino que tenha bastante dinheiro guardado para bancar o casamento, pois não é barato, não é mesmo? — Os dois me encararam. —

E quanto foi que lhe pagaram para vender minha história para os jornais, Pat? Quantos mil? Treena não conseguiu descobrir o valor exato. Mesmo assim, a morte de Will deve ter rendido a compra de um bocado de uniformes de lycra combinando, não é?

O jeito como Caroline virou o rosto para ele me fez perceber que Patrick ainda não tivera a chance de lhe contar essa parte da história.

Ele fixou o olhar em mim e depois dois pontos rubros surgiram em seu rosto.

— Não tive nada a ver com isso.

— Claro que não. Enfim, foi um prazer ver você, Pat. Boa sorte com o casamento, Caroline! Tenho certeza de que você será a… noiva mais sarada por aqui.

Eu me virei e voltei devagar para casa. Fechei a porta, me encostando nela, com o coração acelerado, até ter certeza de que eles finalmente tinham prosseguido com a corrida.

— Babaca — disse vovô quando entrei mancando na sala. E depois, olhando com desdém para a janela, repetiu: — Babaca. — Então riu.

Olhei para ele. E de forma totalmente inesperada, me dei conta de que tinha começado a rir pela primeira vez desde que eu conseguia lembrar.

* * *

— Já decidiu o que vai fazer quando estiver melhor?

Eu estava deitada na cama. Treena ligou da faculdade, enquanto esperava Thomas sair da escolinha de futebol. Fiquei encarando o teto, onde meu sobrinho havia colado uma galáxia de adesivos fluorescentes que aparentemente ninguém conseguia remover sem arrancar metade do teto junto.

— Na verdade, não.

— Você tem que fazer alguma coisa. Não pode ficar sentada aí por toda a eternidade.

— Não vou ficar sentada aqui. Além do mais, meu quadril continua doendo. O fisioterapeuta disse que é melhor ficar deitada.

— Mamãe e papai estão se perguntando o que você vai fazer. Não tem emprego nenhum em Stortfold.

— Sei disso.

— Mas você está sem rumo. Não parece se interessar por nada.

— Treen, acabei de cair de um prédio. Estou me recuperando.

— E antes disso você estava viajando pelo mundo. E depois foi trabalhar num bar porque não sabia o que queria fazer. Uma hora vai ter que botar a cabeça no lugar. Se não vai voltar a estudar, precisa descobrir o que fazer da vida. É só o que eu acho. Enfim, se vai ficar em Stortfold, precisa colocar aquele apartamento para alugar. Mamãe e papai não podem sustentar você para sempre.

— E quem está dizendo isso é a mulher que passou os últimos oito anos sendo sustentada pelo Banco Mamãe e Papai.

— Estou estudando em tempo integral. É diferente. Enfim, dei uma olhada nos seus extratos bancários enquanto você estava no hospital e, depois de pagar todas as suas contas, vi que você ainda tem mil e quinhentas libras, incluindo o auxílio-doença. Aliás, o que foram aquelas ligações internacionais? Custaram uma fortuna.

— Não é da sua conta.

— Então, listei os corretores da área que trabalham com aluguel. E depois pensei que talvez pudéssemos dar mais uma olhada em inscrições para faculdade. Alguém pode ter abandonado aquele curso que você queria.

— Treen. Você está me cansando.

— Não adianta ficar à toa. Vai se sentir melhor quando tiver algum foco.

Por mais irritante que fosse, havia algo tranquilizador na bronca que minha irmã estava me dando. Ninguém mais se atrevia a fazer isso. Era como se meus pais ainda acreditassem que havia alguma coisa muito errada comigo e que eu precisava ser tratada com luvas de pelica. Minha mãe deixava minha roupa dobradinha na beirada da cama, preparava três refeições por dia para mim e, quando eu a flagrava me olhando, ela dava um meio sorriso amarelo que abrangia tudo o que não queríamos dizer uma para outra. Meu pai me levava para as sessões de fisioterapia, se sentava ao meu lado no sofá para assistir à televisão e nem sequer implicava comigo. Treen era a única que me tratava do mesmo jeito de sempre.

— Sabe o que vou dizer, não é?

Virei-me de lado, estremecendo.

— Sei. E não faça isso.

— Bem, você sabe o que Will diria. Vocês tinham um acordo. Não pode voltar atrás.

— Tudo bem. Acabou, Treen. Essa conversa está encerrada.

— Ótimo. Thom está saindo do vestiário. Vejo você na sexta! — disse ela, como se estivéssemos falando sobre música, as próximas férias ou sobre a novela.

Fiquei ali encarando o teto.

Vocês tinham um acordo.

Sim. E olhe só no que deu.

* * *

Apesar das reclamações de Treena, nas semanas que haviam passado desde que chegara em casa, eu tinha feito algum progresso. Parei de usar a bengala, que me fazia sentir com uns oitenta e nove anos, e a qual eu esquecia em

praticamente todos os lugares que visitei desde que voltei.

Quase todas as manhãs, levava vovô para dar uma volta no parque, a pedido da minha mãe. O médico o instruíra a se exercitar diariamente, mas um dia, ao segui-lo, ela descobriu que ele ia apenas até a loja da esquina comprar um saco enorme de torresmo e comia tudo enquanto voltava sem pressa para casa.

Caminhávamos devagar, os dois mancando e sem um lugar de verdade para ir.

Minha mãe sempre sugeria que fôssemos aos jardins do castelo "para mudar de cenário", mas eu não lhe dava ouvidos, e, assim que o portão se fechava atrás de nós toda manhã, vovô balançava firmemente a cabeça na direção do parque. Não era só porque esse caminho era mais curto, nem mais perto da casa de apostas. Acho que ele sabia que eu não queria voltar àquele lugar. Eu não estava pronta. E não tinha certeza se algum dia estaria.

Fazíamos duas breves voltas no lago dos patos e nos sentávamos num banco sob o pálido sol de primavera para observar os bebês e seus pais alimentando os patos gordos, enquanto os adolescentes fumavam, gritavam e batiam uns nos outros: o inevitável combate de início de namoro.

Passeávamos até a casa de apostas para vovô perder três libras toda vez que apostava num cavalo chamado Abane o Cachorro. Depois, quando ele amassava seu bilhete de aposta e o jogava no lixo, eu dizia que ia comprar um donut com geleia para ele no supermercado.

— Ein gordura — disse ele quando chegamos à seção da padaria. Franzi a testa.
— Ein gordura — repetiu ele, apontando para os donuts, e depois riu.

— Ah. Sim. É isso que vamos dizer para minha mãe. Donuts sem gordura.

Minha mãe disse que o remédio novo dele o deixava com o riso frouxo.

Mas eu tinha chegado à conclusão de que coisas piores podiam acontecer com a gente.

Vovô continuou rindo da própria piada quando fomos para a fila do caixa.

Eu mantive a cabeça baixa, procurando algum trocado nos bolsos. Estava pensando se iria ajudar meu pai no jardim naquele fim de semana. Então demorei um pouco para perceber sobre o que cochichavam atrás de mim.

— É a culpa. Disseram que ela tentou pular de um prédio.

— Bem, você pularia, não é? Sei que eu não conseguiria mais viver.

— Fico surpresa por ela ser capaz de mostrar a cara por aqui.

Fiquei paralisada.

— A pobre Josie Clark ainda está mortificada. Ela se confessa toda semana e você sabe que aquela mulher é tão inocente quanto um anjo.

Vovô estava apontando para os donuts e articulando com os lábios para a moça da caixa:

— Ein gordura.

Ela sorriu educadamente.

— Oitenta e seis pence, por favor.

— Os Traynor nunca mais foram os mesmos.

— Bem, isso os destruiu, não é mesmo?

— Oitenta e seis pence, por favor.

Levei vários segundos para me dar conta de que a moça da caixa estava olhando para mim, esperando. Tirei minhas moedas do bolso e tentei separá-las desajeitadamente.

— Era de se imaginar que Josie não ousaria deixá-la cuidando sozinha do avô, não?

— Você não acha que ela…

— Bem, a gente não sabe. Ela já fez isso uma vez, afinal de contas…

Minhas bochechas ardiam. As moedas retiniram no balcão.

— EIN GORDURA. EIN GORDURA — repetia vovô para a menina perplexa da caixa, na esperança de que ela entendesse a piada. Puxei a manga da camisa dele. — Venha, vovô, temos que ir.

— Ein gordura — insistia ele.

— Certo — disse ela, abrindo um sorriso bondoso.

— *Por favor, vovô.*

Eu estava com calor e me sentia tonta, como se fosse desmaiar. Elas ainda poderiam estar falando, mas meus ouvidos zumbiam tão alto que eu não tinha certeza.

— Até logo — falou ele.

— Até logo — respondeu a garota.

— Legal — disse vovô quando saímos ao sol. Depois, olhando para mim, perguntou: — Por que você está chorando?

* * *

Então esse é o problema de estar envolvida num acontecimento catastrófico e transformador. A gente acha que só vai ter que lidar com o acontecimento catastrófico e transformador, que inclui flashbacks, noites em claro, repassar toda hora os fatos na cabeça, se perguntando se fez o certo, se disse o que deveria, se poderia ter mudado as coisas caso tivesse agido de forma um pouco diferente.

Minha mãe me disse que ter estado com Will em seus últimos dias afetaria o resto da minha vida, e eu achava que ela tinha se referido a mim, psicologicamente. Pensei que ela estava falando da culpa que eu teria que aprender a superar, do sofrimento, da insônia, dos acessos de raiva estranhos e inoportunos, do interminável diálogo interno com alguém que nem sequer estava presente. Mas depois percebi que não era só a mim: na era digital, eu seria para sempre aquela pessoa. Mesmo se eu conseguisse apagar tudo da memória, eu nunca poderia me dissociar da morte de Will.

Meu nome estaria ligado ao dele enquanto houvesse pixels e uma tela. As pessoas me julgariam com base no conhecimento mais superficial — ou às vezes sem qualquer base — e eu não podia fazer nada a respeito.

Cortei o cabelo acima do ombro. Mudei a forma de me vestir, guardei tudo o que já havia me caracterizado em sacolas, socando-as no fundo do armário, e adotei o uniforme de Treena, que consistia em calça jeans e camiseta genérica. Hoje em dia, quando eu lia matérias de jornal sobre o caixa de banco que roubara uma fortuna, a mulher que matara o próprio filho, o irmão que desaparecera, eu não estremecia de horror, como poderia acontecer antes. Em vez disso ficava imaginando a história que não tinha ido parar nas páginas do jornal.

Eu sentia uma estranha afinidade com eles. Estava marcada. O mundo à minha

volta sabia disso. E o pior é que eu também passei a saber disso.

* * *

Enfiei o que restava do meu cabelo preto num gorro, coloquei óculos escuros e fui até a biblioteca. Fiz tudo o que podia para esconder o fato de estar mancando, embora a concentração que esse esforço exigia deixasse minha mandíbula doendo.

Passei pelo grupo de crianças pequenas que cantava na área infantil e pelos entusiastas de genealogia que estavam calados tentando confirmar que eles tinham, sim, uma ligação distante com o Rei Ricardo III. Fui me sentar no canto com os arquivos dos jornais locais. Não foi difícil encontrar os de agosto de 2009. Respirei fundo, depois abri e dei uma olhada nas manchetes.

Homem da Região Põe Fim À Própria Vida Em Clínica Suíça Família Traynor pede privacidade em "momento difícil"

O filho de 35 anos de Steven Traynor, guardião do castelo Stortfold, pôs fim à própria vida na Dignitas, a polêmica clínica de suicídio assistido.

William Traynor ficou tetraplégico após um acidente de trânsito em 2007. Ele teria viajado para a clínica com a família e sua cuidadora, Louisa Clark, 27, também natural de Stortfold.

A polícia está investigando as circunstâncias que envolvem o falecimento, sem ter descartado, segundo fontes, a possibilidade de abertura de um processo.

Os pais de Louisa Clark, Bernard e Josephine Clark, que moram na Renfrew Road, não quiseram comentar o caso.

Camilla Traynor, juíza de paz, teria se afastado do cargo após o suicídio do filho. Segundo uma fonte local, considerando os atos da família, sua posição se tornara "insustentável".

Depois estava estampado o rosto de Will, olhando daquela fotografia granulosa de jornal. O sorriso ligeiramente sarcástico, o olhar fixo. Por um instante, fiquei sem ar.

A morte do Sr. Traynor encerra uma bem-sucedida carreira na City, onde era conhecido como um implacável vendedor de ativos de empresas, mas também como alguém com olho bom para uma pechincha corporativa. Ontem seus colegas se reuniram para homenagear o homem que descreveram como

Fechei o jornal. Quando me assegurei de que minha expressão estava sob controle, ergui os olhos. À minha volta, a biblioteca zumbia, imersa numa atividade silenciosa. As crianças pequenas continuavam cantando, suas vozes agudas eram caóticas e irregulares, mas as mães aplaudiam afetuosamente ao redor. A bibliotecária atrás de mim discutia *sotto voce* com uma colega a melhor maneira de preparar curry thai. O homem ao meu lado passava o dedo em um antigo caderno eleitoral, murmurando: *Fisher, Fitzgibbon, Fitzwilliam.*

Eu não tinha feito nada. Havia mais de um ano e meio que eu não fizera nada além de ter vendido bebidas em bares de dois países diferentes e sentido pena de mim mesma. E, nesse instante, quatro semanas depois de ter voltado para a casa onde cresci, eu tinha a sensação de que Stortfold estava estendendo o braço para me prender, me tranquilizar de que eu poderia ficar bem aqui. Daria tudo certo. Seria seguro. Com certeza não haveria grandes aventuras e existiria um pequeno desconforto enquanto as pessoas se adaptavam novamente à minha presença, mas havia coisas piores, é claro, do que estar com sua família, sentindo-se amada e segura.

Sã e salva.

Olhei para a pilha de jornal na minha frente. A manchete mais recente dizia:

BRIGA POR VAGA DE DEFICIENTE

EM FRENTE AOS CORREIOS

Pensei em papai, sentado na minha cama de hospital, procurando em vão o relato de um acidente extraordinário.

Falhei com você, Will. Falhei com você de todas as maneiras possíveis.

Dava para ouvir a gritaria dentro de casa enquanto caminhava na rua. Ao abrir a porta, passei a escutar apenas o choro de Thomas. Minha irmã brigava com ele no canto da sala, o dedo em riste. Minha mãe estava debruçada em cima de vovô com uma bacia de água e uma esponja, enquanto ele a enxotava educadamente.

— O que está acontecendo?

Minha mãe chegou para o lado e pela primeira vez vi o rosto de vovô com clareza. Ele exibia novas sobrancelhas pretas e um grosso bigode preto um pouco irregular.

— Caneta permanente — disse mamãe. — De agora em diante ninguém pode

deixar o vovô cochilar com Thomas no mesmo cômodo.

— Você tem que parar de desenhar nas coisas — gritava Treena. — Só no papel, está bem? Nas paredes, não. Nos rostos, não. No cachorro da Sra.

Reynolds, não. Nas minhas calcinhas, não.

— Eu estava fazendo os dias da semana para você!

— Não preciso de calcinhas com os dias da semana! — berrou ela. — Se precisasse, eu escreveria certo!

— Não brigue com ele, Treen — disse mamãe, inclinando-se para trás na intenção de ver se tinha causado algum efeito. — Poderia ser muito pior.

Na nossa pequena casa, os passos do meu pai descendo a escada soavam como uma trovoada particularmente forte. Ele entrou a toda na sala, os ombros caídos com frustração, o cabelo em pé de um lado.

— Não se pode cochilar na própria casa no dia de folga? Isso aqui está parecendo um hospício.

Todos nós paramos e olhamos para ele.

— O quê? O que foi que eu disse?

— Bernard…

— Ah, fala sério. Nossa Lou não acha que eu estava me referindo a *ela*...

— Ai, meu Deus. — Minha mãe levou a mão ao rosto.

Minha irmã havia começado a empurrar Thomas para fora da sala.

— Ih, caramba — sibilou ela. — Thomas, é melhor você sair já daqui.

Porque juro que quando o seu avô pegar você…

— O quê? — Papai franziu o cenho. — O que está acontecendo?

Vovô caiu na gargalhada e ergueu um dedo trêmulo.

Era quase magnífico. Thomas tinha pintado o rosto do meu pai com uma caneta permanente azul. Seus olhos emergiam feito duas groselhas de um mar azul-cobalto.

— O que foi?

A voz de Thomas, enquanto ele desaparecia pelo corredor, era um gemido de protesto:

— Estávamos assistindo a *Avatar*! Ele disse que não se importaria de ser um avatar!

Os olhos do meu pai se arregalaram. Ele foi correndo até o espelho em cima do console da lareira. Houve um breve silêncio.

— Ai, meu Deus.

— Bernard, não fale o nome de Deus em vão.

— Ele me deixou azul, Josie. Acho que tenho o direito de falar o nome de Deus do jeito que eu quiser. Isso é caneta permanente? THOMAS? ISSO É

CANETA PERMANENTE?

— A gente vai tirar, pai.

Ao sair, minha irmã fechou a porta que dava para o jardim. Do outro lado, dava para ouvir o choramingo de Thomas.

— Amanhã tenho que supervisionar a construção da cerca nova no castelo. Os fornecedores estão vindo. Como é que vou falar com os fornecedores se estou *azul*? — Meu pai cuspiu na mão e começou a esfregar o rosto. O azul borrou um pouquinho, mas a maior parte da tinta pareceu passar para sua mão. — Não está saindo. Josie, *não está saindo*!

Minha mãe deixou vovô de lado e passou a se concentrar em limpar papai com a esponja.

— Fique parado, Bernard. Estou fazendo o que posso.

Treena foi buscar o laptop.

— Vou pesquisar na internet. Tenho certeza de que tem alguma coisa.

Pasta de dente, removedor de esmalte, água sanitária ou…

— Você não vai passar água sanitária no meu rosto! — resmungou papai.

Vovô, com seu novo bigode de pirata, ria sentado no canto da sala.

Comecei a passar furtivamente por eles.

Mamãe segurava o rosto de papai com a mão esquerda enquanto esfregava. Ela se virou, como se tivesse acabado de me ver.

— Lou! Eu não perguntei… Você está bem, querida? Sua caminhada foi boa?

Todo mundo parou bruscamente para me dar um sorriso que dizia: *Está tudo bem aqui, Lou. Não precisa se preocupar.* Eu odiava esse sorriso.

— Foi ótima.

Era a resposta que todos eles queriam. Mamãe virou-se para o meu pai.

— Que maravilha. Não é mesmo, Bernard?

— Sim. É uma notícia excelente.

— Se você separar suas roupas brancas, mais tarde eu coloco na máquina com as do papai.

— Na verdade, não precisa se incomodar — falei. — Andei pensando.

Está na hora de eu ir para casa.

Ninguém falou nada. Mamãe olhou para o meu pai. Vovô deu outro risinho e depois tapou a boca com a mão.

— Justo — disse papai, com toda a dignidade que um homem de meia-idade azul poderia reunir. — Mas se vai voltar para aquele apartamento, Louisa, tenho uma condição…

4

— Meu nome é Natasha e faz três anos que perdi meu marido para o câncer.

Numa noite úmida de segunda-feira, os membros do Grupo Seguindo em Frente sentavam-se numa roda de cadeiras laranja de escritório no Salão da Igreja Pentecostal, ao lado de Marc, o líder, um homem alto de bigode, que exalava uma melancolia exausta. Restava apenas uma cadeira vazia.

— Eu me chamo Fred. Minha esposa, Jilly, faleceu em setembro. Tinha setenta e quatro anos.

— Sunil. Meu irmão gêmeo morreu de leucemia dois anos atrás.

— William. Meu pai faleceu há seis meses. É tudo meio ridículo, para ser sincero, pois nunca nos demos muito bem quando ele era vivo. Fico me perguntando por que estou aqui.

O sofrimento tinha um aroma específico. Um cheiro de salões úmidos de igreja, pouco ventilados, e saquinhos de chá de péssima qualidade. Cheiro de refeições individuais e cigarros velhos, daqueles que a pessoa se encurva ao fumar para enfrentar o frio. Era um odor de cabelo com laquê e de axilas, de pequenas vitórias práticas contra um imenso desespero. O

cheiro por si só me mostrou que, independentemente do que eu tinha prometido ao meu pai, eu não pertencia àquele lugar.

Eu me sentia uma fraude. E todos pareciam tão… *tristes.*

Eu me remexi sem jeito na cadeira, e Marc notou minha presença. Ele me dirigiu um sorriso tranquilizador que dizia: *Nós sabemos*, *já passamos por isso*.

Aposto que não sabe, respondi em pensamento.

— Desculpe. Desculpe pelo atraso.

A porta se abriu, permitindo a entrada de uma rajada de ar quente, e a cadeira vazia foi ocupada por um adolescente de cabelo desgrenhado que se encolheu todo ao se sentar, como se suas pernas e seus braços de alguma maneira fossem sempre muito compridos para o lugar que deviam ocupar.

— Jake. Você faltou semana passada. Está tudo bem?

— Desculpe. Meu pai teve um problema no trabalho e não pôde me trazer.

— Não se preocupe. Que bom que você veio. Já sabe onde ficam as bebidas.

O menino olhou ao redor da sala por baixo da franja comprida, hesitando ligeiramente quando fixou o olhar na minha saia verde brilhante. Puxei a bolsa para o colo numa tentativa de escondê-la e ele desviou os olhos.

— Olá. Eu me chamo Daphne. Meu marido tirou a própria vida. E acho que não foi por pura implicância! — O sofrimento parecia extravasar do sorriso amarelo da mulher. Ela alisou seu cabelo cuidadosamente penteado e olhou sem jeito para os próprios joelhos. — Nós éramos felizes. Éramos.

As mãos do garoto estavam enfiadas embaixo das coxas.

— Jake. Minha mãe. Dois anos atrás. Faz um ano que venho aqui porque meu pai não consegue lidar com isso, e eu precisava de alguém com quem conversar.

— Como está seu pai essa semana, Jake? — perguntou Marc.

— Nada mal. Quer dizer, ele levou uma mulher lá em casa sexta passada, e, tipo, ele não se sentou no sofá e chorou depois. Então isso já é um avanço.

— O pai de Jake está lidando do jeito dele com o luto — disse Marc para mim.

— Transando — afirmou Jake. — Acima de tudo, transando.

— Quem me dera ser mais jovem — comentou Fred melancolicamente.

Ele usava camisa e gravata, pois era o tipo de homem que se sentia pelado sem essas peças. — Acho que seria uma forma maravilhosa de lidar com a morte de Jilly.

— Minha prima ficou com um cara no enterro da mãe — disse uma mulher no canto, que talvez se chamasse Leanne, eu não conseguia me lembrar. Ela era baixa, gorducha e tinha uma franja espessa cor de chocolate.

— Durante o enterro mesmo?

— Ela contou que eles foram a um hotel barato depois de comer sanduíche. — A mulher deu de ombros. — São as emoções exacerbadas, pelo que parece.

Eu estava no lugar errado. Dava para perceber isso. Comecei disfarçadamente a juntar meus pertences, me perguntando se eu deveria anunciar minha partida ou se seria mais simples sair correndo.

Mas de repente Marc se virou para mim e sorriu, cheio de expectativa.

Olhei inexpressivamente para ele, que ergueu as sobrancelhas.

— Ah. Eu? Na verdade… eu estava de saída. Acho que eu… quer dizer, acho que eu não…

— Ah, todo mundo quer ir embora no primeiro dia, querida.

— Senti vontade de ir embora no segundo e no terceiro também.

— São os biscoitos. Sempre digo para Marc que devíamos ter biscoitos melhores.

— Apenas resuma o problema para a gente, se quiser. Não se preocupe.

Você está entre amigos.

Todos estavam esperando, eu não tinha como fugir. Então voltei a me sentar.

— Hum. Está bem. Bom, meu nome é Louisa e o homem que eu… amava…

morreu com trinta e cinco anos.

Houve alguns movimentos de cabeça solidários.

— Jovem demais. Quando foi que isso aconteceu, Louisa?

— Há vinte meses. E uma semana. E dois dias.

— Três anos, duas semanas e dois dias. — Natasha sorriu para mim do outro lado da sala.

Ouvi um murmúrio de comiseração. Daphne, ao meu lado, esticou a mão gorda e cheia de anéis para dar tapinhas na minha perna.

— Já tivemos muitas discussões nesta sala sobre as dificuldades específicas da morte precoce de alguém — explicou Marc. — Quanto tempo vocês passaram juntos?

— Hum. Nós… bem… quase seis meses.

Houve alguns olhares mal disfarçados de surpresa.

— Foi… bem pouco tempo.

— Tenho certeza de que a dor de Louisa é tão válida quanto qualquer outra — disse Marc com gentileza. — E como foi o passamento, Louisa?

— Passamento do quê?

— A morte — explicou Fred, prestativo.

— Ah. Ele… hã… tirou a própria vida.

— Deve ter sido um grande choque.

— Na verdade, não. Eu sabia que ele estava planejando isso.

Um silêncio peculiar surge quando dizemos a uma sala cheia de pessoas que acham que sabem tudo o que há para saber sobre a morte de um ente querido que, na realidade, elas não sabem.

Respirei fundo.

— Antes de nos conhecermos, ele já sabia que queria fazer isso. Tentei convencê-lo a mudar de ideia, mas não consegui. Então concordei porque o amava e isso pareceu fazer sentido na época. Só que agora faz muito menos sentido. Por isso estou aqui.

— A morte nunca faz sentido — comentou Daphne.

— A menos que você seja budista — retrucou Natasha. — Tento pensar como os budistas, mas fico com medo de que Olaf volte como um rato ou coisa assim e eu acabe envenenando-o. — Ela suspirou. — Tenho que guardar o veneno. Estamos com um problema horrível de rato no prédio.

— Você nunca vai se livrar deles. É igual a pulga — disse Sunil. — Para cada um que vemos, há centenas escondidos.

— Talvez você queira pensar no que está fazendo, Natasha, querida —

disse Daphne. — Pode ser que haja centenas de pequenos Olafs correndo por aí. Meu Alan pode muito bem ser um deles. Na verdade, você poderia estar envenenando os dois.

— Bem — começou Fred. — De acordo com o budismo, ele simplesmente voltaria como outra coisa, não?

— Mas e se ele for uma mosca ou algo assim e Natasha matar também?

— Eu odiaria voltar como uma mosca — comentou William. — Moscas são horríveis. — Ele estremeceu.

— Não sou, tipo, uma serial killer — disse Natasha. — Você está passando a impressão de que eu ando por aí matando os maridos reencarnados de todo mundo.

— Bem, aquele rato podia ser o marido de alguém. Mesmo se não for Olaf.

— Acho que devíamos tentar retomar o assunto da sessão — afirmou Marc, esfregando a têmpora. — Louisa, é corajoso da sua parte vir contar sua história. Por que não fala mais um pouco sobre você e… como era o nome dele?… Como

vocês se conheceram? São todos de confiança aqui.

Todos prometemos que nossas histórias não sairão dessas quatro paredes.

Foi nesse ponto que encontrei o olhar de Jake. Ele olhava para Daphne e depois para mim, balançando sutilmente a cabeça.

— Eu o conheci no trabalho — falei. — E o nome dele era… Bill.

* * *

Apesar da promessa que fizera ao meu pai, eu não estava planejando frequentar o Grupo Seguindo em Frente. Mas meu retorno ao trabalho fora tão horrível que, quando o dia acabou, não fui capaz de encarar meu apartamento vazio.

— Você está de volta! — Carly colocou a xícara de café no bar, pegou o troco do executivo e me abraçou, tudo isso enquanto jogava as moedas nos lugares certos da gaveta do caixa, num único movimento fluido. — O que aconteceu? Tim só nos contou que você sofreu um acidente. E depois ele foi embora, por isso eu nem tinha certeza se você ia voltar.

— Longa história. — Olhei fixo para ela. — Hum… o que você está vestindo?

Eram nove da manhã de uma segunda-feira, e o aeroporto não passava de uma imagem indistinta cinza-azulada de homens carregando a bateria de seus laptops, olhando fixo para os iPhones, lendo as páginas locais do jornal ou falando discretamente ao telefone sobre participação de mercado. Carly encontrou o olhar de alguém do outro lado da caixa.

— É. Bem. As coisas mudaram desde que você se afastou.

Eu me virei e vi um homem de negócios em pé do lado errado do bar.

Pisquei para ele e deixei minha bolsa no chão.

— Hum… Se você quiser esperar aqui, posso lhe servir…

— Você deve ser Louise. — O aperto de mão era categórico, mas nada caloroso. — Sou o novo gerente. Richard Percival.

Notei o cabelo brilhoso, o terno, a camisa azul-clara, e me perguntei que tipo de bares ele realmente gerenciara.

— Prazer em conhecê-lo.

— Então foi você que ficou dois meses fora.

— Bem. Sim. Eu…

Ele caminhou ao longo dos dosadores, analisando cada um.

— Só quero que saiba que não sou fã de quem tira uma licença interminável por motivo de saúde.

Afundei um pouco o pescoço sob a gola da camisa.

— Só estou estabelecendo um padrão, Louise. Não sou um desses gerentes que fingem não ver. Sei que em muitas empresas folga é considerada um benefício dos funcionários. Mas não onde eu trabalho.

— Acredite em mim, não considerei as últimas nove semanas um benefício.

Ele observou a parte de baixo de uma torneira e, pensativo, esfregou-a com o polegar. Respirei fundo antes de falar:

— Caí de um prédio. Se quiser posso mostrar as cicatrizes das minhas cirurgias. Pode ter certeza de que não quero fazer isso de novo.

Ele ficou me encarando.

— Não há necessidade de ser sarcástica. Não estou dizendo que você está prestes a sofrer outros acidentes, mas sua licença médica está, *pro rata*, num nível inusitadamente alto para alguém que trabalha nesta empresa há pouco tempo. Só queria ressaltar isso. Não passou despercebido.

Ele usava abotoaduras de carros de corrida.

— Entendido o recado, Sr. Percival — falei. — Farei o melhor possível para evitar acidentes quase fatais.

— Você vai precisar de um uniforme. Em cinco minutos busco um no almoxarifado. Qual é o seu tamanho? 40? 42?

Olhei para ele.

— 38.

O gerente levantou uma sobrancelha. Ergui a minha em resposta. Quando ele foi para sua sala, Carly se inclinou por cima da cafeteira e sorriu com ternura para o

patrão.

— Pois é. Um babaca — disse ela, mexendo apenas o canto da boca.

* * *

Ela não estava errada. Desde que voltei, Richard Percival, nas palavras do meu pai, ficou colado em mim feito chiclete. Ele me media de cima a baixo, checava cada canto do bar em busca de migalhas moleculares de amendoim, entrava e saía dos banheiros conferindo a limpeza e não nos deixava ir embora até ter nos vigiado fechando o caixa e garantindo que cada rolo condizia até o último centavo com as entradas.

Eu já não tinha tempo para conversar com os clientes, olhar os horários de decolagem, devolver passaportes perdidos, contemplar pelo vidro os aviões partindo. Eu nem sequer tinha tempo de me irritar com as *Gaitas Celtas Vol. III*. Se um cliente ficava esperando por mais de dez segundos, Richard surgia num passe de mágica do seu escritório, suspirando ostensivamente, depois se desculpava várias vezes de forma espalhafatosa pelo fato de o terem deixado aguardando por *tanto tempo*. Carly e eu, normalmente ocupadas com outros clientes, trocávamos olhares secretos de resignação e desprezo.

Ele passava metade do dia reunido com representantes comerciais e o resto ao telefone com a matriz, falando aos berros sobre futebol e gastos por pessoa. Éramos encorajadas a convencer o cliente a gastar mais, e chamadas no canto para uma conversa caso nos esquecêssemos disso.

Todas essas coisas já eram muito ruins.

Mas ainda havia o uniforme.

Carly entrou no banheiro feminino enquanto eu terminava de me trocar e ficou parada ao meu lado na frente do espelho.

— Parecemos duas imbecis — disse ela.

Não satisfeito com as saias pretas e camisas brancas, algum gênio de marketing no alto da pirâmide corporativa decidira que roupas irlandesas autênticas enriqueceriam o clima dos pubs Shamrock and Clover. Esses trajes irlandeses autênticos tinham sido evidentemente concebidos por alguém que achava que por toda Dublin, naquele exato minuto, empresárias e vendedoras davam piruetas em seus locais de trabalho vestindo tabardilhas bordadas, meias acima dos joelhos e sapatos de dança com cadarço, tudo verde-esmeralda brilhante. Com o

complemento de perucas de cachinhos.

— Nossa. Se me visse vestida assim, meu namorado me largaria. — Carly acendeu um cigarro e subiu na pia para desativar o alarme de fumaça do teto. — Mas se bem que o mais provável é que antes ele queira trepar comigo. Aquele tarado.

— O que os homens têm que vestir?

Puxei para baixo a minha saia curta e, nervosa, olhei para o isqueiro de Carly, me perguntando quão inflamável eu era.

— Olhe lá fora. Só tem o Richard. E ele precisa usar aquela camisa com a logomarca verde. Coitado.

— Só isso? Nada de sapatos de duende? Ou um chapeuzinho de leprechaun?

— Nossa, que surpresa. Só nós, meninas, temos que trabalhar parecendo Munchkins pornôs.

— Pareço a Dolly Parton jovem com essa peruca.

— Pegue uma ruiva. Temos a sorte de poder escolher entre três cores.

De algum lugar lá fora ouvimos Richard chamando. Meu abdômen contraía toda vez que eu ouvia a voz dele.

— Enfim. Não vou ficar. Em breve vou sair daqui e ir para outro emprego

— disse Carly. — Ele pode enfiar esses malditos trevos no rabo corporativo apertadinho dele.

Ela deu o que eu só poderia descrever como um pulo sarcástico e saiu do banheiro feminino. Passei o resto do dia levando choquinhos elétricos por causa da estática causada pela roupa de material sintético.

* * *

A reunião do Grupo Seguindo em Frente terminou às nove e meia. Saí na noite úmida de verão, exausta com os calvários do trabalho e os acontecimentos noturnos.

Eu havia tirado o casaco, pois estava com muito calor, e ficara quase desnuda na frente de uma sala cheia de pessoas desconhecidas, que me viram usando um

uniforme de dançarina irlandesa falsa, o qual era realmente muito pequeno, mas de repente me dei conta de que isso não fazia grande diferença.

Eu não tinha conseguido falar sobre Will. Não do jeito que os outros faziam, como se os entes queridos ainda fossem parte da vida deles, como se talvez estivessem na sala ao lado.

— *Ah, sim, a minha Jilly fazia isso o tempo todo.*

— *Não posso apagar a mensagem de voz do meu irmão. Preciso ouvir a voz dele quando sinto que vou esquecer como ele falava.*

— *Às vezes escuto ele no quarto ao lado.*

Eu mal conseguia dizer o nome de Will. Ouvindo histórias sobre relações familiares, os casamentos de trinta anos, as casas, vidas e filhos compartilhados, eu me sentia uma fraude. Eu havia sido cuidadora de alguém durante seis meses. Eu o amei e o vi pôr fim à própria vida. Como é que essas pessoas desconhecidas poderiam entender o que Will e eu havíamos significado um para o outro durante esse tempo? Como eu poderia explicar que tínhamos nos entendido muito depressa, que compartilhávamos piadas simples, verdades bruscas e segredos sinceros?

De que maneira eu poderia relatar que aqueles poucos meses haviam mudado a forma como eu me sentia em relação a tudo? Que ele modificara tão completamente meu mundo que nada mais fazia sentido sem ele?

E, no fim das contas, de que adiantava ficar reexaminando nossa tristeza o tempo todo? Era como cutucar uma ferida e se recusar a deixá-la sarar.

Eu sabia o que tinha vivido. Sabia qual tinha sido meu papel. De que adiantava repassar isso?

Eu já sabia que não voltaria na próxima semana. Arranjaria alguma desculpa para o meu pai.

Atravessei lentamente o estacionamento, procurando a chave do carro na bolsa. Estava dizendo a mim mesma que pelo menos isso significava que eu não precisaria passar outra noite sozinha diante da televisão, apavorada com as doze horas que tinha pela frente até ter que voltar para o trabalho.

— O nome dele não era Bill, era?

Jake surgiu ao meu lado e começou a andar no meu ritmo.

— Não.

— Daphne não consegue segurar a língua. Ela tem boas intenções, mas pode acreditar que sua história já terá se espalhado pelo círculo social dela antes que você consiga dizer “reencarnação de roedor”.

— Obrigada.

Ele sorriu para mim e depois indicou minha saia de Lurex com a cabeça.

— Aliás, bonita roupa. É um belo visual para uma sessão de terapia de luto.

Ele parou um instante para amarrar o cadarço. Parei também. Hesitei, mas depois disse:

— Sinto muito pela sua mãe.

Seu semblante ficou sombrio.

— Você não pode dizer isso. É como na prisão… Não podemos tocar no assunto que nos trouxe até aqui.

— É mesmo? Ah, me desculpe. Eu não…

— Estou brincando. Até semana que vem.

Um homem encostado numa moto ergueu a mão em um cumprimento.

Deu um passo à frente depois que Jake atravessou o estacionamento e envolveu-o num abraço de urso, beijando-o na bochecha. Parei para observar, principalmente porque era raro ver um homem abraçar o filho desse jeito em público, após ele já ter passado da idade de carregar a mochila da escola.

— Como foi?

— Bem. Como sempre. — Jake apontou para mim. — Ah, essa é… Louisa.

Ela é nova.

O homem semicerrou os olhos para mim. Ele era alto e tinha ombros largos. Seu nariz, que parecia já ter sido quebrado, o deixava com uma aparência ligeiramente severa, como a de um ex-lutador de boxe.

Assenti educadamente.

— Foi bom conhecer você, Jake. Tchau.

Ergui a mão e comecei a andar até o meu carro. Mas quando passei pelo homem, ele ficou me encarando, e senti que fui corando sob a intensidade do seu olhar.

— Você é aquela garota — afirmou ele.

Ah, não, pensei, reduzindo o passo de repente. *Aqui também, não.*

Fiquei encarando o chão por um instante e respirei fundo. Depois me virei para olhar os dois.

— Tudo bem. Como já deixei claro no grupo, meu amigo tomou as próprias decisões. Tudo o que fiz foi apoiá-las. Não que, para ser sincera, eu realmente queira tocar nesse assunto aqui com um completo desconhecido.

— O pai de Jake continuou me olhando e levou a mão à cabeça. — Entendo que nem todo mundo vai compreender. Mas foi assim que aconteceu. Não acho que eu deva discutir minhas escolhas. Estou muito cansada e foi um dia longo, então acho que agora vou para casa.

Ele inclinou a cabeça para o lado. E em seguida disse:

— Não faço ideia do que você está falando.

Franzi a testa.

— A perna. Vi que está mancando. Você mora naquele bairro perto do centro, não é? Você é a garota que caiu do telhado. Em março. Abril.

De repente eu o reconheci.

— Ah… você era…

— O paramédico. Da equipe que te resgatou. Eu estava mesmo querendo saber o que tinha acontecido com você.

Quase desmoronei de alívio. Observei o rosto dele, o cabelo, os braços, subitamente recordando com uma precisão pavloviana seu jeito tranquilizador, o som da sirene, o leve perfume de limão. E suspirei.

— Estou bem. Quer dizer, mais ou menos. Tenho um quadril ferrado e um chefe novo que é um completo babaca e, sabe, estou frequentando um grupo de terapia

de luto no salão úmido de uma igreja com pessoas que são simplesmente muito, muito…

— Tristes — completou Jake prestativo.

— O quadril vai melhorar. Mas dá para ver que não está atrapalhando sua carreira na dança.

Minha risada saiu parecida com uma buzina.

— Ah, não. Isso é… Essa roupa tem a ver com o chefe babaca. Não é como me visto normalmente. Enfim. Obrigada. Nossa… — Coloquei a mão na cabeça. — Isso é estranho. Você me salvou.

— É bom ver você. Nem sempre a gente fica sabendo o que aconteceu depois.

— Você fez um ótimo trabalho. Foi… bem, você foi muito gentil. Eu me lembro disso.

— Não foi nada.

— Ah, então está bem. Retiro o que disse. Obrigada por nada.

Ele sorriu e ergueu sua mão do tamanho de uma pá.

Não sei o que me levou a, em seguida, dizer:

— Ei.

Ele olhou para mim.

— É Sam, na verdade.

— Sam. Eu não pulei.

— Tudo bem.

— Não. É verdade. Quer dizer, sei que você acabou de me ver sair da reunião de um grupo de terapia de luto e tal, mas é… bem, eu só… eu não pularia.

Ele me olhou de uma forma que parecia confirmar que tinha visto e ouvido tudo.

— Bom saber.

Ficamos nos encarando por um minuto. Até que ele ergueu a mão outra vez.

— Foi bom ver você, Louisa.

Ele colocou o capacete e Jake subiu na garupa da moto. Fiquei observando os dois saírem do estacionamento. E como continuei olhando, notei Jake revirar exageradamente os olhos ao enfiar seu capacete. E depois me lembrei do que ele dissera mais cedo.

O mulherengo compulsivo.

— Idiota — falei para mim mesma.

E fui mancando pelo asfalto até onde meu carro fervia com o calor do fim de tarde.

5

Eu morava bem perto da City. Caso tivesse alguma dúvida sobre isso, do outro lado da rua havia uma cratera do tamanho de um prédio rodeada pelo anúncio de um empreendimento imobiliário com os dizeres: FARTHINGATE — ONDE COMEÇA A CITY. Nós estávamos no local exato em que os templos de vidro brilhantes dos prédios financeiros se aproximavam das velhas e sujas vitrines de lojas que vendiam temperos indianos, como curry, e dos mercados que ficavam abertos vinte e quatro horas, dos clubes de striptease e das empresas de táxis alternativos que, muito determinadas, recusavam-se a falir. Meu prédio ficava entre esses rebeldes arquitetônicos. Era uma construção cor de chumbo no estilo de um armazém, com vista para a confusão de vidro e aço, que ninguém sabia quanto tempo ainda duraria, podendo talvez ser transformada em uma lanchonete hipster ou em uma loja pop-up. Eu não conhecia ninguém além de Samir, que administrava a loja de conveniência, e da mulher da loja de bagel, que sorria para me cumprimentar, mas parecia não falar nada de inglês.

Esse anonimato era conveniente, sobretudo para mim. Eu viera para cá, afinal de contas, para escapar da minha história, da sensação de que todo mundo sabia tudo a meu respeito. E a City começara a me modificar. Eu reconhecera meu lugar nela, seus ritmos e pontos perigosos. Aprendi que se eu desse dinheiro para o bêbado na rodoviária, ele passaria as próximas oito semanas sentado na frente do meu prédio; que se eu precisasse atravessar a cidade à noite, era prudente fazer isso com as chaves entre os dedos; que se eu saísse para comprar uma garrafa de vinho de madrugada, era melhor nem olhar para o grupo de rapazes reunidos diante do Kebab Korner. E já não me incomodava com o barulho persistente do helicóptero da polícia.

Eu poderia sobreviver. Além disso, eu sabia, mais do que ninguém, que coisas

piores podiam acontecer.

* * *

— Oi.

— Oi, Lou. Não está conseguindo dormir de novo?

— Acabou de dar dez horas aqui.

— E aí, tudo bem?

Nathan, o antigo fisioterapeuta de Will, passara os últimos nove meses trabalhando em Nova York para um CEO de meia-idade que tinha uma boa reputação em Wall Street, era proprietário de uma mansão de quatro andares, mas sofria com um problema muscular. Ligar para ele durante minhas madrugadas insones tinha se tornado um hábito. Era bom saber que havia alguém que entendia, por mais que às vezes as novidades dele parecessem ser intercaladas com algumas reprimendas, como *todas as outras pessoas seguiram em frente, todas as outras pessoas conquistaram alguma coisa.*

— Então, como vai a Big Apple?

— Nada mal? — O sotaque de Nathan transformava toda resposta em uma pergunta.

Eu estava deitada no sofá, com os pés apoiados no braço do móvel.

— Hum, isso não diz muita coisa.

— Ok. Bem, recebi um aumento, o que foi legal. Comprei uma passagem para casa para daqui a algumas semanas, pois quero ver os velhos. Isso vai ser bom. Eles estão muito contentes porque minha irmã vai ter um bebê.

Ah, e conheci uma gata num bar na Sexta Avenida. Estávamos nos dando muito bem, então a convidei para sair, mas quando contei o que eu fazia da vida, ela se desculpou e disse que só saía com caras que trabalhavam de terno. — Ele riu.

Notei que eu mesma estava sorrindo.

— Uniforme branco está fora então?

— Pelo visto sim. Embora ela tenha dito que talvez mudasse de ideia se eu fosse médico de verdade. — Ele riu outra vez. Nathan era muito tranquilo. — Tudo

bem. Garotas como essa ficam chateadas se a gente não as leva para os restaurantes certos e coisas assim. Melhor saber antes, não é? E você?

Dei de ombros.

— Estou chegando lá. Mais ou menos.

— Ainda dorme com a camiseta dele?

— Não. Não tem mais o cheiro dele. E começou a ficar um pouco desagradável, para ser sincera. Eu a lavei e embrulhei em um papel de seda.

Mas ainda tenho o suéter dele para os dias difíceis.

— Bom saber das novidades.

— Ah, e participei de um encontro de terapia de luto.

— Como foi?

— Uma merda. Eu me senti uma fraude.

Ele ficou esperando. Mudei a posição do travesseiro embaixo da cabeça.

— Será que imaginei tudo, Nathan? Às vezes fico achando que aumentei demais na minha mente o que aconteceu entre mim e Will. Como posso ter amado tanto uma pessoa em tão pouco tempo? E todas essas coisas que penso sobre nós dois… Será que sentimos mesmo o que lembro? Quanto mais o tempo passa, mais esses seis meses simplesmente parecem ter sido um sonho… estranho.

Nathan demorou um pouquinho para responder.

— Não foi imaginação.

Esfreguei os olhos.

— Será que sou a única que ainda sente falta dele?

Mais um breve silêncio.

— Não. Ele era um sujeito legal. O melhor.

Esta era uma das coisas de que eu gostava em Nathan. Ele não se incomodava com um silêncio demorado ao telefone. Por fim, me sentei e assoei o nariz.

— Enfim. Acho que não vou voltar. Não tenho certeza se é a minha praia.

— Dê uma chance, Lou. Não dá para julgar nada com base em apenas um encontro.

— Você parece meu pai falando.

— Bem, ele sempre foi um cara sensato.

Sobressaltei-me com o barulho da campainha. Ninguém nunca a tocara, com exceção da Sra. Nellis do apartamento doze, quando o carteiro trocara por engano nossa correspondência. Mas eu duvidava de que ela estivesse acordada a essa hora. E certamente não estavam me entregando sua revista de bonecas de papel elisabetanas.

A campainha tocou de novo. Uma terceira vez, estridente e perseverante.

— Preciso desligar. Tem alguém na porta.

— Mantenha-se otimista. Você vai ficar bem.

Larguei o telefone e ergui o corpo, desconfiada. Eu não havia feito nenhum amigo por perto. Não tinha descoberto como é que alguém conseguia estabelecer uma amizade verdadeira quando se mudava para um local novo e ficava trabalhando durante a maior parte do tempo em que estava acordada. E se meus pais tivessem decidido intervir e me levar de volta para Stortfold, eles teriam organizado isso durante as horas do rush, pois nenhum dos dois gostava de dirigir no escuro.

Esperei, me perguntando se, quem quer que fosse, simplesmente perceberia o equívoco e iria embora. Mas tocou de novo, estridente e sem parar, como se a pessoa estivesse encostada na campainha.

Fiquei de pé e fui até a porta.

— Quem é?

— Preciso falar com você.

Era uma voz feminina. Olhei pelo olho mágico. A garota encarava os próprios pés, então só consegui ver seu cabelo comprido castanho-claro e uma jaqueta grande demais. Ela cambaleou ligeiramente e esfregou o nariz.

Será que estava bêbada?

— Acho que você está no apartamento errado.

— Você é Louisa Clark?

Fiz uma pausa.

— Como você sabe meu nome?

— Preciso falar com você. Pode abrir a porta?

— São quase dez e meia da noite.

— É. Por isso prefiro não ficar em pé no seu corredor.

Já fazia tempo suficiente que eu morava ali para saber que não devia abrir a porta para desconhecidos. Nessa área da cidade não era incomum ter alguns viciados tocando campainhas especulativamente na esperança de arranjar algum dinheiro. Mas essa garota era muito tagarela. E jovem.

Jovem demais para ser uma das jornalistas que, por um breve período, haviam ficado obcecadas pela história de um belo prodígio que decidira pôr fim à própria vida. Ela era nova demais para estar na rua àquela hora.

Inclinei a cabeça, tentando ver se havia mais alguém no corredor. Parecia vazio.

— Pode me dizer qual é o assunto?

— Daqui de fora, não.

Abri a porta até onde a corrente de segurança deixava e ficamos frente a frente.

— Você vai ter que me dar mais informações.

Ela não podia ter mais que dezesseis anos, pois o viço da juventude ainda era visível em suas bochechas. Um cabelo longo e brilhoso. Pernas compridas e magras usando uma calça jeans preta e justa. Um rosto bonito e delineador nos olhos.

— Então… quem você disse que era? — perguntei.

— Lily. Lily Houghton-Miller. Veja bem — disse ela, erguendo um pouco o queixo. — Preciso conversar com você sobre o meu pai.

— Acho que está falando com a pessoa errada. Não conheço ninguém que se chama Houghton-Miller. Você deve ter me confundido com outra Louisa Clark.

Eu estava prestes a fechar a porta, mas a garota enfiou o bico do sapato na abertura. Olhei para o chão e depois lentamente de volta para ela.

— Não é o sobrenome *dele* — insistiu ela como se eu fosse idiota. E, quando falou, seus olhos ficaram ao mesmo tempo ferozes e inquisitivos. —

O nome dele é Will Traynor.

* * *

Lily Houghton-Miller estava em pé no meio da minha sala e me observava com o mesmo interesse imparcial de um cientista analisando uma nova espécie de minhoca.

— Nossa. O que é isso que você está vestindo?

— Eu… eu trabalho num pub irlandês.

— Fazendo pole dance? — Parecendo ter perdido o interesse em mim, ela girou lentamente nos calcanhares para olhar a sala. — É aqui mesmo que você mora? Cadê seus móveis?

— Acabei de me mudar.

— Um sofá, uma televisão, duas caixas de livros?

Ela indicou com a cabeça a cadeira onde eu estava sentada. Minha respiração continuava irregular, tentando encontrar algum sentido no que ela acabara de revelar para mim.

Eu me levantei.

— Vou pegar uma bebida. Quer alguma coisa?

— Aceito uma Coca. A não ser que você tenha vinho.

— Quantos anos você tem?

— Por que quer saber?

— Não estou entendendo… — Fui para trás da bancada da cozinha. —

Will não tinha filhos. Eu saberia. — Franzi a testa para ela, subitamente desconfiada. — Isso é alguma piada?

— Piada?

— Will e eu conversávamos… muito. Ele teria me contado.

— Sim. Bem, acontece que ele não contou. E preciso falar sobre ele com alguém que não vai surtar toda vez que eu citar seu nome, como o resto da minha família. — Ela pegou o cartão da minha mãe e o colocou de volta no lugar. — Eu não queria que parecesse uma *piada*. Quer dizer, é verdade, meu pai era um cara triste numa cadeira de rodas. Como se *isso* tivesse graça.

Entreguei-lhe um copo d'água.

— Mas quem… quem é sua família? Quer dizer, quem é sua mãe?

— Você tem cigarro? — Ela tinha começado a andar pela sala, tocando em várias coisas, pegando os poucos pertences que eu tinha e largando-os.

Quando neguei com a cabeça, ela disse: — Minha mãe se chama Tanya.

Tanya Miller. É casada com meu padrasto, que se chama Francis Idiota Pentelho Houghton.

— Belo nome.

Ela largou o copo d'água, pegou um maço de cigarro na jaqueta e acendeu um. Eu ia dizer que ela não podia fumar na minha casa, mas estava muito atordoada, então simplesmente fui abrir a janela.

Não conseguia tirar os olhos dela. Talvez eu fosse capaz de ver pequenos sinais de Will. Nos seus olhos azuis, no cabelo tom de caramelo. No jeito como ela inclinava ligeiramente o queixo antes de falar, no olhar firme. Ou será que eu estava vendo o que queria? Pela janela, ela olhou para a rua lá embaixo.

— Lily, antes de continuarmos há uma coisa que preciso…

— Sei que ele morreu — afirmou ela, tragando com força e soprando a fumaça no meio da sala. — Quer dizer, foi assim que descobri. Passou um documentário na televisão sobre suicídio assistido e, quando mencionaram o nome dele, minha mãe surtou sem motivo algum, correu para o banheiro e o Pentelho saiu atrás dela. Aí fiquei ouvindo do lado de fora, é óbvio. Ela estava totalmente em choque porque nem sabia que ele tinha acabado numa cadeira de rodas. Ouvi a conversa toda. Quer dizer, eu já sabia que Pentelho não era meu pai verdadeiro. Mas minha mãe sempre disse que meu pai era um babaca que não queria me conhecer.

— Will não era um babaca.

Ela deu de ombros.

— Parecia. Mas, enfim, quando tentei fazer perguntas, ela ficou toda nervosa e disse que eu sabia tudo que precisava saber sobre ele, que Francis Pentelho fora um pai melhor para mim do que Will Traynor algum dia teria sido e que eu devia deixar esse assunto para lá.

Tomei um gole da água. Nunca havia sentido tanta vontade de beber uma taça de vinho.

— Então o que você fez?

Ela deu outra tragada no cigarro.

— Joguei o nome dele no Google, é claro. E encontrei você.

* * *

Eu precisava ficar sozinha para digerir o que ela me contara. Era impressionante demais. Eu não sabia o que pensar sobre essa garota atrevida, que andava pela minha sala fazendo o ar à sua volta crepitar.

— Então ele não falou *nada* sobre mim?

Eu estava com o olhar fixo nos sapatos dela. Eram sapatilhas esfoladíssimas, como se tivessem se arrastado durante muito tempo pelas ruas de Londres. O calçado chamava minha atenção.

— Quantos anos você tem, Lily?

— Dezesseis. Pelo menos sou parecida com ele? Vi uma foto no Google Imagens, mas achei que talvez você tivesse uma. — Ela olhou ao redor da sala. — Todas as suas fotos estão nas caixas?

Ela localizou a pilha de caixas de papelão no canto, e me perguntei se ia realmente abri-las e começar a vasculhá-las. Eu tinha quase certeza de que ela estava indo na direção da que guardava o suéter de Will. Então fiquei em pânico.

— Hum. Lily. Isso tudo é… bastante coisa para assimilar. Se você é quem diz ser, então nós… temos muito o que conversar. Mas são quase onze da noite e não sei se é a hora de começar. Onde você mora?

— St. John's Wood.

— Bom. Hã. Seus pais devem estar se perguntando onde você está. Por que não te dou meu telefone e a gente…

— Não posso ir para *casa*. — Ela se virou para a janela e jogou a cinza fora com seu dedo experiente. — Na verdade eu… eu nem deveria estar aqui. Deveria estar na escola. Fico no internato de segunda a sexta. Eles vão surtar quando descobrirem que não estou lá.

Ela pegou o celular como se tivesse pensado melhor, fez uma careta para o que quer que tenha visto na tela e em seguida o enfiou de volta no bolso.

— Bem… não sei o que posso fazer além de…

— Achei que talvez eu pudesse ficar aqui… Só por esta noite. E depois você poderia me contar mais coisas sobre ele.

— Ficar *aqui*? Não. Não. Sinto muito, mas não pode. Não conheço você.

— Mas conhecia meu pai. Você disse que acha que ele não sabia sobre mim?

— Você precisa ir para casa. Olhe, vamos ligar para os seus pais. Eles podem vir buscar você. Vamos fazer isso e eu…

Ela olhou fixo para mim.

— Achei que você fosse me ajudar.

— Eu vou, Lily, mas essa não é a maneira de…

— Você não acredita em mim, não é?

— Eu… não tenho ideia do que…

— Você não quer ajudar. Não quer fazer nada. O que realmente me contou sobre meu pai? Nada. De que maneira me ajudou? De nenhuma.

Obrigada.

— Espere aí! Isso não é justo. A gente acabou de…

Mas a garota jogou a guimba do cigarro pela janela e deu meia-volta para passar por mim e sair da sala.

— O quê? Aonde você está indo?

— Ah, o que *você* tem a ver com isso? — retrucou ela, e, antes que eu pudesse falar mais alguma coisa, bateu a porta e foi embora.

* * *

Fiquei sentada no sofá sem me mexer, tentando digerir o que acontecera na hora que tinha se passado, com a voz de Lily ecoando em meus ouvidos.

Será que eu tinha escutado direito? Repassei o que ela me contou, tentando recordar tudo através do zumbido na orelha.

Will Traynor era meu pai.

Aparentemente a mãe de Lily dissera que Will não a quisera. Mas com certeza ele teria mencionado algo para mim. Não guardávamos segredos um do outro. Éramos as duas pessoas que tinham conseguido falar sobre tudo, não? Por um instante, hesitei: será que Will não fora tão sincero comigo quanto eu achava? Será que ele de fato tinha a capacidade de simplesmente apagar uma filha da consciência?

Meus pensamentos estavam confusos. Peguei meu laptop, me sentei de pernas cruzadas no sofá e digitei "Lily Hawton Miller" no mecanismo de busca. Como não apareceu nenhum resultado, tentei de novo com várias grafias, entre elas Lily Houghton-Miller, que exibiu vários resultados de partidas de hóquei publicados por uma escola chamada Upton Tilton, em Shropshire. Cliquei para abrir algumas imagens, e, ao dar zoom, lá estava ela, uma garota séria numa fila de jogadoras de hóquei. *Lily Houghton-Miller fez uma defesa corajosa, ainda que malsucedida.* A data era de dois anos atrás. Internato. Ela disse que deveria estar lá. Mas isso ainda não significava que tivesse algum parentesco com Will, nem que sua mãe tivesse contado a verdade sobre sua ascendência.

Alterei a busca apenas para "Houghton-Miller" e encontrei uma nota sobre a presença de Francis e Tanya Houghton-Miller em um jantar de negócios no Hotel Savoy e um pedido de licença do ano anterior para a construção de uma adega subterrânea numa casa em St. John's Wood.

Recostei-me na cadeira, pensando, depois pesquisei "Tanya Miller" e

"William Traynor". Não obtive nenhum resultado. Tentei de novo, usando

"Will Traynor", e fui parar numa conversa do Facebook de dezoito meses antes,

de alunos da Universidade de Durham, em que várias mulheres, todas com nomes que pareciam terminar em "ella", como Estella, Fenella, Arabella, discutiam a morte de Will.

Não consegui acreditar quando ouvi no noticiário. Logo ele! RIP, Will.

Ninguém passa ileso pela vida. Sabiam que Rory Appleton morreu nas Ilhas Turcas e Caicos, num acidente de lancha?

Ele não estudava geografia? Era ruivo?

Não. Filosofia, Política e Economia.

Tenho certeza de que fiquei com Rory na Festa dos Calouros. Ele tinha uma língua enorme.

Não estou de brincadeira, Fenella, isso é de mau gosto. O coitado está morto.

Não foi Will Traynor que saiu com Tanya Miller durante o terceiro ano inteiro?

Não sei por que é de mau gosto dizer que beijei alguém só porque a pessoa já faleceu.

Não estou dizendo que você precisa reescrever a história. Mas a mulher dele pode estar lendo isso e talvez ela não queira saber que o homem que ela ama enfiou a língua na boca de alguma garota.

Tenho certeza de que ela sabe que a língua dele era enorme. Quer dizer, ela se casou com ele.

Rory Appletown se casou?

Tanya se casou com um banqueiro. Aqui tem o link. Durante a faculdade, sempre achei que ela e Will iam se casar. Eles eram maravilhosos juntos.

Cliquei no link, que levou para a imagem de uma mulher loura magérrima com um coque habilmente desarrumado, sorrindo enquanto posava nos degraus de um cartório com um homem mais velho de cabelo escuro. Um pouco afastada, no canto da foto, havia uma garota de cara amarrada usando um vestido de tule branco. Tinha uma óbvia semelhança com a Lily Houghton-Miller que eu conhecera. Mas a imagem era de sete anos antes e na verdade também poderia ser de qualquer daminha de honra emburrada de cabelo castanho-claro comprido.

Reli a conversa e fechei o laptop. O que eu deveria fazer? Se ela realmente fosse filha de Will, será que eu deveria ligar para a escola? Eu tinha quase certeza de que havia regras quanto a desconhecidos que tentavam entrar em contato com adolescentes.

E se isso fosse um golpe? Will morreu rico. Não era improvável que alguém pudesse conceber um plano detalhado para arrancar dinheiro da família dele. Quando Chalky, um amigo do meu pai, morreu após sofrer um ataque cardíaco, dezessete pessoas apareceram no velório dizendo à esposa que o falecido devia dinheiro de aposta.

Decidi ficar afastada. Havia enorme potencial para sofrimento e transtorno caso eu entendesse mal as coisas.

Mas, quando fui para a cama, foi a voz de Lily que ouvi, ecoando pelo apartamento silencioso.

Will Traynor era meu pai.

6

— Desculpe. Meu despertador não tocou.

Passei depressa por Richard e pendurei o casaco no gancho, descendo minha saia sintética pelas coxas.

— Quarenta e cinco minutos de atraso. Isso é inaceitável.

Eram oito e meia. Reparei que não havia ninguém além de nós dois no bar.

Carly tinha saído: nem se dera o trabalho de avisar Richard pessoalmente. Apenas mandou uma mensagem de texto para dizer que devolveria aquele maldito uniforme no fim da semana e que, como lhe deviam duas semanas de férias, estava descontando do maldito aviso prévio. *Se ela ao menos tivesse lido o manual dos funcionários*, dissera ele irritado, *saberia que substituir férias por aviso prévio* é *totalmente inaceitável. Estava no Parágrafo Três, claro como água,* se *ela tivesse se importado em dar uma olhada. E o palavreado dela era simplesmente desnecessário.*

Ele estava procurando uma substituta. O que significava que, até isso ser decidido, haveria só eu. E Richard.

— Sinto muito. Aconteceu… uma coisa lá em casa.

Eu tinha acordado sobressaltada às sete e meia. Passara vários minutos sem conseguir lembrar em que país estava e qual era o meu nome, então continuei deitada na cama, incapaz de me mexer enquanto refletia sobre os acontecimentos da noite anterior.

— Um bom funcionário não mistura vida pessoal com trabalho —

comentou Richard ao passar por mim com sua prancheta.

Fiquei parada observando-o se afastar, me perguntando se ao menos ele tinha vida pessoal. Parecia que nunca ficava em casa.

— Bem, pois é. Um bom patrão não obriga o funcionário a usar um uniforme que até uma casa noturna teria rejeitado por ser vulgar —

resmunguei, enquanto digitava meu código na caixa, puxando a barra da saia de Lurex com a mão livre.

Ele se virou depressa e veio do outro lado do bar.

— O que foi que você disse?

— Nada.

— Disse, sim.

— Falei que não me esquecerei disso da próxima vez. Muito obrigada por me lembrar.

Sorri docemente para ele.

Richard ficou me olhando por vários segundos a mais do que seria confortável para qualquer um de nós. E depois completou:

— A faxineira está doente de novo. Você vai ter que limpar o banheiro masculino antes de começar o trabalho no bar.

Ele tinha um olhar firme, que me desafiava a dizer alguma coisa. Mas lembrei que não podia me dar o luxo de perder o emprego. Engoli em seco.

— Está bem.

— Ah, e o cubículo três está imundo.

— Que maravilha — falei.

Ele girou nos calcanhares lustrosos e voltou para sua sala. Atirei flechas mentais de vodu na sua nuca durante todo o caminho.

* * *

— Esta semana o Grupo Seguindo em Frente vai abordar o tema da culpa: a culpa do sobrevivente, a culpa de não termos feito o bastante… São esses sentimentos que costumam nos impedir de seguir adiante.

Marc esperou que passássemos a lata de biscoitos e depois inclinou-se para a frente na cadeira de plástico, com as mãos cruzadas no colo. Fingiu não ouvir o burburinho de descontentamento por não ter biscoito recheado.

— Eu perdia muito a paciência com Jilly — disse Fred, quebrando o silêncio. — Quer dizer, quando ela teve demência. Ela guardava os pratos sujos nos armários da cozinha, e eu só os encontrava dias depois e… fico com vergonha de dizer, mas gritei com ela, sim, algumas vezes. — Ele enxugou os olhos. — Antes ela tinha muito orgulho da casa. Isso foi o pior.

— Você conviveu com a demência de Jilly por muito tempo, Fred. Teria que ser sobre-humano para não achar estressante.

— Pratos sujos me enlouqueceriam — disse Daphne. — Acho que eu teria gritado alguma coisa horrível.

— Mas não era culpa dela, certo? — Fred endireitou-se na cadeira. —

Estou sempre pensando nesses pratos. Quem me dera poder voltar atrás.

Eu os lavaria sem reclamar. Daria apenas um grande abraço nela.

— Fico fantasiando sobre homens no metrô — revelou Natasha. — Às vezes, enquanto desço a escada rolante, troco olhares com algum homem aleatório que está subindo. E, antes mesmo de chegar à plataforma, já estou criando um relacionamento inteiro com ele na minha cabeça, em que ele desce correndo a escada rolante porque simplesmente tem certeza de que há alguma coisa mágica entre nós, e ficamos parados ali, olhando um para o outro no meio da multidão de passageiros de Picadilly, depois vamos beber alguma coisa e, de repente, estamos…

— Parece um filme do Richard Curtis — disse William.

— Gosto dos filmes do Richard Curtis — comentou Sunil. —

Especialmente aquele sobre a atriz e o homem de cueca.

— *Um Lugar Chamado Shepherd's Bush* — falou Daphne.

Houve uma pequena pausa.

— Acho que é *Um Lugar Chamado Notting Hill*, Daphne — corrigiu Marc.

— Prefiro a versão da Daphne. O que foi? — disse William, bufando. —

Não temos mais permissão para rir?

— Então na minha cabeça já estamos nos casando— prosseguiu Natasha.

— E, de pé no altar, penso: o que estou fazendo? Faz só três anos que Olaf morreu e estou fantasiando sobre outros homens.

Marc se recostou na cadeira.

— Depois de três anos sozinha, não acha que isso é natural? Fantasiar sobre outros relacionamentos?

— Mas se eu tivesse amado Olaf de verdade, com certeza não pensaria em mais ninguém.

— Não vivemos mais na Era Vitoriana — disse William. — Você não precisa ficar de luto até a velhice .

— Se fosse eu que tivesse morrido, odiaria imaginar Olaf se apaixonando por outra pessoa.

— Você não saberia — observou William. — Estaria morta.

— E você, Louisa? — Marc tinha reparado no meu silêncio. — Sente culpa?

— A gente pode… pode passar para outra pessoa?

— Sou católica — comentou Daphne. — Sinto culpa por tudo. São as freiras, sabe.

— O que você acha difícil nesse assunto, Louisa?

Tomei um gole do café. Sentia que todo mundo estava me olhando.

Vamos, disse a mim mesma, engolindo em seco.

— O fato de não ter conseguido impedi-lo — confessei. — Às vezes acho que se eu tivesse sido mais inteligente, ou… se tivesse lidado com as coisas de outra maneira… ou simplesmente tivesse sido mais, sei lá, qualquer coisa.

— Você se sente culpada pela morte do Bill porque acha que poderia tê-la impedido?

Puxei um fio da roupa. Quando saiu na minha mão, pareceu soltar alguma coisa no meu cérebro.

— E por estar levando uma vida que é muito diferente da que prometi a ele. Também me sinto culpada porque ele praticamente pagou meu apartamento, sendo que minha irmã talvez nunca arranje dinheiro para ter o dela. E por nem sequer gostar muito de morar lá, pois não parece meu, e dá a impressão de ser errado arrumá-lo, afinal tudo o que associo ao lugar é o fato de que Wi… Bill morreu e de alguma forma lucrei com isso.

Houve um breve silêncio.

— Você não deveria se sentir culpada por causa de um imóvel — disse Daphne.

— Quem me dera que alguém deixasse um apartamento para mim —

confessou Sunil.

— Mas esse é um final de conto de fadas, não é? O cara morre, todo mundo aprende alguma coisa, segue em frente e cria algo maravilhoso a partir da morte dele. — Comecei a falar sem pensar. — Só que eu não fiz nenhuma dessas coisas. Basicamente falhei em tudo.

— Meu pai chora quase toda vez que transa com alguém que não é minha mãe — revelou Jake, contorcendo as mãos e nos olhando por baixo da franja. — Ele seduz as mulheres para dormirem com ele, depois sente prazer em estar triste. É como se não tivesse problema, desde que ele se sinta culpado.

— Você acha que ele usa a culpa como apoio psicológico.

— Só acho que ou você transa e fica feliz com isso…

— Eu não me sentiria culpado por estar fazendo sexo… — opinou Fred.

— Ou trata as mulheres como seres humanos e se dá conta de que não tem por que se sentir culpado. Ou então não dorme com ninguém e preza a memória da minha mãe até que esteja realmente pronto para seguir em frente.

Sua voz embargou com a palavra *preza* e a mandíbula ficou tensa. A essa altura já estávamos acostumados com o enrijecimento súbito das expressões, e uma gentileza tácita do grupo consistia em todo mundo desviar os olhos até qualquer lágrima em potencial desaparecer.

Marc tinha um tom de voz gentil.

— Já contou ao seu pai como se sente, Jake?

— A gente não fala sobre a minha mãe. Ele fica bem desde que, sabe, o nome dela não seja mencionado.

— Isso é um fardo e tanto para você carregar sozinho.

— É. Bem… Por isso estou aqui, não é?

Houve um breve silêncio.

— Coma um biscoito, Jake querido — ofereceu Daphne.

Passamos de novo a lata pela roda, e nos sentimos um pouco mais tranquilos, de alguma forma que ninguém conseguia explicar muito bem, porque Jake finalmente pegou um.

Eu não parava de pensar em Lily. Quase não prestei atenção na história de quando Sunil chorou na padaria do supermercado e por pouco não fiz uma expressão compreensiva pelo gesto solitário de Fred, que marcara o aniversário de Jilly com balões metálicos. Durante dias, toda aquela situação com Lily ganhara um teor de sonho, ao mesmo tempo vívido e surreal.

Como Will poderia ter uma filha?

* * *

— Você não parece contente.

O pai de Jake estava encostado na moto quando passei pelo estacionamento da igreja.

Parei na frente dele.

— É uma terapia de luto. Dificilmente vou sair sapateando.

— Justo.

— Não é o que você está pensando. Quer dizer, não sou eu — falei. —

Tem a ver com… uma adolescente.

Ele inclinou a cabeça para trás, olhando para Jake às minhas costas.

— Ah. Certo. Bem, me solidarizo com você. Parece jovem para ter uma filha adolescente, se não se importa que eu comente.

— Ah. Não. Não é minha! É… complicado.

— Eu adoraria lhe dar conselhos. Mas não sei nada. — Deu um passo à frente e abraçou Jake, o que o garoto tolerou, fechando a cara. — Está tudo bem, rapaz?

— Tranquilo.

— Tranquilo — repetiu Sam, me olhando de soslaio. — Pronto. A resposta universal de todos os adolescentes para tudo. Guerra, miséria, prêmio de loteria, fama global. Está tudo *tranquilo.*

— Você não precisava me buscar. Vou para a casa da Jools.

— Quer uma carona?

— Ela mora, tipo, ali. Naquele prédio. — Jake apontou. — Acho que consigo chegar lá sozinho.

A expressão de Sam permaneceu a mesma.

— Então será que da próxima vez você poderia me mandar uma mensagem? Me poupa de ficar esperando aqui.

Jake deu de ombros e saiu com a mochila no ombro. Ficamos em silêncio observando-o se afastar.

— Vejo você mais tarde, hein, Jake?

O menino ergueu a mão sem olhar para trás.

— Muito bem — falei. — Agora me sinto um pouquinho melhor.

Sam balançou de leve a cabeça. Ficou vendo o filho se distanciar, como se ainda não conseguisse suportar a ideia de deixá-lo ir.

— Alguns dias ele sente mais do que em outros. — Em seguida se virou para

mim. — Quer tomar um café ou alguma outra coisa, Louisa? Só para que eu não me sinta o maior otário do mundo? *É* Louisa, não é?

Pensei no que Jake dissera naquela noite: *Na sexta-feira, meu pai levou para casa uma loura psicopata chamada Mags, que é obcecada por ele.*

Enquanto ele tomava banho, ela ficou me perguntando se meu pai falava dela quando não estava lá.

O mulherengo compulsivo. Mas ele era bem simpático e me ajudara na ambulância. Além do mais, a alternativa era passar outra noite em casa me perguntando o que estava passando pela cabeça de Lily Houghton-Miller.

— Só se falarmos sobre qualquer coisa, menos adolescentes.

— Podemos falar sobre sua roupa?

Olhei para minha saia de Lurex verde e meus sapatos de dança irlandeses.

— De jeito nenhum.

— Não custa tentar — disse ele, subindo na moto.

* * *

Nós nos sentamos do lado de fora de um bar quase vazio perto do meu apartamento. Ele bebeu café, e eu, um suco de fruta.

Eu tinha tempo de observá-lo disfarçadamente, pois não precisava me esquivar de carros num estacionamento nem estava amarrada a uma maca de hospital. O nariz dele era um pouco grande e os olhos se enrugavam de uma maneira que insinuava que ele já vira os mais diversos comportamentos humanos, dos quais, talvez, não tenha achado graça. Era alto e musculoso, com feições de alguma forma mais grosseiras que as de Will, mas se movia com delicadeza, como se procurasse se esforçar para não estragar as coisas por causa de seu tamanho. Ficou evidente que ele se sentia mais à vontade ouvindo do que falando, ou talvez eu achasse desconcertante ficar sozinha com um homem após tanto tempo e por isso estivesse falando sem parar. Contei sobre o meu trabalho no bar, fazendo-o rir de Richard Percival e dos horrores da minha roupa, e comentei como tinha sido estranho passar um tempo na casa dos meus pais outra vez, mencionei também as piadas sem graça do meu pai, vovô e os donuts e a forma não ortodoxa como meu sobrinho usara uma caneta azul. Mas, enquanto falava, eu tinha consciência, o que acontecia com frequência atualmente, dos assuntos que eu não abordava: Will, o acontecimento surreal da noite anterior, minha vida.

Com Will, nunca tive que ponderar sobre o que dizia: conversar com ele era tão natural quanto respirar. Mas acabei aprendendo a não falar nada sobre mim mesma.

Ele ficou apenas sentado, assentindo com a cabeça em determinados momentos, observando o tráfego, enquanto bebericava seu café, como se achasse perfeitamente normal sair com uma desconhecida que falava pelos cotovelos e usava uma minissaia de Lurex verde.

— E como é que está o seu quadril? — perguntou ele, quando fiz uma pausa, por fim.

— Nada mal. Só que eu gostaria muito de não mancar mais.

— Você vai chegar lá, se continuar com a fisioterapia. — Por um instante, ouvi aquela voz do fundo da ambulância. Calma, imperturbável e tranquilizadora. — E as outras lesões?

Olhei para o meu corpo, como se conseguisse enxergar através da roupa.

— Bom, tirando o fato de parecer que me riscaram toda com uma caneta de cor vermelho-vivo, estou bem.

Sam balançou a cabeça.

— Você teve sorte. Foi uma queda e tanto.

E surgiu aquilo de novo: o frio na minha barriga, o ar sob meus pés.

Nunca se sabe o que vai acontecer quando se cai de uma grande altura.

— Eu não estava tentando…

— Já falou isso.

— Mas acho que ninguém acredita realmente em mim.

Trocamos um sorriso sem graça e por um instante fiquei questionando se ele também não acreditava.

— Então… você resgata muita gente que cai do alto de prédios?

Ele negou com a cabeça e olhou para o outro lado da rua.

— Só os pedaços. Ainda bem que no seu caso os pedaços se encaixaram de volta.

Ficamos em silêncio por mais algum tempo. Eu continuava pensando no que devia dizer, mas estava tão desacostumada a ficar sozinha com um homem — sóbria, pelo menos — que perdia a coragem e abria e fechava a boca feito um peixinho.

— Então quer me contar sobre essa adolescente? — sugeriu Sam.

Era um alívio explicar aquilo a alguém. Contei sobre a batida à porta tarde da noite, sobre nosso encontro bizarro, o que eu vira no Facebook e o jeito como ela fugira antes que eu tivesse a chance de decidir o que devia fazer.

— Nossa — disse ele, quando terminei. — Isso é… — Ele balançou ligeiramente a cabeça. — Acha que ela é quem diz ser?

— Ela parece um pouco com ele, sim. Mas, para ser sincera, não sei. Será que estou procurando sinais? Estou vendo o que quero ver? É possível.

Passo metade do tempo pensando em como é incrível que tenha restado alguma coisa dele e a outra me perguntando se sou uma idiota completa. E

tem muita coisa no meio. Por exemplo, se ela é mesmo filha dele, então como pode ser justo que nunca a tenha conhecido? E como os pais dele devem lidar com isso? Será que conhecê-la teria feito ele mudar de ideia? E

se esse fosse o detalhe capaz de convencê-lo… — Minha voz sumiu.

Sam recostou-se na cadeira, com a testa franzida.

— E esse homem é o motivo de você frequentar o grupo.

— É.

Eu conseguia senti-lo me observando, talvez reavaliando o que Will significara para mim.

— Não sei o que fazer — falei. — Não sei onde procurá-la, ou se deveria deixar isso tudo para lá.

Ele olhou para a rua, pensativo. Em seguida disse:

— Bem, o que ele teria feito?

De repente, titubeei. Todos os meus pensamentos evaporaram quando olhei atentamente para aquele homem de olhar penetrante, com uma barba que não

era feita havia pelo menos dois dias e mãos bondosas e competentes.

— Você está bem?

Tomei um grande gole do suco, tentando disfarçar que meus sentimentos estavam estampados no rosto. Então, sem nenhum motivo aparente, fiquei com vontade de chorar. Era demais. Aquela noite estranha, desestabilizadora. O fato de Will ter aparecido de novo, sempre presente em todas as conversas. Visualizei repentinamente seu rosto, aquela sobrancelha irônica erguida, como se perguntasse: *Que diabo você está aprontando agora, Clark?*

— Foi só… um dia longo. Na verdade, você se importaria se eu…

Sam afastou a cadeira, levantando-se.

— Não. Não. Vá. Desculpe. Não achei que…

— Foi muito legal. É só que…

— Sem problemas. Foi um dia longo. E ainda tem o luto. Eu entendo. Não, não, não se preocupe — disse ele, quando peguei minha bolsa. — Mesmo.

Posso pagar seu suco de laranja.

Acho que devo ter corrido até o carro, apesar de estar mancando. Senti seus olhos fixos em mim durante todo o caminho.

* * *

Parei no estacionamento e soltei o ar que eu tinha a impressão de estar prendendo desde que saíra do bar. Olhei para a loja da esquina, depois de novo para o meu apartamento, e decidi que não queria ser sensata. Eu queria vinho, várias taças grandes de vinho, até ser capaz de me persuadir a parar de olhar para trás. Ou talvez a não olhar para nada, no fim das contas.

Meu quadril doeu quando desci do carro. E doía com frequência desde que Richard aparecera. O fisioterapeuta no hospital me dissera para não passar muito tempo em pé. Mas eu ficava apavorada só de pensar em comunicar isso ao meu patrão.

Entendi. Então você trabalha num bar, mas quer ter permissão para passar o dia sentada, é isso?

Aquela expressão insolente de quem se prepara para exercer uma gerência

medíocre, aquele corte de cabelo cuidadosamente indefinido, o ar enfadonho de superioridade, embora ele fosse apenas dois anos mais velho que eu. Fechei os olhos e tentei desfazer o nó de ansiedade na minha barriga.

— Só isso, por favor — falei, colocando uma garrafa gelada de Sauvignon Blanc no caixa.

— Festa, é?

— O quê?

— Sua fantasia. Você vai de… Não me conte ainda. — Samir coçou o queixo. — Branca de Neve?

— Isso mesmo — respondi.

— É bom tomar cuidado com isso. São calorias vazias, não são? É melhor tomar vodca, que é uma bebida limpa. Talvez com uma rodela de limão. É o que falo para Ginny, que mora ali na frente. Você sabia que ela é dançarina erótica? Essas mulheres precisam cuidar da forma.

— Conselho de dieta. Legal.

— É como toda essa questão sobre o açúcar. Tem que tomar cuidado. Não adianta comprar coisas com baixo teor de gordura se são cheias de açúcar, não é mesmo? São as calorias vazias. Bem aí nessa garrafa. E o açúcar industrializado é ainda pior porque gruda no nosso intestino.

Ele registrou o vinho e me deu o troco.

— O que você está comendo, Samir?

— Macarrão instantâneo sabor bacon defumado. É bom, cara.

Quando a vi, eu estava imersa em meus pensamentos, em algum ponto obscuro entre meu quadril dolorido, meu desespero existencial relacionado ao trabalho e um estranho desejo súbito por macarrão instantâneo sabor bacon defumado. Ela estava no portão do meu prédio, sentada no chão, abraçando os joelhos. Peguei meu troco com Samir e atravessei a rua meio andando, meio correndo.

— Lily?

Ela ergueu lentamente o olhar. E com os olhos injetados, como se tivesse chorado, disse com uma voz arrastada:

— Ninguém me deixou entrar. Toquei todas as campainhas, mas ninguém me deixou entrar.

Eu me atrapalhei na hora de enfiar a chave no portão e escorei-a com a bolsa, me agachando ao seu lado.

— O que aconteceu?

— Só quero dormir — disse ela, esfregando os olhos. — Estou muito, muito cansada. Queria pegar um táxi para casa, mas não tinha dinheiro.

Senti o cheiro azedo de álcool.

— Você está bêbada?

— Não sei. — Ela piscou para mim, inclinando a cabeça. Então me perguntei se era só bebida. — Se eu não estiver, você virou um leprechaun.

— Ela apalpou os bolsos. — Ah, olhe… olhe o que eu tenho! — Lily mostrou um cigarro enrolado e, pelo cheiro, até eu conseguia perceber que não era só tabaco. — Vamos fumar um, Lily — disse ela. — Ah, não. Você é Louisa.

Eu sou Lily.

Ela riu e, tirando canhestramente um isqueiro do bolso, tentou acender a ponta errada.

— Muito bem. Hora de ir para casa. — Peguei o cigarro da mão dela e, ignorando seus vagos protestos, pisoteei-o com firmeza. — Vou chamar um táxi para você.

— Mas eu não…

— Lily!

Ergui os olhos. Havia um rapaz parado do outro lado da rua, as mãos nos bolsos da calça jeans, observando-nos fixamente. Lily o encarou, mas em seguida desviou os olhos.

— Quem é esse? — perguntei.

Ela olhou para os próprios pés.

— Lily. Venha cá. — A voz dele era marcada pela segurança da posse.

O garoto estava em pé, com as pernas ligeiramente afastadas, como se mesmo daquela distância esperasse que ela obedecesse. No mesmo instante, algo me deixou inquieta.

Ninguém se mexeu.

— É o seu namorado? Quer falar com ele? — perguntei baixinho.

Não consegui entender a primeira resposta que ela deu. Tive que me aproximar e pedir para que ela repetisse.

— Mande ele embora. — Ela fechou os olhos e virou o rosto para a porta.

— Por favor.

Ele começou a atravessar a rua na nossa direção. Fiquei parada e tentei fazer minha voz soar o mais autoritária possível.

— Pode ir agora, obrigada. Lily vai entrar comigo. — Ele parou no meio da rua. Sustentei seu olhar. — Pode falar com ela outra hora, está bem?

Peguei o interfone e comecei a murmurar para um namorado imaginário musculoso, de pavio curto.

— Isso. Pode descer e me dar uma mão, Dave? Obrigada.

A expressão do rapaz sugeria que aquilo ainda não tinha acabado. Então ele se virou, pegou o celular no bolso e, enquanto se afastava, começou a conversar com urgência e em voz baixa com alguém, ignorando a buzina do táxi que precisou desviar dele e dando apenas uma rápida olhada para nós duas às suas costas.

Suspirei, tremendo um pouco mais do que gostaria. Depois enfiei as mãos embaixo das axilas de Lily Houghton-Miller de forma nada elegante e, dizendo vários palavrões abafados, consegui arrastá-la até a portaria.

* * *

Naquela noite ela dormiu no meu apartamento. Não consegui pensar no que mais podia fazer com ela. Lily vomitou duas vezes no banheiro, me expulsando quando tentei segurar seu cabelo. Ela se recusou a me dar o número do telefone de sua casa, ou talvez não conseguisse lembrar, e seu celular era bloqueado por senha. Limpei-a, ajudei-a a vestir uma calça de moletom e uma camiseta e a levei até a sala.

— Você arrumou aqui! — exclamou ela, como se eu tivesse feito aquilo só para ela.

Eu a forcei a beber um copo d'água e a coloquei deitada de lado no sofá, embora àquela altura eu tivesse quase certeza de que não havia mais nada para sair de dentro dela.

Quando ergui sua cabeça e a apoiei no travesseiro, ela abriu os olhos, como se me reconhecesse pela primeira vez.

— Desculpe — falou tão baixinho que, por um instante, fiquei sem ter certeza absoluta de que foi isso mesmo que ela disse.

Seus olhos brilharam brevemente quando as lágrimas brotaram. Cobri-a com uma manta e observei-a pegar no sono: seu rosto pálido, as olheiras arroxeadas, as sobrancelhas arqueadas assim como as de Will, as mesmas sardas tênues.

Já um pouco tarde, tranquei a porta do apartamento e levei a chave para o quarto comigo, enfiando-a embaixo do travesseiro para impedir que Lily roubasse qualquer coisa, ou que simplesmente fosse embora, eu não sabia muito bem o motivo. Fiquei deitada sem conseguir dormir, a mente ainda ocupada com o barulho das sirenes e do aeroporto e com as expressões desconsoladas no salão da igreja, com o olhar severo e cúmplice do rapaz do outro lado da rua e com o fato de ter uma pessoa que não passava de uma desconhecida dormindo sob o meu teto. E, o tempo todo, uma voz perguntava: *o que você está fazendo?*

O que mais eu poderia ter feito? Por fim, pouco depois de os pássaros terem começado a cantar e a van da padaria ter feito sua entrega diária lá embaixo, meus pensamentos foram se aquietando e adormeci.

7

Senti cheiro de café. Demorei vários segundos para me perguntar por que meu apartamento estava impregnado com esse cheiro. Quando a ficha caiu, me empertiguei e pulei da cama, puxando o capuz sobre a cabeça.

Ela estava sentada de pernas cruzadas no sofá, fumando, usando minha única caneca boa como cinzeiro. A televisão tinha sido ligada — em um programa infantil louco, no qual as apresentadoras usavam roupas berrantes e faziam caretas — e havia dois copos de isopor no console da lareira.

— Ah, oi. O da direita é o seu — disse ela, virando-se só por um instante para mim. — Eu não sabia do que você gostava, então trouxe café americano.

Pisquei, franzindo o nariz por causa do cheiro de cigarro. Atravessei a sala e abri uma janela. Depois olhei para o relógio.

— Já é essa hora?

— É. Pode ser que o café esteja um pouco frio. Eu não sabia se devia acordar você.

— É meu dia de folga — falei, indo pegar o café, que estava quente o suficiente. Tomei um gole, agradecida, e depois olhei para o copo. — Espere aí. Como foi que você arranjou esses cafés? Tranquei a porta da frente.

— Desci pela escada de incêndio — respondeu ela. — Como eu não tinha dinheiro, contei ao cara da padaria de quem era o apartamento e ele falou que você podia pagar depois. Ah, e você também deve a ele dois bagels de salmão defumado com cream cheese.

— Devo? — Eu queria ficar brava, mas de repente senti muita fome.

Ela seguiu meu olhar.

— Ah. Esses eu comi. — Ela soprou a fumaça para o meio da sala. — Não tinha muita coisa na geladeira. Você realmente precisa arrumar esse lugar.

A Lily daquela manhã era uma personagem muito diferente da garota que tirei da rua na noite passada, e era difícil acreditar que fossem a mesma pessoa. Voltei para o meu quarto no intuito de me vestir, escutando-a assistir à televisão e entrar de mansinho na cozinha para pegar alguma bebida.

— Ei, coisinha… Louise. Pode me emprestar algum dinheiro? — gritou ela.

— Se é para encher a cara de novo, não.

Ela entrou no meu quarto sem bater. Parei no meio do movimento de tirar o moletom.

— Posso passar a noite aqui?

— Preciso falar com sua mãe, Lily.

— Para quê?

— Tenho que saber um pouco mais sobre o que realmente está acontecendo.

Ela ficou parada na porta.

— Então você não acredita em mim.

Fiz sinal para ela se virar, para que eu colocasse o sutiã.

— Acredito em você, sim. Mas esse é o trato. Se quer alguma coisa de mim, primeiro preciso saber um pouco mais sobre você.

Enquanto eu enfiava a camiseta pela cabeça, ela tornou a se virar.

— Fique à vontade. Preciso pegar mais roupas, de qualquer jeito.

— Por quê? Onde você está morando?

Ela se afastou de mim como se não tivesse escutado, cheirando a própria axila.

— Posso usar seu chuveiro? Estou fedendo.

* * *

Uma hora depois, fomos de carro até St. John's Wood. Eu estava exausta, tanto por causa dos acontecimentos da noite anterior quanto devido à estranha energia que Lily emanava ao meu lado. Ela não parava quieta, fumava um cigarro atrás do outro, depois ficava calada, imersa num silêncio tão profundo que eu quase conseguia sentir o peso dos seus pensamentos.

— Então, quem era ele? Aquele cara da noite passada? — Mantive o rosto voltado para a frente e a voz neutra.

— Ninguém importante.

— Você me disse que ele era seu namorado.

— Então ele era. — Sua voz ficou mais seca e ela fechou a cara.

Ao nos aproximarmos da casa de seus pais, ela cruzou os braços no peito, puxando os joelhos até o queixo, o olhar fixo e desafiador, como se travasse uma batalha silenciosa. Cheguei a me perguntar se Lily me dissera a verdade sobre St. John's Wood, mas ela apontou para uma larga rua arborizada, me falou para virar na terceira à esquerda e de repente chegamos ao tipo de rua onde diplomatas ou banqueiros americanos moram, o tipo de rua que parece nunca ter movimento algum. Estacionei o carro, observando as construções elegantes, as cercas vivas cuidadosamente podadas e as impecáveis floreiras de janela.

— Você mora *aqui*?

Ao sair, ela bateu a porta do carona com tanta força que meu pequeno carro chacoalhou.

— Não moro aqui. *Eles* moram.

* * *

Lily entrou com a própria chave e eu a segui, constrangida, me sentindo uma intrusa. Estávamos em um hall espaçoso de pé-direito alto, com assoalhos de parquete e, na parede, um enorme espelho de moldura dourada onde vários convites disputavam o espaço. Em cima de uma mesinha antiga havia um vaso com um lindo arranjo de flores. O ambiente estava perfumado com a fragrância das flores.

Ouvia-se uma comoção no andar de cima, possivelmente vozes infantis.

Era difícil distinguir.

— Meus meios-irmãos — disse Lily com desdém.

Ela atravessou a cozinha, aparentemente esperando que eu fosse atrás.

Era um cômodo enorme, em um tom cinza modernista, com uma bancada interminável de concreto polido bege. Tudo ali parecia muito caro, desde a torradeira Dualit à cafeteira, que era tão grande e complexa que parecia saída de um café milanês. Lily abriu a geladeira e analisou o interior, pegando, por fim, um pote com fatias de abacaxi fresco, as quais começou a comer com a mão.

— Lily? — chamou uma voz feminina e urgente no andar de cima. — Lily, é você?

Passos apressados desceram a escada. Lily revirou os olhos.

Uma mulher loura surgiu à porta. Ela olhou para mim, depois para Lily, que languidamente jogava uma fatia de abacaxi na boca. A mulher foi até ela e arrancou o pote de suas mãos.

— Por *onde* você andou? O pessoal da escola está muito aflito. Seu pai estava percorrendo a vizinhança de carro. Pensamos que você tinha sido assassinada! *Onde* você estava?

— Ele não é meu pai.

— Não banque a esperta comigo, mocinha. Você não pode simplesmente entrar aqui como se nada tivesse acontecido! Faz alguma ideia do transtorno que causou? Passei metade da noite acordada com seu irmão, depois não consegui dormir porque estava preocupada demais com o que poderia ter acontecido com você. Tive que cancelar nossa viagem para a casa da vovó Houghton porque não sabíamos onde você estava.

Lily olhava com tranquilidade para ela.

— Não sei por que se preocupou. Você não costuma se interessar em saber onde estou.

A mulher enrijeceu de raiva. Era magra, provavelmente à custa de dietas da moda ou compulsão por exercícios físicos. O cabelo tinha um corte e uma tintura caros para que não parecessem ter uma coisa nem outra. Ela usava uma calça jeans que presumi ser de grife. Mas o rosto, apesar de bronzeado, a traía: ela parecia exausta.

Virou-se para mim.

— É na sua casa que ela tem ficado?

— Bem, sim, mas…

A mulher me observou de cima a baixo e aparentemente não ficou muito animada com o que viu.

— Tem noção do problema que está causando? Faz alguma ideia de quantos anos ela tem? O que, afinal, você quer com uma garota dessa idade? Você deve ter, o quê, trinta anos?

— Na verdade, eu…

— É disso que se trata? — perguntou ela para a filha. — Você está tendo um caso com essa mulher?

— Ah, mãe, *cale* a boca. — Lily pegou o abacaxi de volta e ficou cutucando-o com o indicador. — Não é o que você pensa. Ela não fez nada disso. — Enfiou a última fatia da fruta na boca, fazendo uma pausa enquanto mastigava, talvez para causar um efeito dramático, antes de prosseguir: — Essa é a mulher que cuidava do meu pai. Do meu verdadeiro pai.

* * *

Tanya Houghton-Miller recostou-se nas incontáveis almofadas do sofá creme e mexeu seu café. Eu me empoleirei na beiradinha do assento, de frente para ela, e observei as enormes velas Diptyque e as revistas *Interiors* habilmente posicionadas. Eu estava com um pouco de medo de entornar o café no colo caso me recostasse do mesmo jeito que ela.

— Como conheceu minha filha? — perguntou a mulher, cansada.

O anular da sua mão esquerda ostentava dois dos maiores diamantes que eu já tinha visto.

— Na verdade, não conheci. Lily apareceu no meu apartamento. Eu não fazia ideia de quem ela era.

A mulher passou um minuto assimilando a informação.

— E você foi cuidadora de Will Traynor.

— Fui. Até ele morrer.

Houve uma breve pausa enquanto nós duas olhávamos para o teto, pois alguma coisa tinha acabado de quebrar acima de nossas cabeças.

— Meus filhos — disse ela, suspirando. — Eles têm alguns problemas de comportamento.

— Eles são do seu…?

— Não são de Will, se é o que está perguntando.

Ficamos ali em silêncio. Ou o mais perto possível disso, considerando que uma gritaria raivosa vinha do andar de cima. Houve mais um baque, seguido por um silêncio sinistro.

— Sra. Houghton-Miller. É verdade? Lily é filha de Will?

Ela ergueu ligeiramente o queixo.

— É.

Fiquei trêmula de repente e coloquei a xícara de café na mesa.

— Mas não entendo. Não entendo como…

— É bem simples. Will e eu ficamos juntos durante o último ano de faculdade.

Eu era completamente apaixonada por ele, é claro. Todo mundo era. E devo dizer que não foi unilateral, sabe? — Ela deu um sorrisinho e aguardou, como se presumisse que eu fosse dizer alguma coisa.

Não consegui. Como é que Will não tinha me contado sobre a filha?

Depois de tudo pelo que passamos…

Tanya prosseguiu:

— Enfim. Nós éramos o casal sensação do nosso grupo. Bailes, passeios de barco, viagens no fim de semana, sabe como é. Will e eu… bem, nós comparecíamos a todos os eventos. — Ela contou a história como se ainda estivesse fresca em sua memória, como se fosse algo que repassara muitas vezes na cabeça. — Mas no meio do baile de formatura, precisei sair correndo para ajudar minha amiga Liza, que tinha se metido numa confusão. Quando voltei, Will havia sumido. Eu não fazia ideia de onde ele estava. Então fiquei séculos esperando. Todo mundo foi embora, até que finalmente uma garota que eu nem conhecia muito bem veio me dizer que Will tinha saído com uma menina chamada Stephanie Loudon. Você não deve conhecê-la, mas ela sempre foi a fim dele. A princípio, não acreditei, mas mesmo assim fui até a casa dela, estacionei bem na frente e é claro que às cinco da manhã ele saiu, e os dois se beijaram na porta como se nem se importassem que alguém os visse. Quando saí do carro para confrontá-lo, ele nem sequer teve a delicadeza de ficar com vergonha. Simplesmente disse que não fazia sentido a gente se alterar, pois nossa relação nunca duraria para além da faculdade, afinal de contas.

“E aí, claro, a faculdade chegou ao fim, o que foi um alívio, para ser sincera, porque quem quer ser a garota que levou um fora de Will Traynor?

Mas foi muito difícil superar, afinal, tudo terminou de forma muito abrupta.

Depois que nos separamos e ele começou a trabalhar na City, escrevi perguntando se podíamos pelo menos sair e beber alguma coisa para que eu pudesse entender o que tinha dado errado. Até onde eu sabia, a gente havia sido muito feliz, sabe? E ele simplesmente mandou sua secretária me enviar um… *cartão* dizendo que sentia muito, mas a agenda de Will estava completamente lotada e ele estava sem tempo, mas me desejava tudo de bom. Tudo de bom.

Ela fez uma careta.

Estremeci por dentro. Mesmo eu não querendo acreditar na história dela, sua versão de Will tinha um terrível resquício de verdade. Ele mesmo enxergara seu

passado com absoluta clareza e confessara como tratara mal as mulheres quando era mais novo. (Suas palavras exatas foram: “Eu era um idiota completo.”)

Tanya continuava falando:

— E aí, cerca de dois meses depois, descobri que estava grávida. Já era tarde demais porque meus ciclos sempre foram irregulares e eu não havia percebido que dois não tinham vindo. Então decidi ir em frente e ter Lily.

Mas… — ela ergueu o queixo novamente, como se preparada para se defender — não adiantava contar a ele. Não depois de tudo o que tinha dito e feito.

Meu café havia esfriado.

— Não adiantava contar a ele?

— Will já havia deixado claro que não queria nada comigo. Ele agiria como se eu tivesse engravidado de propósito, para prendê-lo ou algo assim.

Fechei a boca ao notar que estava aberta.

— Mas… não acha que ele tinha o direito de saber, Sra. Houghton-Miller?

Não acha que ele ia querer conhecer a filha? Independentemente do que tenha acontecido entre vocês dois? — Ela apoiou a xícara. — A menina tem *dezesseis* anos — falei. — Devia ter quatorze, quinze, quando ele morreu. É

muito tempo…

— E a essa altura ela já tinha Francis. Ele era o pai dela. E tem sido muito bom para ela. Éramos uma família. Somos uma família.

— Não entendo…

— Will não *merecia* conhecer a filha. — As palavras dela ficaram entre nós. — Ele era um babaca, está bem? Will Traynor era um babaca egoísta.

— Ela afastou uma mecha de cabelo do rosto. — É óbvio que eu não sabia o que tinha acontecido com ele. Fiquei completamente chocada. Mas, para ser sincera, não posso afirmar que teria feito diferença.

Custei um pouco a encontrar a voz.

— Teria feito toda a diferença. Para ele.

Ela me olhou secamente.

— Will se matou — continuei, e minha voz falhou um pouco. — Ele pôs fim à própria vida porque não conseguia encontrar nenhum motivo para continuar vivendo. Se soubesse que tinha uma filha…

Ela se levantou.

— *Ah*, não. Não coloque a culpa disso em mim, mocinha. Ninguém vai fazer com que eu me sinta responsável pelo suicídio daquele homem. Você acha que minha vida já não é complicada o suficiente? Não se atreva a vir aqui me julgar. Se você tivesse que lidar com metade das coisas com as quais eu lido… Não. Will Traynor era um homem horrível.

— Will Traynor foi o melhor homem que já conheci.

Ela me olhou de cima a baixo.

— Sim. Bem, imagino que é provável que isso seja verdade.

Fiquei com a impressão de nunca ter antipatizado tanto com alguém logo de cara.

Eu já estava de pé para ir embora quando uma voz quebrou o silêncio.

— Então meu pai não sabia sobre mim.

Lily estava parada à porta. Tanya Houghton-Miller ficou pálida. Depois se recuperou.

— Eu estava poupando você do sofrimento, Lily. Eu conhecia Will muito bem e não estava preparada para fazer nenhuma de nós passar pela humilhação de tentar convencê-lo a participar de uma relação que ele não ia querer. — Ela alisou o cabelo. — E você realmente precisa parar com esse hábito horrível de ouvir a conversa dos outros. Acaba não entendendo as coisas direito.

Eu não conseguia ouvir mais nada. Fui até a porta no mesmo instante em que um garoto começou a gritar no andar de cima. Um caminhão de plástico saiu voando pelo vão da escada e se espatifou no primeiro andar.

Um rosto ansioso — de uma filipina? — olhou para mim por cima do corrimão. Comecei a descer os degraus da entrada.

— Aonde você vai?

— Desculpe, Lily. Bem… Quem sabe a gente conversa outra hora.

— Mas você não me contou nada sobre meu pai.

— Ele não era seu pai — retrucou Tanya Houghton-Miller. — Desde que você era pequena, Francis fez mais por você do que Will teria feito algum dia.

— Francis não é meu *pai* — rosnou a garota.

Outro estrondo no andar de cima e uma voz feminina gritando numa língua que eu não compreendia. Uma metralhadora de brinquedo disparava pequenas rajadas no ar. Tanya pôs as mãos na cabeça.

— Não consigo lidar com isso. Simplesmente não consigo.

Lily me alcançou à porta.

— Posso ficar com você?

— O quê?

— Na sua casa. Não posso ficar aqui.

— Lily, acho que não…

— Só esta noite. Por favor.

— Ah, sinta-se à vontade. Deixe ela ficar com você por um ou dois dias. É

uma ótima companhia. — Tanya acenou com a mão. — Educada, prestativa, encantadora. Um sonho de menina! — Sua expressão endureceu. — Vamos ver se funciona. Sabia que ela bebe? E fuma dentro de casa? E que foi suspensa da escola? Ela já contou todas essas coisas?

Lily parecia quase entediada, como se já tivesse escutado isso milhares de vezes.

— Nem se deu o trabalho de aparecer para as provas. Já fizemos tudo que era possível por ela. Terapeutas, as melhores escolas, professores particulares. Francis a trata como se fosse mesmo filha dele. E ela simplesmente joga tudo isso na nossa cara. Meu marido está enfrentando um momento muito difícil no banco, e os meninos têm os próprios problemas, mas ela não dá a mínima para a gente. Nunca deu.

— Como é que você pode *saber*? Passei metade da vida com babás. E

quando os garotos nasceram, você me mandou para o colégio interno.

— Eu não conseguia lidar com todos vocês! Fiz o que pude!

— Você fez o que *quis*, que foi recomeçar sua família perfeita sem mim. —

Lily se virou na minha direção. — Por favor? Só por um tempinho. Prometo que não vou atrapalhar você. Serei muito prestativa.

Eu deveria ter dito não. Sei que deveria. Mas estava com muita raiva daquela mulher. E só por um instante me senti como se tivesse que substituir Will, fazer o que ele não poderia.

— Ok — falei, e virei as costas no instante em que um grande bloco formado por peças Lego passou zunindo pelo meu ouvido e se espatifou em pedacinhos coloridos aos meus pés. — Pegue suas coisas. Espero você lá fora.

* * *

Lembro-me vagamente do resto do dia. Tiramos minhas caixas do quarto de hóspedes e levamos para o meu. Arrumei o cômodo para ela, ou pelo menos deixei menos parecido com um depósito, montando a persiana que eu nunca tinha conseguido endireitar e colocando um abajur e a mesa de cabeceira sobressalente. Comprei uma cama dobrável, e subimos com ela pela escada, carregando junto uma arara para pendurar suas poucas coisas, uma capa de edredom e fronhas. Ela pareceu gostar de ter um objetivo e estava muito à vontade com a ideia de se mudar para a casa de alguém que mal conhecia. Naquela noite observei-a arrumar seus poucos pertences no quarto e me senti estranhamente triste. Uma garota tinha que estar muito infeliz para querer trocar todo aquele luxo por um quartinho com uma cama dobrável e uma arara bamba.

Preparei um macarrão, consciente da estranheza de ter alguém para quem cozinhar, e assistimos juntas à televisão. Às oito e meia o celular de Lily tocou, e ela me pediu papel e caneta.

— Aqui — disse, anotando algo no papel. — É o número do celular da minha mãe. Ela quer o seu telefone e endereço. Para o caso de haver alguma emergência.

Por um instante fiquei me perguntando com que frequência ela achava que Lily ia dormir aqui.

* * *

Às dez, exausta, avisei que ia me deitar. Ela continuava vendo televisão, sentada no sofá com as pernas cruzadas e conversando com alguém pelo seu pequeno laptop.

— Não fique acordada até muito tarde, está bem?

Isso soava falso vindo de mim, como se eu estivesse bancando a adulta.

Seu olhar continuava fixo na televisão.

— Lily?

Ela ergueu os olhos, como se tivesse acabado de notar que eu estava na sala.

— Ah, sim, eu queria te contar. Eu estava lá.

— Onde?

— No telhado. Quando você caiu. Fui eu que chamei a ambulância.

De repente me lembrei do rosto dela, daqueles olhos grandes, daquela pele pálida no escuro.

— Mas o que você estava fazendo lá em cima?

— Achei seu endereço. Depois que todo mundo lá em casa enlouqueceu, eu só queria descobrir quem você era antes de tentar conversar. Vi que dava para chegar lá em cima pela escada de incêndio e notei que sua luz estava acesa. Eu só estava esperando, de verdade. Mas quando você subiu e começou a andar pelo parapeito, pensei que se eu dissesse alguma coisa acabaria assustando você.

— E você fez isso.

— É. Mas não tive a intenção. Na verdade, achei que tivesse matado você.

— Ela riu de nervosismo.

Continuamos sentadas ali por mais algum tempo.

— Todo mundo acha que me joguei.

Ela virou o rosto para mim.

— É mesmo?

— É.

Ela refletiu.

— Por causa do que aconteceu com meu pai?

— É.

— Você sente falta dele?

— Todo santo dia.

Ela ficou quieta. Por fim, perguntou:

— Quando é seu próximo dia de folga?

— Domingo. Por quê? — disse, trazendo meus pensamentos de volta para o presente.

— Podemos ir à sua cidade natal?

— Você quer ir a Stortfold?

— Quero ver onde ele morou.

8

Não contei ao meu pai que estávamos a caminho. Eu não sabia muito bem como ter essa conversa. Estacionei em frente à casa e, enquanto Lily olhava pela janela, fiquei esperando dentro no carro, consciente do aspecto acanhado e um tanto antigo da casa dos meus pais em comparação com a de Lily. Ela havia sugerido que levássemos flores quando eu disse que minha mãe insistiria em que ficássemos para almoçar e, apesar de serem para alguém que ela não conhecia, ficou irritada quando falei para comprarmos cravos no posto de gasolina.

Então dirigi até o supermercado que ficava do outro lado de Stortfold, onde ela escolheu um enorme buquê de frésias, peônias e ranúnculos. Eu paguei.

— Fique aqui mais um pouco — falei, quando ela estava prestes a descer do carro. — Vou dar uma explicação antes de você entrar.

— Mas…

— Confie em mim. Eles vão precisar de um minuto.

Segui pelo caminho do pequeno jardim e bati à porta. Dava para ouvir a televisão ligada na sala, e imaginei vovô ali, assistindo à corrida, sua boca se mexendo em silêncio e acompanhando as pernas dos cavalos. As cenas e os barulhos domésticos. Pensei nos meses que passei fora, sem sequer ter certeza se ainda era bem-vinda ali, me lembrei de que não me permitira pensar em como me sentia ao percorrer esse caminho, do cheiro de amaciante de roupa que tinha o abraço da minha mãe, da gargalhada distante e alta do meu pai…

Ele abriu a porta e suas sobrancelhas se ergueram.

— Lou! Não estávamos esperando você!… Estávamos?

Ele deu um passo à frente e me abraçou.

Percebi que gostava de ter minha família de volta.

— Oi, pai.

Ele esperou no degrau com os braços abertos. Um cheiro de frango assado vinha do corredor.

— Você vai entrar ou vamos fazer um piquenique na frente da porta?

— Primeiro preciso contar uma coisa.

— Você perdeu o emprego.

— Não, não perdi o….

— Fez outra tatuagem.

— Você sabia sobre a tatuagem?

— Sou seu pai. Sei tudo que você e sua irmã já fizeram desde que tinham três anos. — Ele se inclinou para a frente. — Sua mãe nunca me deixaria fazer uma.

— Não, pai, não fiz outra tatuagem. — Respirei fundo. — Eu… estou com a filha de Will.

Meu pai ficou paralisado. Minha mãe surgiu atrás dele, de avental.

— Lou! — Ela notou a expressão do meu pai. — O que foi? O que houve?

— Ela disse que está com a filha de Will.

— Está com *o que* de Will? — guinchou mamãe.

Meu pai estava pálido. Esticou o braço para trás à procura do aquecedor e o agarrou.

— O que foi? — perguntei, ansiosa. — Qual é o problema?

— Você… você não está me dizendo que coletou… sabe… os amiguinhos dele?

Fiz uma careta.

— Ela está no *carro*. Tem dezesseis anos.

— Ah, graças a Deus. Ah, Josie, graças a Deus. Hoje em dia a gente é tão…

Eu nunca sei o quê…— Ele se recompôs. — A *filha* de Will, você quer dizer?

Nunca nos contou que ele…

— Eu não sabia. Ninguém sabia.

Mamãe olhou para o meu carro, onde Lily tentava agir como se não soubesse que estavam falando dela.

— Bem, seria melhor você trazê-la para dentro — disse minha mãe, levando a mão ao pescoço. — O frango tem um tamanho decente. Vai dar para todos nós se eu acrescentar mais algumas batatas. — Ela balançou a cabeça, impressionada. — A *filha* de Will. Bem, nossa, Lou, você é mesmo cheia de surpresas. — Ela acenou para Lily, que, hesitante, gesticulou de volta. — Entre, querida!

Meu pai ergueu a mão para cumprimentá-la, depois murmurou:

— O Sr. Traynor sabe?

— Ainda não.

Ele esfregou o peito.

— Tem mais alguma coisa?

— Tipo o quê?

— Mais alguma coisa que precisa me contar. Você sabe, fora pular de prédios e trazer para casa filhos há muito tempo perdidos. Não está entrando para o circo

nem adotando uma criança do Cazaquistão ou coisa assim?

— Juro que não estou fazendo nada disso. Ainda.

— Ah, graças a Deus. Que horas são? Acho que estou pronto para beber alguma coisa.

* * *

— Então, onde você estuda, Lily?

— Em um pequeno internato em Shropshire. Ninguém nunca ouviu falar de lá. É principalmente para retardados grã-finos e membros distantes da família real da Moldávia.

Tínhamos nos espremido em volta da mesa de jantar na sala, sete pessoas encostando no joelho umas das outras, e seis delas rezando para que ninguém precisasse ir ao banheiro, o que exigiria que todo mundo se levantasse e empurrasse a mesa um palmo na direção do sofá.

— Internato, hein? Com cantinas, banquetes à meia-noite e essas coisas todas? Aposto que é divertido.

— Na verdade, não. Ano passado fecharam a cantina porque metade das meninas tinha transtorno alimentar e se empanturrava de Snickers até vomitar.

— A mãe dela mora em St. John's Wood — falei. — Lily está passando alguns dias comigo enquanto… conhece um pouco o outro lado da família.

— Os Traynor moram aqui há gerações — disse minha mãe.

— É mesmo? Você os conhece?

Mamãe ficou imóvel.

— Bem, não como…

— Como é a casa deles?

Minha mãe ficou séria.

— É melhor perguntar esse tipo de coisa a Lou. Ela é que passava… o tempo todo lá.

Lily esperou.

— Trabalho para o Sr. Traynor — contou meu pai —, que é o responsável pela administração da propriedade.

— O vovô! — exclamou meu avô e depois caiu na gargalhada.

Lily olhou para ele e em seguida para mim. Sorri, embora a simples menção do nome do Sr. Traynor me deixasse estranhamente perturbada.

— Isso mesmo, papai — disse minha mãe. — Ele é o avô de Lily. Igual a você. Quem quer mais batata?

— O vovô — repetiu Lily baixinho, parecendo satisfeita.

— Vamos ligar para eles e… contar — falei. — E, se quiser, podemos passar de carro pela casa dos Traynor quando formos embora. Só para você dar uma olhada.

Minha irmã ficou quieta durante toda a conversa. Haviam colocado Lily ao lado de Thom, numa possível tentativa de fazer o menino se comportar melhor, embora o risco de que ele começasse a falar sobre parasitas intestinais ainda fosse bem grande. Treena observava Lily. Estava mais desconfiada do que meus pais, que tinham simplesmente aceitado tudo o que eu dissera. Ela me arrastou para o andar de cima enquanto meu pai mostrava o jardim a Lily e fez todas as perguntas que martelavam minha cabeça. *Como eu sabia que ela era quem dizia ser? O que essa menina queria?*

E, por fim: *por que a mãe dela ia querer que a filha fosse morar com* você *?*

— Quanto tempo ela vai ficar, aliás? — perguntou minha irmã à mesa, enquanto meu pai contava a Lily sobre seu trabalho com carvalho verde.

— Na verdade, ainda não discutimos isso.

A expressão de Treena conseguia transmitir simultaneamente que eu era uma idiota e que isso não a surpreendia.

— Faz só duas noites que ela está comigo, Treen. E ela é só uma menina.

— Esse é exatamente o meu ponto. O que você sabe sobre tomar conta de uma criança?

— Ela não é uma criança.

— É *pior* do que uma criança. Adolescentes são basicamente bebês com hormônios, com idade suficiente para querer fazer coisas sem ter nenhum bom senso. Ela pode se meter em todo tipo de confusão. Não acredito que você esteja mesmo fazendo isso.

Entreguei-lhe a molheira e falei, com sarcasmo:

— Oi, Lou. Que bom que você conseguiu manter o seu emprego mesmo com um mercado tão difícil. Parabéns por superar seu acidente horrível. É

muito bom ver você.

Ela me passou o sal e resmungou baixinho:

— Você sabe que não vai conseguir lidar com isso, nem com…

— Nem com o quê?

— Com sua depressão.

— *Não* tenho depressão — sibilei. — Não estou deprimida, Treena. Pelo amor de Deus, não me joguei de um prédio.

— Já faz séculos que você não é mais a mesma. Desde aquela coisa toda do Will.

— O que tenho que fazer para convencer você? Estou trabalhando, fazendo fisioterapia para endireitar o quadril e frequentando um grupo de terapia de luto, para manter a cabeça no lugar. Acho que estou indo bem, não é? — A mesa inteira estava prestando atenção em mim. — Na verdade, ainda tem mais. Ah, sim. Lily estava lá. Ela me viu cair. Foi ela quem chamou a ambulância.

Todos os membros da minha família me olharam.

— Estão vendo só, é verdade. Ela me viu cair. Não pulei. Lily, eu estava contando para a minha irmã que você estava lá quando eu caí, não é? Estão vendo? Contei para todos vocês que ouvi a voz de uma garota. Eu não estava maluca. Ela viu tudo mesmo. Eu escorreguei, não foi?

Lily ergueu os olhos do prato, ainda mastigando. Ela praticamente não parara de mastigar desde que tínhamos nos sentado.

— Isso mesmo. Ela não estava tentando se matar.

Meus pais se entreolharam. Minha mãe suspirou, fez discretamente o sinal da

cruz e sorriu. Minha irmã ergueu as sobrancelhas, o mais próximo que eu receberia de um pedido de desculpas. Por um instante me senti exultante.

— Ela só estava gritando para o céu. — Lily ergueu o garfo. — E muito, muito bêbada.

Fez-se um breve silêncio.

— Ah — disse meu pai. — Bem, isso…

— Que… bom — falou mamãe.

— O frango está ótimo — comentou Lily. — Posso pegar mais?

* * *

Ficamos até o fim da tarde, em parte porque toda vez que eu me levantava para ir embora, minha mãe nos empurrava mais comida, e em parte porque ter outras pessoas para conversar com Lily deixava a situação um pouco menos estranha e intensa. Papai e eu fomos até o quintal dos fundos e nos sentamos nas espreguiçadeiras, que de alguma forma não tinham apodrecido completamente durante mais um inverno (embora, ao se acomodar ali, o mais prudente fosse não se mexer muito, por via das dúvidas).

— Sabia que sua irmã anda lendo *A Mulher Eunuco*? E uma velha porcaria chamada *The Women's Room* ou algo assim. Ela diz que sua mãe é um exemplo clássico de mulher oprimida, que só o fato de ela discordar disso comprova como é oprimida. Treena está tentando convencê-la de que eu devia cozinhar e fazer a faxina e ainda dá a entender que sou um troglodita.

Se me atrevo a responder qualquer coisa, ela fica dizendo que preciso

"lembrar de meus privilégios". Lembrar de meus privilégios! Falei que acharia ótimo lembrar se eu soubesse o que diabo sua mãe fez com eles.

— Mamãe me parece bem — opinei.

Tomei um gole do meu chá, sentindo um pouco de culpa ao me dar conta de que os barulhos que eu estava ouvindo eram, na verdade, mamãe lavando a louça.

Ele me olhou de soslaio.

— Faz três semanas que ela não raspa as pernas. Três semanas, Lou! Para ser bem sincero, me dá muito nervoso quando ela encosta as pernas em mim. Faz

duas noites que durmo no sofá. Não sei, Lou. Por que as pessoas nunca ficam felizes simplesmente deixando as coisas *serem* como são? Sua mãe era feliz, eu sou feliz. Sabemos quais são nossos papéis. Quem tem as pernas cabeludas sou eu. Quem usa luvas de borracha é ela. Simples assim.

Lá no jardim, Lily ensinava Thom a imitar o pio dos pássaros usando uma folha grossa de capim. Ele segurava a folha entre os polegares, mas é possível que a ausência de quatro dentes dificultasse a produção de sons, pois tudo o que saiu da sua boca foi uma framboesa e um borrifo de saliva.

Passamos algum tempo sentados em um silêncio confortável, ouvindo os pios, o assobio de vovô e o latido do cachorro do vizinho, que queria entrar.

Eu me sentia feliz por estar em casa.

— Aliás, como vai o Sr. Traynor?

— Ah, está ótimo. Sabia que ele vai ser pai outra vez?

Virei-me com cuidado na espreguiçadeira.

— É mesmo?

— Não com a Sra. Traynor. Ela se mudou logo depois da… você sabe. Com a ruiva. Esqueci o nome da mulher.

— Della — falei, me lembrando de repente.

— Essa mesma. Parece que eles se conhecem há muito tempo, mas acho que, sabe, essa coisa toda de ter um filho foi uma surpresa para os dois. —

Meu pai abriu outra cerveja. — Ele está bem contente. Acho que para ele é bom ter um bebê a caminho. Alguma coisa no que focar.

Parte de mim queria julgá-lo, mas eu também conseguia imaginar a necessidade de tirar algo bom do que acontecera, o desejo de sair da depressão, do jeito que fosse.

Eles só continuam juntos por minha causa, me dissera Will, mais de uma vez.

— O que será que ele vai achar de Lily?

— Não faço ideia, querida. — Meu pai passou um tempo refletindo. —

Acredito que ele ficará feliz. É como se tivesse um pouco do filho de volta, não é?

— E o que a Sra. Traynor vai achar?

— Não sei, querida. Nem imagino onde ela esteja morando.

— Lily é… bem difícil de lidar.

Meu pai caiu na gargalhada.

— Não diga! Você e Treena quase enlouqueceram sua mãe e eu por anos com as noitadas, os namorados e os corações partidos. Já está na hora de você sentir um pouco na pele. — Ele tomou um gole de cerveja e riu de novo. — Isso é uma boa notícia, querida. Estou feliz por você não estar sozinha naquele seu apartamento velho e vazio.

O capim de Thom soltou um chiado. O rosto do garoto se iluminou, e ele jogou a folha para o alto. Erguemos nossos polegares num gesto de aprovação.

— Pai — chamei. Ele se virou para mim. — Você sabe que estou bem, não é?

— Eu sei, querida. — Ele bateu de leve no meu ombro. — Mas minha função é ficar preocupado. Vou me preocupar até estar velho demais para me levantar da cadeira. — Ele olhou para onde estávamos sentados. — E

pode ser que isso aconteça mais cedo do que eu gostaria.

Fomos embora pouco antes das cinco. Pelo retrovisor vimos que Treena foi a única da família que não acenou. Ficou parada, com os braços cruzados, movendo lentamente a cabeça de um lado para outro ao nos observar partir.

* * *

Quando chegamos em casa, Lily foi para o telhado. Eu não subia lá desde o acidente. Dissera a mim mesma que não havia sentido em tentar durante a primavera, pois a escada de incêndio estaria escorregadia por causa da chuva, e ver todos aqueles vasos de plantas mortas me deixaria culpada, mas, na verdade, eu estava com medo. Só de pensar em voltar lá meu coração disparava. Logo me lembrava da sensação de ter o mundo desaparecendo debaixo de mim, como se tivessem puxado um tapete de sob os meus pés.

Observei-a pular a janela do patamar e gritei que devia descer em vinte minutos. Passados vinte e cinco, comecei a ficar ansiosa. Gritei da janela, mas só tive como resposta o barulho do tráfego. Passados trinta e cinco minutos, comecei a xingar baixinho, pulei a janela do corredor e segui para a escada de incêndio.

Era uma noite quente de verão e o asfalto do telhado irradiava calor.

Abaixo de nós, os ruídos da cidade exibiam um domingo preguiçoso de tráfego lento, janelas abertas, música nas alturas, jovens conversando nas esquinas e o cheiro distante de churrasco vindo de outros telhados.

Lily estava sentada num vaso de planta emborcado, olhando para a City.

Virei de costas para a caixa d'água, tentando não entrar em pânico sempre que ela se debruçava no parapeito.

Tinha sido um erro subir ali. Senti o chão se inclinando levemente sob meus pés, como o convés de um navio. Dei passos inseguros até o banco enferrujado, me apoiando nele. Meu corpo sabia exatamente qual era a sensação de estar diante daquele penhasco, que a diferença infinitesimal entre viver e a guinada que dava fim a tudo podia ser medida pela mais ínfima unidade: em gramas, em milímetros, em graus. Essa ideia fez meu braço coçar e uma gota de suor escorrer pela minha nuca.

— Vamos descer, Lily?

— Todas as suas plantas morreram.

Ela estava catando as folhas mortas de um arbusto seco.

— Sim. Bem. Faz meses que não subo aqui.

— Você não devia deixar as plantas morrerem. É crueldade.

Olhei bruscamente para ela, com a intenção de descobrir se estava brincando, mas não parecia ser o caso. Ela parou ao quebrar um graveto e analisar seu centro seco.

— Como foi que você conheceu meu pai?

Estiquei o braço para alcançar a quina da caixa d'água, tentando fazer minhas pernas pararem de tremer.

— Eu me candidatei a um emprego para cuidar dele. E fui contratada.

— Apesar de não ter treinamento médico?

— É.

Ela considerou minha resposta, jogou o galho morto para o alto, depois se levantou, foi até o outro lado do terraço e parou, apoiando as mãos no quadril e posicionando as pernas como as de uma guerreira amazona magricela.

— Ele era bonito, não era?

O telhado balançava embaixo de mim. Eu precisava descer.

— Não posso fazer isso aqui em cima, Lily.

— Você está mesmo com medo?

— Só prefiro que a gente desça. Por favor.

Ela inclinou a cabeça e me observou, como se tentasse decidir se ia me obedecer. Deu um passo na direção da parede e, como se fosse pular para a beirada, levantou o pé de um jeito especulativo, por tempo suficiente para que eu começasse a suar. Depois se virou para mim, sorriu, colocou o cigarro entre os dentes e atravessou o telhado para voltar pela escada de incêndio.

— Você não vai cair de novo, sua boba. Ninguém é tão azarado.

— É. Bem, no momento, não quero testar as probabilidades.

Alguns minutos mais tarde, quando consegui fazer minhas pernas obedecerem novamente ao meu cérebro, descemos os dois lances de degraus de ferro. Paramos em frente à minha janela quando me dei conta de que estava tremendo demais para pular ali dentro e me sentei no degrau.

Lily revirou os olhos, esperando. Depois, quando notou que eu não conseguia me mexer, sentou-se ao meu lado nos degraus. Ali devia ser só uns três metros abaixo de onde estávamos antes, mas, ao ver meu corredor pela janela e um corrimão de cada lado, voltei a respirar normalmente.

— Você sabe do que precisa — disse ela, me indicando o baseado.

— Está mesmo me dizendo para ficar chapada? No quarto andar? Sabia que faz pouco tempo que caí de um telhado?

— Vai ajudar a relaxar. — Como não aceitei, ela resmungou: — Ah, qual *é*.

Você é a pessoa mais careta de Londres?

— Não sou de Londres.

Mais tarde, não conseguiria acreditar que tinha sido manipulada por uma garota de dezesseis anos. Mas Lily parecia a menina popular da turma, aquela que a gente tentava impressionar. Antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, peguei o baseado da sua mão e traguei, tentando não tossir quando a fumaça atingiu a garganta.

— Enfim, você tem dezesseis anos — murmurei. — Não devia estar fazendo essas coisas. E onde é que alguém como você arranja isso?

Lily olhou por cima do corrimão.

— Você gostou dele?

— De quem? Do seu pai? No início, não.

— Porque ele estava numa cadeira de rodas?

Porque ele estava imitando Daniel Day-Lewis em Meu pé esquerdo *e isso me deixou morrendo de medo*, era o que eu queria dizer, mas seria complicado explicar.

— Não. A cadeira de rodas era o que menos importava. Não gostei dele porque… ele era muito bravo. E um pouco intimidante. E essas duas coisas tornavam um pouco difícil gostar dele.

— Sou parecida com ele? Procurei fotos no Google, mas não sei dizer.

— Um pouquinho. Vocês têm a mesma vivacidade. E talvez os mesmos olhos.

— Minha mãe disse que ele era muito bonito e por isso era tão babaca.

Um dos motivos. Sempre que a irrito ultimamente, ela me diz que sou igual a ele. *Ai, meu Deus, você é igualzinha a Will Traynor.* Ela sempre o chama de *Will Traynor*, não de *seu pai.* Está determinada a estabelecer que o Pentelho é meu pai, embora seja óbvio que não é. Parece que ela acha que pode formar uma família se insistir em que somos uma.

Dei outra tragada. Eu sentia que estava ficando tonta. Com exceção de uma única noite num bar em Paris, fazia anos que eu não fumava maconha.

— Sabe, acho que eu estaria curtindo mais se não houvesse uma pequena possibilidade de cair dessa escada de incêndio.

Ela pegou o baseado da minha mão.

— Cruzes, Louise. Você precisa se divertir um pouco. — Ela deu uma tragada forte e inclinou a cabeça para trás. — Ele lhe contava como se sentia? Tipo, de verdade? — Ela tragou outra vez e me devolveu o baseado.

Parecia não estar sentindo nada.

— Contava.

— Vocês brigavam?

— Bastante. Mas… ríamos muito também.

— Ele curtia você?

— Me curtia?… Não sei se essa é a palavra certa.

Minha boca se mexia sem fazer som, pois eu não conseguia encontrar as palavras. Como eu poderia explicar a essa garota o que Will e eu fomos um para o outro, que eu sentia que ninguém no mundo nunca me entendera nem nunca me entenderia como ele? Como é que ela poderia compreender que perdê-lo era como ter um buraco dentro de mim, um lembrete constante e doloroso, uma ausência que eu jamais poderia suprimir?

Ela olhou para mim.

— Ele curtia! Meu pai curtia você! — Ela começou a rir. E era uma coisa tão ridícula de dizer, uma palavra tão inútil diante do que Will e eu tínhamos sido um para o outro. E, por isso, sem querer também acabei rindo. — Meu pai sentia tesão por você. Que loucura! — Ela suprimiu um grito. — Ai, meu Deus! Em outro universo você poderia ter sido MINHA MADRASTA.

Nós nos entreolhamos fingindo estar horrorizadas, e, de alguma maneira, esse fato pesou sobre as duas até que um sentimento de alegria cresceu dentro de mim. Comecei a rir, dando uma gargalhada quase histérica, daquelas que deixam a barriga doendo e nos fazem recomeçar a rir com o mero ato de olhar para alguém.

— Vocês transaram?

Isso cortou o clima.

— Muito bem. Agora essa conversa ficou esquisita.

Lily fez uma careta.

— A relação de vocês parece esquisita.

— Não era nada esquisita. Era… era…

De repente senti que aquilo era demais. O telhado, as perguntas, o baseado, as lembranças de Will… Parecia que estávamos conjurando-o entre nós: seu sorriso, sua pele, seu rosto encostando no meu, e eu não tinha certeza se queria fazer isso. Deixei a cabeça cair ligeiramente entre os joelhos. *Respire*, falei para mim mesma.

— Louisa?

— O quê?

— Ele sempre planejou ir para aquele lugar? Para a Dignitas?

Confirmei com a cabeça, tentando aliviar a crescente sensação de pânico.

Inspire. Expire. *Simplesmente respire.*

— Você tentou fazê-lo mudar de ideia?

— Will era… teimoso.

— Vocês discutiram por causa disso?

Engoli em seco.

— Até o último dia.

O último dia. Por que falei isso? Fechei os olhos.

Quando finalmente tornei a abri-los, ela me observava.

— Você estava com Will quando ele morreu?

Nossos olhares se encontraram. Os adolescentes são apavorantes, pensei.

Não têm limites. Não têm medo de nada. Vi que a próxima pergunta se formava

em seus lábios e que ela me lançava um olhar incisivo. Mas talvez não fosse tão corajosa quanto eu pensara.

Por fim, baixou os olhos.

— Quando vai contar aos pais dele sobre mim?

Meu coração disparou.

— Essa semana. Vou ligar essa semana.

Ela assentiu e virou o rosto para o outro lado, sem me deixar ver sua expressão. Observei-a tragar de novo. E então, bruscamente, ela jogou fora o baseado pelas barras da escada de incêndio, levantou-se e, sem olhar para trás, pulou para dentro. Esperei sentir que minhas pernas conseguiam me sustentar outra vez e também pulei a janela.

9

Liguei na hora do almoço de terça-feira, quando os controles de tráfego aéreo francês e alemão fizeram uma greve conjunta de um dia, o que deixou o bar quase vazio. Esperei Richard ir ao atacadista, depois fiquei parada no saguão, diante do último banheiro feminino antes da segurança, e procurei no meu celular o número que eu nunca tinha sido capaz de apagar.

Chamou três, quatro vezes, e só por um instante fui tomada pelo desejo avassalador de apertar ENCERRAR CHAMADA. Mas uma voz masculina atendeu, as vogais entrecortadas, familiar.

— Alô?

— Sr. Traynor? É Lou.

— Lou?

— Louisa Clark.

Um breve silêncio. Era possível ouvir o barulho abafado das suas lembranças sendo despertadas apenas pelo meu nome e tive uma sensação estranha de culpa. Eu o vira pela última vez junto ao túmulo de Will, um homem prematuramente envelhecido, endireitando toda hora os ombros enquanto se esforçava para suportar o peso da dor.

— Louisa. Bem… Nossa. Isso é… Como você está?

Cheguei para o lado e deixei Violet passar com seu carrinho. Ela me deu um sorriso cúmplice, ajeitando o turbante roxo com a mão livre. Reparei que tinha bandeirinhas da Inglaterra pintadas nas unhas.

— Estou muito bem, obrigada. E o senhor?

— Ah… você sabe. Na verdade, também estou muito bem. A situação mudou um pouco desde a última vez em que nos vimos, mas está tudo…

sabe…

Aquela vacilação dos modos cordiais do Sr. Traynor quase me fez titubear. Respirei fundo.

— Sr. Traynor, estou ligando porque preciso muito conversar com o senhor sobre uma coisa.

— Achei que Michael Lawler tivesse resolvido todas as questões financeiras. — Seu tom de voz se alterou um pouco.

— Não tem a ver com dinheiro. — Fechei os olhos. — Sr. Traynor, pouco tempo atrás recebi uma visita de alguém que acho que o senhor precisa conhecer.

Uma mulher esbarrou nas minhas pernas com sua mala de rodinhas e articulou em silêncio um pedido de desculpas.

— Tudo bem. Não há maneira simples de fazer isso, então vou dizer de uma vez. Will teve uma filha, e ela apareceu na minha porta. Está desesperada para conhecer o senhor.

Um longo silêncio.

— Sr. Traynor?

— Desculpe. Pode repetir o que acabou de dizer?

— Will teve uma filha. Ele não sabia. A mãe é uma antiga namorada da época da faculdade que resolveu não contar nada. Ele teve uma filha, que me encontrou e quer muito conhecê-lo. Tem dezesseis anos. O nome dela é Lily.

— Lily?

— É. Já falei com a mãe dela e parece ser verdade. O nome dela é Miller.

Tanya Miller.

— Eu… não me lembro dela. Mas Will teve, sim, várias namoradas.

Outro longo silêncio. Quando ele voltou a falar, estava com a voz embargada.

— Will teve… uma filha?

— Sim. Sua neta.

— Você… acha mesmo que é filha dele?

— Conheci a mãe dela, ouvi o que tinha a dizer e, sim, acho que é mesmo filha dele.

— Ah. Ah, nossa.

Dava para ouvir uma voz ao fundo.

— Steven? *Steven? Você está bem?*

Outro silêncio.

— Sr. Traynor?

— Desculpe. É só que… Estou um pouco…

Levei a mão à cabeça.

— É chocante. Eu sei. Desculpe. Não consegui pensar num jeito melhor de contar. Eu não queria simplesmente aparecer na sua casa se…

— Não. Não, não se desculpe. É uma notícia boa. Uma notícia extraordinária. Uma *neta.*

— O que está acontecendo? Por que está se sentando desse jeito? — A voz ao fundo parecia preocupada.

Sr. Traynor tapou o fone com a mão.

— Estou bem, querida. De verdade. Eu… Daqui a pouco explico tudo.

Mais conversa abafada. E depois ele voltou a se dirigir a mim, a voz ficando insegura de repente.

— Louisa?

— Oi.

— Você tem certeza absoluta? Quer dizer, isso é muito…

— Absoluta, Sr. Traynor. Estou disposta a explicar melhor para o senhor, mas ela tem dezesseis anos, é cheia de vida e, bem, quer muito saber mais sobre a família que não conhecia.

— Ah, minha nossa. Ah, minha… Louisa?

— Estou aqui.

E, quando ele voltou a falar, meus olhos ficaram cheios d'água.

— Como… como vou conhecê-la? Como posso conhecer… Lily?

* * *

Fomos até lá de carro no sábado seguinte. Lily estava com medo de ir sozinha, mas não ia confessar isso. Só me disse que seria melhor se eu explicasse tudo ao Sr. Traynor porque "gente velha tem mais facilidade para falar com gente velha".

Viajamos em silêncio. Eu estava quase passando mal de nervoso por ter que entrar outra vez na casa dos Traynor, mas não podia explicar isso à carona ao meu lado. Lily não disse nada.

Ele acreditou em você?

Respondi que sim, que achava que ele tinha acreditado. Embora fosse prudente fazer um exame de sangue, só para tranquilizar todo mundo.

Ele realmente pediu para me conhecer, ou foi você que sugeriu?

Eu não lembrava. Meu cérebro disparava um zumbido estático só de ouvir falar nele de novo.

E se eu não for o que ele estiver esperando?

Eu não tinha certeza se ele esperava alguma coisa. Afinal, acabara de descobrir que tinha uma neta.

Lily aparecera na sexta à noite, embora eu a esperasse só no sábado de manhã.

Contou que se desentendera com a mãe, e Francis Pentelho lhe dissera que ela precisava amadurecer. Lily fungou.

— E quem diz isso é um homem que acha normal ter um quarto inteiro para um *trem elétrico.*

Eu tinha dito que ela poderia ficar na minha casa desde que (a) sua mãe sempre pudesse me confirmar que sabia onde ela estava, (b) ela não bebesse e (c) ela não fumasse no meu apartamento. O que significava que enquanto eu estava no banho, ela simplesmente ia para a loja de Samir ali em frente e ficava conversando com ele durante o tempo de fumar dois cigarros, mas parecia grosseiro discutir sobre isso. Tanya Houghton-Miller passou quase vinte minutos resmungando sobre a impossibilidade de tudo, repetiu quatro vezes que eu acabaria mandando Lily de volta para casa em quarenta e oito horas e só encerrou a ligação quando alguma criança começou a gritar ao fundo. Ouvi Lily andar com estrépito pela minha pequena cozinha, e uma música que eu não entendia deixou os poucos móveis na minha sala vibrando.

Ok, Will, pensei. *Se essa foi sua ideia de me jogar em uma nova vida, com certeza acertou em cheio.*

* * *

Na manhã seguinte, entrei no quarto de hóspedes para acordar Lily e já a encontrei desperta, abraçando as pernas, fumando na minha janela aberta.

Havia várias roupas jogadas na cama, como se ela tivesse experimentado diversas combinações e achado que não ficaram boas.

Ela me fuzilou com os olhos, me desafiando a dizer alguma coisa. De repente vislumbrei Will, virando-se da janela na cadeira de rodas, com o olhar furioso e aflito. Por um instante, isso me deixou sem fôlego.

— Vamos sair em meia hora — falei.

* * *

Chegamos aos arredores da cidade pouco antes das onze. O verão mais uma vez atraíra para as ruas estreitas de Stortfold uma multidão de turistas, que mais pareciam bandos de andorinhas coloridas rumando para a terra. Eles seguravam guias de viagem e sorvetes, ziguezagueando sem rumo por cafés e lojas de temporada cheias de porta-copos e calendários com a imagem do castelo que ao chegarem em casa logo seriam engavetados e talvez nunca mais vistos. Passei

devagar pelo castelo na longa fila de carros no National Trust, reparando nos casacos de capuz, nas jaquetas e nos chapéus que pareciam iguais todos os anos. Esse era o quinto centenário do castelo e, para onde quer que olhássemos, havia cartazes anunciando comemorações: dançarinos de Morris, assados de porco, quermesses…

Dirigi até a frente da casa, agradecida por não estarmos diante do anexo onde eu passara tanto tempo com Will. Ficamos sentadas no carro e escutamos o motor desligar. Notei que Lily havia roído quase todas as unhas.

— Você está bem? — Ela deu de ombros. — Vamos entrar, então?

Lily olhou para os próprios pés.

— E se ele não gostar de mim?

— Por que não gostaria?

— Porque ninguém gosta.

— Tenho certeza de que isso não é verdade.

— Ninguém na escola gosta. Meus pais não veem a hora de se ver livres de mim. — Ela roía selvagemente o canto que sobrou da unha do polegar.

— Que tipo de mãe deixa a filha morar no apartamento velho e mofado de alguém que ela nem sequer conhece?

Respirei fundo.

— O Sr. Traynor é um homem bom. E eu não teria trazido você até aqui se não achasse que é uma boa ideia.

— Se ele não gostar de mim, a gente pode simplesmente ir embora? Tipo, bem depressa?

— Claro.

— Eu vou saber. Só pelo jeito que ele me olhar.

— Sairemos derrapando, se for preciso.

Lily deu um sorriso relutante.

— Tudo bem — falei, tentando não demonstrar que estava tão nervosa quanto

ela. — Vamos.

* * *

Fiquei parada no degrau, observando Lily para não pensar muito em onde eu estava. A porta se abriu devagar, e lá estava ele vestindo a mesma camisa azul da qual eu me lembrava de dois verões atrás, mas tinha um novo corte de cabelo, mais curto, talvez uma tentativa inútil de combater os efeitos envelhecedores do sofrimento extremo. Ele abriu a boca como se quisesse me dizer algo mas tivesse esquecido, e depois encarou Lily, arregalando um pouco os olhos.

— Lily?

Ela assentiu.

Ele a observou atentamente. Ninguém se mexeu. Depois, os lábios dele se contraíram e lágrimas marejaram seus olhos. O Sr. Traynor deu um passo à frente e a abraçou.

— Ah, minha querida. Ah, minha nossa. É muito bom conhecer você. Ah, minha nossa.

Ele abaixou a cabeça grisalha para encostar na dela. Eu me perguntei, por um instante, se ela ia recuar. Lily não era uma grande entusiasta do contato físico. Mas a observei abrir os braços, envolvê-lo pela cintura e agarrar sua camisa, ficando com os nós dos dedos brancos e fechando os olhos enquanto era abraçada por ele. E os dois ficaram assim pelo que pareceu uma eternidade, o avô e a neta, sem sair do degrau da frente.

Ele se inclinou para trás. Lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— Deixe-me olhar para você. Deixe-me olhar.

Ela me olhou de relance, ao mesmo tempo constrangida e satisfeita.

— Sim. Sim, estou vendo. Olhe só para você! Olhe só! — Ele se virou para mim. — Ela se parece com ele, não acha?

Confirmei com a cabeça.

Lily também o encarava, talvez procurando vestígios do pai. Eles continuaram de mãos dadas mesmo quando ela desviou o olhar.

Até então, eu não tinha me dado conta de que estava chorando. Por causa do

alívio estampado no rosto sofrido do Sr. Traynor, da alegria de algo que ele julgara estar perdido e recuperara em parte, da pura felicidade inesperada dos dois em se encontrar. E quando ela também abriu um sorriso carinhoso de reconhecimento para ele, meu nervosismo, e quaisquer dúvidas que eu tivesse sobre Lily Houghton-Miller, desapareceram.

* * *

Fazia menos de dois anos, mas a Granta House mudara significativamente desde a última vez em que eu estivera lá. Não havia mais os enormes armários antigos, as caixas decorativas nas mesas de mogno muito bem lustradas, as pesadas cortinas. Foi preciso ver Della Layton, andando feito um pato, para entender o motivo disso. Alguns móveis lustrosos restaram, mas todo o resto era branco ou muito colorido. Havia novas cortinas amarelas, tapetes claros nos assoalhos de madeira antiga e gravuras modernas com molduras lisas. Ela se aproximou devagar, sorrindo com um pouco de cautela, como se tivesse se forçado a colocar um sorriso no rosto.

Acabei recuando de forma involuntária quando ela chegou perto: havia alguma coisa muito chocante numa mulher no fim da gravidez… Aquele volume, aquela barriga quase obscena.

— Oi, você deve ser Louisa. Que bom conhecer você.

O cabelo dela era ruivo brilhante estava preso no alto com um grampo, e ela usava uma blusa de linho azul-clara enrolada nos pulsos ligeiramente inchados. Também não pude deixar de notar o enorme anel de diamante apertando seu anular e fiquei um pouco angustiada ao imaginar como deviam ter sido os últimos meses para a Sra. Traynor.

— Parabéns — falei, indicando sua barriga.

Eu queria dizer mais alguma coisa, mas nunca sabia se era adequado falar que uma mulher grávida estava “enorme”, “pequena”, “esbelta”, “radiante”, ou qualquer um dos eufemismos que as pessoas pareciam usar para disfarçar sua impressão, pois no fundo queriam dizer *Caramba.*

— Obrigada. Foi uma surpresa, mas uma surpresa muito boa.

Ela desviou o olhar de mim para observar o Sr. Traynor e Lily. Ele ainda segurava uma das mãos da neta, dando tapinhas, e lhe contava sobre a casa, que pertencia à família havia várias gerações.

— Alguém gostaria de um chá? — perguntou ela. E depois de um tempo insistiu: — Steven? Chá?

— Ótimo, querida. Obrigado. Lily, você bebe chá?

— Posso tomar um suco, por favor? Ou uma água? — A menina sorriu.

— Vou ajudá-la — falei para Della.

O Sr. Traynor começou a mostrar os ancestrais nas fotos na parede, a mão no cotovelo de Lily, comentando a semelhança do nariz dela com um parente, ou da sua cor de cabelo com outro.

Della ficou observando os dois por um instante, e tive a impressão de ter notado em seu semblante uma expressão consternada. Ela reparou que eu estava olhando e logo sorriu, parecendo constrangida por ter os sentimentos tão estampados no rosto.

— Seria ótimo. Obrigada.

* * *

Trabalhamos juntas na cozinha, separando leite, açúcar, um bule de chá, fazendo perguntas educadas sobre biscoitos. Eu me inclinei para pegar as xícaras no armário, pois Della não conseguia se abaixar com facilidade, e as coloquei na bancada da cozinha. Reparei que eram xícaras novas. Um desenho moderno de padrão geométrico, em vez daquela surrada porcelana florida de que sua antecessora gostava, que era delicadamente pintada com ervas selvagens e flores com nomes latinos. Todos os vestígios dos trinta e oito anos de domínio da Sra. Traynor pareciam ter sido apagados pronta e implacavelmente.

— A casa está… bonita. Diferente — comentei.

— Sim. Bem, Steven perdeu vários móveis com o divórcio. Então tivemos que mudar um pouquinho. — Ela esticou o braço para pegar a caixa de chá.

— Ele perdeu coisas que estavam na família há gerações. Claro, ela pegou tudo o que conseguiu.

Ela me olhou como se estivesse avaliando se eu poderia ser considerada uma aliada.

— Não converso com a Sra… com Camilla desde que Will… — falei, sentindo-me desleal de alguma forma esquisita.

— Bem, Steven disse que essa menina simplesmente apareceu na sua porta. — Ela deu um sorrisinho forçado.

— É. Foi uma surpresa. Mas conheci a mãe de Lily, e ela… Bem, é óbvio que ela foi íntima de Will por algum tempo.

Della pôs a mão na lombar, depois voltou a atenção para a chaleira.

Minha mãe tinha me contado que ela administrava um pequeno escritório de advocacia na cidade vizinha. *A gente só pode estranhar uma mulher de trinta anos que nunca se casou*, dissera mamãe com desdém, e depois, após dar uma rápida olhada na minha direção, corrigiu: *Quarenta. Quis dizer quarenta.*

— O que acha que ela quer?

— Como assim?

— O que acha que ela quer? A menina?

Eu ouvia Lily no hall fazendo perguntas, agindo de forma infantil e interessada, e, por mais estranho que parecesse, me senti protetora.

— Acho que ela não *quer* nada. Acabou de descobrir que não sabia da existência do pai e gostaria de conhecer a família dele. A família *dela*.

Della colocou água quente para aquecer o bule e o esvaziou, mediu as folhas (soltas, exatamente como a Sra. Traynor compraria). Serviu devagar a água fervente, tomando cuidado para não respingar em si mesma.

— Já faz muito tempo que amo Steven. Ele… ele teve um ano muito difícil.

Seria… — ela falava sem olhar para mim — muito ruim para ele se Lily fosse complicar sua vida a essa altura.

— Não acho que Lily quer complicar a vida de nenhum de vocês — falei com cautela. — Mas acho, sim, que ela tem o direito de conhecer o avô.

— Claro — disse Della com gentileza, sorrindo automaticamente.

Naquele instante me dei conta de que eu tinha sido reprovada em algum teste interno, mas eu não me importava. E então, após uma última conferida, Della pegou a bandeja e levou-a para a sala, aceitando minha oferta de carregar o bolo e o bule de chá.

* * *

— E como você está, Louisa?

O Sr. Traynor se recostou na poltrona com um sorriso largo marcando suas feições flácidas. Ele quase não parou de conversar com Lily durante o chá, perguntando-lhe sobre sua mãe, onde ela morava, o que estava estudando (ela não contou sobre os problemas na escola), se preferia bolo de frutas ou de chocolate ("Chocolate? Eu também!") ou de gengibre ("Não."), e se gostava de críquete ("Não muito." "Bem, teremos que fazer alguma coisa a respeito!"). A semelhança que a menina tinha com seu filho parecia tranquilizá-lo. Àquela altura, o Sr. Traynor provavelmente nem teria se importado se ela houvesse revelado que sua mãe era uma dançarina erótica.

Notei que ele olhava furtivamente para Lily enquanto ela falava, analisando seu perfil, como se talvez conseguisse ver o de Will ali também.

Outras vezes, eu captava um indício de melancolia em sua expressão.

Desconfiei de que ele estivesse pensando o mesmo que eu: uma nova dor pelo fato de que seu filho nunca iria conhecê-la. Quase dava para vê-lo se recompondo, obrigando-se a se empertigar, recolocando depressa o sorriso no rosto.

Ele passara meia hora andando pela propriedade com ela, e quando voltaram comemorou que Lily conseguira sair do labirinto "de primeira!

Deve ser genético". Lily dera um grande sorriso, como se tivesse ganhado um prêmio.

— E o que está acontecendo na sua vida, Louisa?

— Estou bem, obrigada.

— Você ainda trabalha como… cuidadora?

— Não. Eu… fiquei um tempo viajando e agora estou trabalhando no aeroporto.

— Ah! Ótimo! Na British Airways, espero.

Senti minhas bochechas corarem.

— Na administração, é?

— Trabalho num bar. No aeroporto.

Ele hesitou só por uma fração de segundo, e depois assentiu com firmeza.

— As pessoas sempre precisam de um bar. Ainda mais em aeroportos.

Toda vez antes de entrar no avião tomo um uísque duplo, não é, querida?

— É, sim — respondeu Della.

— E acho que deve ser bem interessante observar as pessoas viajarem de avião todo dia. Empolgante.

— Tenho outras coisas em vista.

— Claro que tem. Ótimo. Ótimo…

Houve um breve silêncio.

— Para quando é o bebê? — perguntei, de forma que todos desviassem a atenção de mim.

— Mês que vem — respondeu Della, apoiando as mãos na barriga. — É

uma menina.

— Que maravilha. Qual vai ser o nome?

Eles se entreolharam da forma que os futuros pais fazem quando já escolheram o nome, mas não querem contar para ninguém.

— Ah… a gente não sabe.

— É uma sensação estranha… ser pai de novo, na minha idade. Não consigo imaginar muito bem. Sabe, trocar fralda, essas coisas. — Ele olhou para Della, depois acrescentou de um jeito tranquilizador: — Mas é maravilhoso. Sou um homem de muita sorte. Nós dois temos muita sorte, não é, Della?

Ela sorriu para o Sr. Traynor.

— Tenho certeza — falei. — Como vai Georgina?

Talvez só eu tenha notado que a expressão do Sr. Traynor se alterou um pouco.

— Ah, está ótima. Ainda na Austrália, sabe.

— Legal.

— Ela esteve aqui alguns meses atrás… mas passou a maior parte do tempo com a mãe. Estava muito ocupada.

— Claro.

— Acho que arranjou um namorado. Tenho certeza de que alguém me disse que ela estava namorando. Então isso é… é bom.

Della tocou a mão dele.

— Quem é Georgina? — Lily estava comendo um biscoito.

— A irmã caçula de Will — respondeu o Sr. Traynor, virando-se para ela.

— Sua tia! Sim! Na verdade, ela era um pouco parecida com você quando tinha a sua idade.

— Posso ver uma foto dela?

— Vou procurar para você. — O Sr. Traynor esfregou a lateral do rosto.

— Estou tentando lembrar onde guardamos a foto da formatura.

— No seu escritório — disse Della. — Fique aí, querido. Vou buscar. É

bom eu me mexer.

Ela se levantou do sofá e saiu da sala dando passos pesados. Lily insistiu em ir com ela.

— Quero ver as outras fotografias. Quero ver com quem pareço.

Ainda sorrindo, o Sr. Traynor observou as duas se retirarem. Ficamos sentados tomando nosso chá em silêncio. Até que ele se virou para mim.

— Você já falou com ela? Com Camilla?

— Não sei onde ela mora. Eu ia lhe perguntar o endereço. Lily também quer conhecê-la.

— Ela passou por um período difícil. Pelo menos é o que Georgina diz.

Não nos falamos muito. É meio complicado por causa da… — Ele indicou a

porta com a cabeça e suspirou de forma quase imperceptível.

— O senhor gostaria de contar a ela? Sobre Lily?

— Ah, não. Ah… Não. Eu… não tenho certeza se ela ia querer… — Ele passou a mão na testa. — Provavelmente é melhor você contar.

Ele anotou o endereço e o número do telefone num pedaço de papel e me entregou.

— É um pouco longe — avisou, e sorriu como se pedisse desculpas. —

Acho que ela quis começar uma vida nova. Mande lembranças minhas, está bem? É estranho… finalmente ter uma neta, nessas circunstâncias. — Ele baixou o tom de voz. — Por incrível que pareça, Camilla é a única pessoa que realmente conseguiria entender como estou me sentindo.

Se ele fosse outra pessoa, eu poderia ter lhe dado um abraço naquele instante, mas éramos ingleses e ele já tinha sido meu chefe, por isso apenas sorrimos sem jeito um para o outro. E possivelmente desejamos estar em outro lugar.

O Sr. Traynor se empertigou na cadeira.

— Mesmo assim, sou um homem de sorte por poder começar uma vida nova na minha idade. Não tenho certeza se realmente mereço isso.

— Não acredito que felicidade seja uma questão de merecimento.

— E você? Sei que gostava muito de Will…

— É difícil encontrar alguém como ele.

Senti um nó na garganta. Quando passou, o Sr. Traynor continuava me olhando.

— Meu filho apreciava a vida, Louisa. Não preciso lhe dizer isso.

— Mas aí é que está, não? — Ele esperou. — Will era melhor que todos nós nisso.

— Você vai chegar lá, Louisa. Todos nós chegamos. Do nosso jeito. — Ele tocou meu cotovelo com uma expressão branda.

Della, ao voltar para a sala, começou a recolher a louça do chá, empilhando as xícaras na bandeja de forma tão ostensiva que só poderia ser um sinal.

— É melhor nós irmos — falei para Lily, me levantando quando ela entrou

segurando uma foto emoldurada.

— Ela se parece comigo, não é? Acha que nossos olhos são um pouco parecidos? Acha que iria querer falar comigo? Ela tem e-mail?

— Tenho certeza de que sim — disse o Sr. Traynor. — Mas, se não se importar, Lily, vou conversar com ela primeiro. É uma tremenda novidade para todos nós. É melhor esperar alguns dias para ela se acostumar com a ideia.

— Tudo bem. Então quando posso vir para ficar?

À minha direita, ouvi Della quase deixar uma xícara cair. Ela se abaixou ligeiramente, endireitando-a na bandeja.

— Ficar?

O Sr. Traynor se inclinou para a frente, como se não tivesse certeza de ter escutado.

— Bem, você é meu avô. Achei que eu talvez pudesse passar o resto do verão aqui. Para conhecer você melhor. Temos muita coisa para pôr em dia, não?

A expectativa iluminava seu rosto.

O Sr. Traynor olhou para Della, e o semblante da mulher deteve o que ele estava prestes a dizer.

— Seria ótimo receber você um dia desses — disse Della, segurando a bandeja diante do corpo —, mas há outras coisas acontecendo no momento.

— É o primeiro filho dela, entende. Acho que ela gostaria…

— Só preciso de um tempinho sozinha com Steven. E o bebê.

— Eu poderia ajudar. Levo muito jeito com bebês — retrucou Lily. — Eu sempre tomava conta dos meus irmãos quando eles eram pequenos. E olha que eram terríveis. Bebês realmente terríveis. Gritavam, tipo, o tempo todo.

O Sr. Traynor olhou para a esposa.

— Tenho certeza de que você vai ser simplesmente brilhante, Lily, querida — disse ele. — Só que agora não é uma hora muito boa.

— Mas vocês têm tantos quartos… Posso ficar no de hóspedes. Nem vão notar

que estou aqui. Serei muito útil com fraldas e essas coisas e poderia ficar de babá para vocês saírem. Eu poderia… — Sua voz sumiu. Ela olhou de um para outro, esperando.

— Lily… — falei, rondando, aflita, a porta.

— Vocês não me querem aqui.

O Sr. Traynor deu um passo à frente e fez menção de tocar seu ombro.

— Lily, querida. Não é…

Ela se esquivou.

— Você gosta da ideia de ter uma neta, mas não me quer de verdade na sua vida. Só… só quer uma *visita.*

— É o momento, Lily — retrucou Della, com calma. — É só que… Bem, esperei muito para ficar com Steven, seu avô, e esse tempo com nosso bebê é muito precioso para nós.

— E eu não sou.

— Não é nada disso. — O Sr. Traynor se adiantou na direção dela mais uma vez.

Ela o afastou.

— Meu Deus, vocês são todos iguais. Vocês e suas familiazinhas perfeitas, todas fechadas. Ninguém tem nenhum espaço para mim.

— Ah, por favor. Não vamos fazer drama com… — começou Della.

— *Cale a boca* — gritou Lily.

Quando Della recuou, os olhos do Sr. Traynor se arregalaram em choque.

Lily saiu correndo, e eu os deixei no silêncio da sala para ir atrás dela.

10

Mandei um e-mail para Nathan. Recebi a resposta: Lou, você está tomando remédios fortes? Q p é essa?

Mandei outro e-mail para ele, dando mais detalhes, e ele pareceu recuperar seu comedimento habitual.

Ah, aquele safado. Ainda tinha surpresas para nós, hein?

Passei dois dias sem notícias de Lily. Uma parte de mim estava preocupada, a outra, um pouco aliviada por ter um breve interlúdio de calma. Eu me perguntava se, assim que ela se libertasse das ideias fantasiosas sobre a família de Will, poderia ficar mais propensa a formar laços com a própria família. Então questionei se o Sr. Traynor ligaria diretamente para ela com o intuito de acalmar as coisas. Eu queria saber onde Lily estava e se a ausência dela tinha alguma relação com o rapaz que a ficara observando em frente ao meu prédio. Havia algo nele, na atitude evasiva de Lily quando perguntei sobre ele, que eu não conseguia esquecer.

Tinha pensado muito em Sam, arrependida de ter saído apressada.

Quando me lembrava da situação agora, fugir dele daquele jeito parecia esquisito e emocional demais. Devo ter passado a impressão de ser exatamente a pessoa que eu afirmava não ser. Resolvi que da próxima vez que o visse após um encontro do Grupo Seguindo em Frente eu reagiria com muita calma, talvez o cumprimentasse com um sorriso enigmático de alguém nem um pouco deprimido.

O trabalho estava se arrastando. Uma nova garota havia começado: Vera, uma lituana séria, que terminava todas as tarefas do bar exibindo um meio sorriso característico de quem considerava a possibilidade de terem colocado uma bomba atômica ali por perto. Ela classificava todos os homens como “animais imundos, imundos” quando estava longe dos ouvidos de Richard.

Ele havia começado a dar sermões “motivacionais” pela manhã, após os quais todos nós tínhamos que dar um soco no ar, um pulo e gritar: “YEAH!”, o que sempre deslocava minha peruca cacheada, fazendo Richard franzir a testa, como se a movimentação da minha peruca fosse, de certa forma, um fracasso que denotasse minha personalidade, não um risco recorrente quando se usava uma peruca de náilon que não ficava muito firme na cabeça. A de Vera permanecia imóvel. Talvez sua peruca tivesse muito medo de cair.

Certa noite, quando cheguei em casa, pesquisei na internet sobre problemas de adolescentes, tentando descobrir se eu tinha como dar um jeito no estrago do fim de semana. Mas encontrei muita coisa sobre alterações hormonais e nada sobre o que fazer depois de ter apresentado uma menina de dezesseis anos que eu mal conhecia à família de seu falecido pai tetraplégico. Às dez e meia, desisti, olhei em volta do quarto, onde metade das minhas roupas continuava encaixotada, e prometi a mim mesma que naquela semana faria algo quanto a isso. Depois de

me convencer, peguei no sono.

* * *

Acordei às duas e meia da manhã com o barulho de alguém tentando forçar a porta do meu apartamento. Eu me levantei tropeçando da cama, peguei um esfregão e olhei pelo olho mágico, com o coração disparado.

— Vou chamar a polícia! — gritei. — O que você quer?

— É Lily. *Dã!*

Quando abri a porta, ela tombou para dentro da sala, dando risada, fedendo a cigarro e com o rímel borrado ao redor dos olhos.

Eu me enrolei no robe e tranquei a porta.

— Nossa, Lily. É de madrugada.

— Quer ir dançar? Achei que a gente podia sair para dançar. Adoro dançar. Na realidade, isso não é totalmente verdade. Gosto mesmo de dançar, mas não é por isso que estou aqui. Minha mãe não quer me deixar entrar em casa. Trocaram as fechaduras. Dá para acreditar?

Fiquei tentada a responder que, com meu despertador programado para as seis da manhã, por mais incrível que parecesse, eu conseguia acreditar, sim.

Lily esbarrou com força na parede.

— Ela nem quis abrir a maldita porta. Só gritou comigo pela abertura para cartas. Como se eu fosse um… mendigo. Então… pensei em ficar aqui.

Ou a gente podia ir dançar… — Ela passou cambaleando por mim, seguindo na direção do aparelho de som, e colocou o volume numa altura ensurdecedora. Eu me apressei para abaixar, mas ela agarrou minha mão.

— Vamos dançar, Louisa! Você precisa se mexer um pouco! Está sempre tão triste… Se solte! Vamos!

Puxei a mão de volta e diminuí o volume, bem a tempo de ouvir as primeiras batidas indignadas vindo do andar de baixo. Quando me virei, Lily já estava no quarto de hóspedes, onde cambaleou e finalmente desabou, de bruços, na cama.

— Ai. Meu. Deus. Essa cama é *muuuuito* ruim.

— Lily? Você não pode simplesmente entrar aqui e… Ah, pelo amor de Deus.

— Só um minutinho. — Sua resposta saiu abafada. — É só uma parada rápida. Depois vou dançar. Nós vamos dançar.

— Lily. Tenho que trabalhar de manhã.

— Eu te amo, Louisa. Já disse isso? Te amo de verdade. Você é a única que…

— Não pode simplesmente desabar aqui como…

— Hum… Um cochilo antes da balada…

Ela não se mexeu. Toquei seu ombro.

— Lily… Lily?

Ela roncou baixinho. Suspirei, esperei alguns minutos, depois tirei com cuidado suas sapatilhas surradas, esvaziei seus bolsos (cigarros, celular, uma nota amassada de cinco libras) e levei tudo para o meu quarto.

Coloquei-a deitada de lado e, por fim, totalmente acordada às três da manhã, sabendo que o mais provável era que eu não conseguiria dormir com medo de que ela se engasgasse, sentei-me na cadeira para vigiá-la.

O semblante de Lily estava tranquilo. A testa franzida de preocupação e o sorriso histérico superansioso haviam se transformado em algo sobrenatural e belo, o cabelo espalhado pelos ombros. Por mais enlouquecedor que seu comportamento fosse, eu não podia ficar brava.

Não tinha me esquecido da sua expressão magoada naquele domingo. Lily era o extremo oposto de mim. Ela não alimentava mágoas, nem as guardava. Ficava agressiva, se embebedava, fazia sabe Deus o que para tentar esquecer. Era mais parecida com o pai do que eu pensara.

O que você acharia disso, Will?, perguntei em silêncio.

Porém, por mais que eu tivesse me esforçado para ajudá-la, eu não sabia o que fazer por ela. Não sabia como melhorar aquela situação.

Pensei nas palavras da minha irmã: *Você sabe que não vai conseguir lidar*.

E, só por alguns instantes silenciosos antes de amanhecer, fiquei com ódio dela por ter razão.

* * *

Instauramos uma rotina em que Lily ia me visitar no intervalo de alguns dias. Eu nunca tinha certeza de qual versão dela eu encontraria à minha porta: a histericamente alegre, exigindo que saíssemos para comer num restaurante ou fôssemos olhar o gato deslumbrante no muro lá embaixo, ou que dançássemos na sala ao som de alguma banda que ela acabara de descobrir; ou a Lily calma e preocupada, que ao entrar me cumprimentava em silêncio com a cabeça, depois se deitava no sofá e assistia à televisão. Às vezes, ela fazia perguntas aleatórias sobre Will: de que programas ele gostava? (Ele mal via televisão. Preferia filmes.) Ele tinha uma fruta preferida? (Uva sem caroço. Vermelha.) Quando foi a última vez que o viu rir? (Ele não ria muito. Mas seu sorriso… eu conseguia visualizar imediatamente, um raro lampejo de dentes brancos e retos, os olhos franzidos.) Eu nunca tinha certeza se ela considerava minhas respostas satisfatórias.

Depois, mais ou menos a cada dez dias, surgia a Lily bêbada, ou coisa pior (eu nunca sabia muito bem), que batia com força na minha porta de madrugada, ignorando meus protestos em relação à hora e ao sono perdido, passava por mim aos tropeções com as bochechas borradas de rímel e um sapato faltando e desabava na sua pequena cama, recusando-se a acordar quando eu saía de manhã.

Ela parecia não ter hobbies nem muitos amigos. Falava com qualquer pessoa na rua, pedindo favores com a naturalidade espontânea de uma criança destemida. Mas não atendia o telefone em casa e achava que ninguém fosse gostar dela.

Considerando que a maioria das escolas particulares estava fechada porque era verão, perguntei onde ela ficava quando não estava no meu apartamento ou visitando a mãe, e, após uma breve pausa, ela respondeu:

— Na casa do Martin.

Ao perguntar se ele era seu namorado, ela fez a expressão universal de quando os adolescentes reagem a algo que um adulto diz que não é apenas incrivelmente idiota, mas revoltante também.

De vez em quando, ela ficava zangada, outras vezes, era grosseira. Mas eu nunca deixava de recebê-la. Por mais caótico que seu comportamento fosse, eu tinha a sensação de que meu apartamento era um porto seguro. Comecei a procurar pistas: bisbilhotando seu celular em busca de mensagens (bloqueado por senha), seus bolsos em busca de drogas (nenhuma, com exceção daquele único baseado). Uma vez, dez minutos após ela ter chegado, bêbada e com o rosto

marcado pelas lágrimas, ficou olhando para o carro diante do meu prédio, que buzinou sem parar por quase uma hora.

Por fim, um dos vizinhos desceu e bateu no vidro com tanta força que o motorista ligou o carro e saiu dali.

— Sabe, não estou julgando, mas não é uma boa ideia ficar tão bêbada a ponto de não saber mais o que está fazendo, Lily — falei certa manhã, ao fazer café para nós duas.

Lily passava tanto tempo comigo que precisei adaptar minha vida a ela: fazer compras para duas pessoas, catar a bagunça que não era minha, preparar duas bebidas quentes, me lembrar de fechar a porta do banheiro para evitar gritos como: *Ai, meu Deus. Que nojento!*

— Você está julgando, sim. Isso é exatamente o que “não é uma boa ideia”

significa.

— Estou falando sério.

— Eu digo o que você deve fazer com a sua vida? Digo que esse apartamento é deprimente e que você se veste como alguém que perdeu a vontade de viver, menos quando está de duende pornô manco? Digo? Digo?

Não. Não falo nada disso, então me deixe em paz.

Eu fiquei com vontade de contar a ela. Quis lhe dizer o que acontecera comigo nove anos antes, numa noite em que eu tinha bebido demais e minha irmã me levara de madrugada para casa, descalça e chorando baixinho. Mas, sem dúvida, ela reagiria a isso com o mesmo desdém infantil que dedicava a grande parte das minhas revelações, e eu só tinha conseguido ter essa conversa com uma pessoa. Uma pessoa que não estava mais aqui.

— Também não é justo me acordar no meio da noite. Tenho que levantar cedo para trabalhar.

— Então me dê uma chave. Assim eu não acordo você.

Ela usou aquele sorriso vitorioso comigo. Era raro, deslumbrante e tão parecido com o de Will que acabei lhe dando uma chave. Assim que a entreguei, já sabia o que minha irmã diria sobre isso.

* * *

Durante esse período, falei duas vezes com o Sr. Traynor. Ele parecia ansioso para saber se Lily estava bem, e tinha começado a se preocupar com o que ela faria da vida.

— Quer dizer, dá para perceber que é uma menina inteligente. Não é uma boa ideia abandonar a escola aos dezesseis anos. Os pais dela têm alguma coisa a dizer sobre isso?

— Pelo que parece não há muito diálogo.

— Será que eu devia falar com eles? Acha que ela precisa de uma provisão para a faculdade? Você precisa saber que as coisas estão um pouco mais apertadas do que antes do divórcio, mas Will deixou um bom dinheiro. Então pensei que essa pudesse ser… uma forma adequada de usá-

lo. — Ele baixou o tom de voz: — Mas talvez seja prudente não contarmos nada ainda para Della. Não quero que ela fique com a impressão errada.

Resisti à vontade de lhe perguntar qual seria a impressão correta.

— Louisa, você acha que consegue convencer Lily a voltar? Não paro de pensar nela. Eu gostaria que a gente tentasse outra vez. Sei que Della também adoraria conhecê-la melhor.

Lembrei-me da expressão de Della enquanto estávamos na cozinha e me perguntei se o Sr. Traynor estava deliberadamente cego ou se ele não passava de um eterno otimista.

— Vou tentar — prometi.

* * *

Há um silêncio peculiar num apartamento quando ficamos sozinhos na cidade durante um fim de semana quente de verão. Eu trabalhava no primeiro turno, que terminava às quatro da tarde, portanto chegava em casa às cinco, exausta e, no fundo, ficava agradecida pelo fato de ter, por algumas horas, meu apartamento só para mim. Tomava um banho, comia uma torrada, fazia uma pesquisa na internet para conferir se havia algum emprego que pagasse mais que o salário mínimo ou que o contrato de trabalho não fosse uma exploração declarada, depois me sentava na sala com todas as janelas abertas para encorajar a entrada do vento, ouvindo os barulhos da cidade subirem com o ar quente.

Na maior parte do tempo eu me sentia razoavelmente satisfeita com a minha vida. Já tinha comparecido a várias sessões de grupo para saber que era importante ser grato pelos simples prazeres. Eu tinha saúde. Eu me reaproximara da minha família. Estava trabalhando. Se não havia feito as pazes com a morte de Will, pelo menos me sentia como se talvez estivesse saindo da sombra dele.

Mas mesmo assim…

Algo doía dentro de mim em noites como essa, em que havia vários casais passeando nas ruas e pessoas risonhas saindo dos pubs, já planejando refeições, noitadas, viagens. Algo primitivo me dizia que eu estava no lugar errado, que estava perdendo alguma coisa.

Era nesses momentos que eu mais me sentia deixada para trás.

Arrumei um pouco a casa, lavei meu uniforme e depois, justo quando comecei a sentir uma melancolia silenciosa, o interfone tocou. Levantei-me e atendi com cansaço, esperando que fosse um motorista da UPS

perguntando sobre um endereço ou uma pizza havaiana entregue no apartamento errado, mas, em vez disso, ouvi uma voz masculina.

— Louisa?

— Quem é? — perguntei, embora tivesse reconhecido no mesmo instante quem era.

— Sam. O Sam da ambulância. Eu estava voltando do trabalho e simplesmente… Bem, você foi embora tão depressa naquela noite, então pensei em perguntar se estava tudo bem.

— Quinze dias depois? A essa altura eu já poderia ter sido comida por gatos.

— Pelo visto não foi.

— Não tenho gato. — Um breve silêncio. — Mas estou bem, Sam da ambulância. Obrigada.

— Ótimo… Fico feliz de ouvir isso.

Eu me aproximei da tela do pequeno monitor para poder ver sua imagem granulada e em preto e branco. Ele estava usando uma jaqueta em vez do uniforme de paramédico e se apoiava na parede com uma das mãos, que afastou em seguida, se virando para a rua. Eu o vi suspirar, e esse pequeno movimento

me levou a perguntar:

— E aí… O que você tem feito?

— Pouca coisa. Tenho tentado conversar com alguém por um interfone, mas não estou tendo sucesso.

Ri rápido demais. E muito alto.

— Desisti disso há séculos — falei. — Dificulta muito quando queremos convidar a pessoa para tomar um drinque.

Vi que ele riu. Olhei em volta do meu apartamento silencioso. E, sem pensar, falei:

— Fique aí. Vou descer.

* * *

Eu ia de carro, mas, quando ele estendeu um capacete extra, pareceu frescura insistir no meu meio de transporte. Enfiei as chaves no bolso e fiquei esperando um gesto dele para subir na garupa.

— Você é paramédico. E anda de moto.

— Eu sei. Mas esse é o único vício que me restou. — Ele deu um sorriso malicioso. Senti um frio na barriga. — Você não se sente segura comigo?

Não havia resposta adequada para essa pergunta. Sustentei o olhar dele e montei na garupa. Se ele fizesse algo perigoso, tinha as habilidades necessárias para dar um jeito depois.

— Então, o que eu faço? — perguntei, colocando o capacete. — Nunca andei de moto.

— Segure as alças do assento e faça o mesmo movimento da moto. Não se apoie em mim. Se não estiver gostando, dê um tapinha no meu ombro que eu paro.

— Aonde vamos?

— Você é boa em decoração?

— Sou um caso perdido. Por quê?

Ele ligou o motor.

— Pensei em lhe mostrar minha casa nova.

Logo depois estávamos no meio do tráfego, ziguezagueando entre os carros e os caminhões, seguindo as placas em direção à autoestrada. Tive que fechar os olhos, encostar o corpo nas costas dele e torcer para que não me ouvisse gritar.

* * *

Seguimos para o subúrbio da cidade, onde os jardins eram mais extensos, depois se transformavam em campos, e as casas tinham nomes em vez de números. Atravessamos um vilarejo que não era propriamente separado do anterior, e Sam diminuiu a velocidade diante de uma porteira, até que, por fim, desligou o motor, fazendo sinal para que eu saltasse. Tirei o capacete ainda ouvindo meu coração, e tentei levantar o cabelo suado com dedos que continuavam retesados de agarrar as alças da garupa.

Sam abriu a porteira e me deixou passar. Metade do campo era pasto, a outra consistia numa confusão irregular de concreto e tijolos. No canto fora da obra, abrigado por uma sebe alta, havia um vagão de trem e, ao lado, um galinheiro onde várias aves pararam para nos olhar cheias de expectativa.

— Minha casa.

— Legal! — Olhei em volta. — Hum… Cadê?

Sam começou a andar pelo campo.

— Lá. Lá estão as fundações. Levei quase três meses para assentar isso.

— Você mora aqui?

— Moro.

Observei as tábuas de concreto. Quando olhei para ele, algo em sua expressão me fez desistir do que eu ia dizer. Cocei a cabeça.

— Então… você vai ficar a tarde inteira parado aí? Ou vai me levar para uma visita guiada?

Banhados pelo sol da tarde, cercados pelos aromas de relva e lavanda e pelo zumbido preguiçoso das abelhas, íamos passando devagar de uma tábua a outra, Sam apontando para onde seriam as janelas e as portas duplas.

— Esse é o banheiro.

— Venta um pouco aqui.

— É. Preciso resolver isso. Cuidado. Essa não é uma porta de verdade.

Você acabou de entrar no chuveiro.

Ele passou por cima de uma pilha de tijolos e subiu em outra grande tábua cinza, estendendo a mão para que eu também pudesse passar com segurança pelos tijolos.

— E aqui é a sala. Se você olhar por aquela janela ali — ele formou um quadrado com os dedos —, verá o campo aberto.

Olhei para a paisagem tremeluzindo lá embaixo. Tive a sensação de estarmos a milhões de quilômetros da cidade, e não a quinze. Respirei fundo, aproveitando o fator inesperado de tudo aquilo.

— É bonito, mas acho que seu sofá está no lugar errado — falei. — Você precisa de dois. Um aqui e talvez um lá também. E imagino que tenha uma janela aqui, não?

— Ah, sim. É preciso ter vista para os dois lados.

— Hum. E você realmente precisa reconsiderar a sua despensa.

O mais absurdo de tudo foi que, durante os poucos minutos de passeio e conversa, consegui visualizar a casa. Eu acompanhava a linha das mãos de Sam, quando ele indicava lareiras invisíveis, evocava escadas com a imaginação, desenhava retas em tetos inexistentes. Fui capaz de ver suas janelas mais altas que o padrão, os corrimões que um amigo dele iria construir com carvalho envelhecido.

— Vai ficar lindo — falei, quando ele indicou a última suíte.

— Daqui a uns dez anos. Mas, sim, espero que fique lindo mesmo.

Olhei em volta do campo, reparando na horta, no galinheiro, no canto dos pássaros.

— Vou confessar que isso não é o que eu esperava. Você não pretende, sabe, chamar alguns pedreiros?

— Um dia eu vou acabar chamando. Mas gosto de cuidar disso. Construir uma

casa faz bem à alma. — Ele deu de ombros. — Quando a gente passa o dia inteiro suturando ferimentos, lidando com ciclistas confiantes demais, esposas feitas de saco de pancada pelos maridos, crianças com asma crônica por causa da umidade…

— …e mulheres idiotas que caem de telhados.

— Essas também. — Ele apontou para a betoneira e a pilha de tijolos. —

Faço isso para poder conviver com essas coisas. Cerveja?

Ele entrou no vagão, fazendo sinal para que eu o seguisse.

Por dentro já não era mais um vagão. Tinha uma pequena cozinha impecavelmente planejada e um sofá estofado em L no fundo, embora ainda conservasse um cheiro fraco de cera de abelha e antigos passageiros.

— Não gosto de casas móveis — disse ele, como se estivesse se explicando. Acenou para o sofá. — Sente-se.

Pegou uma cerveja na geladeira e me entregou depois de abri-la. Colocou uma chaleira no fogão para si mesmo.

— Você não vai beber?

Ele negou com a cabeça.

— Depois de vários anos nesse emprego reparei que eu costumava chegar em casa e tomar uma bebida para relaxar. E depois eram duas. Até que percebi que não conseguia relaxar sem tomar aquelas duas, ou talvez três. — Ele abriu uma caixa de chá e jogou um saquinho dentro de uma caneca. — Então… perdi uma pessoa próxima e decidi que ou eu largava o álcool ou nunca mais pararia de beber. — Ele não olhou para mim enquanto contava isso, ficou apenas andando pelo vagão, uma presença marcante e particularmente graciosa naquele espaço estreito. — Ainda bebo uma cerveja ou outra, mas hoje, não. Vou levá-la para casa mais tarde.

Comentários como esse acabavam com a estranheza de estar sentada num vagão de trem com um homem que eu mal conhecia. Como era possível se manter reservada com alguém que tinha cuidado do seu corpo quebrado e parcialmente despido? Como era possível ficar ansiosa com um homem que já havia me contado seus planos de me levar de volta para casa? Como se as circunstâncias de nosso primeiro encontro tivessem removido os obstáculos constrangedores

normalmente encontrados por duas pessoas que estão se conhecendo. Ele já me vira de calcinha e sutiã.

Droga, ele me vira totalmente vulnerável. Mas depois disso fiquei à vontade ao lado de Sam de um jeito que não me sentia com mais ninguém.

O vagão me fazia lembrar das carroças de ciganos sobre as quais eu lera durante a infância, onde tudo tinha um lugar e havia organização mesmo num espaço confinado. Era acolhedor, mas austero, e inconfundivelmente masculino. Tinha um aroma agradável de madeira aquecida pelo sol, sabonete e bacon. Um recomeço, supus. Eu me perguntei o que tinha acontecido com a antiga casa dele e de Jake.

— Então… hum… o que Jake acha disso?

Ele se sentou com o chá na outra ponta do sofá.

— No início ele achou que eu estivesse maluco. Mas agora gosta bastante.

Cuida dos bichos quando estou de plantão. Em troca, prometi ensiná-lo a dirigir aqui pelo campo quando fizer dezessete anos — Ele ergueu a caneca.

— Que Deus me ajude.

Ergui minha cerveja em resposta.

Talvez fosse o prazer inesperado de estar fora de casa numa noite quente de sexta-feira com um homem que me olhava nos olhos enquanto falava e tinha um cabelo que dava vontade de despentear com os dedos, ou talvez essas sensações fossem apenas consequência da segunda cerveja, mas eu finalmente estava começando a me divertir. Ficou abafado dentro do vagão, por isso fomos nos sentar do lado de fora em duas cadeiras dobráveis.

Observei as galinhas ciscarem na grama, o que era muito relaxante, e escutei as histórias de Sam sobre pacientes obesos, que precisavam de quatro equipes para tirá-los de casa, e sobre jovens membros de gangues, que tentavam agredir uns aos outros mesmo enquanto eram suturados nos fundos da ambulância. Durante a conversa, eu lançava olhares furtivos para ele, notando o jeito que segurava a caneca, seus sorrisos inesperados que formavam no canto dos olhos três linhas perfeitas que davam a impressão de terem sido riscadas com uma precisão minuciosa.

Ele me contou sobre seus pais: o pai era um bombeiro aposentado, a mãe, uma

cantora de boate que largara a carreira pelos filhos. (“Acho que é por isso que sua roupa chamou minha atenção. Fico confortável com brilho.”) Sam não mencionou o nome da falecida mulher, mas comentou que a mãe dele se preocupava com a permanente falta de influência feminina na vida de Jake.

— Minha mãe vem buscá-lo uma vez por mês e o leva a Cardiff para que ela e as irmãs possam falar amorosamente com ele, alimentá-lo e garantir que ele tenha meias suficientes. — Sam apoiou os cotovelos nos joelhos. —

Ele reclama de ter que ir, mas no fundo adora.

Contei que Lily reaparecera, e ele estremeceu ao ouvir a história do encontro dela com os Traynor. Comentei sobre seu humor desconcertante e seu comportamento errático, e ele assentiu, como se isso tudo fosse esperado. Quando falei sobre a mãe de Lily, ele balançou a cabeça.

— Pais ricos não significa pais melhores — disse Sam. — Se estivesse vivendo de seguro-desemprego, essa mãe provavelmente receberia uma visitinha da assistência social. — Ele ergueu a caneca para mim. — Você está fazendo uma boa ação, Louisa Clark.

— Não tenho certeza se estou fazendo direito.

— Ninguém nunca acha que está acertando com adolescentes —

comentou ele. — Acho que essa é a questão deles.

Era difícil conciliar esse Sam, à vontade em casa, cuidando de suas galinhas, com a versão chorosa e que vivia correndo atrás de um rabo de saia sobre a qual ouvimos falar no Grupo Seguindo em Frente. Mas eu sabia muito bem que a persona que escolhemos apresentar ao mundo pode ser bem diferente da que existe no íntimo. Eu sabia como o luto pode nos fazer agir de maneiras que nem nós mesmos conseguimos entender.

— Adorei seu vagão de trem — falei. — E sua casa invisível.

— Então espero que volte — disse ele.

O mulherengo compulsivo. Se era assim que conquistava as mulheres, pensei com certa nostalgia, então, nossa, ele era bom. Consistia numa mistura potente: o enlutado pai cortês, os raros sorrisos, o jeito como ele conseguia pegar uma galinha com apenas uma das mãos e o animal de fato parecia feliz com isso. Eu repetia para mim mesma que não me permitiria virar uma daquelas namoradas

psicopatas. Mas havia um prazer secreto em simplesmente flertar de forma discreta com um homem bonito. Era agradável sentir algo diferente de ansiedade e fúria, as emoções irmãs que pareciam tão presentes no meu dia a dia. Nos últimos meses, os únicos encontros que eu tivera com alguém do sexo oposto haviam sido impulsionados pelo álcool, e, no fim, eu terminara em um táxi e derramara lágrimas de desprezo por mim mesma no chuveiro.

O que você acha, Will? Está bom assim?

Já havia escurecido, e nós observamos as galinhas irem cacarejando indignadas até o galinheiro.

Sam continuou olhando para os animais e se recostou na cadeira.

— Tenho a sensação, Louisa Clark, de que quando você está falando comigo há uma conversa diferente acontecendo em outro lugar.

Eu queria dar uma resposta inteligente. Mas ele tinha razão, e não havia nada que eu pudesse dizer.

— Você e eu. Nós dois estamos fugindo de alguma coisa.

— Você é muito direto.

— E agora a deixei constrangida.

— Não. — Olhei para ele. — Bem, talvez só um pouco.

Atrás de nós, um corvo levantou voo ruidosamente e o bater de suas asas fez vibrar o ar parado. Resisti ao impulso de alisar o cabelo e, em vez disso, tomei o último gole da minha cerveja.

— Tudo bem. Enfim. Tenho uma pergunta de verdade. Quanto tempo acha que a gente leva para superar a morte de alguém? Quer dizer, alguém que a gente realmente amou.

Não sei direito por que perguntei isso a ele. Foi de uma falta de sensibilidade quase cruel, considerando as circunstâncias. Talvez fosse medo de que o mulherengo compulsivo estivesse prestes a pôr as mangas de fora.

Os olhos de Sam se arregalaram um pouco.

— Hum. Bem… — Ele olhou para sua caneca e depois para os campos sombrios. — Não tenho certeza se algum dia a gente supera.

— Que animador.

— Pois é. Já pensei muito sobre isso. Aprendemos a conviver com a perda, com as pessoas que nos deixam. Porque elas permanecem conosco, mesmo não estando vivas, mesmo não respirando mais. Não é a mesma dor avassaladora que sentimos no começo, aquela que nos invade e dá vontade de chorar nos lugares errados, que nos deixa irracionalmente irritados com todos os idiotas que ainda continuam vivos, enquanto quem amamos está morto. Mas aprendemos a nos adaptar. É como se acostumar com um buraco dentro de nós. Sei lá. É como se nos tornássemos… um donut quando queríamos virar um pão.

Sua expressão era tão triste que de repente me senti culpada.

— Um donut.

— Uma analogia idiota — confessou ele, com um meio sorriso.

— Não tive intenção de…

Ele balançou a cabeça. Olhou para a grama a seus pés e depois de soslaio para mim.

— Vamos. Vou levar você para casa.

Andamos pelo campo até alcançar a moto dele. Estava mais fresco, então cruzei os braços. Ele reparou nisso e me deu sua jaqueta, insistindo quando eu disse que não precisava. A jaqueta tinha um peso agradável e era potentemente masculina. Tentei não sentir o cheiro dela.

— Você trata todos os seus pacientes assim?

— Só os vivos.

Ri de forma inesperada e mais alto do que eu pretendera.

— A gente não devia ter encontros com os pacientes. — Ele estendeu o capacete para mim. — Mas acho que você não é mais minha paciente.

Peguei o capacete.

— E isso não é realmente um encontro.

— Não é? — Ele fez um discreto gesto filosófico com a cabeça enquanto eu subia na garupa. — Tudo bem.

11

Naquela semana, quando cheguei ao Grupo Seguindo em Frente, Jake não estava lá. Enquanto Daphne discutia sua incapacidade de abrir potes de vidro sem ter um homem na cozinha e Sunil comentava a dificuldade de dividir entre os irmãos os poucos pertences do irmão que faleceu, fiquei esperando as pesadas portas vermelhas se abrirem no fundo do salão da igreja. Disse a mim mesma que eu estava preocupada com o bem-estar dele, que Jake precisava ser capaz de expressar seu desconforto com o comportamento do pai num lugar seguro. Falei com firmeza a mim mesma que não era Sam quem eu queria ver, encostado na moto.

— Quais são as pequenas coisas que a deixam para baixo, Louisa?

Talvez Jake tivesse parado de frequentar a terapia, pensei. Quem sabe ele houvesse decidido que não precisava mais. As pessoas abandonavam o tratamento, sim. E pronto. Eu nunca mais veria nenhum dos dois.

— Louisa? As coisas do dia a dia? Deve ter alguma.

Eu não parava de pensar naquele campo, naquele vagão de trem arrumado, em como Sam andara por lá com uma galinha embaixo do braço, como se carregasse um embrulho precioso. As penas no peito da ave eram suaves como seda.

Daphne me cutucou.

— Estávamos discutindo as pequenas coisas do dia a dia que nos obrigam a pensar na perda — disse Marc.

— Sinto falta de sexo — confessou Natasha.

— Isso não é uma coisa pequena — retrucou William.

— Você não conheceu meu marido — falou Natasha, rindo. — Não conheceu mesmo. Essa é uma piada horrível. Desculpem. Não sei o que deu em mim.

— É bom fazer piada — disse Marc, de um jeito encorajador.

— Olaf era muito bem-dotado. Muito bem-dotado mesmo. — Natasha observou a roda. Como ninguém falou nada, ela ergueu as mãos a uma distância de um palmo e meio uma da outra e assentiu enfaticamente. —

Éramos muito felizes.

Houve um breve silêncio.

— Ótimo — disse Marc. — É bom ouvir isso.

— Não quero que ninguém pense… Quer dizer, não quero que as pessoas se lembrem disso ao pensar no meu marido. Que ele tinha um… pequeno…

— Tenho certeza de que ninguém pensa isso do seu marido.

— Eu vou pensar, se você continuar repetindo — disse William.

— Não quero que você pense no pênis do meu marido — exigiu Natasha.

— Na verdade, proíbo você de pensar no pênis dele.

— Então pare de falar sobre isso! — exclamou William.

— Será que podemos não falar sobre pênis? — perguntou Daphne. —

Fico um pouco sem jeito. As freiras nos batiam com régua se falássemos apenas “virilha”.

A voz de Marc ganhou um tom de desespero.

— Será que podemos levar a conversa para outro… De volta para os símbolos de perda? Louisa, você estava prestes a nos dizer quais são as pequenas coisas que a fazem se lembrar da sua perda.

Fiquei ali tentando ignorar Natasha, que ergueu as mãos mais uma vez, medindo em silêncio alguma improvável extensão invisível.

— Acho que sinto falta de ter alguém com quem discutir vários assuntos

— falei com cautela.

Houve um murmúrio de concordância.

— Quer dizer, não sou uma dessas pessoas que têm um grande círculo de amigos. Fiquei séculos com meu último namorado e… a gente não saía muito. E depois surgiu… Bill. A gente conversava o tempo todo. Sobre música, pessoas, o que a gente já tinha feito e o que queria fazer, e nunca me preocupava em dizer a coisa errada ou ofender alguém porque ele simplesmente me “sacava”, entendem? Mas me mudei para Londres e não tenho ninguém, com exceção da minha família, sendo que conversar com eles é sempre… complicado.

— Continue — incentivou Sunil.

— E está acontecendo uma coisa sobre a qual eu gostaria muito de falar com ele. Fico imaginando nossa conversa, mas não é a mesma coisa. Sinto falta daquela… capacidade de simplesmente perguntar “Ei, o que você acha disso?”. E saber que o que ele dissesse provavelmente seria a coisa certa.

O grupo ficou em silêncio por um instante.

— Você pode conversar com a gente, Louisa — disse Marc.

— É… complicado.

— É sempre complicado — acrescentou Leanne.

Observei os semblantes deles, bondosos e cheios de expectativa, mas não havia a menor possibilidade de que entendessem qualquer coisa que eu dissesse. Entendessem *de verdade*.

Daphne ajeitou seu lenço de seda.

— O que Louisa precisa é de outro rapaz com quem conversar. É claro que precisa. Você é jovem e bonita. Vai encontrar outra pessoa — disse. —

E, Natasha, volte à ativa. É tarde demais para mim, mas vocês duas não deviam estar sentadas neste velho salão xexelento. Desculpe, Marc, mas elas não deviam. Tinham que estar em algum lugar dançando, rindo.

Natasha e eu nos entreolhamos. Estava óbvio que ela queria sair para dançar tanto quanto eu.

De repente me lembrei de Sam da ambulância, mas afastei o pensamento.

— E se algum dia você quiser outro pênis — disse William —, com certeza eu poderia desenhar em um…

— Tudo bem, gente. Vamos passar para os testamentos — interrompeu Marc. — Alguém surpreso com o que se deparou?

* * *

Cheguei em casa exausta às nove e quinze e encontrei Lily de pijama, deitada no sofá diante da televisão. Larguei minha bolsa.

— Há quanto tempo você está aqui?

— Desde o café da manhã.

— Está tudo bem?

— Hum.

Sua palidez indicava doença ou exaustão.

— Não está se sentindo bem?

Ela comia pipoca de uma tigela e preguiçosamente passava a mão no fundo para pegar as migalhas.

— Só não estou a fim de fazer nada hoje.

Seu telefone tocou. Ela ficou olhando com indiferença para a mensagem que chegou e depois enfiou o aparelho embaixo da almofada do sofá.

— Está tudo bem mesmo? — perguntei após algum tempo.

— Tudo ótimo.

Ela não parecia ótima.

— Posso ajudar em alguma coisa?

— Já falei que estou ótima.

Ela não olhou para mim ao dizer isso.

* * *

Lily passou aquela noite lá em casa. No dia seguinte, logo antes de eu sair para trabalhar, o Sr. Traynor ligou e pediu para falar com ela. Lily estava jogada no sofá e olhou impassível para mim quando lhe disse quem estava na linha, em seguida, com relutância, esticou a mão para pegar o telefone.

Fiquei ali parada enquanto ela escutava o que ele dizia. Eu não conseguia ouvir suas palavras, mas dava para distinguir seu tom de voz: bondoso, delicado e tranquilizador. Quando ele terminou, ela esperou um pouco, depois disse:

— Tudo bem. Ótimo.

— Vai se encontrar com ele de novo? — perguntei, quando ela me devolveu o telefone.

— Ele quer vir a Londres me ver.

— Hum, isso é bom.

— Mas não está podendo ficar muito longe *dela*, pois pode entrar em trabalho de parto.

— Quer que eu leve você até lá para falar com ele?

— Não.

Ela acomodou os joelhos embaixo do queixo, pegou o controle remoto e ficou trocando de canal.

— Quer conversar sobre isso? — perguntei, depois de um instante.

Ela não respondeu, e após algum tempo percebi que a conversa estava encerrada.

* * *

Na quinta-feira, entrei no meu quarto, fechei a porta e liguei para minha irmã. Nós nos falávamos várias vezes durante a semana. Ficou mais fácil depois que minha desavença com nossos pais passou e já não pairava entre nós feito um campo minado.

— Você acha que é normal?

— Certa vez papai me disse que, quando eu tinha dezesseis anos, fiquei duas semanas inteiras sem falar com ele. Eu só grunhia. E na verdade eu estava bem feliz.

— Ela nem está grunhindo. Só parece muito infeliz.

— Todos os adolescentes parecem. É a configuração padrão deles. É com os alegres que devemos nos preocupar. Esses provavelmente estão escondendo um sério transtorno alimentar ou roubando batons na farmácia.

— Ela passou os últimos três dias deitada no sofá.

— E a que conclusão você chegou?

— Acho que tem alguma coisa errada.

— A menina tem dezesseis anos. O pai nunca soube da sua existência e bateu as botas antes que ela pudesse conhecê-lo. A mãe se casou com um cara que ela chama de Pentelho. Tem dois irmãos pequenos que mais parecem aprendizes daqueles bandidos famosos, Reggie e Ronnie Kray, e a família trocou as fechaduras da casa. Se eu fosse ela, provavelmente passaria um ano inteiro deitada no sofá. — Treena deu um gole ruidoso no seu chá. — E ela ainda está morando com uma pessoa que vai trabalhar no bar com uma saia verde de Spandex brilhante e chama isso de profissão.

— Lurex. É de Lurex.

— Que seja. Quando é que você vai arranjar um emprego decente?

— Em breve. Só preciso resolver essa situação primeiro.

— Essa situação.

— Lily está muito deprimida. Eu me sinto mal por ela.

— Sabe o que me deprime? O fato de você ficar prometendo levar um tipo de vida e depois se sacrificar por qualquer criatura desamparada que apareça na sua frente.

— Will não era uma criatura desamparada.

— Mas Lily é. Você nem *conhece* essa menina, Lou. Devia focar em seguir em frente. Devia estar mandando seu currículo, falando com as pessoas, descobrindo seus pontos fortes, sem procurar mais uma desculpa para adiar sua vida.

Olhei para o céu lá fora. Eu conseguia ouvir o som da televisão vindo do cômodo ao lado, depois escutei Lily se levantando, indo até a geladeira e desabando novamente no sofá. Abaixei o tom de voz:

— O que você faria, Treen? A filha do homem que você amava aparece na sua porta e todas as outras pessoas parecem ter passado adiante a responsabilidade de cuidar dela. Você também a deixaria na mão? — Minha irmã ficou quieta. Isso era raro, então me senti obrigada a continuar: —

Imagine se daqui a oito anos Thom brigar com você, por qualquer motivo, e digamos que ele estivesse bastante sozinho e saindo dos trilhos. Você acharia bom se a única pessoa a quem ele tivesse pedido ajuda considerasse isso um saco? Que ele devia simplesmente dar o fora e fazer o que quisesse? — Encostei a

cabeça na parede. — Estou tentando fazer a coisa certa. Então me poupe, está bem? — Nenhuma resposta. — Eu me sinto melhor fazendo isso, ok? Eu me sinto melhor sabendo que estou ajudando.

Fazia tanto tempo que minha irmã estava calada que me perguntei se ela havia desligado.

— Treen?

— Tudo bem. Bom, eu me lembro, sim, de ter lido alguma coisa em psicologia social sobre como os adolescentes consideram exaustivo o excesso de contato com alguém.

— Você quer que eu fale com ela através de uma porta?

Um dia eu ainda teria uma conversa por telefone com minha irmã que não envolveria o suspiro cansado de quem precisa explicar alguma coisa a uma pessoa idiota.

— Não, sua bocó. Para convencê-la a falar, é necessário que estejam fazendo alguma coisa juntas, lado a lado.

* * *

Ao voltar do trabalho na sexta à noite, parei numa enorme loja de bricolagem. Subi os quatro andares de escada do meu prédio carregando as sacolas e depois entrei em casa. Lily estava exatamente onde eu esperava encontrá-la: estirada na frente da televisão.

— O que é isso? — perguntou ela.

— Tinta. Esse apartamento está um pouco sem graça. Você vive me dizendo que preciso dar uma alegrada nele. Pensei em nos livrarmos desse tom creme velho e entediante.

Ela não conseguiu se conter. Fingi me ocupar preparando uma bebida para mim, observando de rabo de olho ela se espreguiçar e em seguida conferir as latas de tinta.

— Essa cor não é menos sem graça. É cinza-claro.

— Disseram que cinza era a cor da moda. Mas posso devolver se você acha que não vai funcionar.

Ela deu mais uma olhada.

— Não. Essa está boa.

— Pensei que o quarto de hóspedes podia ter duas paredes creme e uma cinza. Acha que combina?

Desembrulhei os pincéis e os rolos enquanto falava. Troquei de roupa e vesti uma camisa velha e um short, então perguntei se ela poderia colocar uma música.

— Qual estilo?

— Você escolhe. — Puxei uma cadeira para o lado e cobri uma área ao longo da parede para proteger da sujeira. — Seu pai disse que eu era uma ignorante no que diz respeito a música.

Ela não falou nada, mas eu tinha atraído sua atenção. Abri uma lata de tinta e comecei a misturar.

— Ele me fez ir ao meu primeiro concerto. De música clássica, não pop.

Só concordei porque isso significava que ele sairia de casa. Nos primeiros dias, Will não gostava muito de sair. Mas vestiu uma camisa e um bom paletó e foi a primeira vez que o vi com uma aparência… — Lembrei-me do choque ao ver, emergindo do colarinho azul engomado, o homem que ele tinha sido antes do acidente. Engoli em seco. — Enfim, fui preparada para ficar entediada, mas chorei durante toda a segunda parte feito uma maluca.

Foi a coisa mais incrível que ouvi na vida.

Um breve silêncio.

— O que era? O que vocês ouviram?

— Não me lembro. Sibelius? Pode ser que seja isso.

Ela deu de ombros. Quando veio para o meu lado, comecei a pintar. Lily escolheu um pincel. Não falou nada no início, mas parecia totalmente absorta na natureza repetitiva da tarefa. Também foi cuidadosa, ajeitando o pano que protegia o local para que não pingasse tinta no chão, limpando o pincel na borda da lata. Não falávamos nada, a não ser quando murmurávamos alguns pedidos: *Pode me passar o pincel menor? Acha que isso vai continuar aparecendo na segunda demão?* Levamos apenas meia hora para pintar a primeira parede.

— Então, o que acha? — perguntei, admirando nosso trabalho. — Acha que podemos pintar outra?

Ela moveu o pano e começou a trabalhar na parede seguinte. Colocara para tocar uma banda *indie* da qual eu nunca tinha ouvido falar, mas que era alegre e agradável. Recomecei a pintar, ignorando a dor no meu ombro e a vontade de bocejar.

— Você devia arranjar uns quadros.

— É mesmo.

— Tenho uma grande gravura do Kandinsky lá em casa. Não combina muito com meu quarto. Pode ficar com você, se quiser.

— Seria ótimo.

Ela passou a trabalhar mais depressa, cobrindo logo a parede e contornando com cuidado a grande janela.

— Andei pensando que a gente devia falar com a mãe do Will — comecei.

— Sua avó. Tudo bem para você se eu escrever para ela?

Lily não disse nada. Agachou-se, parecendo concentrada em pintar cuidadosamente a parede até o rodapé. Por fim, se levantou.

— Ela é parecida com ele?

— Com quem?

— Com o Sr. Traynor? Ela é parecida com o Sr. Traynor?

Desci da caixa que eu estava usando como escada e limpei o pincel na borda da lata.

— Ela é… diferente.

— Esse é o seu jeito de dizer que ela é uma vaca.

— Ela não é uma vaca. É só… Leva mais tempo para conhecê-la a fundo.

— Essa é sua maneira de me dizer que ela é uma vaca e que não vai gostar de mim.

— Não estou dizendo isso de jeito nenhum, Lily. Mas ela não demonstra com facilidade os sentimentos.

Lily suspirou e largou o pincel.

— Sou basicamente a única pessoa no mundo capaz de conhecer dois avós que não sabia que tinha e depois descobrir que nenhum dos dois gosta de mim.

Nós nos entreolhamos e de repente começamos a rir.

Tampei a lata de tinta.

— Venha — falei. — Vamos sair.

— Para onde?

— É você quem diz que preciso me divertir um pouco, então pode escolher.

* * *

Tirei várias blusas de uma das caixas até Lily finalmente decidir qual era aceitável. Permiti que ela me levasse para uma minúscula boate cavernosa numa ruazinha perto da West End onde os seguranças a conheciam pelo nome e ninguém parecia cogitar, nem por um instante, que ela pudesse ter menos de dezoito anos.

— Está tocando música dos anos 1990. Coisa dos velhos tempos! — disse ela toda alegre e tentei não pensar muito no fato de que, do ponto de vista dela, eu era basicamente uma anciã.

Dançamos até eu ficar desinibida, até ficarmos com as roupas molhadas de suor, o cabelo grudado, e eu acabar com tanta dor no quadril que me perguntava se conseguiria ficar em pé atrás do bar na semana seguinte.

Dançamos como se não tivéssemos mais nada para fazer. Nossa, foi muito bom. Eu tinha me esquecido da alegria de simplesmente existir, de se perder na música, em meio a uma multidão, as sensações que surgiam quando nos tornávamos uma única massa orgânica, animada apenas por um ritmo pulsante. Durante algumas horas noturnas e vibrantes, coloquei tudo para fora, e meus problemas saíram flutuando como balões de gás: meu trabalho horrível, meu chefe meticuloso, meu fracasso em seguir adiante. Eu me tornei cheia de vida e alegre. Olhei para Lily na multidão, de olhos fechados enquanto o cabelo balançava, aquela mistura estranha de concentração e liberdade que surge nos semblantes de quem se perde no ritmo. Então abriu os olhos e eu quis ficar brava

por ela estar erguendo uma garrafa que visivelmente não era de refrigerante, mas acabei rindo também, abrindo um grande sorriso eufórico e pensando em como era estranho que uma criança confusa, que mal se conhecia, tivesse tanto a me ensinar sobre a vida.

* * *

À nossa volta, Londres estava vibrante, embora fossem duas da manhã.

Paramos para Lily tirar selfies nossas na frente de um teatro, de uma placa chinesa e de um homem vestido de urso (pelo visto, tudo tinha que ter registro fotográfico), depois fomos cambaleando pelas ruas lotadas à procura de um ônibus, passando diante das lojas de kebab abertas até tarde e pelos bêbados que gritavam, pelos cafetões e pelas diversas garotas de voz estridente. Meu quadril latejava muito e o suor sob minhas roupas molhadas esfriava meu corpo de um jeito desagradável. Mesmo assim eu me sentia energizada, como se tivesse acordado para a vida.

— Só Deus sabe como vamos chegar em casa — comentou Lily com animação.

Então ouvi um grito.

— Lou! — Lá estava Sam, debruçando-se para fora da janela do motorista de uma ambulância. Quando ergui a mão em resposta, ele deu a volta no meio da rua. — Para onde estão indo?

— Para casa. Se conseguirmos achar um ônibus.

— Entrem aí. Andem logo. Isso fica entre nós. Estamos encerrando o expediente. — Sam olhou para a mulher ao seu lado. — Ah, fala sério, Don.

Ela é uma paciente. Quebrou o quadril. Não posso deixá-la ir a pé para casa.

Lily ficou encantada com essa surpresa. A porta de trás se abriu e a mulher, vestindo o uniforme de paramédico, revirava os olhos e fazia sinal para a gente entrar.

— Você vai nos fazer sermos demitidos, Sam — disse ela, gesticulando para a gente se sentar na maca. — Oi. Sou Donna. Ih… me lembro de você, sim. Você é aquela que…

— …caiu de um prédio. Essa mesmo.

Lilly me puxou para perto para fazer uma “selfie na ambulância”, e tentei evitar

encarar Donna, que revirou os olhos mais uma vez.

— Onde vocês estavam? — gritou Sam lá da frente.

— Dançando — respondeu Lily. — Tenho tentado convencer Louisa a não ser uma velha chata. Podemos ligar a sirene?

— Não. Onde vocês estavam? Aliás, sou outro velho chato. Não conheço nenhuma boate.

— Na Vinte e Dois — disse Lily. — Fica atrás da Tottenham Court Road.

— Foi lá que fizemos a traqueostomia de emergência, Sam.

— Eu lembro. Parece que você teve uma ótima noite.

Ele encontrou meu olhar pelo espelho e corei um pouco. De repente fiquei feliz por ter saído para dançar. Isso passava a impressão de que eu poderia ser uma pessoa completamente diferente. Não só uma trágica atendente do bar do aeroporto que achava que uma boa noitada era cair do telhado.

— Foi mesmo ótima — falei, com um sorriso radiante.

Então ele olhou para a tela do computador no painel.

— Ah, ótimo. Tem um ponto verde na Spencer's.

— Mas estávamos voltando — disse Donna. — Por que Lennie sempre faz isso com a gente? Esse cara é um sádico.

— Não tem mais ninguém disponível.

— O que está acontecendo?

— Apareceu um serviço. Talvez eu tenha que deixar vocês. Mas não fica longe da sua casa. Tudo bem?

— A Spencer's — disse Donna, suspirando fundo. — Ah, que ótimo.

Segurem-se, meninas.

A sirene disparou. E lá fomos nós, seguindo bruscamente pelo tráfego de Londres, com a luz azul fazendo barulho acima de nossas cabeças e Lily dando gritinhos de alegria.

Enquanto nos segurávamos no veículo, Donna nos contou que todas as noites o posto de saúde recebia ligações da Spencer's chamando para dar um jeito naqueles que não conseguiam mais se manter de pé ou para suturar o rosto de rapazes que, após seis cervejas, ficaram agressivos e sem nenhum bom senso.

— Esses jovens deveriam estar de bem com a vida, mas em vez disso gastam cada libra extra que ganham para cair na porrada. Toda semana.

Chegamos lá alguns minutos depois. A ambulância foi diminuindo a velocidade para evitar os bêbados que invadiam a rua. Os cartazes nas janelas enfumaçadas da boate anunciavam "Bebidas grátis para mulheres até as 22h". Apesar das noites de despedida de solteiro, dos assobios e das roupas chamativas, as ruas lotadas de gente bebendo tinham um clima tenso e explosivo, em vez de um clima de carnaval. Olhei com cautela pela janela. Sam abriu as portas de trás e pegou sua bolsa.

— Fique no carro — disse ele antes de saltar.

Um policial se aproximou dele, murmurou alguma coisa, e ficamos observando os dois se aproximarem de um rapaz sentado na sarjeta, com sangue escorrendo de um ferimento na têmpora. Sam agachou-se ao lado dele, enquanto o policial tentava manter afastados os bêbados curiosos, os amigos "prestativos", as namoradas chorosas. Ele parecia estar cercado de figurantes bem-vestidos da série *The Walking Dead*, cambaleando zonzos e grunhindo, às vezes ensanguentados e tombando no chão.

— Odeio esses serviços — comentou Donna, analisando energicamente seu kit de suprimentos médicos embrulhado em plástico enquanto a observávamos. — Queria que qualquer dia desses me dessem uma mulher em trabalho de parto ou uma vovozinha simpática com cardiomiopatia. Ai, droga, ele apagou.

Sam inclinava o rosto do rapaz para examiná-lo quando outro garoto, que tinha o cabelo duro de gel e o colarinho da camisa empapado de sangue, agarrou seu ombro.

— Ei! Preciso entrar na ambulância.

Sam virou-se lentamente para o jovem bêbado, que cuspia sangue e saliva enquanto falava.

— Chegue para trás, cara. Está bem? Deixe que eu faço meu trabalho.

A bebida deixara o garoto burro. Ele olhou para os colegas e depois se posicionou

diante de Sam, rosnando:

— Não me mande chegar para trás.

Sam o ignorou e continuou cuidando do rosto do outro rapaz.

— Ei! Ei, você! Preciso ir para o hospital. — Ele empurrou o ombro de Sam. — Ei!

Por um instante, Sam permaneceu agachado, sem se mover. Depois se endireitou lentamente e se virou, ficando frente a frente com o bêbado.

— Vou explicar uma coisa de um jeito que talvez você consiga entender, meu filho. Você não vai entrar na ambulância, está bem? É só isso. Então poupe sua energia, vá encerrar sua noite ao lado dos seus colegas, coloque um pouco de gelo nisso aí e vá ao médico pela manhã.

— Você não pode me dar ordem *nenhuma*. Eu pago seu salário. A porcaria do *meu nariz está quebrado*.

Enquanto Sam o encarava com firmeza, o rapaz girou a mão e empurrou o peito dele. O paramédico olhou para o próprio corpo.

— Opa — disse Donna, ao meu lado.

A voz de Sam saiu como um grunhido:

— Muito bem. Estou avisando agora…

— Não me dê aviso nenhum! — O rapaz tinha uma expressão de desdém.

— Não me dê aviso nenhum! Quem você pensa que é?

Donna saltou da ambulância e saiu correndo na direção de um policial.

Murmurou alguma coisa no ouvido dele e reparei que os dois olharam para a confusão. Donna parecia estar suplicando. O rapaz continuava gritando, xingando e empurrando o peito de Sam.

— Então resolva o *meu* caso antes de cuidar desse *babaca*.

Sam ajeitou o colarinho. Sua expressão ficara perigosamente calma.

Justo no instante em que me dei conta de que estava prendendo a respiração, o policial surgiu ali, no meio dos dois. Donna segurava a manga da camisa de Sam

e o levava de volta na direção do rapaz no meio-fio. O

policial murmurou alguma coisa no rádio, com a mão no ombro do bêbado.

O rapaz se virou e cuspiu no jaleco de Sam.

— *Vá se foder.*

Houve um breve silêncio de choque. Sam enrijeceu o corpo.

— Sam! Venha, me dê uma mãozinha aqui, pode ser? Preciso de você. —

Donna o empurrava à frente. Quando vi o rosto de Sam, seus olhos brilhavam com a dureza de um diamante. — Venha — insistia Donna, enquanto colocavam o rapaz em semicoma na parte de trás da ambulância.

— Vamos dar o fora daqui.

* * *

Ele dirigiu em silêncio e Lily e eu fomos espremidas no banco da frente ao seu lado. Donna limpou as costas da jaqueta de Sam enquanto ele olhava para a frente, projetando sua mandíbula barbada.

— Poderia ter sido pior — disse Donna, animada, animada. — No mês passado, vomitaram no meu cabelo. E o monstrinho fez isso de propósito.

Enfiou os dedos na goela e correu para trás de mim, só porque eu não quis levá-lo para casa, como se eu fosse um táxi. — Ela se levantou e apontou para a bebida energética no painel do veículo. — É um desperdício de recursos se pensarmos no que poderíamos estar fazendo, em vez de buscar um monte de… — Tomou um gole, depois olhou para o rapaz praticamente inconsciente. — Não sei. A gente fica se perguntando o que eles têm na cabeça.

— Quase nada — disse Sam.

— É. Bem, temos que manter esse aqui em rédea curta. — Donna deu um tapinha no ombro de Sam. — Ano passado recebeu uma advertência.

Sam me olhou de soslaio, subitamente envergonhado.

— Fomos buscar uma garota no alto da Commercial Street. Ela estava com o rosto destruído. Violência doméstica. Quando fui colocá-la na maca, o namorado saiu a toda do pub e partiu de novo para cima dela. Não consegui me conter.

— Você deu um soco nele?

— Mais de um — debochou Donna.

— É. Bem. Não foi nada bonito.

Donna virou-se para mim com uma careta.

— Bem, esse aí não pode se dar ao luxo de se meter em encrenca de novo.

Ou vai ficar sem emprego.

— Obrigada — falei, quando ele nos deixou em casa. — Pela carona, quer dizer.

— Eu não poderia deixar vocês naquele hospício ao ar livre — disse ele.

Por um instante seus olhos encontraram os meus. Então Donna fechou a porta e eles seguiram para o hospital com aquela carga humana debilitada.

— Você gosta dele de verdade — comentou Lily, enquanto observávamos a ambulância se afastar.

Eu tinha até esquecido que ela estava ali. Suspirei e comecei a procurar a chave nos bolsos.

— Ele é um galinha.

— E daí? Eu transaria com ele — disse Lily, quando abri a porta para deixá-la entrar. — Quer dizer, se eu fosse velha. E um pouco desesperada…

como você.

— Acho que não estou pronta para um relacionamento, Lily.

Como ela estava andando atrás de mim, eu não tive como comprovar, mas juro que ela subiu a escada fazendo caretas.

12

Escrevi para a Sra. Traynor. Não contei sobre Lily, só falei que esperava que ela estivesse bem, que eu já tinha voltado das minhas viagens e em algumas semanas passaria perto da casa dela com uma amiga, portanto gostaria de cumprimentá-la, se possível. Mandei a carta registrada, e achei estranho ficar empolgada quando a enfiei na caixa de correio.

Meu pai me contara pelo telefone que ela saíra da Granta House algumas semanas após a morte de Will. Ele disse que os trabalhadores da propriedade tinham ficado chocados, mas me lembrei de quando vi o Sr.

Traynor com Della, a mulher com quem ele estava prestes a ter um filho, e me perguntei quantos deles realmente tinham ficado chocados. Havia poucos segredos numa cidade pequena.

— Ela ficou muito perturbada com tudo isso — disse meu pai. — Assim que a Sra. Traynor foi embora, aquela ruiva foi rápida. Viu uma oportunidade, é claro. Velho simpático, ainda com cabelo, casa grande… Ele não ia ficar solteiro por muito tempo, né? Aliás, Lou, você… não quer ter uma conversinha com sua mãe sobre as axilas dela? Vai ter que trançar os pelos se deixá-los crescer ainda mais.

Fiquei pensando na Sra. Traynor, tentando imaginar como ela reagiria à notícia sobre Lily. Lembrei-me da alegria e da incredulidade no semblante do Sr. Traynor durante o primeiro encontro dos dois. Será que Lily ajudaria a amenizar um pouco a sua dor? Às vezes eu a observava rindo de alguma coisa na televisão, ou apenas olhando fixo pela janela com o pensamento longe, e via Will tão claramente em suas feições — os ângulos precisos do nariz, aquelas maçãs do rosto quase eslavas — que me esquecia de respirar. (Nesses momentos ela costumava resmungar: "Pare de me olhar feito uma maluca, Clark. Você está me assustando.") Lily ia ficar duas semanas na minha casa. Tanya Houghton-Miller me ligara para dizer que a família ia passar férias na Toscana, mas Lily não quisera ir.

— Francamente, do jeito que tem se comportado, por mim está ótimo. Ela está me exaurindo.

Eu me dei conta de que, considerando que Lily quase não ficava em casa e que Tanya trocara a fechadura da porta, seria muito difícil que a menina exaurisse alguém, a menos que estivesse batendo na janela da pessoa e cantando uma música triste. Houve um breve silêncio.

— Quando tiver seus filhos, Louisa, talvez você tenha alguma ideia do que estou falando.

Ah, o trunfo de todos os pais. *Como* é *que eu poderia entender?*

Ela me ofereceu dinheiro para as despesas de Lily com casa e comida durante o tempo que passassem fora. Senti prazer em responder que nem em sonho eu aceitaria, embora, para ser sincera, recebê-la em casa estivesse custando mais do que eu previra. Lily, no fim das contas, não ficava satisfeita com meus

jantares que incluíam torrada com feijão ou queijo-quente. Ela pedia dinheiro, depois voltava com pão artesanal, frutas exóticas, iogurte grego, frango orgânico: coisas básicas em uma cozinha de classe média alta. Lembrei-me da casa de Tanya, de como Lily se posicionara ao lado da enorme geladeira e enfiara, sem pensar, fatias de abacaxi fresco na boca.

— Aliás, quem é Martin? — perguntei a Tanya.

Houve uma pequena pausa.

— É meu antigo companheiro. Aparentemente Lily insiste em visitá-lo, por mais que saiba que não gosto disso.

— Pode me dar o telefone dele? Gostaria de ter certeza de onde ela está.

Enquanto vocês estiverem fora, sabe.

— O telefone de Martin? Por que eu teria o número do telefone dele? —

resmungou ela, e a linha ficou muda.

* * *

Algo mudara desde que eu conhecera Lily. Eu não aprendera apenas a acomodar aquela bagunça típica da adolescência no meu apartamento quase vazio, na verdade tinha começado a realmente gostar de ter Lily na minha vida, ter com quem comer, alguém para se sentar ao meu lado no sofá, comentar sobre o que estivéssemos assistindo na televisão ou fazer uma expressão neutra quando me oferecesse algo que ela mesma cozinhara. *Bem, como é que eu deveria saber que as batatas da salada de batata tinham que ser cozidas? É salada, pelo amor de Deus*.

No trabalho, passei a prestar atenção nos pais desejando boa noite aos filhos antes de uma viagem a negócios — *Seja bonzinho com sua mãe agora, Luke... Você foi... É mesmo? Você é um garoto muito esperto!* — e nas discussões sobre a guarda dos filhos sendo sussurradas ao telefone: *Não, não falei que podia buscá-lo na escola aquele dia. Eu estava indo para Barcelona... Estava, sim... Não, não, você simplesmente não ouve*.

Eu não conseguia acreditar que a pessoa poderia dar à luz um bebê, amá-

lo, educá-lo, e dezesseis anos depois dizer que estava tão exasperada que trocara as fechaduras da casa para que o filho não conseguisse mais entrar.

Aos dezesseis anos, a pessoa ainda era uma criança, sem dúvida. Apesar de toda aquela pose, eu enxergava a criança que existia em Lily. Ela estava presente nos momentos de empolgação e entusiasmo inesperado. Estava ali nos dias de mau humor, no ato de experimentar várias roupas na frente do espelho do meu banheiro e no sono abrupto e inocente.

Pensei em minha irmã e no amor descomplicado que ela sentia por Thom. Pensei em meus pais, sempre estimulando, apoiando e se preocupando com Treena e comigo, embora já fizesse tempo que nós duas éramos adultas. Nesses momentos eu sentia a ausência de Will na vida de Lily, assim como sentia na minha. *Você devia estar aqui, Will*, eu pensava.

Era de você que ela realmente precisava.

* * *

Reservei um dia de folga, o que era um ultraje, de acordo com Richard.

("Faz só cinco semanas que você voltou. Não entendo por que precisa sumir de novo.") Sorri, fiz uma reverência como uma dançarina irlandesa agradecida e, mais tarde, ao chegar em casa, encontrei Lily pintando uma das paredes do quarto de hóspedes de um tom muito forte de verde-jade.

— Você disse que queria alegrar o apartamento — explicou ela, quando fiquei parada boquiaberta. — Não se preocupe. Paguei a tinta do meu bolso.

— Bem. — Tirei a peruca e desamarrei os sapatos. — Termine tudo esta noite, porque amanhã é meu dia de folga — falei, depois de já ter vestido a calça jeans —, e vou lhe mostrar algumas das coisas de que seu pai gostava.

Ela ficou imóvel, deixando a tinta cor de jade pingar no carpete.

— Que coisas?

— Você vai ver.

* * *

Passamos o dia andando de carro e nossa trilha sonora era a playlist do iPod de Lily, que em um instante tocava uma música muito triste sobre amor e perda e, no outro, um cântico furioso de furar os tímpanos que destilava ódio à humanidade. Enquanto dirigia, dominei a arte de bloquear mentalmente o barulho e focar na estrada. Lily, sentada ao meu lado, balançava a cabeça no ritmo da batida e de vez em quando batucava no painel. Era bom que ela

estivesse se divertindo. Quem é que precisava dos dois tímpanos funcionando, afinal de contas?

Começamos por Stortfold e visitamos o lugar em que Will e eu costumávamos nos sentar para comer, as áreas para piquenique nos campos acima da cidade, os bancos preferidos dele no terreno do castelo, e Lily teve a delicadeza de tentar não parecer entediada. Para ser justa, era bem difícil que alguém se entusiasmasse com alguns campos. Então me sentei e lhe contei como e quando o conheci, falei que Will quase não saía de casa, mas que, com um misto de subterfúgio e teimosia, eu o fizera sair algumas vezes.

— Você tem que entender que seu pai detestava depender de alguém —

falei. — E sair não só significava que ele precisava contar com outra pessoa, mas também que seria visto dependendo de outros.

— Mesmo se fosse você.

— Mesmo se fosse eu.

Ela ficou pensativa por um instante.

— Eu odiaria que me vissem desse jeito. Nem gosto que me vejam de cabelo molhado.

Visitamos a galeria, onde ele tentara me explicar a diferença entre a arte moderna “boa” e a “ruim” (eu ainda não sabia reconhecer), e ela fez careta para quase tudo exibido ali. Demos uma olhada na loja de vinhos em que ele me fizera provar diferentes tipos da bebida (“Não, Lily, *não* vamos fazer uma degustação hoje”), depois fomos até o estúdio de tatuagem onde ele me convencera a me tatuar. Ela perguntou se eu podia lhe emprestar dinheiro para que ela fizesse uma (quase chorei de alívio quando o homem falou que menores de idade não tinham permissão), então pediu para ver minha abelhinha. Essa foi uma das poucas ocasiões que senti que eu realmente a impressionara. Ela riu quando contei o que Will escolhera tatuar: uma data de validade no peito.

— Você tem o mesmo senso de humor terrível que ele — falei, e ela tentou não demonstrar sua satisfação com isso.

Nesse instante, o proprietário, entreouvindo nossa conversa, mencionou que tinha uma foto.

— Guardo fotos de todas as tatuagens que fazemos — disse ele sob o seu bigode

retorcido e com gel demais. — Gosto de ter um registro. Só me diga a data.

Ficamos ali paradas em silêncio enquanto ele folheava o fichário de plástico. E lá estava a foto, de quase dois anos antes, um close daquele desenho em preto e branco, gravado com capricho na pele cor de caramelo de Will. Fiquei olhando para a fotografia e a lembrança me deixou sem fôlego. O pequeno retângulo preto e branco, o que eu limpara e secara com um pano macio, no qual passara protetor solar e encostara o rosto. Eu teria esticado o braço para tocar a foto, mas Lily se antecipou, passando delicadamente seus dedos com unhas roídas na imagem da pele do seu pai.

— Acho que vou fazer uma — disse ela. — Igual à dele, quer dizer.

Quando eu tiver idade para isso.

— E aí, como ele está?

Lily e eu nos viramos. O tatuador estava sentado na sua cadeira, esfregando um antebraço muito colorido.

— Eu me lembro dele. Não recebemos muitos tetraplégicos aqui. — Ele sorriu. — Esse cara é uma figura, não é?

De repente senti um nó na garganta.

— Ele morreu — disse Lily de repente. — Meu pai. Ele morreu.

O tatuador estremeceu.

— Desculpe, querida. Eu não fazia ideia.

— Posso ficar com a foto?

Lily já havia começado a retirá-la do fichário.

— Claro — respondeu ele depressa. — Pode pegar se quiser. Aqui, leve uma capinha plástica também. Caso chova.

— Obrigada — disse ela, enfiando a foto debaixo do braço.

Enquanto o homem gaguejava outro pedido de desculpas, saímos da loja.

* * *

Almoçamos em silêncio numa cafeteria que servia café da manhã o dia inteiro.

Sentindo que o clima daquele dia estava passando, comecei a falar.

Contei a Lily o que eu sabia sobre a vida amorosa de Will, sobre sua carreira, revelei que ele era o tipo de homem que nos fazia ansiar por sua aprovação, fosse com algo que o impressionasse ou fazendo-o rir com alguma piada idiota. Falei como ele era quando o conheci e como mudara, amolecera o coração, começando a encontrar alegria nas pequenas coisas, ainda que várias dessas pequenas coisas parecessem envolver zombar de mim.

— Eu não me aventurava muito quando se tratava de comida, por exemplo. Minha mãe faz basicamente dez pratos que ela passou os últimos vinte e cinco anos alternando. E nenhum envolve quinoa. Nem capim-limão.

Ou guacamole. Mas seu pai comia qualquer coisa.

— E agora você também come?

— Na verdade, ainda experimento guacamole a cada dois meses, mais ou menos. Por ele.

— Você não gosta?

— O sabor é bom, acho. Só não consigo superar o fato de que parece algo que saiu do nosso nariz.

Contei sobre a ex-namorada dele e que, no casamento dela, me sentei no colo de Will enquanto girávamos pela pista de dança na sua cadeira de rodas motorizada, fazendo a noiva resfolegar a bebida pelo nariz. ("Sério?

No casamento dela?") Dentro daquela pequena cafeteria superaquecida, evoquei a presença do pai de Lily da melhor forma que pude, e, talvez, por estarmos longe de todos os problemas de casa, ou porque seus pais estavam em outro país, ou devido ao fato de que, pela primeira vez, alguém estava lhe contando histórias descomplicadas e engraçadas sobre ele, Lily riu, fez perguntas e assentiu várias vezes, como se minhas respostas tivessem confirmado algo em que ela já acreditava. *Sim, sim, ele era desse jeito. Então talvez eu seja também.*

E enquanto conversávamos tarde adentro, deixando nossas xícaras de chá esfriarem à nossa frente, a garçonete cansada oferecendo mais uma vez para retirar o que sobrara da torrada que havíamos levado duas horas para comer, me dei conta de outra coisa: pela primeira vez, eu estava me lembrando de Will sem qualquer tristeza.

— E você?

— Eu o quê?

Coloquei o último pedaço na boca, olhando para a garçonete, que me encarou como se esse fosse um motivo para voltar.

— O que aconteceu com você depois que meu pai morreu? Quer dizer, parece que você fazia muito mais coisas com ele, mesmo que estivesse preso a uma cadeira de rodas, do que faz agora.

O pão virou uma gosma na minha boca. Tive que me esforçar para engolir. Por fim, quando a torrada desceu, falei:

— Faço coisas. Tenho andado ocupada, só isso. Trabalhando. Quer dizer, quando a gente trabalha em turnos, é difícil fazer planos.

Ela ergueu um pouco as sobrancelhas, mas não disse nada.

— E meu quadril continua doendo muito. Ainda não estou boa para fazer alpinismo. — Lily mexeu seu chá preguiçosamente. — Minha vida é agitada.

Quer dizer, cair de um telhado não é muito monótono. É bastante emoção para um ano só!

— Mas não é *fazer* alguma coisa, é?

Ficamos quietas por um instante. Respirei fundo, tentando acalmar o súbito zumbido em meus ouvidos. A garçonete, se colocando entre nós duas, pegou os pratos vazios e, com um leve ar de triunfo, os levou para a cozinha.

— Ei — falei. — Já contei sobre a vez que fui com seu pai à corrida de cavalos?

* * *

Com um timing impecável, meu carro superaqueceu na estrada, a sessenta quilômetros de Londres. Lily reagiu de forma surpreendentemente otimista. Na verdade, ela estava curiosa.

— Nunca andei num carro que enguiçasse. Nem sabia que isso ainda acontecia.

Essa declaração me deixou boquiaberta (meu pai estava sempre rezando em voz alta para sua velha van, prometendo gasolina premium, calibragens regulares dos pneus, amor infinito, se o veículo voltasse para casa). Então Lily me contou que

seus pais trocavam de Mercedes todo ano.

Principalmente, acrescentou ela, por causa do estrago no interior de couro feito por seus meios-irmãos.

Ficamos paradas no acostamento, esperando o reboque chegar e sentindo meu pequeno carro sacudir esporadicamente quando os caminhões passavam. Por fim, ao decidir que ficaríamos mais seguras fora do veículo, subimos o declive na beira da estrada e nos sentamos na grama, observando o sol da tarde baixar e se pôr no outro lado da ponte da estrada.

— Então, quem é Martin? — perguntei depois de esgotarmos todo o assunto envolvendo o problema do carro.

Lily puxava a grama ao seu lado.

— Martin Steele? Foi com ele que cresci.

— Pensei que tivesse sido com Francis.

— Não. O Pentelho só surgiu quando eu tinha sete anos.

— Sabe, Lily, você deveria parar de chamá-lo assim.

Ela me olhou de soslaio.

— Tudo bem. Você deve ter razão. — Deitou-se no gramado e sorriu docemente. — Vou chamá-lo de Pelospubianos, então.

— Nesse caso vamos continuar com Pentelho. Como é que você ainda visita esse cara?

— Martin? É o único pai de quem realmente me lembro. Minha mãe começou a namorar com ele quando eu era pequena. Ele é músico. Muito criativo. Lia histórias e tal, escrevia músicas sobre mim, esse tipo de coisa.

Eu simplesmente…

Ela deixou a frase incompleta.

— O que aconteceu? Entre sua mãe e ele?

Lily pegou um maço de cigarros na bolsa e acendeu um. Deu uma tragada e, quase deslocando a mandíbula, soltou uma longa faixa de fumaça.

— Um dia cheguei da escola com a babá e minha mãe apenas avisou que ele tinha ido embora. Ela disse que os dois haviam concordado que ele precisava ir porque não estavam mais se dando bem. — Deu outra tragada.

— Parece que ele não se interessava pelo crescimento pessoal dela ou não compartilhava da mesma visão de futuro. Papo furado. Acho que ela apenas conheceu Francis e sabia que Martin nunca lhe proporcionaria o que ela queria.

— E o que ela queria?

— Dinheiro. E uma casa grande. E a chance de passar o dia fazendo compras, reclamando com as amigas, alinhando os chacras ou o que for.

Francis ganha uma fortuna fazendo operações de *private banking* no *private bank* dele com todos os outros banqueiros *private*. — Ela se virou para mim. — Então, basicamente, um dia Martin era meu pai, quer dizer, eu o chamava de papai até ele sair de casa, e, no outro, não era mais. Era ele quem me levava para a creche, a escola e tudo o mais, até que minha mãe decidiu que estava cansada dele. Quando cheguei em casa ele simplesmente… tinha sumido. A casa era dela, então ele teve que sair.

Assim do nada. E não tenho permissão de me encontrar com ele, nem mesmo de falar sobre ele, porque só estou *trazendo à tona coisas desagradáveis* e *sendo difícil*. E é óbvio que ela está *muito angustiada e sofrendo demais*. — Nesse instante Lily fez uma ótima imitação da voz de Tanya. — E quando fiquei realmente brava, minha mãe me disse que não adiantava ficar tão chateada porque ele nem era meu pai verdadeiro. Então *essa* foi uma boa maneira de descobrir.

Fiquei olhando para ela.

— E logo depois surge Francis na nossa porta, com buquês de flores e o que ele chama de passeios em família, durante os quais fico basicamente segurando vela até que as babás me levam embora enquanto eles ficam se agarrando em algum hotel de luxo que aceita criança. Então, seis meses depois, ela me leva ao Pizza Express. Acho que está querendo me agradar, ou talvez Martin tenha voltado, mas minha mãe diz que vai se casar com Francis, o que é maravilhoso, e ele vai ser o pai mais incrível de todos para mim, e “devo amá-lo muito”.

Lily soltou um anel de fumaça para o alto, observando-o se expandir, ondular e sumir.

— Mas você não amou.

— Eu o odiava. — Ela me olhou de soslaio. — Dá para saber quando alguém apenas tolera você. Mesmo quando a gente é pequena. Ele nunca me quis, só queria minha mãe. Até consigo entender isso. Quem quer ter a filha de outro homem por perto? Então, quando ela teve os gêmeos, me mandaram para o colégio interno. Pronto. Problema resolvido.

Seus olhos ficaram cheios d'água, e eu quis me aproximar dela, mas Lily abraçou os próprios joelhos e ficou olhando fixo para a frente. Continuamos ali em silêncio por alguns minutos, observando o tráfego ficar mais pesado lá embaixo enquanto o sol começava a se pôr.

— Eu o encontrei, sabe. — Encarei Lily. — Martin. Quando eu tinha onze anos. Ouvi uma das minhas babás proibindo a outra de me contar que ele tinha passado lá em casa. Então falei que ela precisava me dizer onde ele morava ou eu contaria à minha mãe que ela estava roubando. Procurei o endereço, que ficava a quinze minutos a pé lá de casa. Pyecroft Road, conhece?

Neguei com a cabeça.

— Ele ficou feliz em ver você?

Ela hesitou.

— Muito feliz. Quase chorou, na verdade. Disse que sentia muito a minha falta, que era horrível ficar longe de mim e que eu podia visitá-lo sempre que quisesse. Mas já estava com outra pessoa e eles tinham um bebê. E

quando aparecemos na casa de alguém que tem um filho pequeno e, tipo, uma família de verdade, nos damos conta de que não fazemos mais parte da família dessa pessoa. Ficamos sobrando.

— Tenho certeza de que ninguém achou…

— Ah, bem. Enfim, ele é muito gente boa e tudo, mas falei que não poderia mais vê-lo. Era esquisito demais. E, sabe, ainda disse: *Não sou sua filha de verdade*. Mas ele continua me ligando. É burrice. — Lily balançou a cabeça com raiva. Permanecemos sentadas ali, até que ela olhou para o céu.

— Sabe o que realmente me deixa chateada? — Esperei. — Ela mudou meu nome quando se casou. O meu nome. E ninguém sequer se deu o trabalho de me perguntar. — Sua voz falhou um pouco. — Eu nem queria ser uma Houghton-Miller.

— Ah, Lily.

Ela se apressou para enxugar o rosto com a palma da mão, como se estivesse sem graça por ser vista chorando. Deu outra tragada no cigarro, depois apagou-o na grama e fungou ruidosamente.

— Mas hoje em dia Pelospubianos e minha mãe discutem o tempo *todo*.

Eu não ficaria surpresa se eles também se separassem. Se isso acontecer, sem dúvida teremos que nos mudar de novo, trocar de nome, e ninguém vai poder falar nada por causa do *sofrimento dela* e da sua necessidade de *seguir em frente emocionalmente* ou seja lá o que for. E, daqui a dois anos, vai surgir outro Pentelho e meus irmãos serão Houghton-Miller-Branson ou Ozymandias ou Toodlepip ou qualquer coisa dessas. — Ela deu um meio sorriso. — Felizmente, a essa altura já terei ido embora há muito tempo.

Não que ela vá notar.

— Acha mesmo que ela te despreza assim?

Lily virou a cabeça. Seu olhar era muito sábio para alguém da sua idade, mas também era de cortar o coração.

— Acho que minha mãe me ama. Só que ama mais ela mesma. Ou como poderia ter feito tudo isso?

13

O bebê do Sr. Traynor nasceu no dia seguinte. Meu telefone tocou às seis e meia da manhã e, por um breve e terrível instante, achei que algo ruim tivesse acontecido. Mas era só o Sr. Traynor, ofegante e choroso, anunciando num tom ligeiramente incrédulo e exclamativo:

— É uma menina! Três quilos e novecentos! E é perfeita!

Ele me contou como ela era linda e parecida com Will quando bebê, me disse que eu devia conhecê-la logo e depois me pediu para acordar Lily. Fiz isso e a observei escutar, com sono e em silêncio, a notícia de que ganhara uma… uma… (eles demoraram um pouco a se dar conta disso) uma tia!

— Tudo bem — disse ela, por fim. E, depois de ficar mais um tempo ouvindo, acrescentou: — Sim… claro.

Lily encerrou a ligação e me devolveu o telefone. Seus olhos encontraram os

meus, em seguida ela se virou com sua camiseta amassada e voltou para a cama, fechando a porta do quarto com força.

* * *

Às dez e quarenta e cinco da manhã, previ que o vendedor de plano de saúde já bem embriagado estava a uma rodada de ser barrado do voo.

Enquanto me perguntava se devia sinalizar isso, um casaco familiar e reflexivo apareceu no bar.

— Não tem ninguém precisando de assistência médica aqui. — Eu me aproximei dele devagar. — Pelo menos não por enquanto.

— Nunca me canso dessa roupa. Nem faço ideia do motivo.

Sam se sentou num banco e apoiou os cotovelos no balcão.

— A peruca é… interessante.

Ajeitei minha saia de Lurex.

— Eletricidade estática é meu superpoder. Quer um café?

— Obrigado. Mas não posso ficar muito tempo.

Sam verificou o rádio e o guardou de volta no bolso do casaco. Preparei um americano para ele, tentando não demonstrar como estava feliz em vê-

lo.

— Como você sabia onde eu trabalhava?

— Tivemos um chamado no portão quatorze. Suspeita de ataque cardíaco. Jake me disse que você trabalhava no aeroporto e, sabe, não foi exatamente difícil localizá-la…

O executivo ficou quieto por um instante. Eu já havia reparado que Sam era o tipo de homem que deixava os outros um pouco inibidos.

— Donna está dando uma olhada no Duty Free. Em bolsas.

— Então já atendeu seu paciente?

Ele sorriu.

— Não. Eu ia perguntar como faz para chegar ao portão quatorze depois de me sentar para tomar um café.

— Muito engraçado. Salvou a vida dele?

— Dei uma aspirina e alertei-a que tomar quatro espressos duplos antes das dez da manhã não era uma ideia muito boa. Fico lisonjeado que você tenha uma visão tão empolgante do meu dia de trabalho.

Não consegui conter o riso. Entreguei o café. Ele deu um gole, agradecido.

— Bem, eu queria saber… Você topa ter outro não encontro qualquer hora dessas?

— Com ou sem ambulância?

— Definitivamente sem.

— Podemos discutir adolescentes problemáticos?

Percebi que eu estava enrolando um cacho de cabelo de náilon com os dedos. Pelo amor de Deus. Eu estava brincando com um cabelo que nem sequer era meu cabelo de verdade. Larguei-o.

— Podemos discutir o que você quiser.

— O que está pensando em fazer?

Ele fez uma pausa longa o suficiente para me deixar corada.

— Jantar? Na minha casa? Hoje à noite? Prometo que se chover não vou te obrigar a sentar na sala de jantar.

— Combinado.

— Busco você às sete e meia.

Sam estava tomando o último gole do café quando Richard apareceu, olhou para ele e depois para mim. Eu continuava encostada no bar, bem próxima dele.

— Algum problema? — perguntou.

— Nenhum — respondeu Sam, que, ao se levantar, ficou uma cabeça mais alto que Richard.

Alguns pensamentos fugazes passaram pelo semblante do meu patrão, e foram tão óbvios que consegui perceber a sequência deles. *Por que esse paramédico está aqui? Por que Louisa está parada, sem fazer nada? Eu gostaria de dar uma bronca nela por não estar ocupada, mas esse homem é muito grande e não estou entendendo muito bem essa dinâmica, o que me deixa um pouco desconfiado desse cara.* Isso quase me fez cair na gargalhada.

— Então… hoje à noite. — Sam assentiu para mim. — E pode continuar de peruca? Gosto de você inflamável.

Um dos executivos, corado e satisfeito, recostou-se na cadeira de tal forma que sua barriga esticou as costuras da camisa.

— Você vai nos dar uma lição sobre os malefícios do álcool?

Os outros riram.

— Não, vão em frente, cavalheiros — disse Sam, cumprimentando-os. —

Vejo vocês daqui a um ou dois anos.

Observei-o seguir para a área de embarque, encontrando-se com Donna em frente à livraria. Quando me virei para o bar, Richard estava me encarando.

— Preciso dizer, Louisa, que não aprovo você socializando no local de trabalho — disse ele.

— Ótimo. Da próxima vez, digo para ele ignorar o ataque cardíaco no portão quatorze.

Richard cerrou o maxilar.

— E o que ele disse sobre você usar a peruca mais tarde, fique sabendo que essa é uma propriedade do Shamrock and Clover Irish Themed Bars Inc. Portanto, você não tem permissão para usá-la fora do trabalho.

Dessa vez não consegui me conter e comecei a rir.

— Jura?

Até ele teve a delicadeza de corar um pouco.

— Política da empresa. É considerado uniforme.

— Poxa, que droga — falei. — Acho que terei que comprar minhas próprias perucas de dançarina irlandesa. Ei, Richard! — chamei quando ele começou a voltar furioso para sua sala. — Para ser justo, isso significa que você não pode sair para dançar com a Sra. Percival usando essa camisa polo?

* * *

Cheguei em casa e não encontrei sinal de Lily, exceto por um pacote de cereal na bancada da cozinha e, inexplicavelmente, um monte de terra no corredor. Tentei ligar para ela, mas ninguém atendeu, e me perguntei como algum dia encontraríamos equilíbrio entre Pais Superansiosos, Pais Preocupados em Nível Normal e Tanya Houghton-Miller. Fui logo tomar banho e me arrumei para o encontro que, definitivamente, não era um encontro.

* * *

Estava chovendo — o céu desabara pouco depois de chegarmos ao campo de Sam — e mesmo tendo corrido a pequena distância da moto até o vagão de trem, ficamos ensopados. Fiquei parada pingando enquanto ele fechava a porta ao entrar, me lembrando da sensação desagradável de estar com as meias úmidas.

— Fique aí — disse ele, secando as gotas em sua cabeça com a mão. —

Não pode continuar com essas roupas molhadas.

— Esse parece o início de um filme pornô muito ruim — comentei.

Sam ficou imóvel e me dei conta de que de fato tinha dito aquilo em voz alta. Dei um sorriso, mas saiu um pouco amarelo.

— Tudo bem — tranquilizou ele, erguendo as sobrancelhas.

Sam desapareceu no fundo do vagão e voltou um minuto depois com um suéter e uma calça de moletom.

— A calça de *jogging* do Jake. Acabou de ser lavada. Mas talvez não seja muito típico de uma estrela pornô. — Ele me entregou. — Meu quarto fica lá atrás, se quiser se trocar. Ou o banheiro, que é naquela porta ali, se preferir.

Entrei no quarto dele e fechei a porta. Acima da minha cabeça, a chuva fazia barulho ao bater no teto do vagão, encobrindo as janelas com uma torrente de água sem fim. Pensei em fechar as cortinas, depois lembrei que não tinha quem pudesse me ver, ninguém além das galinhas, que estavam amontoadas para se proteger da chuva e mal-humoradas por terem que sacudir as gotas das penas.

Tirei a blusa e a calça jeans encharcadas e me sequei com a toalha que ele me entregara com as roupas. Só por diversão, me exibi pela janela para as galinhas. Depois me dei conta de que isso era algo que Lily faria. As aves não pareceram impressionadas. Levei a toalha ao rosto e, culpada, senti o cheiro, como se eu estivesse cheirando uma droga proibida. Tinha sido lavada recentemente, mas de alguma forma ainda carregava um odor masculino. Eu não sentia um cheiro parecido desde Will, o que me desestabilizou por um instante, então larguei a toalha.

A cama de casal ocupava quase todo o quarto. No lado oposto, um armário estreito era usado como guarda-roupa e, organizadamente empilhados no canto, havia dois pares de botas. Repousavam na mesa de cabeceira um livro e, ao lado, uma fotografia de Sam com uma mulher sorridente, que estava com o cabelo louro preso no alto da cabeça em um coque bagunçado. Ela passara o braço em volta dos ombros dele e sorria para a câmera. Não tinha a beleza de uma top model, mas havia algo fascinante em seu sorriso. Parecia ter sido uma mulher muito sorridente, uma versão feminina de Jake. De repente, senti uma tristeza esmagadora por ele e tive que desviar os olhos antes de também ficar triste por minha causa. Às vezes eu tinha a sensação de que todos nós estávamos no mesmo mar de sofrimento, relutando em admitir para os outros até que ponto estávamos apenas acenando ou já nos afogando. Eu me perguntei se a relutância de Sam em falar sobre a esposa espelhava a minha. E sabia que, na hora que nos abríssemos e deixássemos escapar qualquer murmúrio de nossa tristeza, esse sentimento se multiplicaria rapidamente, se tornando uma nuvem que esmagaria todas as outras conversas.

Dei uma conferida na minha aparência e respirei fundo.

— Tenha uma noite agradável — murmurei, recordando as palavras do Grupo Seguindo em Frente. *Permita-se momentos de felicidade.*

Limpei o rímel borrado ao redor dos olhos, observando no espelhinho que não havia muito o que fazer pelo meu cabelo. Então vesti o enorme suéter de Sam, tentando ignorar a intimidade esquisita de usar as roupas de um homem, depois coloquei a calça de Jake e olhei meu reflexo no espelho.

O que acha, Will? É só uma noite agradável. Não precisa significar nada, não é?

Sam riu quando apareci, arregaçando as mangas do casaco.

— Você parece ter uns doze anos.

Entrei no banheiro, torci minha calça, minha camisa e minhas meias na pia, em

seguida, pendurei-as sobre a cortina do chuveiro.

— O que está cozinhando?

— Bem, eu ia preparar uma salada, só que esse tempo já não combina mais com salada. Então estou improvisando.

Ele tinha colocado uma panela com água fervendo no fogo, e as janelas estavam embaçadas.

— Você come massa, não é?

— Como qualquer coisa.

— Excelente.

Ele abriu uma garrafa de vinho e serviu uma taça para mim, fazendo sinal para que eu me sentasse no banco. A mesinha na minha frente havia sido posta para dois, e senti um leve frisson ao reparar nisso. Não havia mal nenhum em curtir um momento, um pequeno prazer. Eu já tinha saído para dançar, me exibido para algumas galinhas e estava prestes a aproveitar uma noite com um homem que queria fazer um jantar para mim. Era possível dizer que tudo isso era um progresso.

Talvez Sam tenha percebido minha luta interna, porque esperou que eu desse o primeiro gole e, mexendo algo no fogo, perguntou:

— Aquele era o chefe de quem você falou? O homem de hoje?

O vinho estava delicioso. Tomei mais um gole. Eu não me atrevia a beber ao lado de Lily, pois poderia baixar a guarda.

— Era.

— Conheço o tipo. Se serve de consolo, daqui a cinco anos ele vai ter uma úlcera no estômago ou uma pressão tão alta que vai causar disfunção erétil.

Eu ri.

— Essas possibilidades são estranhamente reconfortantes.

Por fim, Sam se sentou, me mostrando uma tigela fumegante de massa.

— Saúde — disse ele, erguendo um copo d’água. — E agora me conte o que está

acontecendo com essa garota perdida.

Ah, era um alívio muito grande ter alguém com quem conversar. Eu estava tão desacostumada a estar com pessoas que realmente ouviam —

diferente daquelas, no bar, que só queriam escutar o som da própria voz —

que falar com Sam foi uma revelação. Ele não me interrompeu, nem deu opinião, nem disse o que eu devia fazer. Escutava, assentia e enchia minha taça de vinho. Até que, por fim, quando já estava tarde, ele disse:

— Você assumiu uma enorme responsabilidade.

Recostei-me no banco e coloquei os pés para cima.

— Acho que não tenho escolha. Fico repetindo aquela sua pergunta: o que Will ia querer que eu fizesse? — Bebi outro gole. — Só que é mais difícil do que eu imaginava. Achei que eu fosse apenas levá-la para conhecer os avós, todo mundo ficaria encantado e teríamos um final feliz, como naqueles programas de reencontro na televisão.

Sam observou as próprias mãos. Olhei para ele.

— Você acha que sou louca por estar me envolvendo.

— Não. Muita gente vai atrás da própria felicidade sem pensar no estrago que deixa para trás. Você não acreditaria na garotada que resgato nos fins de semana: bêbada, drogada, pirada, o que for. Os pais estão focados em seus próprios assuntos ou desapareceram de vez, então essa juventude vive num vácuo e faz escolhas ruins.

— É pior do que costumava ser?

— Vai saber… Só sei que vejo esses garotos muito confusos. E que o psiquiatra que atende os jovens no hospital tem uma lista de espera enorme. — Ele deu um sorriso irônico. — Mas chega de falar. Preciso colocar as galinhas para dormir.

Fiquei com vontade de perguntar como alguém que parecia sensato podia ser tão indiferente aos sentimentos do próprio filho. Quis lhe perguntar se ele sabia como Jake estava infeliz. Mas ia parecer que eu estava querendo comprar briga, considerando o jeito como ele falava e o fato de ter cozinhado um jantar muito bom para mim… Eu me distraí com as aves entrando, uma de cada vez, no galinheiro. Ele voltou, trazendo os leves aromas do quintal e um ar mais frio, e então o momento passou.

Ele serviu mais vinho e eu bebi. Eu me permiti aproveitar o aconchego daquele pequeno vagão de trem e a sensação de estar de barriga cheia, enquanto ouvia Sam falar. Contou sobre as noites que passou segurando as mãos de idosos que não queriam fazer alvoroço do seu estado de saúde e sobre as metas de gestão que desanimavam todo mundo, dando a impressão de que não estavam fazendo o trabalho para o qual haviam sido treinados. Escutei, absorta num mundo distante do meu, observando suas mãos animadas traçarem círculos no ar, seu sorriso triste quando achava que se levava muito a sério. Continuei observando as mãos dele. Sem parar.

Corei ligeiramente quando percebi para onde meus pensamentos se encaminhavam e tomei mais um gole do vinho para disfarçar.

— Onde Jake está?

— Não tenho visto muito ele. Deve estar na casa da namorada, acho. —

Ele pareceu triste. — Ela tem uma família no estilo dos *Waltons*, com milhares de irmãos e uma mãe que passa o dia inteiro em casa. Ele gosta de ficar lá. — Sam tomou outro gole de água. — Então, cadê Lily?

— Não sei. Mandei duas mensagens de texto, mas ela não se deu o trabalho de responder.

A mera presença dele. Era como se ele tivesse o dobro do tamanho e o dobro da vivacidade dos outros homens. Meus pensamentos ficavam à deriva, atraídos por seus olhos, que se estreitavam um pouco enquanto ele ouvia, como se tentasse confirmar que estava me entendendo perfeitamente… A barba despontava do seu queixo e seu ombro marcava a lã macia do suéter. Meu olhar sempre voltava para suas mãos, apoiadas na mesa, tamborilando distraidamente. Mãos muito competentes. Lembrei-me da ternura com que segurara minha cabeça, do jeito que eu me agarrara a ele na ambulância, como se fosse a única coisa me ancorando. Ele me olhou e deu um sorriso interrogativo, fazendo algo derreter dentro de mim. Acho que não seria má ideia, desde que eu ficasse de olho aberto, não é?

— Quer um café, Louisa?

Ele tinha um jeito específico de olhar para mim. Neguei com a cabeça.

— Quer…

Antes que eu pudesse pensar, me debrucei sobre a mesinha, estiquei o braço para alcançar sua nuca e o beijei. Ele hesitou apenas por um instante, depois se inclinou para a frente e retribuiu o beijo. A certa altura, acho que alguém derrubou uma taça de vinho, mas eu não conseguia parar. Queria beijá-lo para sempre. Bloqueei todos os pensamentos sobre o que estava acontecendo, o que significava, em que outra confusão eu poderia me meter. *Vamos, viva*, falei para mim mesma. E o beijei até deixar a parte racional de lado e me tornar um impulso, viva apenas para fazer o que eu queria com ele.

Sam recuou primeiro, um pouco atordoado.

— Louisa…

Um talher caiu no chão. Eu me levantei e ele fez o mesmo, me puxando para perto. De repente estávamos fazendo um estardalhaço pelo pequeno vagão de trem, nos agarrando e nos beijando, e, ah, meu Deus, o perfume, o sabor e o toque dele eram como minúsculos fogos de artifício explodindo por todo o meu corpo, pedaços de mim que eu considerara mortos se reacendendo. Sam me pegou no colo e me enrosquei nele, sentindo sua corpulência, força e seus músculos. Beijei seu rosto, sua orelha, meus dedos se emaranharam em seu cabelo macio e escuro. Até que ele me colocou no chão, nos deixando bem próximos, os olhos fixos nos meus, com uma expressão interrogativa.

Eu estava ofegante.

— Não tiro a roupa na frente de ninguém desde… o acidente — falei.

— Tudo bem. Tenho treinamento médico.

— Estou falando sério. Não estou na minha melhor forma.

De repente fiquei com vontade de chorar.

— Quer que eu faça você se sentir melhor?

— Essa é a frase mais piegas que eu já…

Ele levantou a camisa, exibindo uma cicatriz roxa de cinco centímetros na barriga.

— Aqui. Há quatro anos fui apunhalado por uma australiana com problemas mentais. Esse aqui. — Ele se virou para mostrar um enorme hematoma verde e amarelo na base das costas. — Levei um chute de uma mulher bêbada sábado passado. — Ele estendeu a mão. — Dedo quebrado.

Prendi na maca quando fui levantar um paciente acima do peso. E, ah, sim…

aqui. — Ele exibiu o quadril, ao longo do qual havia uma pequena linha prateada com as reentrâncias da sutura bem visíveis. — Marca de perfuração de procedência desconhecida numa briga de boate na Hackney Road ano passado. Os policiais nunca descobriram o culpado.

Observei sua firmeza e suas inúmeras cicatrizes.

— O que é essa aqui? — perguntei, tocando com delicadeza uma cicatriz menor em um dos lados da barriga. Sua pele estava quente embaixo da camisa.

— Essa? Ah. Apêndice. Eu tinha nove anos.

Observei seu torso, depois seu rosto. Então, sustentando seu olhar, tirei o suéter devagarinho pela cabeça. Estremeci de forma involuntária, mas eu não sabia dizer se foi por causa do ar mais frio ou do nervosismo. Ele se aproximou, ficando a centímetros de mim, e delicadamente passou o dedo pelo contorno do meu quadril.

— Eu me lembro disso. Lembro que deu para sentir a fratura bem aqui.

— Ele percorreu minha barriga nua com o dedo e meus músculos se contraíram. — E aqui. Estava começando a ficar arroxeado. Tive medo de que tivesse lesionado algum órgão. — Ele encostou sua palma quente ali e fiquei sem ar.

— Nunca pensei que as palavras “lesionado algum órgão” pudessem parecer tão sensuais.

— Ah, ainda nem comecei.

Sam me fez andar de costas devagarinho até sua cama. Sentei-me com os olhos fixos nos seus, e ele ajoelhou, descendo as mãos pelas minhas pernas.

— E depois teve isso. — Ele pegou meu pé direito, que tinha uma cicatriz de um tom forte de vermelho bem em cima. Acompanhou afetuosamente a linha com o polegar. — Aqui. Quebrado. Lesão de tecido mole. Essa deve ter doído.

— Você se lembra de muita coisa.

— Eu não seria capaz de reconhecer a maioria das pessoas na rua no dia seguinte. Mas você, Louisa, bem, você eu não esqueci. — Ele abaixou a cabeça e beijou o dorso do meu pé, depois subiu lentamente as mãos pelas minhas pernas

e apoiou uma de cada lado, ficando acima de mim, sustentando o próprio peso. — Mas não tem nada doendo agora, não é?

Neguei com a cabeça, sem dizer nada. Eu não me importava mais. Não queria saber se ele era um mulherengo compulsivo ou se estava fazendo um jogo. Eu estava tão sufocada de desejo que, na verdade, não ligava se ele quebrasse meu outro lado do quadril.

Sam se aproximou de mim, centímetro por centímetro, e me deitei de costas, me esparramando na cama. A cada movimento, minha respiração ficava mais curta, até que não consegui ouvir nada além dela no silêncio.

Ele me encarou, depois fechou os olhos e me beijou devagar e com ternura.

Sam me beijou e jogou o peso em cima de mim, me permitindo sentir a deliciosa impotência do desejo, a rigidez de um corpo no meu. Nós nos beijamos, seus lábios em meu pescoço, sua pele na minha, até me deixar tonta, até me fazer arquear involuntariamente o corpo, as pernas enroscadas nele.

— Ai, meu Deus — falei, ofegante, quando paramos para recuperar o fôlego. — Queria que você não fosse totalmente errado para mim.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Isso é… hum… sedutor.

— Você não vai chorar depois, vai?

Ele piscou.

— Hã… não.

— E só para você saber, não sou nenhuma obsessiva esquisita. Não vou seguir você por aí depois. Nem pedir que Jake me conte alguma coisa enquanto você estiver no chuveiro.

— É… bom saber disso.

E depois de estabelecermos as regras gerais, me virei para ficar por cima dele e o beijei até esquecer tudo o que tínhamos acabado de falar.

* * *

Uma hora e meia depois, eu estava deitada de costas encarando, atordoada, o

teto baixo. Minha pele pinicava, meus ossos estalavam, eu sentia dor em lugares que não sabia que podiam doer, mas fui tomada por uma extraordinária sensação de paz, como se meu âmago tivesse simplesmente fundido e ganhado uma nova forma. Não tinha certeza se algum dia conseguiria me levantar dali.

Nunca se sabe o que vai acontecer quando se cai de uma grande altura.

Definitivamente essa não era eu. Corei ao relembrar os últimos vinte minutos. Será que eu tinha mesmo… e eu… Repassei minhas lembranças.

Eu nunca tinha feito sexo daquele jeito. Não nos sete anos que passei com Patrick. Era como comparar um sanduíche de queijo com… o quê? Com a *haute cuisine* mais incrível de todas? Com um filé enorme? Acabei rindo sem querer e tapei a boca com a mão. Eu me sentia completamente diferente.

Sam cochilava ao meu lado. Virei a cabeça e olhei para ele. *Ah, meu Deus*, pensei, admirando seu rosto, seus lábios. Era impossível olhar para ele e não sentir vontade de tocá-lo. Considerei aproximar um pouco mais o rosto e a mão para poder…

— Ei — disse ele baixinho, os olhos estremunhados de sono.

De repente me dei conta…

Ai, meu Deus. Eu me tornei uma delas.

* * *

Nós nos vestimos em silêncio. Sam se ofereceu para preparar um chá para mim, mas falei que eu devia voltar, pois precisava ver se Lily estava em casa.

— A família dela está de férias e tal.

Passei os dedos pelo meu cabelo embaraçado.

— Claro. Ah. Você quer ir *agora*?

— Sim… por favor.

Peguei minhas roupas no banheiro, me sentindo inibida e ficando sóbria de repente. Eu não podia deixá-lo perceber como eu estava desestabilizada.

Cada parte de mim estava focada em tentar me distanciar dele novamente, e isso me deixava sem jeito. Quando saí do banheiro, Sam já tinha se vestido e estava

arrumando o resto das coisas do jantar. Tentei não olhar para ele.

Desse jeito era mais fácil.

— Posso ir para casa com as suas roupas? As minhas continuam molhadas.

— Claro. Só… Esquece.

Ele mexeu numa gaveta e estendeu um saco plástico. Peguei-o e ficamos ali parados no escuro.

— A noite foi… legal.

— Legal. — Ele ficou me olhando como se tentasse entender alguma coisa. — Tudo bem.

* * *

Enquanto andávamos de moto pela noite úmida, tentei não apoiar a cabeça nas costas de Sam. Ele quis me emprestar uma jaqueta de couro, embora eu tivesse insistido que não precisava. Depois de alguns quilômetros, esfriou mais e fiquei feliz por estar de casaco. Chegamos ao meu apartamento às onze e quinze, embora eu tenha conferido novamente no relógio, por via das dúvidas. Eu tinha a sensação de já ter vivido várias vidas desde que ele me buscara.

Desci da moto e comecei a tirar a jaqueta dele. Mas Sam abaixou o descanso da moto com o calcanhar.

— Está tarde. Pelo menos me deixe levar você até lá em cima.

Hesitei.

— Tudo bem. Se esperar um pouco, posso devolver suas roupas.

Tentei parecer despreocupada. Ele deu de ombros e me acompanhou até a porta.

* * *

No fim da escada já ouvíamos a batida da música que chegava até o corredor. No mesmo instante soube de onde vinha. Fui mancando energicamente pelo corredor, parei diante do apartamento e abri a porta devagar. Lily estava de pé no meio da sala, com um cigarro numa das mãos e uma taça de vinho na outra. Usava o vestido amarelo florido que eu comprara numa loja vintage, na época em que me importava com o que vestia. Fiquei olhando… e é possível que eu

tenha tropeçado ao notar o que mais ela estava usando, pois senti Sam me segurar pelo braço.

— Bela jaqueta, Louisa!

Lily apontou para o próprio pé. Estava usando meus sapatos verdes brilhosos.

— Por que não usa esses aqui? Você tem todas essas roupas loucas e só usa, tipo, calça jeans e camiseta todo dia. *Muuuito* sem graça!

Ela voltou para o meu quarto e saiu um minuto depois segurando um macacão de lamê dourado estilo anos 1970 que eu costumava combinar com botas marrons.

— Quer dizer, olhe só para isso! Estou invejando muito esse macacão.

— Tire isso — falei, por fim.

— O quê?

— Essa meia-calça. Tire logo. — Minha voz saiu abafada e irreconhecível.

Lily olhou para a meia-calça preta e amarela.

— Mas, falando sério, você tem roupas realmente vintage aqui. Da Biba, DVF. Aquela peça roxa que parece da Chanel. Sabe quanto valem todas essas coisas?

— Tire *logo*.

Talvez Sam tenha notado minha súbita severidade, pois começou a me empurrar para a frente.

— Olhe, por que não vamos para a sala e…

— Não saio daqui até ela tirar essa meia-calça.

Lily fez uma careta.

— Nossa, não precisa surtar por causa disso.

Tremendo de raiva, fiquei observando Lily tirar minha meia-calça de abelhinha, dando chutes quando prendeu no seu pé.

— Não rasgue!

— É só uma meia-calça.

— Não é só uma meia-calça. Foi um… presente.

— Mesmo assim é só uma meia-calça — resmungou a menina.

Ela finalmente tirou a meia-calça amarela e preta, largando-a embolada no chão. Vindo do outro quarto, eu conseguia ouvir o barulho de cabides batendo um no outro, enquanto presumivelmente o resto das minhas roupas eram recolocadas no lugar às pressas.

Pouco depois, Lily apareceu na sala. De calcinha e sutiã. Ficou esperando até ter certeza de ter atraído nossa atenção, depois colocou lenta e ostensivamente um vestido curto pela cabeça, remexendo-se quando passou por seus quadris estreitos e brancos. Então sorriu docemente para mim.

— Vou para a balada. Não me espere acordada. Prazer em revê-lo, Sr…

— Fielding — completou Sam.

— Sr. Fielding.

Ela sorriu para mim, mas aquilo não era sorriso coisa nenhuma. E saiu batendo a porta.

Dei um suspiro trêmulo, depois fui pegar a meia-calça. Eu me sentei no sofá e a estiquei, alisando-a até ter certeza de que não havia nenhum fio puxado nem furos de cigarro.

Sam sentou-se ao meu lado.

— Você está bem? — perguntou.

— Sei que você deve me achar louca — falei, por fim —, mas foi um…

— Não precisa explicar.

— Eu era uma pessoa diferente. A meia-calça significava que… eu era…

ele me deu… — Minha voz falhou.

Ficamos sentados ali no apartamento silencioso. Eu sabia que devia dizer alguma coisa, mas fiquei sem palavras e com um nó na garganta.

Tirei a jaqueta de Sam e lhe entreguei.

— Está tudo bem — falei. — Você não precisa ficar.

Senti os olhos dele fixos em mim, mas não desviei os meus do chão.

— Vou deixar você sozinha, então.

E antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, ele foi embora.

14

Naquela semana, cheguei atrasada ao encontro do Grupo Seguindo em Frente. Pouco depois de ter deixado um café para mim, talvez como pedido de desculpas, Lily derramou tinta verde no chão do corredor, largou um pote de sorvete derretendo na cozinha, levou minhas chaves de casa e a do meu carro junto, porque não conseguira encontrar as dela, e pegou minha peruca emprestada por uma noite sem pedir. Eu encontrei a peruca no chão do seu quarto. Quando a coloquei, parecia que um pastor inglês estava fazendo algo censurável com a minha cabeça.

No momento em que cheguei ao salão da igreja, todas as outras pessoas já estavam se sentando. Natasha se afastou gentilmente para que eu pudesse ocupar a cadeira de plástico ao seu lado.

— Esta noite vamos falar dos indícios de que talvez a gente esteja seguindo em frente — disse Marc, segurando uma caneca de chá. — Não precisam ser coisas grandes, como novos relacionamentos, jogar roupas fora e tal. Apenas coisas pequenas que nos fazem enxergar que pode haver uma maneira de acabar com o sofrimento. É surpreendente como vários desses indícios passam despercebidos, ou como nos recusamos a reconhecê-los porque sentimos culpa por seguir em frente.

— Eu me cadastrei em um site de relacionamentos — disse Fred. —

Chama-se Papa-anjo.

Houve um burburinho de surpresa e aprovação.

— Isso é muito encorajador, Fred. — Marc bebericou seu chá. — O que você espera conseguir com isso? Uma companhia? Lembro-me de quando você disse que sentia falta principalmente de ter alguém com quem caminhar durante as tardes de domingo. Você falou que costumava ir com sua mulher para perto do lago dos patos, não é?

— Ah, não. É para sexo virtual.

Marc engasgou. Houve uma breve pausa enquanto alguém lhe entregava um lenço de papel para que ele pudesse limpar a calça suja de chá.

— Sexo virtual. É o que todo mundo anda fazendo, não é? Eu me cadastrei em três sites. — Fred ergueu a mão para contar nos dedos. — “Papa-anjo” é para mulheres jovens que gostam de homens mais velhos, “Velhote Endinheirado”, para mulheres jovens que gostam de homens mais velhos cheios da grana e… hum… “Garanhões Sexys”. — Ele fez uma pausa. — Não especificaram.

Houve um breve silêncio.

— É bom ser otimista, Fred — disse Natasha.

— E você, Louisa?

— Hum… — Hesitei, considerando que Jake estava bem na minha frente, mas depois pensei: *E daí?* — Na verdade saí com alguém esse fim de semana.

Ouviu-se um *uh-uh!* abafado vindo dos outros membros do grupo. Baixei os olhos, um pouco constrangida. Eu nem sequer conseguia pensar naquela noite sem enrubescer.

— E como foi?

— Foi… surpreendente.

— Ela transou com alguém. Com certeza transou com alguém — disse Natasha.

— Ela está com aquele brilho — comentou William.

— Ele mandou bem? — perguntou Fred. — Tem alguma dica?

— E você conseguiu não pensar muito em Bill?

— Não o suficiente para me impedir… Só fiquei com vontade de fazer alguma coisa que… — Dei de ombros. — Eu só queria me sentir viva.

Houve um murmúrio de concordância após a última palavra que eu disse.

Era o que todos queríamos, em última instância, para nos libertar do nosso luto. Ficar livre desse submundo dos mortos, com metade do nosso coração perdido embaixo da terra ou preso em pequenas urnas de porcelana. Era bom ter algo positivo para dizer pela primeira vez.

Marc balançou a cabeça para me encorajar.

— Acho que isso parece muito saudável.

Escutei Sunil dizer que tinha voltado a ouvir música e Natasha contar que levara algumas das fotos do marido da sala para o quarto, segundo ela

"para não acabar falando dele toda santa vez que alguém vai lá em casa".

Daphne parara de cheirar furtivamente as camisas do marido no armário.

— Para ser sincera, elas não têm mais o cheiro dele. Acho que foi só um hábito que criei.

— E você, Jake?

Ele ainda parecia muito infeliz.

— Tenho saído mais, acho.

— Já falou com seu pai sobre o que sente?

— Não.

Tentei não olhar para ele enquanto falava. Eu me sentia estranhamente exposta, sem ter certeza do que ele sabia.

— Mas acho que ele está gostando de alguém.

— Mais sexo? — perguntou Fred.

— Não, acho que ele está realmente gostando de alguém.

Percebi que eu estava corando. Fiquei esfregando uma marca invisível no sapato para tentar esconder meu rosto.

— Por que você acha isso, Jake?

— Outro dia ele começou a falar sobre ela durante o café da manhã. Disse que achava que ia parar com essa coisa de ficar com várias mulheres. Que tinha conhecido uma pessoa e queria investir nela.

Fiquei muito animada. Mas acho que ninguém ali conseguiu perceber isso.

— Então você acha que ele finalmente descobriu que relações de rebote não são

o caminho para seguir em frente? Vai ver ele só precisava sair com algumas mulheres antes de se apaixonar de novo por alguém.

— Ele já fez muito rebote — comentou William. — Altos níveis de rebote.

— Jake? Como você se sente em relação a isso? — perguntou Marc.

— Um pouco estranho. Quer dizer, sinto saudade da minha mãe, mas acho que provavelmente é bom que ele esteja seguindo em frente.

Tentei adivinhar o que Sam dissera. Será que ele tinha citado meu nome?

Eu conseguia imaginar os dois na cozinha do pequeno vagão de trem, tendo essa conversa sincera enquanto tomavam chá com torradas. Minhas bochechas ardiam. Eu não tinha certeza se queria que Sam fizesse suposições sobre nós dois tão cedo. Devia ter deixado mais claro que aquilo não significava que estávamos namorando. Era muito cedo. E muito cedo para Jake discutir nosso relacionamento em público.

— E você conheceu a mulher? — perguntou Natasha. — Gosta dela?

Jake baixou a cabeça.

— Sim. E essa foi a merda.

Ergui os olhos.

— Ele a convidou para o brunch domingo e ela foi insuportável. Estava usando uma blusa muito justa e ficava me abraçando, como se me conhecesse, e rindo alto demais. Quando meu pai estava no jardim, ela me encarava com seus olhos grandes e redondos e dizia: “E como vai *você*?”, inclinando a cabeça de um jeito muito irritante.

— Ah, a *inclinação de cabeça* — disse William, e ouviu-se um murmúrio abafado de concordância.

Todo mundo conhecia aquele gesto.

— E na frente do meu pai ela só ria e jogava o cabelo o tempo todo, como se tentasse agir como uma adolescente, embora desse para perceber que tinha *pelo menos* trinta anos. — Ele franziu o nariz com nojo.

— Trinta! — exclamou Daphne, desviando os olhos. — Imagine só!

— Na verdade, eu preferia a que me perguntava o que ele andava fazendo. Pelo menos essa não fingia ser minha melhor amiga.

Mal consegui continuar a ouvir o que ele estava dizendo. Comecei a escutar um zumbido distante, que abafava todos os sons. Como pude ter sido tão burra? De repente me lembrei do revirar de olhos de Jake quando ele vira Sam dando em cima de mim pela primeira vez. Meu aviso estava bem ali, mas eu tinha sido burra o suficiente para ignorá-lo.

Senti calor e comecei a tremer. Eu não podia continuar ali. Não podia ouvir mais.

— Hum… acabei de lembrar que tenho um compromisso — murmurei, pegando minha bolsa e pulando da cadeira. — Desculpe.

— Está tudo bem, Louisa? — perguntou Marc.

— Tudo ótimo. Tenho que correr.

Segui depressa para a porta, sustentando um sorriso tão forçado que chegava a doer.

* * *

Ele estava lá. Claro que sim. Tinha acabado de parar a moto no estacionamento e estava tirando o capacete. Saí do salão da igreja e parei no alto da escada, me perguntando se havia algum jeito de ir até o meu carro sem passar por ele, mas não tinha. A parte física do meu cérebro registrou sua silhueta antes das sinapses remanescentes ocorrerem: um rubor de prazer, o lampejo da lembrança das suas mãos me tocando. Mas depois fui tomada por uma raiva arrebatadora, uma humilhação latejante.

— Oi — disse ele ao me ver, dando seu sorriso fácil e franzindo os olhos de prazer.

Aquele maldito charme.

Diminuí o passo e ele notou a mágoa em meu rosto. Eu não me importava. De repente, fiquei me sentindo como Lily. Não ia guardar isso para mim, afinal não fui eu que saí da cama de uma pessoa direto para a de outra.

— Bom trabalho, seu babaca — falei.

Depois corri até o meu carro antes que minha voz engasgada pudesse virar um soluço de verdade.

* * *

A partir de então, como se em resposta a uma mensagem subliminar maligna, aquela semana realmente foi ladeira abaixo. Richard ficou ainda mais exigente, reclamando que não sorríamos o bastante, que nosso desânimo com os clientes estava fazendo com que preferissem o Wings no Air Bar and Grill. O tempo virou, colorindo o céu de cinza-chumbo e trazendo tempestades tropicais, o que atrasou os voos e deixou o aeroporto cheio de passageiros mal-humorados. Depois disso, em um timing perfeito, os carregadores de bagagem entraram em greve.

— O que se pode esperar? Mercúrio está retrógrado — disse Vera, irritada, e resmungou com um cliente que pediu menos espuma no seu cappuccino.

Em casa, Lily parecia carregar uma nuvem negra própria. Sentou-se na sala, sem desgrudar do celular, mas não parecia nada contente com o que estava vendo no telefone. Ela olhava pela janela, impassível, como seu pai fazia, e parecia estar tão presa quanto ele. Eu tentara explicar que Will me dera aquela meia-calça amarela e preta, que a importância não estava na cor nem na qualidade, mas que…

— Está bem, está bem, a meia-calça. Tanto faz — disse ela.

Passei três noites quase sem dormir. Ficava encarando o teto, despertada por uma fúria gelada que se alojava em meu peito e se recusava a passar.

Eu estava com muita raiva de Sam. Porém, tinha ainda mais raiva de mim mesma. Ele me mandou duas mensagens de texto, com um "??", fingindo inocência. Mas eu não confiava em mim mesma para responder. Adotara o clássico comportamento das mulheres de ignorar tudo o que um homem diz ou faz, preferindo escutar minha impetuosa defesa insistente: *Comigo vai ser diferente*. Eu o beijara e fizera tudo acontecer. Então só podia me culpar.

Tentei me convencer de que eu provavelmente escapara por um triz.

Dizia, colocando mentalmente pontos de exclamações nas frases, que foi melhor descobrir logo do que daqui a seis meses! Tentei ver a situação pelo ponto de vista de Marc: foi bom ter seguido em frente! Posso considerar que foi uma experiência positiva! Pelo menos o sexo foi bom! Mas lágrimas quentes e idiotas escorriam dos meus olhos imbecis, e eu as secava e dizia a mim mesma que era isso que acontecia quando dávamos intimidade a alguém.

* * *

No grupo aprendemos que a depressão adora um vácuo. Era muito melhor estar fazendo algo, ou pelo menos planejando. Às vezes a ilusão de felicidade podia inadvertidamente criar um vácuo. Eu já estava cansada de chegar em casa toda noite e encontrar Lily prostrada no meu sofá, e farta também de tentar disfarçar o quanto eu ficava irritada com isso. Na sexta à noite disse a ela que iríamos encontrar a Sra. Traynor no dia seguinte.

— Mas você falou que ela não respondeu à sua carta.

— Vai ver ela não recebeu. Não importa. Em algum momento o Sr.

Traynor vai contar à família dele sobre você, então seria melhor a gente falar com ela antes que isso aconteça.

Lily não disse mais nada. Interpretei como um sinal tácito de anuência e a deixei em paz.

Naquela noite, acabei dando uma olhada nas roupas que Lily retirara da caixa, as quais eu ignorava desde que saíra da Inglaterra e fora para Paris dois anos antes. Não havia razão para usá-las. Eu não me sentia aquela pessoa desde que Will morrera.

Porém, naquele momento parecia importante vestir algo que não fosse calça jeans nem uma roupa verde de dançarina irlandesa. Encontrei um vestido curto azul-marinho que eu adorava e parecia sóbrio o suficiente para uma visita um pouco formal, então o passei e o deixei separado. Avisei a Lily que sairíamos às nove da manhã seguinte e fui me deitar, admirada ao perceber como era exaustivo morar numa casa com alguém que achava que qualquer fala mais longa que um grunhido era simplesmente ir longe demais.

Dez minutos depois de ter fechado a porta, enfiaram um bilhete manuscrito por baixo dela.

Cara Louisa,

Desculpe por ter pegado suas roupas emprestadas. E obrigada por tudo. Sei que às vezes sou um saco.

Desculpe.

Beijos,

Lily

P.S. Mas você devia mesmo usar aquelas roupas. São MUITO melhores do que as que você veste.

Abri a porta e encontrei Lily ali em pé, séria. Com um passo à frente, ela me deu um abraço rápido e expressivo, tão apertado que machucou minhas costelas. Depois se virou e, sem dizer uma palavra, voltou para a sala.

* * *

O dia amanheceu mais ensolarado e, com isso, nosso humor melhorou um pouco. Foram várias horas de viagem até chegar a um vilarejo em Oxfordshire, onde havia jardins murados e paredes de pedra em tom mostarda e queimadas de sol. Fiquei tagarelando durante a viagem, sobretudo para disfarçar meu nervosismo com a perspectiva de rever a Sra.

Traynor. Eu tinha descoberto que a maior dificuldade que encontrávamos ao conversar com um adolescente era que qualquer assunto que puxássemos inevitavelmente parecia o papo de uma tia velha em um casamento.

— Então o que você gosta de fazer? Quando não está na escola.

Ela deu de ombros.

— O que acha que gostaria de fazer depois que sair do colégio?

Ela me lançou aquele seu olhar característico.

— Você teve hobbies durante a infância, não?

Ela citou uma lista vertiginosa: hipismo, lacrosse, hóquei, piano (no quinto ano), corrida, tênis.

— Tudo isso? E não continuou praticando nenhum?

Ela fungou ao mesmo tempo em que deu de ombros, depois apoiou os pés no painel, como se a conversa estivesse encerrada.

— Seu pai adorava viajar — comentei após mais alguns quilômetros na estrada.

— Você já falou isso.

— Uma vez ele me disse que tinha conhecido o mundo todo, menos a Coreia do Norte. E a Disney. Ele contava histórias sobre lugares dos quais eu nunca tinha ouvido falar.

— As pessoas da minha idade não fazem viagem de aventura. Não tem mais nenhum lugar para ser desvendado. E quem faz mochilão durante o ano sabático fica um saco. Essas pessoas estão sempre falando de algum bar que descobriram em Ko Phang Yan, ou de como arranjaram drogas incríveis na floresta tropical de Myanmar.

— Você não precisa fazer um mochilão.

— É, e depois de conhecer o interior de um Hotel Mandarin Oriental, já conhecemos todos. — Ela bocejou. — Estudei numa escola aqui perto —

comentou ela um tempo depois, olhando pela janela. — Foi a única escola de que realmente gostei. — Fez uma pausa. — Eu tinha uma amiga chamada Holly.

— O que aconteceu?

— Minha mãe cismou que aquele não era *o tipo certo de escola.* Ela disse que não tinha uma boa colocação no ranking ou alguma coisa assim. Era só um internato pequeno. Então eles me mudaram de colégio. Depois disso perdi a vontade de fazer amigos. De que adiantava, se simplesmente me mudariam de novo?

— Você manteve contato com Holly?

— Não. Não faz sentido quando a gente não pode se ver.

Eu tinha uma vaga lembrança da intensidade das relações entre amigas na adolescência, mais parecida com uma paixão do que com uma amizade normal.

— O que acha que vai fazer? Quer dizer, se não for mesmo voltar para a escola.

— Não gosto de pensar muito à frente.

— Mas você tem que pensar em alguma coisa, Lily.

Ela fechou os olhos por um instante, depois baixou os pés e descascou um pouco do esmalte roxo do polegar.

— Não sei, Louisa. Talvez eu simplesmente siga seu exemplo maravilhoso e faça todas as mesmas coisas empolgantes que você.

Respirei fundo três vezes, apenas para me impedir de parar o carro na estrada. É só o nervosismo, falei para mim mesma. Era só o nervosismo dela. E depois, para irritá-la, liguei bem alto na estação de rádio de músicas antigas, que ficou

tocando pelo resto da viagem.

* * *

Encontramos a Four Acres Lane com a ajuda de um passeador de cachorros da região e paramos diante da Fox's Cottage, uma modesta casa de reboco branco com telhado de palha. Do lado de fora, rosas escarlate caíam em torno de um arco de ferro no início do caminho do jardim, e delicadas flores coloridas disputavam espaço em canteiros bem-cuidados. Havia um pequeno carro modelo hatch parado na entrada da garagem.

— A vida dela caiu de padrão — comentou Lily, olhando pela janela.

— É bonitinha.

— É minúscula.

Fiquei sentada, escutando o motor silenciar.

— Antes de entrarmos, me escute, Lily. Não vá esperando muita coisa —

falei. — A Sra. Traynor é um pouco formal. Ela busca refúgio nas boas maneiras. Provavelmente vai falar com você como se fosse uma professora.

Quer dizer, acho que ela não vai abraçar você, como o Sr. Traynor fez.

— Meu avô é um hipócrita. — Lily fungou. — Ele diz que você é o máximo, mas na verdade não passa de um escravo de boceta.

— E, por favor, não repita "escravo de boceta".

— Não faz sentido fingir ser alguém que não sou — disse Lily, emburrada.

Continuamos sentadas ali por mais um tempo. Percebi que nenhuma de nós queria ir até a porta.

— Será que devo tentar ligar para ela mais uma vez? — falei, segurando o celular.

Eu já tinha tentado duas vezes naquela manhã, mas caíra direto na caixa postal.

— Não conte logo de cara — disse Lily, de repente. — Quem eu sou, quer dizer. Eu só… Só quero ver quem ela é. Antes de contarmos.

— Claro — falei, comovida.

E antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, Lily desceu do carro e deu passadas largas até o portão, com os punhos cerrados feito um lutador de boxe prestes a entrar no ringue.

* * *

A Sra. Traynor tinha ficado grisalha. Seu cabelo, que antes era tingido de castanho-escuro, estava branco e curto, deixando-a com uma aparência muito mais velha do que realmente era, ou de alguém que acabara de se recuperar de uma doença grave. Devia estar com uns cinco quilos a menos do que da última vez que eu a vira e tinha olheiras fundas e arroxeadas. Ela olhou para Lily com uma expressão confusa que demonstrou que não esperava nenhuma visita, nunca. Quando me viu, seus olhos se arregalaram.

— Louisa?

— Oi, Sra. Traynor. — Dei um passo à frente e estendi a mão. — Nós estávamos aqui por perto. Não sei se recebeu minha carta… Então pensei em parar para dar um oi… — Minha voz falsa e artificialmente alegre sumiu.

Ela tinha me visto pela última vez quando ajudei a esvaziar o quarto do seu filho morto. A penúltima, quando ele deu o último suspiro. Observei-a reviver esses dois fatos naquele momento.

— Estávamos admirando seu jardim.

— Rosas David Austin — reconheceu Lily.

A Sra. Traynor olhou para ela como se só então a tivesse notado. Então deu um sorriso discreto e inseguro.

— Sim. São, sim. Como você é esperta. É que… Desculpe. Não recebo muitas visitas. Qual é mesmo o seu nome?

— Essa é Lily — falei, e observei atentamente ela apertar a mão da Sra.

Traynor.

Ficamos um tempo ali paradas no degrau da frente, até que, por fim, como se achasse que não tinha alternativa, a Sra. Traynor se virou e abriu a porta.

— Acho que seria melhor vocês entrarem.

* * *

O chalé era minúsculo, com um pé-direito tão baixo que até eu precisei me abaixar ao passar do hall para a cozinha. Esperei a Sra. Traynor preparar um chá, observando Lily andar impacientemente pela sala, contornando os poucos móveis antigos muito lustrosos, que me lembravam da época que passei na Granta House, pegando objetos e devolvendo-os ao lugar em seguida.

— E… como você tem andado?

A voz da Sra. Traynor era monótona, como se aquela não fosse uma pergunta para a qual ela quisesse uma resposta.

— Ah, muito bem, obrigada. — Longo silêncio. — É uma linda cidade.

— Sim. Bem. Eu não podia ficar em Stortfold…

Ela serviu a água fervente no bule de chá e não pude deixar de me lembrar de Della, andando pesadamente pela antiga cozinha da Sra.

Traynor.

— Conhece muita gente por aqui?

— Não — disse ela, como se fosse a única razão que a tivesse feito se mudar para aquele lugar. — Você se importaria de trazer a leiteira? Não cabe tudo nesta bandeja.

Seguiu-se uma penosa meia hora de conversa. A Sra. Traynor, uma mulher que tinha o traquejo instintivo da classe média alta para controlar qualquer situação social, aparentemente perdera a capacidade de se comunicar. Enquanto conversava, parecia que só metade dela estava presente. Fez uma pergunta, repetiu-a dez minutos depois, como se não tivesse registrado a resposta. Considerei que ela pudesse estar abusando de antidepressivos. Lily a observava disfarçadamente, as expressões refletindo seus pensamentos. Fiquei sentada entre as duas, sentindo um nó no estômago aumentar, esperando que alguma coisa acontecesse.

Tagarelei sozinha, contando sobre meu trabalho horrível, o que eu tinha feito na França, falando que meus pais estavam bem, obrigada… Qualquer coisa para acabar com aquele terrível silêncio opressivo que dominava a sala toda vez que eu parava de falar. Mas o sofrimento da Sra. Traynor pairava sobre a pequena casa, feito uma névoa. Se o Sr. Traynor parecera esgotado pela tristeza, sua ex-

mulher dava a impressão de ter sido engolida. Não tinha sobrado quase nada daquela mulher enérgica e orgulhosa que eu conhecera.

— O que a fez vir até aqui? — perguntou ela, afinal.

— Hum… só passei para visitar uns amigos — respondi.

— Como vocês duas se conheceram?

— Eu… conheci o pai de Lily.

— Que bom — disse a Sra. Traynor, sorrindo sem jeito.

Observei Lily, esperando que dissesse alguma coisa, mas ela estava paralisada, como se também se sentisse sufocada ao se deparar com a realidade do sofrimento da mulher.

Tomamos mais uma xícara de chá e comentamos sobre seu belo jardim pela terceira ou talvez quarta vez, e afastei a sensação de que nossa presença estava exigindo um esforço sobre-humano da parte dela. A Sra.

Traynor não nos queria ali. Era educada demais para dizer isso, mas estava óbvio que queria ficar sozinha. Esse desejo se refletia em cada gesto, cada sorriso forçado, cada tentativa de dominar a conversa. Desconfiei de que, assim que fôssemos embora, ela simplesmente se sentaria numa cadeira e ficaria ali, ou arrastaria os pés pela escada para se deitar encolhida na cama.

De repente reparei na ausência completa de fotografias. Enquanto a Granta House era cheia de porta-retratos prateados com fotos de seus filhos, da família, dos cavalos, de férias em estações de esqui, dos avós distantes, não havia nada no chalé. Apenas uma pequena estátua de bronze de um cavalo, uma aquarela com alguns jacintos pintados, mas nada de pessoas. Comecei a me remexer na cadeira, me perguntando se eu simplesmente não as vira em alguma mesinha ou no peitoril de janela. Mas, não: o chalé era brutalmente impessoal. Pensei no meu apartamento, no meu fracasso absoluto em personalizá-lo ou transformá-lo em algum tipo de lar. E, de repente, me senti pesada e desesperadamente triste.

O que você fez com a gente, Will?

— Já deve estar na hora de ir, Louisa — disse Lily, olhando expressivamente para o relógio. — Você disse que não seria bom pegar trânsito.

Olhei para ela.

— Mas…

— Você falou que a gente não ia ficar muito tempo — insistiu ela em alto e bom som.

— Ah. Sim. O trânsito às vezes é muito cansativo.

A Sra. Traynor começou a se levantar da cadeira.

Eu fuzilava Lily com o olhar, prestes a protestar outra vez, quando o telefone tocou. A Sra. Traynor estremeceu, como se aquele barulho tivesse se tornado estranho para ela. Olhou para cada uma de nós, se perguntando se atendia ou não, e depois, talvez se dando conta de que não podia se fazer de surda enquanto estávamos ali, pediu licença e foi para outro cômodo, onde a ouvimos atender.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Isso parece errado — disse Lily muito triste.

— Mas não podemos ir embora sem contar a ela.

— Simplesmente não consigo fazer isso hoje. É…

— Sei que é assustador. Mas olhe para ela, Lily. Realmente acho que poderia ser bom se você contasse. Não concorda?

Lily arregalou os olhos.

— Contasse o quê? — Virei a cabeça. A Sra. Traynor estava parada perto da porta do pequeno corredor. — O que você precisa me contar?

Lily me encarou, depois voltou o olhar para a Sra. Traynor. Senti o tempo se arrastar à nossa volta. Ela engoliu em seco, então ergueu um pouco o queixo.

— Que sou sua neta.

Um breve silêncio.

— Minha… o quê?

— Sou filha de Will Traynor.

Suas palavras ecoaram pela sala. O olhar da Sra. Traynor encontrou o meu, como se para confirmar que, na verdade, aquilo era uma grande piada.

— Mas… Não pode ser.

Lily recuou.

— Sra. Traynor, sei que isso deve ser chocante — comecei.

Ela não me ouviu. Encarava Lily furiosamente.

— Como é que meu filho podia ter uma filha sem que eu soubesse disso?

— Porque minha mãe não contou a ninguém. — A voz de Lily saiu num sussurro.

— Esse tempo todo? Como você pode ter sido mantida em segredo durante esse tempo todo? — A Sra. Traynor virou-se para mim. — Você sabia?

Engoli em seco.

— Foi por esse motivo que escrevi para a senhora. Lily me procurou.

Queria saber sobre a família dela. Sra. Traynor, não queremos lhe causar mais sofrimento. Lily só queria conhecer os avós, mas as coisas não foram muito bem com o Sr. Traynor e…

— Will teria dito alguma coisa. — Ela balançou a cabeça. — Sei que teria.

Ele era *meu filho.*

— Faço um exame de DNA se você realmente não acredita em mim —

disse Lily, cruzando os braços. — Mas não quero nada de vocês. Não preciso vir morar com você nem nada. Tenho meu próprio *dinheiro*, se é isso que está pensando.

— Não tenho certeza do que eu… — começou a Sra. Traynor.

— Não precisa ficar horrorizada. Não sou, tipo, uma doença contagiosa que você acabou de herdar. Só, sabe, uma *neta.* Caramba.

A Sra. Traynor afundou lentamente numa cadeira. Depois de um instante, levou a mão trêmula à cabeça.

— A senhora está bem, Sra. Traynor?

— Acho que eu não…

Ela fechou os olhos. Parecia estar imersa em algum lugar no seu íntimo.

— Lily, acho que devíamos ir. Sra. Traynor, vou deixar meu telefone anotado. Voltaremos quando já tiver assimilado a novidade.

— Quem disse? Não vou voltar aqui, não. Ela acha que sou uma mentirosa. Nossa. Essa *família.*

Lily ficou olhando incrédula para nós duas, depois saiu da sala, derrubando uma mesinha de madeira no caminho. Eu me abaixei, erguendo a mesa, e cuidadosamente repus as caixas de prata que estavam organizadas com capricho ali em cima.

A Sra. Traynor estava abatida com o choque.

— Desculpe, Sra. Traynor — falei. — Tentei realmente falar com a senhora antes de vir.

Ouvi a porta do carro bater.

Ela respirou fundo.

— Não leio nada se eu não souber de onde vem. Recebi cartas. Cartas repugnantes, que diziam que eu… Não respondo a quase nada agora…

Nunca é algo que eu queira saber. — Ela parecia perplexa, velha e frágil.

— Sinto muito. Sinto muito mesmo.

Peguei minha bolsa e saí dali.

* * *

— Não fale nada — pediu Lily quando entrei no carro. — Não fale nada, está bem?

— Por que você fez isso? — Eu me sentei no banco do motorista, com as chaves na mão. — Por que quis sabotar tudo?

— Percebi como ela se sentia em relação a mim desde que me viu.

— Ela é uma mãe que ainda sofre com a perda do filho. Acabamos de lhe causar um enorme choque. E você explodiu em cima dela como um foguete.

Não podia ter ficado quieta e deixado ela digerir tudo? Por que tem que afastar

todas as pessoas?

— Ah, e o que você sabe sobre mim, afinal?

— Você parece determinada a arruinar o relacionamento que tem com qualquer um que possa se aproximar.

— Ai, *meu Deus*, isso tem a ver com aquela meia-calça idiota de novo?

Você não sabe nada! Passou a vida inteira sozinha num apartamento que ninguém visita. Está na cara que seus pais a consideram uma fracassada.

Você nem sequer tem coragem para largar o trabalho mais patético do mundo.

— Não faz ideia de como é difícil arranjar qualquer emprego hoje em dia, então não me diga…

— Você é uma *fracassada*. Pior que isso, é uma fracassada que acha que pode dizer aos outros o que fazer. E quem lhe dá esse direito? Você ficou ali sentada na cabeceira do meu pai vendo-o morrer e não fez nada. Nada!

Então não acho que você seja capaz de julgar o comportamento dos outros.

O silêncio no carro era rígido e cortante como vidro. Olhei para o volante.

Fiquei esperando até ter certeza de que conseguia respirar normalmente.

Então dei a partida no carro e percorremos os duzentos quilômetros até em casa em silêncio.

15

Passei alguns dias quase sem ver Lily, e isso veio a calhar. Quando eu voltava para casa do trabalho, um rastro de migalhas ou canecas vazias confirmava que ela havia passado por ali. Várias vezes entrei em casa e tive a impressão de que o ar parecia estranhamente perturbado, como se houvesse acontecido algo que eu não conseguia identificar direito. Mas nada faltava e nada tinha sido visivelmente alterado, e atribuí isso ao fato de dividir o apartamento com uma pessoa com quem eu não estava me dando bem. Pela primeira vez, me permiti admitir que sentia falta de estar sozinha.

Liguei para minha irmã, que teve a delicadeza de não dizer: "Eu avisei."

Quer dizer, talvez só uma vez.

— Essa é a pior coisa de ser mãe ou pai — disse ela, como se eu também fosse. — Para conseguir lidar com todas essas situações a pessoa tem que ser serena, onisciente, bondosa. Mas, às vezes, quando Thom faz malcriação ou estou cansada, tenho vontade de bater a porta na cara dele ou mostrar a língua e dizer que ele é um saco.

Era bem assim que eu estava me sentindo.

Meu trabalho andava tão ruim que eu precisava me forçar a cantar trilhas sonoras de musicais no carro para me obrigar a dirigir até o aeroporto.

E ainda tinha Sam.

Em quem eu não pensava.

Não pensava nele de manhã, quando eu via meu corpo nu no espelho do banheiro. Eu não me lembrava do jeito que seus dedos percorreram minha pele, sem disfarçar minhas cicatrizes vermelhas, e sim torná-las parte de uma história compartilhada. Nem de como, por uma breve noite, eu me sentira inconsequente e viva de novo. Eu não pensava nele quando observava os casais, as cabeças unidas abaixadas ao analisar seus cartões de embarque, prestes a partir para compartilhar aventuras românticas —

ou simplesmente um sexo selvagem — em destinos distantes dali. Eu não pensava nele quando ia e voltava do trabalho, sempre que uma ambulância passava com a sirene ligada. O que parecia acontecer com bastante frequência. E eu definitivamente não me lembrava dele à noite quando me sentava sozinha no sofá, assistindo a um programa de televisão cuja temática não posso revelar. Desse jeito, eu desconfiava de que estava parecendo o duende pornô mais solitário do mundo.

* * *

Nathan telefonou e deixou um recado, me pedindo para retornar a ligação.

Eu não tinha certeza se suportaria ouvir o último episódio da sua nova e empolgante vida em Nova York, então coloquei isso na minha lista mental de coisas para fazer que nunca seriam realmente feitas. Tanya me mandou uma mensagem de texto para dizer que os Houghton-Miller haviam voltado três dias antes, por causa de alguma coisa a ver com o trabalho de Francis.

Richard ligou avisando que eu tinha sido escalada para o último turno de segunda a sexta. *E, por favor, não se atrase, Louisa. Eu gostaria de lembrar mais uma vez*

que você já recebeu seu último aviso.

Fiz a única coisa em que consegui pensar: fui para Stortfold com música alta tocando no carro para não precisar ficar sozinha com meus pensamentos. Eu me sentia grata por ter meus pais. Sentia que minha casa exercia uma atração quase umbilical sobre mim, oferecendo o conforto de uma família tradicional e o almoço de domingo.

* * *

— Almoço? — disse meu pai, com os braços cruzados na barriga, cerrando a mandíbula, indignado. — Ah, não. A gente não faz mais almoço aos domingos. Almoço é um símbolo de opressão patriarcal.

Lá do canto, vovô balançou pesarosamente a cabeça.

— Não, não podemos almoçar. Agora temos sanduíches aos domingos. Ou sopa. Parece que sopa está de acordo com o feminismo.

Treena, estudando na mesa de jantar, revirou os olhos.

— Mamãe está tendo aula de poesia feminina nas manhãs de domingo no centro educativo de adultos. Ela não virou Andrea Dworkin.

— Viu, Lou? Agora esperam que eu saiba tudo sobre feminismo, sendo que esse tal de Andrew Dorkin ainda roubou meu almoço de domingo.

— Pare de fazer drama, papai.

— Que drama? Os domingos são da *família*. A gente devia ter o almoço de família de domingo.

— Minha mãe dedicou a vida inteira à família. Por que você não pode simplesmente deixá-la ter um tempo para si mesma?

Papai apontou seu jornal dobrado para Treena.

— Você fez isso. Sua mãe e eu éramos perfeitamente felizes antes de você começar a dizer que ela não era.

Vovô assentiu.

— Tudo vai de mal a pior por aqui. Não posso assistir à televisão sem que ela resmungue “sexista” para os comerciais de iogurte. Isso é sexista. Aquilo é

sexista. Quando eu trouxe para casa o exemplar do *The Sun* para dar uma lida na seção de esporte, ela atirou o jornal no fogo por causa da Página Três. Nunca sei como ela vai agir no outro dia.

— É só uma aula de duas horas — disse Treena, com suavidade, sem desviar os olhos dos livros. — No domingo.

— Não estou de brincadeira, papai — falei. — E aquelas coisas na ponta dos seus braços?

— O quê? — Ele olhou para baixo. — O quê?

— Suas mãos — falei. — Elas não são de plástico. — Ele franziu o cenho para mim. — Então acho que você podia fazer o almoço. Surpreender mamãe quando ela voltar da aula de poesia.

Papai arregalou os olhos.

— Fazer o almoço de domingo? Eu? Faz quase trinta anos que estamos casados, Louisa. Não sou eu que faço o maldito almoço. Ganho o dinheiro e sua mãe prepara o almoço. Esse é o trato! Foi para isso que me candidatei!

Onde vamos parar se eu estiver aqui de avental e descascando batata num domingo? Isso é justo?

— Isso se chama vida moderna, pai.

— Vida moderna. Você não ajuda em nada — disse ele, pigarreando. —

Aposto que o Sr. Traynor tem quem prepare o almoço de domingo dele.

Aquela garota com quem ele está não deve ser feminista.

— Ah. Então você precisa de um castelo, pai. Castelo é sempre um trunfo para acabar com o feminismo.

Treena e eu começamos a rir.

— Sabem de uma coisa? Tem um motivo para vocês duas não arranjarem namorados.

— Ih. Cartão vermelho para você!

Nós duas erguemos a mão direita. Ele jogou o jornal para o alto e foi batendo os

pés até o jardim.

Treena sorriu para mim.

— Eu ia sugerir que a gente preparasse o almoço, mas… agora?

— Não sei. Eu não ia querer perpetuar a opressão patriarcal. Pub?

— Excelente. Vou mandar uma mensagem para a mamãe.

Aos cinquenta e seis anos, minha mãe começou a sair da concha, a princípio hesitante como um caranguejo, mas agora, pelo visto, com um entusiasmo cada vez maior. Ela passou anos sem sair desacompanhada, satisfeita com o pequeno domínio que era nossa casa de três quartos. Mas ter passado algumas semanas em Londres depois que sofri o acidente a obrigara a sair da rotina e despertara uma curiosidade adormecida havia muito tempo sobre a vida além de Stortfold. Ela começara a dar uma olhada nos textos feministas que Treena recebera no grupo feminista na faculdade, e esses dois acontecimentos alquímicos fizeram minha mãe acordar. Ela devorou *O Segundo Sexo* e *Medo de Voar*, seguido de *A Mulher Eunuco*, e, após ler *The Women's Room*, ficara tão chocada com as semelhanças que encontrou com sua própria vida que passou três dias se recusando a cozinhar, até descobrir que vovô estava guardando donuts velhos.

— Fico pensando sobre o que seu amado Will disse — comentou mamãe, quando estávamos sentadas à mesa no jardim do pub, observando Thom bater a cabeça na das outras crianças no castelo inflável murcho. — A vida é uma só, não foi isso que ele falou? — Ela estava usando a camisa de manga curta azul de sempre, mas prendera o cabelo para trás de um jeito que eu nunca vira, e parecia muito mais jovem. — Então só quero aproveitar. Aprender um pouco. Tirar as luvas de borracha de vez em quando.

— Papai está muito puto — falei.

— Olhe o palavreado.

— É um sanduíche — disse minha irmã. — Ele não está fazendo uma caminhada de quarenta dias pelo deserto de Gobi em busca de comida.

— E é um curso de dez semanas. Ele vai sobreviver — disse minha mãe com firmeza, depois recostou-se na cadeira e nos observou. — Isso não é legal? Acho que nós três não saíamos juntas desde que… Bem, desde que vocês eram adolescentes e íamos fazer compras na cidade aos sábados.

— E Treena reclamava de que todas as lojas eram chatas.

— Sim, mas isso porque Lou gostava de brechós de caridade que tinham cheiro de cê-cê.

— É bom ver você usando algumas das suas roupas preferidas outra vez.

Mamãe balançou a cabeça com admiração para mim. Eu tinha colocado uma camiseta amarela na esperança de que isso me deixasse com uma aparência mais alegre do que eu estava.

Perguntaram sobre Lily, e falei que ela tinha voltado para a casa da mãe, o que foi um pouco chocante. As duas se entreolharam, como se fosse exatamente isso que esperassem que eu dissesse. Não contei sobre a Sra.

Traynor.

— Aquilo tudo com Lily foi uma situação muito estranha. Não posso pensar coisa boa daquela mãe que simplesmente entregou a filha para você.

— Mamãe está falando isso no bom sentido, por sinal — disse Treena.

— Mas esse seu trabalho, Lou, querida. Não gosto de imaginar você saltitando quase nua atrás de um bar. Parece aquele lugar… Qual é o nome?

— O Hooters — respondeu Treena.

— Não é igual ao Hooters. É um aeroporto. Pode ficar tranquila.

— Ninguém mexe com ela — confirmou Treena.

— Mas você usa uma roupa sexista para servir bebidas. Se é o que quer, podia fazer isso… sei lá, na Disney de Paris. Se fosse a Minnie ou o Ursinho Pooh, nem precisaria mostrar as pernas.

— Daqui a pouco você faz trinta anos — disse minha irmã. — Minnie, Ursinho Pooh ou amante do rei. A escolha é sua.

— Bem — falei, quando a garçonete trouxe nosso frango com fritas —, andei pensando e, sim, você tem razão. Vou seguir em frente. Focar na minha carreira.

— Pode repetir isso? — pediu minha irmã, passando algumas batatas fritas do seu prato para o de Thom.

O jardim do pub ficara mais barulhento.

— Focar na minha carreira — falei mais alto.

— Não. A parte em que você disse que eu tinha razão. Acho que você não fala isso desde 1997. Thom, não volte agora para o castelo inflável, querido.

Você vai passar mal.

Ficamos sentadas ali quase a tarde toda, ignorando as mensagens de texto cada vez mais irritadas do meu pai, que exigia saber o que estávamos fazendo. Eu nunca tinha me sentado com minha mãe e minha irmã, feito gente normal, adulta, e conversado sobre assuntos que não envolviam ter que arrumar alguma coisa ou comentar como alguém era *irritante*. Cada uma de nós se viu surpreendentemente interessada na vida e nas opiniões das outras, como se de repente tivéssemos nos dado conta de que poderíamos ter outro papel além do *a inteligente, a caótica* e *a que faz todo o trabalho doméstico.*

Era uma sensação estranha conseguir enxergar meus familiares como seres humanos.

— Mãe — chamei, pouco depois de Thom ter corrido para brincar quando terminou de comer o frango, e cerca de cinco minutos antes de ele vomitar no castelo inflável e o deixar interditado pelo resto da tarde —, alguma vez você se incomodou por não ter uma carreira?

— Não. Eu adorava ser mãe. Adorava mesmo. Mas é estranho… Tudo o que aconteceu nesses últimos dois anos faz a gente pensar. — Esperei ela continuar. — Ando lendo sobre todas essas mulheres, essa gente corajosa que influenciou tanto na forma como as pessoas pensam e agem. E olho para o que fiz e me pergunto, bem, se eu faria um tiquinho de falta para alguém.

Ela falou com tanta serenidade que não consegui perceber se estava realmente muito mais perturbada com isso do que podia demonstrar.

— Sentiríamos mais do que um tiquinho, mãe — falei.

— Mas não causei grande impacto, não é? Não sei. Sempre estive satisfeita. Mas é como se eu tivesse passado trinta anos fazendo determinada coisa e agora tudo que leio, a televisão, os jornais, é como se todo mundo estivesse me dizendo que nada valeu a pena.

Minha irmã e eu nos entreolhamos.

— Para nós valeu, mãe.

— Suas fofas.

— Estou falando sério. Você… — de repente pensei em Tanya Houghton-Miller — fez a gente se sentir segura. E amada. Eu gostava de encontrar você sempre em casa quando chegávamos.

Mamãe pôs a mão em cima da minha.

— Estou bem. Tenho muito orgulho de vocês duas, seguindo o próprio caminho pelo mundo. De verdade. Mas preciso resolver algumas coisas sozinha. E é uma viagem interessante, de verdade. Estou adorando ler. A Sra. Deans da biblioteca está separando tudo que ela acha que poderia me interessar. Meu próximo passo são as feministas da New Wave americana.

As teorias dessas mulheres são muito interessantes. — Ela dobrou o guardanapo de papel com capricho. — Mas gostaria que todas parassem de discutir umas com as outras. Tenho um pouco de vontade de obrigá-las a fazerem as pazes.

— E… você realmente deixou de raspar as pernas?

Eu tinha ido longe demais. Minha mãe fechou a cara e me olhou com frieza.

— Às vezes, a gente demora a acordar para um verdadeiro sinal de opressão. Já disse ao seu pai, e vou dizer a vocês, quando ele for ao salão pagar para uma

gorducha de vinte e um anos depilar as pernas dele com cera quente, volto a fazer o mesmo.

* * *

O sol declinava sobre Stortfold, feito manteiga derretida. Fiquei até muito mais tarde do que tinha pretendido, me despedi da minha família, entrei no carro e voltei para casa. Eu sentia que tinha um equilíbrio, uma base.

Depois da turbulência emocional da semana anterior, era bom estar cercada por um pouco de normalidade. E minha irmã, que nunca demonstrava sinais de fraqueza, confessara que achava que ficaria solteira para sempre, repelindo a insistência da minha mãe de que ela era uma

“garota deslumbrante”.

— Mas sou mãe solteira — disse ela. — E, pior, não consigo dar em cima de ninguém. Eu não saberia como fazer isso nem se Louisa ficasse atrás da pessoa segurando um cartaz. E os únicos homens que conheci em dois anos se assustaram com Thom ou então estavam querendo só aquilo.

— Ah, não… — discordou minha mãe.

— Aconselhamento contábil de graça.

Pensando de forma objetiva, eu sentira uma empatia repentina. Minha irmã tinha razão: eu recebera, contra as probabilidades, todas as vantagens

— uma casa própria, um futuro livre de quaisquer responsabilidades — e a única coisa que me impedia de aproveitar tudo isso era eu mesma. O fato de que ela não estava amargurada com o que cada uma de nós havia recebido era bem impressionante. Dei um abraço nela antes de ir embora, deixando-a um pouco chocada, depois, desconfiada, até que apalpou as próprias costas para conferir se havia algum papel escrito ME CHUTE, mas, por fim, acabou retribuindo meu abraço.

— Fique um tempo lá em casa — falei. — Mesmo. Fique um tempo lá em casa. Vou levar você para dançar numa boate que conheço. Mamãe pode cuidar do Thom.

Minha irmã riu e fechou a porta do carro quando liguei o motor.

— Está bem. Você dançando? Como se isso fosse possível.

Ela ainda ria quando fui embora.

* * *

Seis dias depois, ao chegar em casa após o turno da noite, encontrei uma boate própria. Quando subi a escada do prédio, em vez do silêncio de sempre, ouvi risadas ao longe e uma batida irregular de música. Hesitei por um instante antes de entrar, considerando que, no meu estado de exaustão, eu poderia estar equivocada. Então abri a porta.

Primeiro senti o cheiro de maconha, tão forte que, por reflexo, quase prendi a respiração. Fui devagar até a sala, abri a porta e fiquei ali parada, a princípio sem conseguir acreditar no que estava vendo. No cômodo parcamente iluminado, Lily estava deitada no meu sofá, com uma saia curta amarrotada que quase não tapava seu bumbum, e levava à boca um baseado mal enrolado. Dois rapazes estavam jogados no chão, encostados no sofá, feito ilhas em meio a um mar de detritos alcoólicos, sacos vazios de salgadinhos e embalagens de isopor com comida para viagem. Havia duas meninas da idade de Lily também sentadas no chão. Uma delas estava com o cabelo preso num rabo de cavalo apertado e ergueu as sobrancelhas ao me ver, como se perguntasse o que eu estava fazendo ali. A música retumbava do aparelho de som. A quantidade de latas de cerveja e cinzeiros transbordando indicava que tinha sido uma longa noite.

— Ah — disse Lily, de um jeito exagerado. — Oooi.

— O que você está fazendo?

— É. A gente saiu e meio que perdeu o último ônibus, então achei que não teria problema dormir aqui. Você não se importa, não é?

Fiquei tão chocada que mal consegui responder.

— Sim — respondi com firmeza. — Na verdade, eu me importo.

— Ops.

Ela começou a rir. Larguei a bolsa no chão e olhei em volta para o aterro sanitário que antes era minha sala de estar.

— A festa acabou. Vou dar cinco minutos para vocês limparem a bagunça e darem o fora daqui.

— Ai, meu Deus. Eu sabia. Você vai ser chata com isso, não vai? Ah. Eu *sabia*.

Ela se jogou de novo no sofá de um jeito melodramático. Sua voz estava arrastada, seus atos atrapalhados por… O quê? Drogas?

Fiquei esperando. Durante um breve e tenso instante, os dois rapazes lançaram um olhar penetrante para mim e reparei que estavam considerando se deviam se levantar ou simplesmente continuar ali sentados.

Uma das meninas passou a língua nos dentes, fazendo barulho.

— Quatro minutos — falei devagar. — Estou contando.

Talvez minha raiva justificada me desse certa autoridade. Talvez eles realmente fossem menos corajosos do que pareciam. Um por um, se levantaram e passaram por mim a caminho da porta. Ao sair, o último dos rapazes ergueu ostensivamente a mão e largou uma lata no chão do hall, derramando cerveja na parede e no tapete. Chutei a porta e peguei a lata.

Eu estava tremendo de raiva quando me aproximei de Lily.

— Do que você acha que está brincando?

— Nossa. Eram só alguns amigos, está bem?

— Este não é o seu apartamento, Lily. A casa não é sua para você trazer quem bem entende… — Tive um flashback súbito: aquela estranha sensação de deslocamento quando voltei para casa uma semana antes. —

Ai, meu Deus. Você já fez isso, não é? Semana passada. Você trouxe gente para dormir aqui e foi embora antes que eu chegasse.

Lily se levantou sem firmeza. Puxou a saia para baixo e passou a mão pelo cabelo, tentando desembaraçá-lo. Seu delineador estava borrado, e no seu pescoço havia o que poderia ser um hematoma ou um chupão.

— Nossa. Por que você tem que fazer um *escândalo* com tudo? Eram só pessoas, ok?

— Na *minha casa*.

— Bom, isso mal é uma casa, não é mesmo? Não tem móveis nem nada pessoal. Nenhum quadro na parede. Parece mais… uma garagem. Uma garagem sem carro. Na verdade, já vi postos de gasolina mais acolhedores.

— Não é da sua conta o que faço com a minha casa.

Ela soltou um pequeno arroto e abanou o ar diante da boca.

— Eca. Bafo de kebab. — Foi para a cozinha, onde abriu três armários até encontrar um copo. Encheu-o e bebeu a água em um gole só. — Você nem sequer tem uma televisão decente. Eu não sabia que as pessoas ainda tinham aparelhos de dezoito polegadas.

Comecei a catar as latas, enfiando-as num saco plástico.

— Aliás, quem eram eles?

— Sei lá. Só algumas pessoas.

— Você não *sabe* quem eram?

— Amigos. — Ela parecia irritada. — Gente que conheci na balada.

— Conheceu numa boate?

— É. Na balada. Blá-blá-blá. Parece que você está sendo grossa de propósito. Isso mesmo. São só alguns amigos que conheci numa boate. É o que pessoas normais fazem, sabe. Sair com amigos.

Ela jogou o copo numa bacia — ouvi-o quebrar — e saiu ressentida da cozinha.

Olhei para ela, e de repente fiquei preocupada. Corri para o meu quarto e abri a primeira gaveta da cômoda. Vasculhei as meias, procurando a pequena caixa de joias que continha o cordão e o anel de casamento da minha avó. Parei e respirei fundo, dizendo a mim mesma que não conseguia encontrá-los porque estava em pânico. Deviam estar ali. Claro que sim.

Comecei a tirar os objetos da gaveta, analisando-os com cuidado e jogando-os na cama.

— Eles entraram aqui? — gritei.

Lily apareceu à porta.

— Eles o quê?

— Seus amigos. Eles entraram no meu quarto? Onde estão as minhas joias?

Lily pareceu um pouco mais desperta.

— Joias?

— Ah, não. Ah, não. — Abri todas as gavetas e comecei a jogar o conteúdo no chão. — Onde estão? E cadê meu dinheiro de emergência? — Eu me virei para ela. — Quem eram eles? Como se chamavam?

Ela ficou em silêncio.

— Lily!

— N-não sei.

— Como assim, não sabe? Você disse que eram seus amigos.

— Só… amigos de balada. Mitch. E… Lise e… Não me lembro.

Saí correndo do quarto, passei apressada pelo corredor e desci voando os quatro andares. Mas, quando alcancei o portão, o corredor e a rua estavam vazios, exceto pelo último ônibus para Waterloo que saía devagar, iluminado, pelo meio da rua escura.

Fiquei na porta, ofegando. Então fechei os olhos, contendo as lágrimas, deixando minhas mãos caírem nos joelhos quando me dei conta do que havia perdido: o anel da minha avó, o belo cordão de ouro com o pequeno pingente que ela usava quando eu era criança. Eu já sabia que nunca mais veria essas coisas. Poucos objetos eram passados de geração em geração na minha família, e agora até isso tinha desaparecido.

Subi a escada devagar.

Lily estava parada no hall quando abri a porta.

— Desculpe — disse ela baixinho. — Eu não sabia que eles iam roubar suas coisas.

— Vá embora, Lily — falei.

— Eles pareciam muito gente boa. Eu… eu devia ter imaginado…

— Faz treze horas que estou trabalhando. Preciso descobrir o que perdi e depois vou dormir. Sua mãe já voltou de férias. Por favor, vá para casa.

— Mas eu…

— Não. Chega. — Eu me empertiguei lentamente, levando um instante para

recuperar o fôlego. — Sabe qual é a verdadeira diferença entre você e seu pai? Mesmo no auge da infelicidade, ele não teria tratado ninguém desse jeito.

Ela parecia ter levado um tapa de mim. Não me importei.

— Não posso mais fazer isso, Lily. — Tirei uma nota de vinte libras da bolsa e lhe entreguei. — Tome. Para o seu táxi.

Ela olhou para o dinheiro, depois para mim e engoliu em seco. Passou a mão pelo cabelo e foi devagar até a sala.

Tirei o casaco e fiquei observando meu reflexo no pequeno espelho acima da cômoda. Eu estava pálida, exausta, derrotada.

— E deixe as chaves — pedi.

Houve um breve silêncio. Depois ouvi as chaves sendo jogadas na bancada da cozinha, e então, com um clique, a porta da frente se fechou e ela foi embora.

16

Estraguei tudo, Will.

Ergui os joelhos até o peito. Tentei imaginar o que ele teria dito se pudesse me ver naquele momento, mas eu não conseguia mais ouvir sua voz na minha cabeça e esse pequeno fato me deixou ainda mais triste.

O que faço agora?

Entendi que não poderia ficar no apartamento comprado com o dinheiro que Will deixara. Parecia estar impregnado com os meus fracassos, como um prêmio que eu não tinha conseguido conquistar. Como alguém poderia construir um lar num local que chegara até você por todas as razões erradas? Eu poderia vender o apartamento e investir o dinheiro em alguma coisa. Mas para onde eu iria?

Pensei no meu trabalho, no embrulho que eu sentia no estômago ao ouvir flautas de pan irlandesas, mesmo se fosse na televisão, em como Richard me fazia sentir inútil, sem valor.

Pensei em Lily, notando o peso estranho do silêncio quando tinha certeza de que não havia mais ninguém, além de mim mesma em casa. Eu me perguntei onde ela estava, mas logo afastei o pensamento.

* * *

A chuva foi diminuindo e parando quase como se pedisse desculpas, como se o clima admitisse que realmente não sabia o que tinha dado nele.

Troquei de roupa, passei aspirador no apartamento e levei para fora os sacos com o lixo da festa. Fui ao mercado de flores, sobretudo para ter alguma coisa para fazer. *É sempre melhor sair de casa*, dizia Marc. Talvez eu me sentisse melhor por estar em plena Columbia Road, com aquelas vistosas flores expostas e a multidão de clientes andando devagar. Dei um sorriso forçado e assustei Samir ao comprar uma maçã ("Está usando drogas, cara?"). Depois segui para o mar de flores.

Comprei um café numa pequena cafeteria e observei o mercado pela janela embaçada, sem me importar em ser a única pessoa sozinha ali.

Percorri a extensão do mercado encharcado pela chuva, senti os perfumes úmidos e inebriantes dos lírios, admirei os segredos imbricados das peônias e rosas, ainda com respingos de chuva, e comprei um ramo de dálias. O tempo todo me senti como se estivesse atuando, participando de um comercial: *Garota solteira vivendo o sonho londrino.*

Voltei para casa com as dálias aninhadas no braço, fazendo o possível para não mancar, tentando conter as palavras *Ah, quem você acha que está enganando?* , que ficaram durante todo o caminho na minha cabeça.

* * *

A noite se arrastou, como acontece com as noites solitárias. Terminei de limpar o apartamento, depois de catar guimbas de cigarro na privada, vi um pouco de televisão e lavei meu uniforme. Preparei um banho de banheira cheio de espuma, do qual saí cinco minutos depois, com medo de ficar sozinha com meus pensamentos. Eu não podia ligar para minha mãe nem para minha irmã, porque sabia que para elas eu não conseguiria fingir que estava feliz.

Por fim, peguei na mesa de cabeceira a carta que Will providenciara para que eu recebesse em Paris, quando eu ainda estava toda esperançosa. Abri com delicadeza seus vincos já gastos. Naquele primeiro ano, teve uma época em que eu a lia toda noite, tentando trazê-lo à vida ao meu lado.

Atualmente, eu me continha: dizia a mim mesma que não precisava ver a carta, com medo de que perdesse seu poder de talismã, que as palavras ficassem sem significado. Mas eu estava precisando delas.

O texto fora digitado no computador, mas eu o valorizava tanto quanto se ele

tivesse sido capaz de escrever à mão; ainda havia um resíduo de sua energia naquelas palavras impressas a laser.

Durante algum tempo, você vai se sentir pouco à vontade em seu novo mundo. É sempre estranho ser arrancado de sua zona de conforto (...) Você tem ambição, Clark. É destemida. Mas escondeu essas qualidades, como quase todo mundo.

Apenas viva bem. Apenas viva.

Li as palavras de um homem que tinha acreditado em mim. Levei a cabeça aos joelhos e, por fim, caí no choro.

* * *

O telefone tocou muito alto e muito perto da minha cabeça, fazendo com que eu me empertigasse de repente. Fui atender atabalhoadamente, vendo que horas eram. Duas da manhã. Por reflexo, senti aquele medo familiar.

— Lily?

— O quê? Lou?

Ouvi o sotaque forte de Nathan do outro lado da linha.

— São duas da manhã, Nathan.

— Ih, cara. Sempre confundo o fuso horário. Desculpe. Quer que eu desligue?

Eu me levantei, esfregando o rosto.

— Não. Não… É bom falar com você. — Acendi a luz da cabeceira. —

Como você está?

— Bem! Voltei para Nova York.

— Ótimo.

— É. Foi bom ver os velhos e tudo, mas depois de algumas semanas eu já estava louco para voltar. Essa cidade é épica.

Forcei um sorriso, caso ele conseguisse ouvir.

— Isso é ótimo, Nathan. Estou feliz por você.

— Continua feliz naquele pub?

— Está tudo bem.

— Você não… quer fazer outra coisa?

— Bem, sabe quando está tudo ruim, e você pensa coisas como “Ah, podia estar pior. Eu podia estar limpando cocô de cachorro das lixeiras”? Bem, neste momento eu preferia ser quem limpa o cocô de cachorro.

— Tenho uma proposta para você.

— Eu recebo várias propostas dos clientes, Nathan. E a resposta é sempre não.

— Rá. Bem. Tem uma vaga de emprego aqui, para trabalhar com a família com quem estou morando. E a primeira pessoa em quem pensei foi você.

Ele explicou que a mulher do Sr. Gopnik não era uma Esposa de Wall Street. Ela não se importava com compras e almoços. Viera da Polônia e era propensa a uma leve depressão. Era solitária, e a empregada — uma guatemalteca — não trocava nem duas palavras com ela.

O Sr. Gopnik queria alguém de confiança para fazer companhia à esposa e ajudar com as crianças, dar uma mãozinha quando eles fossem viajar.

— Ele quer tipo uma secretária da família. Alguém alegre e confiável. E

uma pessoa que não fique falando da vida particular deles.

— Ele sabe…

— Na primeira vez que nos encontramos, contei sobre Will, mas ele já tinha se informado sobre os meus antecedentes. Não ficou desapontado.

Longe disso. Disse que estava muito impressionado porque fizemos a vontade de Will e não vendemos as informações que tínhamos. — Nathan fez uma pausa. — Já percebi uma coisa. Gente desse nível, Lou, valoriza confiança e discrição acima de tudo. Quer dizer, é óbvio que a pessoa não pode ser idiota e tem que fazer bem o seu trabalho, sim, porque no fundo é isso que importa.

Minha cabeça estava girando, feito aquele brinquedo de xícara maluca nos parques de diversões. Segurei o fone na minha frente e o coloquei de novo no ouvido.

— Isso é… Será que ainda estou dormindo?

— Não é fácil. O expediente é longo e tem muito trabalho. Mas vou lhe dizer uma coisa: eu estou adorando.

Passei a mão no cabelo. Pensei no bar, com os executivos esbaforidos e o olhar penetrante de Richard. Pensei no apartamento, com aquelas paredes me cercando toda noite.

— Não sei. Isso é… Quer dizer, tudo parece…

— É um green card, Lou. — Nathan baixou o tom de voz. — É casa e comida. É *Nova York*. Escute. Esse é um homem que faz coisas acontecerem.

Basta se esforçar que ele vai cuidar de você. É inteligente e justo. Venha até aqui, mostre a ele o seu valor, e você pode conseguir oportunidades inacreditáveis. Falando sério. Não pense que esse é um trabalho de babá.

Considere uma *porta de entrada*.

— Não sei…

— Tem algum cara aí que você não quer deixar para trás?

Hesitei.

— Não. Mas tanta coisa aconteceu… Não ando…

Parecia haver muitos acontecimentos terríveis para explicar às duas da manhã.

— Sei que você ficou arrasada com o que aconteceu. Todos nós ficamos.

Mas precisa seguir em frente.

— Não diga que era isso que ele queria.

— Tudo bem.

Ficamos em silêncio. Tentei organizar meus pensamentos.

— Eu teria que ir a Nova York fazer uma entrevista?

— Estão passando o verão nos Hamptons. Ele está procurando alguém para começar em setembro. Ou seja, daqui a seis semanas. Se disser que tem interesse, ele pode fazer a entrevista por Skype, arrumar a papelada para você

vir, e depois partimos daí. Haverá outras candidatas. É um cargo muito bom. Mas o Sr. G. confia em mim, Lou. Se digo que vale a pena apostar em alguém, essa pessoa tem grande chance. Então posso falar que você está a fim? Sim? Isso é um sim, não é?

Respondi quase antes de conseguir raciocinar.

— Hum… sim. Sim.

— Ótimo. Mande um e-mail se tiver alguma pergunta. Vou enviar fotos para você.

— Nathan?

— Tenho que ir, Lou. O velho acabou de interfonar.

— Obrigada. Obrigada por pensar em mim.

Houve uma breve pausa antes da resposta:

— Não há mais ninguém com quem eu prefira trabalhar, cara.

* * *

Não consegui dormir depois que ele desligou, me perguntando se eu tinha imaginado toda a conversa, minha cabeça zumbindo com a enormidade do que eu poderia ter pela frente. Às quatro da manhã, me sentei e escrevi um e-mail para Nathan com algumas perguntas. Recebi as respostas imediatamente.

A família é ok. Os ricos nunca são normais (!), mas esses são gente boa. Sem drama.

Você teria seu próprio quarto e banheiro. Dividiríamos uma cozinha com a governanta. Ela é legal. Um pouco mais velha. Muito reservada.

Horário regular. Oito horas (no máximo dez) por dia. Ganhamos folga para compensar a hora extra. Talvez você queira aprender um pouco de polonês!

Por fim, peguei no sono enquanto amanhecia, a mente cheia imaginando apartamentos dúplex em Manhattan e ruas movimentadas. Quando acordei, havia um e-mail à minha espera.

Prezada Sra. Clark,

Nathan me informou de seu interesse em vir trabalhar em nossa casa. Teria disponibilidade para uma entrevista via Skype na terça-feira às 17h GMT (meio-dia no oeste)?

Atenciosamente,

Leonard M. Gopnik

Passei vinte minutos encarando o e-mail, que provava que eu não havia sonhado com aquilo tudo. Então me levantei, tomei banho, fiz uma caneca de café forte e digitei minha resposta. Disse a mim mesma que não custava nada fazer a entrevista. Eu não conseguiria o emprego caso houvesse várias candidatas de Nova York altamente qualificadas. Mas, na pior das hipóteses, era um bom treino. E eu ficaria com a sensação de estar enfim fazendo alguma coisa, seguindo em frente.

Antes de sair para o trabalho, peguei com cuidado a carta de Will na mesa de cabeceira. Encostei os lábios nela, depois a dobrei direitinho e a guardei de volta na gaveta.

Obrigada, pensei.

* * *

Naquela semana a sessão do Grupo Seguindo em Frente estava um pouco mais vazia. Natasha estava de férias, Jake também, o que, sobretudo, me deixou aliviada e um pouco irritada de uma forma que eu não conseguia conciliar. O tópico da noite foi “Se eu pudesse voltar no tempo”, o que fez William e Sunil passarem uma hora e meia cantarolando ou assobiando a música “If I could turn back time” de Cher de tempos em tempos sem se dar conta.

Escutei Fred dizer que queria ter passado menos tempo no trabalho, depois Sunil confessar que queria ter sido mais próximo do irmão (“A gente simplesmente acha que eles sempre vão estar aqui, sabem? Até que um dia não estão mais”), e me perguntei se realmente tinha valido a pena vir.

Algumas vezes eu achava que o grupo poderia estar mesmo ajudando.

Mas, quase sempre, infelizmente, eu estava sentada no meio de pessoas que não tinham nada a ver comigo, falando num tom monótono durante as poucas horas que desfrutava de companhia. Eu me sentia rabugenta e cansada, meu quadril doía naquela cadeira de plástico dura, e achava que teria conseguido o mesmo esclarecimento sobre meu estado mental se estivesse assistindo a uma novela .

Além do mais, os biscoitos eram uma porcaria.

Leanne, que era mãe solteira, estava falando sobre como ela e a irmã mais velha haviam brigado por causa de uma calça de moletom dois dias antes de a irmã morrer.

— Acusei-a de ter roubado a calça de mim, porque ela estava sempre pegando minhas coisas. Minha irmã disse que não tinha feito isso, mas ela sempre negava.

Marc aguardou. Eu me perguntei se tinha algum analgésico na minha bolsa.

— E aí, sabem, ela foi atropelada por um ônibus e depois só a vi no necrotério. E enquanto eu procurava uma roupa escura para usar no enterro, sabem o que estava no meu armário?

— A calça de moletom — respondeu Fred.

— É difícil quando as coisas não estão resolvidas — disse Marc. — Às vezes, para nossa sanidade, precisamos ter uma visão mais abrangente.

— É possível amar uma pessoa e também chamá-la de idiota por pegar sua calça de moletom — comentou William.

Eu não quis falar naquele dia. Só estava ali porque não conseguia lidar com o silêncio do meu pequeno apartamento. De repente desconfiei de que poderia facilmente me tornar uma daquelas pessoas tão ansiosas por contato humano que falam com os outros passageiros nos trens, apesar de ser inconveniente, ou passam dez minutos escolhendo coisas numa loja para poderem conversar com o vendedor. Eu estava tão entretida me perguntando se era sintomático o fato de eu ter acabado de discutir minha bandagem com Samir no mercado que não prestei atenção em Daphne dizendo que gostaria de ter chegado do trabalho uma hora mais cedo naquele dia específico, e só depois percebi que ela tinha se debulhado, silenciosamente, em lágrimas.

— Daphne?

— Desculpe, gente. Mas passei muito tempo pensando no "se". Se eu não tivesse parado para conversar com a moça na barraca de flores. Se eu tivesse deixado para lá aquele registro de compras idiota e voltado mais cedo do trabalho. Se ao menos eu tivesse voltado a tempo… talvez eu tivesse conseguido convencê-lo a não fazer aquilo. Talvez eu tivesse feito a única coisa que o persuadisse que a vida valia a pena.

Marc se inclinou para a frente com a caixa de lenços de papel e a coloquei delicadamente no colo de Daphne.

— Alan já tinha tentado colocar fim à própria vida, Daphne?

Ela confirmou com a cabeça e assoou o nariz.

— Ah, sim. Várias vezes. Ele costumava ter o que chamávamos de “fossas”

desde muito jovem. E eu não gostava de ficar longe dele quando isso acontecia porque era como… era como se ele não conseguisse nos ouvir.

Não importava o que disséssemos. Então muitas vezes eu ligava para o trabalho e dizia que estava doente para não ir e ficar com ele, tentando animá-lo, sabe? Preparar os sanduíches preferidos dele. Ficar sentada com ele no sofá. Qualquer coisa, sério, só para lembrá-lo que eu estava lá.

Sempre acho que foi por isso que nunca fui promovida quando todas as outras garotas foram. Eu tinha que ficar pedindo licença, sabem.

— Depressão pode ser muito difícil. E não só para o deprimido.

— Ele estava tomando remédios?

— Ah, não. Mas, por outro lado, isso não era… sabem… químico.

— Tem certeza? Quer dizer, não tínhamos explicações suficientes sobre a depressão em…

Daphne ergueu a cabeça.

— Ele era homossexual. — Ela disse a última palavra definindo bem as cinco sílabas e olhou diretamente para nós, um pouco corada, como se nos desafiasse a responder algo. — Nunca contei isso para ninguém. E ele sempre foi um homem muito bom e não ia querer me magoar, então não teria… sabem… saído para fazer nada dessas coisas. Acharia que eu ia ficar mal com isso.

— Por que acha que ele era gay, Daphne?

— Encontrei determinadas coisas quando fui procurar uma gravata dele.

Aquelas revistas com homens fazendo coisas com outros homens. Na gaveta dele. Acho que ninguém teria essas revistas se não fosse gay.

Fred ficou um pouco tenso.

— Com certeza não — disse ele.

— Nunca comentei a existência delas — continuou Daphne. —

Simplesmente coloquei-as de volta onde as encontrei. Mas tudo começou a fazer sentido. Ele nunca foi muito fã daquelas coisas. Mas eu achava que tinha sorte, sabem, porque eu também não era. São as freiras. Elas fazem a gente se sentir mal por quase tudo. Então, quando me casei com um homem bom que não pulava em cima de mim a cada cinco minutos, me considerei a mulher mais sortuda do mundo. Quer dizer, eu gostaria de ter tido filhos. Teria sido bom. Mas… — ela suspirou — a gente não conversava muito sobre isso. Naquela época, não se falava sobre o assunto. Mas eu gostaria de ter tido filhos. Pensando nisso agora, concluo que foi um desperdício.

— Acha que poderia ter feito diferença se vocês tivessem conversado abertamente?

— Bem, os tempos são outros agora, não é mesmo? Não tem problema ser homossexual. O moço da lavanderia é e fala sobre o namorado dele para qualquer um que entra na loja. Eu teria ficado triste por perder meu marido, mas se ele era infeliz por estar preso, eu o teria deixado ir. Teria, sim. Nunca quis prender ninguém. Só queria que ele fosse um pouco mais feliz.

Daphne fez uma careta, então passei o braço em volta dela. Seu cabelo cheirava a laquê e a ensopado.

— Está tudo bem — disse Fred, se levantando para dar tapinhas um pouco desajeitados em seu ombro. — Tenho certeza de que seu marido sabia que você só queria o bem dele.

— Você acha, Fred? — Sua voz estava trêmula.

Ele assentiu com firmeza.

— Ah, sim. E você tem razão. As coisas eram diferentes naquela época. A culpa não é sua.

— Você foi muito corajosa por compartilhar essa história, Daphne.

Obrigado. — Marc sorriu de um jeito solidário. — E a admiro muito por se levantar e seguir em frente. Às vezes, o simples ato de enfrentar cada dia exige quase uma força sobre-humana.

Olhei para baixo e notei que Daphne segurava minha mão. Senti seus dedos rechonchudos se entrelaçarem aos meus, então apertei-os de volta. E

antes que eu pudesse pensar, comecei a falar:

— Fiz uma coisa que eu queria poder mudar. — Meia dúzia de rostos se viraram para mim. — Conheci a filha de Will. Ela surgiu do nada na minha vida e achei que assim eu conseguiria me sentir melhor em relação à morte dele, mas, em vez disso, só sinto que…

Eles estavam me encarando. Fred fazia uma careta.

— O que foi?

— Quem é Will? — perguntou ele.

— Você disse que o nome dele era Bill.

Afundei um pouco na cadeira.

— Will é Bill. Eu achei que seria estranho citar o nome dele.

Todo mundo na roda suspirou. Daphne deu tapinhas na minha mão.

— Não se preocupe, querida. É só um nome. No nosso último grupo teve uma mulher que inventou tudo. Disse que tinha um filho que morreu de leucemia. No fim das contas, ela não tinha nem um peixinho dourado.

— Está tudo bem, Louisa. Você pode contar para a gente.

Marc lançou seu Olhar Especial de Empatia para mim. Respondi com um pequeno sorriso, só para mostrar que eu entendera. E que Will não era um peixinho dourado.

Mas que droga, pensei. Minha vida não é mais confusa que a deles.

Então contei sobre a aparição de Lily e como eu achara que podia dar um jeito nela e promover um encontro que deixaria todo mundo feliz, mas agora estava me sentindo idiota por ter sido tão ingênua.

— Sinto que decepcionei Will e todo mundo outra vez. Ela sumiu e fico me perguntando o que eu poderia ter feito diferente, mas a verdade é que não consegui aguentar. Não fui forte o suficiente para dar conta de toda a situação e

melhorar tudo.

— Mas e as suas coisas?! Suas coisas preciosas foram roubadas! — A outra mão rechonchuda e úmida de Daphne apertou a minha. — Você tinha o direito de ficar furiosa!

— Não ter pai não é desculpa para agir como uma criança malcriada —

opinou Sunil.

— Para início de conversa, acho que você foi muito legal em deixá-la ficar na sua casa. Não sei se eu teria feito o mesmo — disse Daphne.

— O que acha que o pai dela teria feito diferente, Louisa? — Marc se serviu de mais uma xícara de café.

De repente, desejei que tivéssemos uma bebida mais forte.

— Não sei — respondi. — Mas ele se encarregava das coisas. Mesmo sem conseguir mexer os braços e as pernas, a gente tinha a sensação de que ele era capaz. Will teria impedido que ela continuasse fazendo coisas idiotas.

Teria dado um jeito na filha, de alguma maneira.

— Tem certeza de que não está idealizando o cara? Começamos a idealizar a pessoa na oitava semana — disse Fred. — Continuo transformando Jilly em santa, não é, Marc? Esqueço que ela costumava deixar as meias penduradas na cortina do chuveiro e que isso me deixava louco.

— O pai dela poderia não ter sido capaz de fazer absolutamente nada para ajudá-la. Você não tem como saber. Eles poderiam ter se odiado.

— Ela parece ser uma jovem complicada — opinou Marc. — E é possível que você tenha lhe dado o máximo de chances. Mas… às vezes, Louisa, seguir em frente significa que temos que nos proteger. E talvez, no fundo, você tenha entendido isso. Se Lily trouxe apenas caos e negatividade para sua vida, você possivelmente fez a única coisa que podia.

— Ah, sim. — As pessoas na roda assentiram. — Seja gentil consigo mesma. Você é humana.

Foram todos muito amorosos, sorrindo para mim de um jeito tranquilizador, querendo que eu me sentisse melhor.

Quase acreditei neles.

* * *

Na terça-feira, pedi para Vera me dar dez minutos (murmurei alguma coisa sobre problemas femininos e ela assentiu, como se concordasse que a vida das mulheres é mesmo muito problemática, e falou baixinho que depois me contaria sobre a fibrose dela). Corri para o banheiro feminino mais próximo — o único lugar onde Richard com certeza não me veria — com o laptop na bolsa. Vesti uma camisa por cima do uniforme, equilibrei o laptop na pia e me conectei no wi-fi do aeroporto, gratuito por trinta minutos, me posicionando cuidadosamente diante da tela. A ligação pelo Skype do Sr.

Gopnik foi feita às cinco horas em ponto, justamente quando eu estava tirando a peruca de cachinhos de dançarina irlandesa.

Mesmo que eu não tivesse visto nada além do rosto de pixels de Leonard Gopnik, eu teria percebido que ele era rico. Tinha um cabelo grisalho bem cortado, olhava fixo, com uma autoridade natural, e falava sem desperdiçar uma única palavra. Bem, havia ele e um quadro de moldura dourada de um velho artista na parede atrás.

Leonard não perguntou nada sobre meu histórico escolar, minhas qualificações, meu currículo nem por que eu estava fazendo uma entrevista ao lado de um secador de mãos. Deu uma olhada em alguns papéis e depois perguntou sobre o meu relacionamento com os Traynor.

— Ótimo! Quer dizer, tenho certeza de que eles darão referências.

Encontrei os dois recentemente, por um motivo qualquer. Nós nos damos bem, apesar das… das circunstâncias da…

— Das circunstâncias que levaram ao fim do seu contrato de emprego. —

A voz dele era baixa, decisiva. — Sim, Nathan já me explicou bastante sobre essa situação. Foi um envolvimento muito forte.

— Sim, foi — falei após um breve silêncio constrangedor. — Mas me senti privilegiada. Por ter feito parte da vida de Will.

Ele anotou isso.

— O que tem feito desde então?

— Bem, viajei um pouco pela Europa, o que foi… interessante. É bom viajar. E expandir os horizontes, obviamente. — Tentei sorrir. — E agora estou trabalhando no aeroporto, mas realmente não é… — Enquanto eu falava, a porta se abriu atrás de mim e uma mulher entrou, puxando uma mala de rodinhas. Movi o computador, torcendo para o Sr. Gopnik não escutá-la entrando na cabine. — Realmente não é o que eu gostaria de fazer a longo prazo.

Por favor, não faça xixi com barulho, implorei a ela em silêncio.

Ele me fez algumas perguntas sobre minhas atuais responsabilidades e meu salário. Fiquei olhando para a frente, ignorando o ruído da descarga e a mulher saindo da cabine em seguida.

— E o que você quer…

Quando o Sr. Gopnik começou a falar, ela passou por mim e usou o secador de mão, que fez um barulho ensurdecedor ao meu lado. Ele franziu a testa.

— Espere um instante, por favor, Sr. Gopnik. — Tapei com o polegar o que eu esperava que fosse o microfone. — Desculpe — gritei para a mulher.

— Não dá para usar isso. Está… quebrado.

Ela se virou para mim, esfregando os dedos com as unhas impecavelmente feitas, depois voltou-se para a máquina.

— Não está, não. Cadê o aviso de que está quebrado, então?

— Queimou. De repente. Coisa horrível, um perigo.

Ela ficou me encarando, depois olhou desconfiada para o secador, retirou as mãos dali, pegou sua mala e saiu. Coloquei a cadeira na porta para impedir que outra pessoa entrasse, movendo de novo o laptop para o Sr.

Gopnik poder me ver.

— Desculpe. Estou tendo que fazer isso no meio do trabalho e é um pouco…

Ele estava dando uma olhada na papelada.

— Nathan me contou que você sofreu um acidente há pouco tempo.

Engoli em seco.

— É verdade. Mas estou bem melhor. Totalmente recuperada. Quer dizer, só estou mancando um pouco.

— Isso acontece com as melhores pessoas — disse ele, com um sorriso discreto. Também sorri. Alguém tentou abrir a porta. Eu me mexi para segurá-la com meu peso. — Então… qual foi a pior parte? — perguntou o Sr. Gopnik.

— Como?

— De trabalhar para William Traynor. Parece ter sido um grande desafio.

Hesitei. De repente, o banheiro ficou muito silencioso.

— Deixá-lo morrer — falei. E inesperadamente percebi que estava contendo as lágrimas.

Leonard Gopnik ficou me olhando de uma distância de alguns milhares de quilômetros. Resisti à vontade de enxugar os olhos.

— Minha secretária vai entrar em contato, Srta. Clark. Obrigado pelo seu tempo.

Depois, com um cumprimento de cabeça, seu rosto ficou imóvel, e a tela, branca. Fiquei encarando o computador, contemplando o fato de que eu estragara tudo, mais uma vez.

* * *

Enquanto ia para casa naquela noite, decidi não pensar na entrevista. Em vez disso, repeti mentalmente as palavras de Marc, como um mantra.

Repassei o que Lily tinha feito: os convidados indesejados, o roubo, as drogas, as noitadas sem fim, ter pegado minhas roupas. Enxerguei tudo pelo ponto de vista do meu grupo de terapia. Lily era caos, desordem, uma garota que tirava várias coisas sem dar nada em troca. Ela era jovem e biologicamente relacionada a Will, mas isso não significava que eu tinha que assumir total responsabilidade por ela nem aturar a confusão que causava por aí.

Eu me senti um pouco melhor. De verdade. Lembrei-me de mais uma coisa que Marc dissera: “O percurso para sair do luto nunca era direto.”

Haveria dias bons e ruins. Hoje era apenas um dia ruim, um percalço no caminho, a ser ultrapassado e superado.

Entrei no apartamento e larguei a bolsa, subitamente agradecida pelo pequeno

prazer de encontrar tudo do mesmo jeito que eu deixara. Eu ia esperar passar um tempo, pensei, e depois mandaria uma mensagem de texto para ela, exigindo que nossos futuros encontros fossem marcados.

Focaria minhas energias em arranjar outro emprego. Pensaria em mim mesma, para variar. Tentaria me recuperar. Achei melhor parar por aí, porque fiquei um pouco preocupada por estar começando a parecer Tanya Houghton-Miller.

Olhei para a escada de incêndio. O primeiro passo seria voltar àquele telhado idiota. Eu subiria sozinha, sem ter um ataque de pânico, e passaria meia hora sentada lá em cima, respiraria o ar dali e não permitiria mais que uma parte do meu apartamento exercesse um poder tão grande sobre minha imaginação.

Tirei o uniforme e vesti um short. Em busca de confiança, coloquei também o suéter leve de caxemira de Will, que eu tinha pegado depois que ele morreu, confortada pela maciez da lã na minha pele. Atravessei o corredor e escancarei a janela. Eram só dois pequenos lances de degraus de ferro. E logo eu estaria lá em cima.

— Nada vai acontecer — falei em voz alta e respirei fundo.

Minhas pernas pareciam curiosamente ocas quando subi na escada de incêndio, mas disse com firmeza para mim mesma que era só uma impressão, o eco de uma antiga ansiedade. Eu poderia superar, da mesma forma que poderia superar qualquer coisa. Escutei a voz de Will no meu ouvido.

Vamos, Clark. Um passo de cada vez.

Usando ambas as mãos, agarrei com força o corrimão e comecei a subir.

Não olhei para baixo. Não me permiti pensar na altura em que eu estava, nem em como a leve brisa me lembrava de um momento que tinha acabado mal, nem na dor no meu quadril que parecia nunca passar. Pensei em Sam, e a fúria que senti me fez prosseguir. Eu não tinha que ser a vítima, a pessoa a quem as coisas simplesmente *aconteciam*.

Falei tudo isso a mim mesma e subi o segundo lance de degraus enquanto minhas pernas começavam a tremer. Sem qualquer elegância, pulei a mureta, com medo de que ela cedesse com meu peso, e engatinhei até o outro lado do telhado. Eu me sentia fraca e suada. Continuei de quatro, com os olhos fechados, enquanto digeria o fato de estar ali em cima. Eu tinha conseguido. Estava no controle do meu destino. Ficaria ali o tempo que levasse até me sentir normal.

Eu me sentei nos calcanhares, procurando a solidez da parede à minha volta, e me encostei nela, respirando fundo e lentamente. Parecia tudo bem.

Nada se mexia. Eu tinha conseguido. Então abri os olhos e levei um susto.

O telhado era uma selva de flores. Os vasos mortos que eu negligenciara durante meses transbordavam com flores vermelhas e roxas, como pequenos chafarizes de cor. Pequenas pétalas azuis se alastravam por duas jardineiras novas, e ainda havia um bordo japonês num vaso ornamental ao lado de um dos bancos, cujas folhas estremeciam delicadamente ao vento.

No canto ensolarado perto da parede ao sul havia dois sacos de plantio ao lado da caixa d'água, com pés de tomates-cereja vermelhos, e, no chão, outro saco, com folhas crespas verdes no centro. Comecei a andar devagarinho na direção deles, sentindo o perfume de jasmim, depois parei e me sentei, agarrada ao banco de ferro. Afundei numa almofada que reconheci ser da minha sala.

Fiquei olhando incrédula para o pequeno oásis de calma e beleza que tinha sido criado no meu telhado árido. Lembrei-me de Lily quebrando o galho morto de um vaso e me dizendo, com a maior seriedade, que era um crime deixar nossas plantas morrerem, e de seu comentário casual no jardim da Sra. Traynor: "Rosas David Austin."

Então me lembrei da terra inexplicável no meu corredor.

Apoiei a cabeça nas mãos.

17

Mandei duas mensagens de texto para Lily. A primeira foi para agradecer o que ela tinha feito no meu telhado. *Está maravilhoso. Queria que você tivesse me contado.* Um dia depois, enviei outra para dizer que sentia muito que as coisas tivessem se complicado tanto entre nós duas e que, se algum dia ela quisesse falar mais sobre Will, eu faria o possível para responder a quaisquer perguntas. Acrescentei que torcia para que ela visitasse o Sr.

Traynor e o bebê, pois eu sabia tão bem quanto a maioria das pessoas como era importante manter contato com nossa família.

Ela não respondeu. Não fiquei muito surpresa.

Nos dois dias seguintes, acabei voltando ao telhado, preocupada. Eu regava as plantas, sentindo uma culpa sorrateira e residual. Circulava por entre as flores

viçosas, imaginando as horas furtivas que Lily tinha passado lá em cima, visualizando-a subindo pela escada de incêndio com sacos de adubo e potes de barro enquanto eu estava no trabalho. Mas toda vez que eu pensava na nossa convivência, voltava às mesmas questões. O que eu poderia ter feito? Não conseguiria convencer a família Traynor a aceitá-la do jeito que ela precisava ser aceita. Não conseguiria fazê-la mais feliz. E a única pessoa capaz disso estava morta.

* * *

Havia uma moto estacionada diante do meu prédio. Depois do trabalho, exausta, tranquei o carro e atravessei a rua mancando para comprar uma caixa de leite. Estava chuviscando e baixei a cabeça para me proteger da chuva. Ergui os olhos e reparei no uniforme familiar parado na entrada da portaria. Meu coração disparou.

Atravessei a rua de volta e passei direto por ele, procurando minhas chaves na bolsa. Por que nossos dedos nunca nos obedecem quando estamos nervosos?

— Louisa.

As chaves se recusavam a aparecer. Revistei a bolsa outra vez, deixando cair, entre xingamentos, um pente, alguns lenços de papel, moedas. Apalpei os bolsos, tentando descobrir onde poderiam estar.

— Louisa.

Então, sentindo um frio na barriga, lembrei onde estavam minhas chaves: no bolso da calça jeans que eu trocara logo antes de sair para o trabalho.

Ah, *ótimo*.

— Jura? Você vai simplesmente me ignorar? É assim que vamos lidar com isso?

Respirei fundo e me virei para ele, endireitando um pouco os ombros.

— Sam.

Ele também parecia cansado, com a barba por fazer. Provavelmente tinha acabado de sair de um turno. Era imprudente notar essas coisas. Foquei num ponto um pouco à esquerda do seu ombro.

— Podemos conversar?

— Não sei se isso faz algum sentido.

— Nenhum sentido?

— Entendi o recado, está bem? Nem sei direito por que você está aqui.

— Porque acabei de sair da porra de um turno de dezesseis horas e de deixar Donna aqui perto, e achei que talvez fosse melhor tentar falar com você e descobrir o que foi que aconteceu com a gente. Porque não faço a mínima ideia, caramba.

— Mesmo?

— Mesmo.

Olhamos furiosos um para o outro. Por que eu não tinha percebido antes como ele era grosseiro? E desagradável? Não conseguia entender como eu ficara tão cega de desejo por esse homem quando, nesse momento, cada parte de mim estava querendo se afastar dele. Fiz mais uma busca inútil pelas chaves e controlei o impulso de chutar a porta.

— Então, você vai me dar pelo menos uma pista? Estou cansado, Louisa, e não gosto de joguinhos.

— *Você* não gosta de joguinhos? — Minhas palavras saíram acompanhadas de uma risada amarga.

Ele respirou fundo.

— Tudo bem. Só uma coisa. Me dê apenas um motivo e vou embora. Só quero saber por que não retornou minhas ligações.

Olhei para ele incrédula.

— Por que sou muitas coisas, mas não sou uma idiota completa. Quer dizer, devo ter sido, porque vi os sinais de alerta e ignorei. Mas basicamente não retornei suas ligações porque você é um babaca, está bem? — Eu me abaixei para pegar o que havia caído no chão, sentindo meu corpo inteiro esquentar, como se meu termostato interno tivesse pifado de repente. — Ah, você é muito bom, sabe? Bom para caramba. Se não fosse tudo tão repulsivo e patético, eu ficaria mesmo muito impressionada. — Eu me empertiguei, fechando a bolsa. — *Olhe para Sam, o bom pai.* Tão *afetuoso*, tão *intuitivo*… E, no entanto, o que está acontecendo de verdade?

Você está tão ocupado transando com metade de Londres que nem nota que o próprio filho está infeliz.

— Meu filho.

— É! Porque realmente escutamos o que ele diz, viu. Na verdade, não devemos contar o que acontece no grupo. E ele não fala para você porque é adolescente. Mas está muito infeliz, e não só pela perda da mãe, mas porque você está ocupado: preferiu lidar com o próprio luto deixando um exército inteiro de mulheres passar pela sua cama.

Eu estava gritando, falando depressa e gesticulando. Notei que Samir e os primos me observavam pela janela da loja. Eu não me importava. Essa poderia ser a última vez que eu teria a chance de dizer o que queria.

— E, sim, sim, eu sei, fui idiota a ponto de ser uma dessas mulheres.

Então, por ele e por mim, você é um babaca. E é por isso que não quero falar com você agora. Nem nunca, na verdade.

Ele passou a mão no cabelo.

— Ainda estamos falando de Jake?

— Claro que estou falando de Jake. Quantos outros filhos você tem?

— Jake não é meu filho. — Fiquei olhando para ele. — Jake é filho da minha irmã. Era, na verdade. — Ele se corrigiu. — Ele é meu sobrinho.

Essas palavras demoraram vários segundos para se infiltrar de uma forma que eu conseguisse entender. Sam me olhava atentamente, com a testa franzida, como se também estivesse tentando acompanhar.

— Mas… mas é você quem busca Jake. Ele mora com você.

— Eu o busco às segundas-feiras porque o pai dele trabalha. E às vezes ele fica comigo, sim. Mas não moramos juntos.

— Jake… não é seu filho?

— Não tenho filhos. Não que eu saiba. Porque toda essa história de Lily coloca a gente para pensar…

Eu me lembrei dele abraçando Jake e repassei meia dúzia de conversas na minha

cabeça.

— Mas reparei em Jake quando nos conhecemos. E enquanto você e eu conversávamos, ele revirou os olhos, como… — Sam baixou a cabeça. — Ai, meu Deus — falei, levando a mão à boca. — Aquelas mulheres…

— Não são minhas.

Ficamos ali no meio da rua. Samir continuava na porta, nos observando.

Mais um de seus primos estava com ele. À nossa esquerda, todas as pessoas no ponto de ônibus viraram para o outro lado quando perceberam que sabíamos que elas estavam olhando. Sam indicou com a cabeça a porta atrás de mim.

— Acha que podíamos conversar sobre isso lá dentro?

— Sim. Claro. Ah. Não, não posso. Pelo visto bati a porta sem levar a chave.

— Tem uma chave reserva?

— Dentro do apartamento.

Ele passou a mão no rosto, depois olhou o relógio. Estava visivelmente exausto, destruído. Dei um passo para trás.

— Olhe, vá para casa descansar um pouco. A gente se fala amanhã.

Desculpe.

De repente a chuva ficou mais forte, um temporal de verão, criando torrentes nos bueiros e enchendo a rua. Do outro lado, Samir e seus primos voltaram para dentro da loja.

Sam suspirou. Olhou para o céu e depois para mim.

— Espere.

* * *

Ele pegou uma grande chave de fenda emprestada com Samir e subiu atrás de mim na escada de incêndio. Escorreguei duas vezes nos degraus de ferro molhados e ele estendeu a mão para me segurar. Quando isso acontecia, uma sensação excitante e inesperada percorria meu corpo. Assim que chegamos ao meu andar, ele enfiou a chave de fenda no caixilho da janela e começou usá-la

como alavanca. A peça cedeu com uma rapidez gratificante.

— Pronto. — Ele a ergueu, escorando-a com uma das mãos, e virou-se para mim, indicando que eu devia passar, com uma discreta expressão de censura. — Isso foi fácil demais para uma moça solteira moradora da área.

— Você não parece nem um pouco uma garota solteira moradora da área.

— Estou falando sério.

— Estou bem, Sam.

— Você não vê o mesmo que eu. Quero que fique em segurança.

Tentei sorrir, mas meus joelhos tremiam e minhas palmas escorregavam no corrimão de ferro. Estava prestes a passar por ele, mas hesitei.

— Você está bem?

Assenti. Ele pegou meu braço e meio que me levantou, me ajudando a pular desajeitadamente para dentro do apartamento. Desabei no carpete ao lado da janela, esperando me sentir normal outra vez. Fazia dias que eu não dormia direito e estava me sentindo semimorta, como se a fúria e a adrenalina que haviam me sustentado tivessem se esvaído.

Sam entrou e depois fechou a janela, olhando a tranca quebrada no alto do caixilho. O corredor estava escuro. Ouvíamos o barulho abafado da chuva batendo no telhado. Enquanto eu observava, ele remexeu o bolso até, em meio a outras coisas, encontrar um pequeno prego. Pegou a chave de fenda e usou o cabo para bater o prego num ângulo que não permitisse que a janela fosse aberta por fora. Então andou pesadamente até onde eu estava sentada e estendeu a mão.

— Vantagens de ser construtor nas horas vagas. Sempre tenho um prego em algum lugar. Vamos — disse ele. — Se continuar sentada aí, nunca mais vai se levantar.

O cabelo de Sam estava molhado por causa da chuva, sua pele brilhava sob a luz do corredor, e o deixei me puxar para ficar de pé. Fiz uma careta, e ele reparou.

— Quadril?

Confirmei com a cabeça. Ele suspirou.

— Eu queria que você falasse comigo. — A pele embaixo de seus olhos estava

roxa de exaustão. Havia dois arranhões compridos no dorso de sua mão esquerda. Eu me perguntei o que tinha acontecido na noite anterior.

Sam entrou na cozinha e ouvi barulho de água. Depois ele voltou com dois comprimidos e um copo. — Na verdade, eu não devia lhe dar esses remédios. Mas vão lhe proporcionar uma noite sem dor.

Peguei-os agradecida. Ele me observou engolir.

— Você segue as regras alguma vez?

— Quando acho que são sensatas. — Ele pegou o copo da minha mão. —

Então estamos bem, Louisa Clark?

Assenti. Ele suspirou fundo.

— Ligo para você amanhã.

Não soube ao certo o que me levou a fazer o que fiz em seguida, mas estiquei o braço e peguei a mão dele. Senti seus dedos se fecharem lentamente em volta dos meus.

— Não vá. É tarde. E motos são perigosas.

Peguei a chave de fenda da sua outra mão e larguei-a no carpete. Ele ficou um tempo me olhando, depois passou a mão no rosto.

— Acho que agora não estou bom para muita coisa.

— Então prometo não usá-lo para recompensa sexual. — Sustentei seu olhar. — Dessa vez.

Seu sorriso demorou a surgir, mas, quando apareceu, fiquei muito mais leve, como se estivesse carregando um peso sem saber.

Nunca se sabe o que vai acontecer quando se cai de uma grande altura.

Ele passou por cima da chave de fenda e o conduzi em silêncio até o meu quarto.

* * *

Fiquei deitada na escuridão do meu pequeno apartamento, com a perna em cima de um homem adormecido cujo braço me prendia de um jeito agradável, e olhei para o rosto dele.

— *Parada cardíaca fatal, acidente de moto, adolescente suicida e um esfaqueamento numa gangue na Peabody Estate. Alguns turnos são um pouco...*

— *Shiu. Está tudo bem. Durma.*

Ele mal conseguira tirar o uniforme. Ficou de camiseta e cueca, me deu um beijo, depois fechou os olhos e pegou no sono. Eu me perguntei se devia preparar alguma coisa para ele comer, ou arrumar o apartamento para que, quando ele acordasse, eu parecesse alguém realmente capaz de organizar a própria vida. Mas, em vez disso, tirei a roupa, ficando só de calcinha e sutiã, e me deitei ao lado dele. Durante esse tempo, eu só queria ficar ali, minha pele nua encostando em sua camiseta, minha respiração confundindo-se com a dele. Fiquei escutando sua respiração, impressionada por alguém conseguir ficar tão sereno. Observei o pequeno calombo na ponte do seu nariz, a variação no tom dos pelos da barba que escureciam seu queixo, a ligeira curva na beirada de seus cílios muito escuros. Recordei algumas de nossas conversas passando-as por um novo filtro, que o definia como um homem solteiro, um tio afetuoso. Tive vontade de rir da idiotice de tudo aquilo e senti vergonha do meu equívoco.

Toquei duas vezes de leve em seu rosto, sentindo o cheiro da sua pele, o fraco odor de sabonete bactericida, o indício primitivo de suor masculino, e a segunda vez que fiz isso, senti sua mão apertar minha cintura por reflexo.

Eu me deitei de costas e olhei para as luzes da rua e pela primeira vez não me senti uma estranha na cidade. Por fim, acabei dormindo…

* * *

Os olhos de Sam se abrem diante dos meus. Depois de um instante, ele se dá conta de onde está.

— Oi.

Ele se sobressalta ao acordar. O estado onírico que impregna a madrugada. *Ele está na minha cama. Sua perna está encostando na minha.*

Um sorriso surge no meu rosto.

— Oi.

— Que horas são?

Eu me viro para ver o despertador.

— Quinze para as cinco.

O tempo se ajeita, e o mundo, mesmo com relutância, passa a fazer sentido. Lá fora, as luzes começam a se acender na rua escura. Os táxis alternativos e ônibus noturnos passam rugindo. Aqui em cima só tem eu e ele na noite, a cama quente e o barulho de sua respiração.

— Nem me lembro de ter chegado aqui.

Sam olha para o lado, o rosto iluminado pelas luzes da rua, franzindo a testa. Observo as lembranças do dia anterior voltarem aos poucos, e ele parece pensar: *Ah, é mesmo*.

Ele vira a cabeça. Sua boca está a poucos centímetros da minha. Sinto seu hálito quente e doce.

— Senti saudade, Louisa Clark.

Então fico com vontade de contar. Quero dizer que não sei o que sinto.

Quero ficar com ele, mas estou com medo. Não quero que toda a minha felicidade dependa de outra pessoa, não quero ser refém de destinos que não consigo controlar.

Seus olhos estão fixos no meu rosto, me interpretando.

— Pare de pensar — diz ele.

Sam me puxa para perto, então relaxo. Esse homem passa o dia inteiro entre a vida e a morte. Ele entende.

— Você pensa demais.

Sua mão desliza pela lateral do meu rosto. Eu me viro para ele, por reflexo, e encosto os lábios na palma de sua mão.

— Apenas viva? — sussurro.

Ele concorda com a cabeça e depois me dá um beijo longo, lento e carinhoso, até meu corpo arquear, e passo a sentir só desejo e carência.

Sam sussurra no meu ouvido. Diz meu nome… o que me atrai. Ele o faz soar como algo precioso.

* * *

Os três dias seguintes foram uma confusão de noites furtivas e breves encontros. Faltei a Semana da Idealização no Grupo Seguindo em Frente porque Sam apareceu lá em casa justo quando eu estava prestes a sair, e de algum jeito nossos braços e pernas acabaram se embolando com certa urgência enquanto esperávamos meu timer em formato de ovo tocar para que ele fosse se vestir e correr para buscar Jake na hora. Duas vezes encontrei-o à minha espera ao chegar do trabalho, e seus lábios foram parar no meu pescoço, suas grandes mãos, no meu quadril, fazendo as indignidades do Shamrock and Clover serem, se não esquecidas, afastadas junto das garrafas vazias da noite passada.

Eu queria resistir a ele, mas não conseguia. Estava aturdida, distraída, insone. Tive cistite, mas nem me importei. Eu trabalhava cantarolando, flertava com os executivos e sorria alegremente diante das reclamações de Richard. Minha felicidade ofendia meu gerente: eu notava isso pelo jeito que ele mordia a bochecha por dentro e procurava motivos cada vez mais insignificantes para chamar minha atenção.

Eu não me importava com nada disso. Cantava no chuveiro, me deitava e ficava sonhando acordada. Usava meus vestidos velhos, os cardigãs coloridos e sapatos de cetim, e me permiti ser enclausurada numa bolha de felicidade, mesmo tendo noção de que alguma hora as bolhas estouram.

— Contei a Jake — disse ele.

Sam estava em um intervalo de uma hora e ele e Donna pararam diante do meu prédio para almoçar, antes do horário do meu expediente noturno.

Eu me sentei ao seu lado no banco da frente da ambulância.

— Contou o quê?

Ele tinha preparado sanduíches de muçarela, tomate-cereja e manjericão.

Os tomates, cultivados em sua horta, eram pequenas explosões de sabor em minha boca. Ele ficou horrorizado com a alimentação que eu tinha quando estava sozinha.

— Que você achava que eu era o pai dele. Fazia meses que eu não o via rir tanto.

— Você não contou que eu revelei que o pai dele chorava depois do sexo, não é?

— Conheci um homem que fez isso — disse Donna. — Mas ele soluçava sem

parar. Era um pouco constrangedor. Da primeira vez, achei que tivesse quebrado o pênis dele.

Eu me virei para ela, boquiaberta.

— Acontece. De verdade. Já recebemos alguns na ambulância, não é?

— Já. Você ficaria impressionada com as lesões sexuais que a gente vê. —

Ele indicou meu sanduíche com a cabeça, que continuava no meu colo. —

Conto quando você estiver de boca vazia.

— Lesões sexuais. Que maravilha. Como se a gente já não tivesse preocupações demais na vida.

Ele desviou o olhar quando mordeu o sanduíche, e eu corei.

— Pode acreditar em mim. Você vai ver só.

— Para deixar claro logo de uma vez, cara — disse Donna, oferecendo um de seus energéticos onipresentes. — Não vou socorrer você num caso assim.

Eu gostava de estar na ambulância. Sam e Donna tinham o jeito irônico e direto daqueles que viram, e também trataram, quase todas as doenças.

Eles eram engraçados e melancólicos, e era incrível como eu me sentia à vontade espremida entre os dois, como se minha vida, com toda sua estranheza, na verdade fosse bastante normal.

Estas foram as coisas que aprendi durante várias horas de almoço filadas: Homens e mulheres acima dos setenta anos raramente reclamavam da dor ou do tratamento, mesmo se estivessem com um membro pendurado.

Esses mesmos idosos quase sempre pediam desculpas por terem

“feito um escândalo”.

O termo “Paciente MC” não era uma terminologia científica, e sim

“Paciente Mijou e Caiu”.

Mulheres grávidas dificilmente davam à luz na parte de trás de uma ambulância. (Isso me deixou bastante desapontada.) Ninguém mais usava o termo “motorista de ambulância”.

Especialmente os motoristas de ambulância.

Sempre havia alguns homens que, quando lhes pediam para classificar numa escala de um a dez a dor que estavam sentindo, respondiam “onze”.

* * *

Porém, o que mais transparecia quando Sam voltava após um longo expediente era o desamparo: pensionistas solitários; homens obesos grudados na tela da televisão, gordos demais até mesmo para tentar subir e descer os degraus da própria casa; mães jovens que não falavam inglês e ficavam confinadas no apartamento com um milhão de filhos pequenos, sem saber como telefonar para pedir ajuda quando necessário; e os deprimidos, os que sofriam com doenças crônicas, os não amados.

Ele dizia que em alguns dias aquilo parecia um vírus: era preciso esfregar a melancolia da pele, assim como o cheiro de antisséptico. E ainda havia os suicídios, as vidas que chegavam ao fim embaixo de trens ou em banheiros silenciosos, os corpos muitas vezes passando semanas ou meses despercebidos até alguém comentar sobre o cheiro, ou se perguntar por que a correspondência de determinada pessoa estava transbordando da caixa de correio.

— Você fica com medo às vezes?

Mesmo sendo grande demais, ele estava deitado na minha pequena banheira. A água ficara um pouco cor-de-rosa porque ele se sujara com o sangue do ferimento a bala de um paciente. Fiquei um pouco surpresa com a rapidez com que me acostumei a ter um homem nu por perto. Ainda mais um que conseguia se mexer.

— Não podemos fazer esse trabalho se sentimos medo — disse ele simplesmente.

Sam fizera parte do Exército antes de trabalhar como paramédico.

Portanto, essa não era uma profissão inusitada.

— Eles gostam de nós porque não nos assustamos com facilidade e já vimos de tudo. Se quer saber, alguns desses garotos bêbados me deixam com muito mais medo do que o Talibã, por exemplo.

Eu me sentei na privada ao seu lado e fiquei observando seu corpo na água colorida. Apesar do tamanho e da força dele, estremeci.

— Ei — disse ele ao notar algo no meu rosto, e depois esticou a mão para mim. — Está tudo bem, de verdade. Tenho um faro bom para reconhecer encrenca. — Fechou os dedos em volta dos meus. — Mas não é um trabalho muito bom para relacionamentos. Minha última namorada não aguentou.

As horas. Noites. A sujeira.

— Água do banho cor-de-rosa.

— É. Desculpe por isso. Os chuveiros não estavam funcionando no posto.

Eu devia ter passado em casa primeiro.

Ele olhou para mim de uma forma que me mostrou que de jeito nenhum ele teria passado primeiro em casa. Puxou a tampa do ralo para esvaziar um pouco a banheira, depois abriu as torneiras para enchê-la mais.

— E quem foi sua última namorada? — Não alterei o tom de voz.

Eu não seria uma *daquelas* mulheres, mesmo que, no fim das contas, ele não fosse um daqueles homens.

— Iona. Agente de viagem. Um amor de pessoa.

— Mas você não estava apaixonado por ela.

— Por que acha isso?

— Ninguém nunca diz "um amor de pessoa" sobre alguém por quem está apaixonado. É como aquela coisa de "vamos continuar amigos". Isso significa que você não gostava o bastante dela.

Ele achou graça.

— Então o que eu diria se tivesse sido apaixonado por ela?

— Você teria ficado muito sério e dito "Karen. Um pesadelo" ou "não quero falar sobre isso".

— Você deve ter razão. — Ele pensou um pouco. — Para ser sincero, eu não queria sentir muita coisa depois que minha irmã morreu. Ter ficado com Ellen nos últimos meses, ajudado a cuidar dela, me deixou um pouco fora do eixo. — Ele olhou para mim. — Câncer é um jeito bastante brutal de morrer. O pai de

Jake não aguentou. Acontece com algumas pessoas. Então achei que eles precisavam de mim ali. Para falar a verdade, provavelmente só aguentei porque alguém tinha que se manter firme. — Ficamos em silêncio por um tempo. Eu não sabia se seus olhos tinham ficado um pouco vermelhos por causa da tristeza ou do sabonete. — Enfim. Bem, sim, eu não devo ter sido um bom namorado naquela época. E quem foi seu último? —

perguntou ele, quando finalmente se voltou para mim.

— Will.

— É claro. Mais ninguém desde então?

— Ninguém que valha a pena mencionar. — Estremeci.

— Todo mundo pode traçar um caminho de volta, Louisa. Não se castigue por causa disso.

A pele dele estava quente e molhada, dificultando minha tentativa de segurar seus dedos. Soltei-os e ele começou a lavar o cabelo. Fiquei sentada observando, deixando o clima desanuviar, curtindo os músculos do seu ombro, o brilho da sua pele molhada. Eu gostava de como ele lavava o cabelo: vigorosamente, com certo pragmatismo, sacudindo o excesso de água feito um cachorro.

— Ah, fiz uma entrevista de emprego — falei assim que ele terminou. —

Para um trabalho em Nova York.

— Nova York. — Ele ergueu uma sobrancelha.

— Mas não vou conseguir a vaga.

— Que pena. Sempre quis uma desculpa para ir a Nova York.

Ele afundou lentamente na água, deixando só a boca para fora. Depois abriu um sorriso devagar.

— Mas você ficaria com sua roupa de duende, não é?

Senti o clima mudar. E, só para surpreendê-lo, entrei de roupa na banheira e o beijei enquanto ele ria e bufava. De repente fiquei feliz com a solidez que ele oferecia naquele mundo onde era tão fácil cair.

* * *

Finalmente me esforcei para arrumar o apartamento. No meu dia de folga comprei uma poltrona, uma mesa de centro e uma pequena gravura emoldurada, que pendurei perto da televisão. De alguma forma esses objetos conseguiam passar a ideia de que talvez alguém morasse ali.

Comprei roupa de cama nova, duas almofadas e pendurei todas as minhas roupas vintage no armário, e assim, ao abri-lo, nos deparávamos com várias estampas e cores, em vez de algumas calças jeans baratas e um vestido de Lurex muito curto. Consegui transformar meu pequeno apartamento indistinto em algo que parecia, se não exatamente um lar, um ambiente um pouco acolhedor.

Por alguma bondade dos deuses da escalação de turnos, Sam e eu conseguimos o mesmo dia de folga. Dezoito horas ininterruptas sem que ele precisasse ouvir uma sirene, e eu não tinha que escutar o som de flautas de pan nem reclamações sobre os amendoins torrados. Reparei que o tempo que eu ficava com Sam parecia passar duas vezes mais depressa do que o tempo em que eu estava sozinha. Eu já considerara as inúmeras coisas que podíamos fazer juntos, depois descartara metade por serem muito características de casal. Eu me perguntava se era prudente passarmos tanto tempo juntos.

Mandei mais uma mensagem de texto para Lily. *Por favor, entre em contato, Lily. Sei que está brava comigo, mas ligue. Seu jardim está lindo!*

*Preciso que você me mostre como cuidar dele e o que fazer com os pés de tomate que estão muito altos (*é assim que se fala *?). Talvez depois disso a gente possa sair para dançar. Bj.* Apertei enviar e fiquei olhando para a tela.

Logo depois a campainha tocou.

— Oi. — Ele ocupava o vão inteiro da porta, segurando uma caixa de ferramentas numa das mãos e uma sacola de compras na outra.

— Ai, meu Deus — falei. — Você parece a encarnação da maior fantasia das mulheres.

— Estantes — disse ele, inexpressivo. — Você precisa de estantes.

— Ah, nossa. Continue falando.

— E de comida caseira.

— Isso mesmo. Fiquei até excitada.

Ele riu, largou as ferramentas no corredor e me beijou. Quando por fim nos

afastamos, ele foi até a cozinha.

— Achei que podíamos ir ao cinema. Você sabe que uma das maiores vantagens de trabalhar em turnos é poder ir nas sessões vazias, não é?

Dei uma olhada no meu celular.

— Mas nada sangrento. Estou um pouco cansado de sangue.

Quando ergui os olhos, ele estava me observando.

— O que foi? Não está a fim? Ou isso vai atrapalhar seus planos de ver *Zumbi 15*? … O que foi?

Franzi a testa e deixei a mão cair ao lado do corpo.

— Não consigo encontrar Lily.

— Pensei que você tivesse dito que ela tinha ido para casa.

— E foi. Mas não atende minhas ligações. Acho que está muito chateada comigo.

— Os amigos dela roubaram suas coisas. É você quem deve ficar chateada.

Ele começou a tirar várias coisas da sacola: alface, tomates, abacates, ovos, ervas. Depois organizou tudo com capricho na minha geladeira quase vazia. Então ficou me olhando enquanto eu digitava outra mensagem para Lily.

— Fala sério. Ela pode ter deixado o celular cair, esquecido em alguma boate, ou ficado sem crédito. Você sabe como os adolescentes são. Ou ela está apenas de péssimo humor. Às vezes é preciso deixar que tirem o problema da cabeça.

Peguei a mão dele e fechei a porta da geladeira.

— Preciso mostrar uma coisa para você. — Os olhos dele se iluminaram por um instante. — Isso não, safadinho. Isso vai ter que esperar até mais tarde.

* * *

Sam ficou parado no telhado, olhando para as flores ao redor.

— E você não fazia ideia?

— Nenhuma.

Ele se sentou pesadamente no banco. Eu me sentei ao lado dele e nós dois ficamos observando o pequeno jardim.

— Estou me sentindo péssima — falei. — Basicamente a acusei de destruir tudo que tocou. E durante todo esse tempo ela estava cuidando disso.

Ele se abaixou para sentir a textura das folhas de um pé de tomate, depois se empertigou, balançando a cabeça.

— Tudo bem. Então vamos falar com ela.

— Jura?

— Sim. Mas primeiro vamos almoçar. Depois vamos ao cinema. E só então aparecemos na porta dela. Desse jeito, ela não vai ter como evitar você. — Ele pegou minha mão e a levou aos lábios. — Ei. Não se preocupe.

O jardim é uma boa notícia. Quer dizer que a cabeça dela não está tão ruim assim.

Ele soltou minha mão e semicerrei os olhos.

— Como você sempre consegue melhorar tudo?

— Eu só não gosto de ver você triste.

Eu não podia dizer que não me sentia triste quando estava com ele. Não podia contar que ele me fazia tão feliz que até me dava medo. Pensei em como eu gostava de ter sua comida na minha geladeira, em como conferia o celular vinte vezes por dia esperando suas mensagens, como ficava me lembrando do seu corpo nu nos momentos de sossego no trabalho e depois tinha que me esforçar para pensar em cera para piso ou recibos da caixa registradora para evitar parecer radiante.

Mais devagar, disse uma voz de advertência. *Não se aproxime muito.*

Seu olhar se suavizou.

— Você tem um sorriso lindo, Louisa Clark. É uma das centenas de coisas que gosto em você.

Retribuí seu olhar por um instante. *Esse homem*, pensei. E então bati com força as mãos nos joelhos.

— Vamos — falei bruscamente. — Vamos ver um filme.

* * *

O cinema estava quase vazio. Nós no sentamos lado a lado no fundo, numa poltrona que tivera o braço arrancado, e Sam me dava pipoca de um balde do tamanho de uma lata de lixo. Eu tentava não pensar no peso de sua mão apoiada na minha perna nua porque, quando pensava nisso, me perdia no que estava acontecendo no filme.

Assistimos a uma comédia americana sobre dois policiais que não se dão muito bem e acabam sendo confundidos com criminosos. Não era muito engraçado, mas ri mesmo assim. Os dedos de Sam apareceram na minha frente, segurando uma pipoca salgada que comi, e depois mais outra. Até que tive uma ideia e mordisquei seus dedos. Ele olhou para mim e balançou a cabeça devagar.

Engoli a pipoca.

— Ninguém vai ver — sussurrei.

Sam ergueu uma sobrancelha.

— Estou muito velho para isso — murmurou.

Mas quando virei seu rosto na minha direção naquele ambiente escuro e aquecido, comecei a beijá-lo e ele largou a pipoca, subindo lentamente a mão pelas minhas costas.

Então meu telefone tocou. As duas pessoas na frente chiaram.

— Desculpem, desculpem!

(Considerando que éramos as únicas quatro pessoas no cinema.) Desenrosquei-me de Sam e atendi. A chamada era de um número desconhecido.

— Louisa?

Demorei um instante para identificar a voz.

— Espere só um minuto.

Fiz uma careta para Sam e saí da sala.

— Desculpe, Sra. Traynor. Eu tive que… Ainda está na linha? Alô?

O foyer estava vazio, as áreas delimitadas por cordas, desertas, e a máquina de raspadinha revirava languidamente o gelo colorido atrás do balcão.

— Ah, graças a Deus. Louisa? Eu queria saber se posso falar com Lily.

Fiquei imóvel, com o telefone no ouvido.

— Andei pensando no que aconteceu naquela semana e sinto muito. Devo ter parecido… — Ela hesitou. — Olhe, queria saber se você acha que ela aceitaria se encontrar comigo.

— Sra. Traynor…

— Eu gostaria de explicar a ela. Nesse último ano eu… Bem, não fui eu mesma. Tenho tomado alguns comprimidos que me deixam um pouco abobada. E fiquei muito atordoada ao encontrar vocês na minha porta, então simplesmente não consegui acreditar no que estavam me contando.

Tudo parecia muito improvável. Mas eu… Bem, falei com Steven, que confirmou, e há dias estou aqui sentada digerindo tudo, e só penso… Will tinha uma *filha. Tenho uma neta.* Fico repetindo essas frases. E às vezes acho que foi tudo um sonho.

Fiquei ouvindo a grande e atípica quantidade de palavras que ela dizia.

— Eu sei — falei. — Também me senti assim.

— Não consigo parar de pensar nela. Quero muito conhecê-la melhor.

Acha que ela aceitaria me visitar outra vez?

— Sra. Traynor, ela não está mais morando comigo. Mas pode deixar. —

Passei os dedos no cabelo. — Claro que pergunto a ela.

* * *

Não consegui prestar atenção no resto do filme. No fim, talvez percebendo que eu estava apenas olhando para uma tela em movimento, Sam sugeriu que fôssemos embora. No estacionamento, paramos ao lado da sua moto e contei o que ela dissera.

— Está vendo só? — disse ele, como se eu tivesse feito alguma coisa da qual me orgulhar. — Agora vamos.

* * *

Ele ficou montado na moto, me esperando do outro lado da rua, quando fui bater à porta. Ergui o queixo, determinada a não deixar Tanya Houghton-Miller me intimidar dessa vez. Olhei para trás e Sam balançou a cabeça, me encorajando.

A porta abriu. Tanya estava usando um vestido de linho cor de chocolate e sandálias gladiadoras. Ela me olhou de cima a baixo como fizera quando nos vimos pela primeira vez, como se minha roupa tivesse sido reprovada.

(Isso foi um pouco irritante, pois eu estava usando meu vestido jardineira de algodão xadrez favorito.) Ela continuou sorrindo por mais uma fração de segundo, depois ficou séria.

— Louisa.

— Desculpe por aparecer sem avisar, Sra. Houghton-Miller.

— Aconteceu alguma coisa?

Pisquei.

— Bem, na verdade, sim. — Afastei o cabelo do rosto. — Recebi uma ligação da Sra. Traynor, a mãe de Will. Desculpe incomodá-la com isso, mas ela quer muito entrar em contato com Lily. E como ela não está atendendo o telefone, queria saber se você se importaria de pedir para ela me ligar.

Tanya ficou me olhando por baixo das suas sobrancelhas impecavelmente feitas.

Mantive a expressão neutra.

— Ou talvez a gente pudesse conversar rapidinho com ela.

Houve um breve silêncio.

— Por que você acha que *eu* perguntaria a ela?

Respirei fundo, escolhendo as palavras com cuidado.

— Sei que não gosta da família Traynor, mas acho que isso seria do interesse de Lily. Não sei se sua filha contou, mas elas tiveram um primeiro encontro bem complicado alguns dias atrás, e a Sra. Traynor gostaria muito de uma oportunidade para recomeçar.

— Ela pode fazer o que quiser, Louisa. Mas não sei por que você espera que eu me envolva.

Tentei manter um tom educado.

— Hum… porque você é mãe dela?

— Com quem ela não se dá o trabalho de entrar em contato há mais de uma semana.

Fiquei imóvel. Senti um frio na barriga.

— O quê?

— Lily. Ela não se dá o trabalho de entrar em contato comigo. Achei que pelo menos apareceria para nos ver depois que voltamos de férias, mas, não, claro que isso está além das suas possibilidades. Lily está fazendo o que quer, como sempre.

Tanya estendeu a mão para examinar as próprias unhas.

— Sra. Houghton-Miller, ela devia estar com você.

— O quê?

— Lily. Ela ia voltar a morar com vocês. Quando voltaram de férias. Ela saiu do meu apartamento… há dez dias.

18

Estávamos na cozinha impecável de Tanya Houghton-Miller, e fiquei observando sua cafeteira reluzente com cento e oito botões, que provavelmente custara mais que o meu carro, enquanto repassava pela enésima vez os acontecimentos das semanas anteriores.

— Foi por volta de meia-noite e meia. Dei a ela vinte libras para o táxi e pedi que deixasse a chave. Presumi que ela voltaria para casa. — Eu estava me sentindo mal. Andava de um lado para outro ao lado da bancada com o café da manhã, a cabeça a mil. — Eu deveria ter confirmado. Mas ela aparecia e sumia quando bem entendia. E nós… bem, nós brigamos.

Sam estava parado ao lado da porta, coçando a testa.

— E nenhuma de vocês teve notícias dela desde então.

— Mandei umas quatro ou cinco mensagens de texto para ela — falei. —

Mas achei que ainda estivesse brava comigo.

Tanya não tinha nos oferecido café. Ela foi até a escada, olhou para cima, depois conferiu o relógio, como se esperasse que fôssemos embora. Não parecia uma mãe que acabara de descobrir que a filha havia desaparecido.

De vez em quando, eu ouvia o barulho monótono do aspirador.

— Sra. Houghton-Miller, alguém aqui teve notícia dela? Consegue ver pelo seu celular se ela pelo menos leu as mensagens?

— Eu avisei — insistiu ela com um tom de voz muito calmo. — Avisei que ela era assim. Mas você não quis ouvir.

— Acho que nós…

Ela ergueu a mão, interrompendo Sam.

— Essa não é a primeira vez. Ah, não. Ela já passou dias sumida, quando devia estar no internato. Culpo a escola, é claro. Tinham a obrigação de saber exatamente onde ela estava o tempo todo. Só nos ligaram quarenta e oito horas depois de terem notado a ausência dela e então tivemos que envolver a polícia. Pelo visto uma das garotas do dormitório acabou mentindo por ela. Mas por que a administração não é capaz de dizer quem está ou não no internato é algo que não entendo, ainda mais considerando a mensalidade absurda que pagamos. Francis era a favor de entrarmos com um processo. Ele foi chamado na reunião anual do conselho para tratar desse assunto. Foi um grande constrangimento.

Lá em cima, houve um estrondo e alguém começou a chorar. Tanya foi até a porta.

— Lena! Leve os meninos para o parque, pelo amor de Deus! — Ela voltou para a cozinha. — Você sabe que ela bebe demais. Usa drogas. Ela roubou meus brincos de brilhante da joalheria Mappin & Webb. Não vai admitir isso, mas roubou, sim. Valiam milhões. Não tenho ideia do que ela fez com isso. Também pegou uma câmera digital.

Pensei nas minhas joias que sumiram e senti um aperto desconfortável no peito.

— Então, sim. Tudo isso é muito previsível. E eu avisei. Agora, se me der licença, tenho que cuidar dos meninos. Estão tendo um dia difícil.

— Mas você vai chamar a polícia, não vai? Ela tem dezesseis anos e já faz quase dez dias que sumiu.

— Não vão se interessar. Não quando souberem de quem se trata. —

Tanya ergueu um dedo fino. — Foi expulsa de duas escolas por matar aula.

Advertida por posse de uma droga de classe A. Bêbada e indisciplinada.

Furtos em lojas. Como é que se diz? Minha filha tem "antecedentes". Para ser bem sincera, mesmo se a polícia a encontrar e a trouxer de volta, ela vai sumir de novo quando bem entender.

O aperto no peito começou a me sufocar. Para onde ela deve ter ido? Será que aquele garoto que aparecia na frente do meu prédio estava envolvido?

Ou seriam os baladeiros que ficaram de porre aquela noite com Lily? Como fui tão relapsa?

— Vamos ligar para a polícia mesmo assim. Ela é muito nova.

— Não. Não quero a polícia envolvida. Francis está passando por um momento muito complicado no trabalho. Está brigando para manter seu lugar no conselho. Se ficarem sabendo que ele está envolvido em algum problema com a polícia, vai ser o fim.

Sam cerrou a mandíbula. Depois de um instante, falou:

— Sra. Houghton-Miller, sua filha é vulnerável. Acho que realmente chegou a hora de envolver mais alguém.

— Se ligar para a polícia, vou simplesmente explicar a eles o que acabei de lhe contar.

— Sra. Houghton-Miller…

— Quantas vezes esteve com ela, Sr. Fielding? — Tanya se apoiou no fogão. — Por acaso conhece-a melhor do que eu? Passou noites acordado esperando-a chegar em casa? Perdeu o sono? Teve que justificar o comportamento dela para professores e policiais? Pedir desculpas a vendedores de loja por coisas que ela roubou? Teve que pagar o cartão de crédito dela?

— Alguns dos jovens mais caóticos são os que correm os maiores riscos.

— Minha filha é uma tremenda manipuladora. Deve estar na casa de uma das amigas. Ela já fez isso. Garanto que, daqui a um ou dois dias, Lily vai aparecer aqui no meio da noite, bêbada e gritando, ou batendo à porta de Louisa, pedindo dinheiro, e você provavelmente terá motivo para desejar que ela nunca tivesse aparecido. Alguém vai recebê-la e ela estará arrependida, cheia de remorso e muito triste, mas, alguns dias depois, vai trazer um bando de amigos para a sua casa ou roubar alguma coisa. E o ciclo vai recomeçar.

Tanya afastou o cabelo louro do rosto. Ela e Sam se entreolharam.

— Tive que fazer terapia para lidar com o caos que minha filha trouxe para minha vida, Sr. Fielding. Já é muito difícil ter que lidar com os irmãos dela e suas… dificuldades comportamentais. Mas uma das coisas que aprendemos na terapia é que chega um ponto em que precisamos cuidar de nós mesmos. Lily já tem idade para tomar as próprias decisões…

— Ela é uma criança — retruquei.

— Ah, sim, está bem. Uma criança que *você* botou para fora de casa depois da meia-noite. — Tanya Houghton-Miller sustentou meu olhar com a complacência de alguém que acabara de provar que tinha razão. — Nem tudo é preto no branco. Por mais que a gente queira.

— Você nem está preocupada, está? — perguntei.

Ela me olhou com firmeza.

— Para falar a verdade, não. Já passei por isso muitas vezes. — Eu estava prestes a falar mais alguma coisa, mas ela se adiantou. — Você tem complexo de salvadora, não tem, Louisa? Bem, minha filha não precisa ser salva. E, se precisasse, seu histórico não me convenceria muito.

O braço de Sam me envolveu antes mesmo que eu conseguisse respirar. A resposta surgiu cheia de veneno na minha boca, mas a Sra. Houghton-Miller já tinha se virado.

— Vamos — disse ele, me empurrando para o corredor. — Vamos embora.

* * *

Passamos horas rodando a West End, diminuindo a velocidade para observar os grupos de garotas que assobiavam e cambaleavam, e, mais atentamente, as que dormiam na rua. Depois estacionamos e andamos lado a lado sob os arcos

escuros das pontes. Demos uma olhada nas boates, perguntando se alguém tinha visto a garota nas fotos do meu celular.

Fomos à boate onde ela me levara para dançar, e a mais algumas que Sam disse que eram lugares conhecidos por venderem bebidas a menores de idade. Passamos por pontos de ônibus e lanchonetes, e quanto mais longe íamos, mais eu pensava em como era absurdo tentar encontrá-la no meio das inúmeras pessoas circulando pelas ruas movimentadas do centro de Londres. Lily poderia estar em qualquer lugar. Parecia estar em toda parte.

Mandei mais duas mensagens de texto para ela, dizendo que a estávamos procurando insistentemente, e, quando voltamos para o meu apartamento, Sam ligou para vários hospitais só para ter certeza de que ela não tinha sido internada.

Finalmente, nos sentamos no meu sofá e comemos torradas, ele preparou uma xícara de chá para mim e ficamos algum tempo em silêncio.

— Eu me sinto a pior mãe do mundo. Só que nem sou mãe.

Ele se inclinou para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

— Você não pode se culpar.

— Posso, sim. Que tipo de pessoa expulsa uma garota de dezesseis anos de madrugada sem confirmar para onde ela vai? — Fechei os olhos. — Quer dizer, o fato de ela ter desaparecido antes não significa que agora esteja bem, não é? Ela vai se tornar um desses adolescentes que fogem e ninguém mais ouve falar deles até que algum cachorro passeando pela floresta desenterra seus ossos.

— Louisa.

— Eu devia ter sido mais forte. Devia ter compreendido Lily melhor. Eu devia ter me esforçado mais para lembrar como ela é jovem. Era. Ai, meu Deus, nunca vou me perdoar se tiver acontecido alguma coisa com ela. E lá fora algum passeador de cachorro inocente não tem ideia de que está prestes a ter sua vida arruinada…

— Louisa. — Sam pôs a mão na minha perna. — Pare. Você não vai chegar a lugar algum. Por mais irritante que Tanya Houghton-Miller seja, é bem possível que ela tenha razão e que Lilly apareça ou toque sua campainha daqui a três horas, e todos nós nos sentiremos idiotas e esqueceremos o que aconteceu até tudo começar de novo.

— Mas por que ela não atende o telefone? Deve saber que estou preocupada.

— Talvez seja por isso que ela está ignorando. — Ele me olhou com ironia. — Pode estar gostando de fazer você sofrer um pouco. Olhe, não há muito mais o que fazer esta noite. E tenho que ir embora. Amanhã pego cedo no trabalho.

Ele retirou os pratos, os colocou na pia e depois se apoiou nos armários da cozinha.

— Desculpe — falei. — Não foi exatamente o jeito mais divertido de começar um relacionamento.

Ele baixou o queixo.

— Agora isso é um relacionamento?

Senti que fiquei corada.

— Bem, não quis dizer…

— Estou brincando. — Ele esticou a mão e me puxou para perto. — Até que gosto das suas tentativas de me convencer de que, no fundo, só está me usando para sexo.

Ele estava cheiroso. Mesmo quando recendia um pouco a anestésico, tinha um cheiro bom. Beijou o alto da minha cabeça.

— Vamos encontrá-la — afirmou ao sair.

* * *

Depois que Sam foi embora, subi no telhado. Fiquei sentada no escuro, sentindo o perfume do jasmim que ela fez contornar a beirada da caixa d'água, e passei a mão de leve pelo topo roxo das aubrietas que cascateavam das jardineiras de terracota. Olhei por cima do parapeito, observei as ruas cintilantes da cidade e minhas pernas nem sequer tremeram. Mandei outra mensagem de texto para Lily, depois me preparei para dormir, sentindo o silêncio do apartamento me envolver.

Dei uma olhada no celular pela milionésima vez, então acessei meu e-mail, por via das dúvidas. Nada de Lily. Mas eu tinha recebido um e-mail de Nathan:

Parabéns! O velho Gopnik me disse hoje de manhã que vai lhe oferecer a vaga! Vejo você em NY, colega!

19

Lily

Peter está esperando de novo. Pela janela, ela o vê apoiado no carro. Ele nota sua presença, gesticula e mexe os lábios para dizer:

— Você está me devendo.

Lily abre a janela, olha para o outro lado da rua, onde Samir está carregando uma caixa de laranjas para fora da loja.

— Me deixe em paz, Peter.

— Você sabe o que vai acontecer…

— Eu já dei o suficiente para você. Me deixe em paz, está bem?

— Está mandando mal, Lily.

Ele ergue uma sobrancelha e espera até ela se sentir desconfortável. Lou chegará em casa em meia hora. Ele passa por ali com tanta frequência que Lily tem quase certeza de que Peter sabe disso. Por fim, ele entra no carro e segue pela rua principal sem olhar para trás. Ao se afastar, ele coloca o celular para fora da janela do motorista. Uma mensagem: *Foi mal, Lily.*

* * *

Jogo da garrafa. Uma brincadeira que parece muito inocente. Ela e mais quatro meninas da escola foram para Londres num fim de semana de folga.

Tinham roubado batons na farmácia, comprado saias muito curtas na Topshop e entrado de graça em boates porque eram jovens e bonitas e os porteiros não faziam muitas perguntas quando se tratava de quatro garotas jovens e bonitas. Lá dentro, em meio a rum e Coca-Cola, conheceram Peter e seus amigos.

Foram parar no apartamento de alguém em Marylebone às duas da manhã. Ela não se lembrava muito bem de como haviam chegado lá. Todo mundo estava sentado numa roda, fumando e bebendo. Ela aceitara tudo o que lhe ofereceram. Estava tocando Rihanna. Tinha um pufe azul que cheirava a desinfetante. Nicole, aquela idiota, passara mal no banheiro. O

tempo corria. Duas e meia, três e dezessete, quatro… Ela perdeu a noção.

Até que alguém sugeriu Verdade ou Consequência.

A garrafa girou, bateu num cinzeiro, derrubando guimbas e cinza no tapete. A verdade de alguém, de uma garota que ela não conhecia: nas férias do ano anterior, ela fizera sexo por telefone com seu namorado da época enquanto a avó dormia na cama ao lado. Os outros recuaram fingindo ficar horrorizados. Lily rira.

— Tem louco para tudo — disse alguém.

Peter passara o tempo todo observando Lily. A princípio, ela ficara lisonjeada: ele era de longe o garoto mais bonito dali. Um homem, até.

Quando a olhava, ela se recusava a baixar os olhos. Não ia agir como as outras garotas.

— Gire!

Lily deu de ombros quando a garrafa apontou para ela.

— Desafio — disse. — Sempre desafio.

— Lily nunca recusa nada — comentou Mima.

Então Lily se perguntou se havia algo no jeito que ela olhara para Peter quando disse isso.

— Tudo bem. Você sabe o que isso significa.

— Está falando sério?

— Não pode fazer isso! — Pippa levou as mãos ao rosto, como fazia quando estava sendo dramática.

— Verdade, então.

— Não. Odeio verdade. E aí? — Ela sabia que aqueles garotos seriam covardes. Levantou-se com displicência. — Onde? Aqui?

— Ai, meu Deus, Lily.

— Gire a garrafa — ordenou um dos garotos.

Não lhe ocorrera ficar nervosa. Ela estava um pouco tonta e, afinal de contas, gostou bastante de ficar ali em pé, sem ser perturbada, enquanto as outras garotas

aplaudiam, gritavam e agiam feito idiotas. Eram umas impostoras. As mesmas meninas que golpeavam qualquer um no campo de hóquei, que falavam de política e tinham o objetivo de seguir carreira em direito e biologia marinha ficavam bobas, cheias de frescura e dando risadinhas na presença dos garotos, balançando o cabelo e passando batom, como se estivessem espontaneamente editando as partes interessantes de si mesmas.

— *Peter*...

— Ai, meu Deus. Pete. Cara. É você.

Todos os garotos assobiavam e gritavam para esconder o desapontamento, ou talvez o alívio, por não serem eles. Peter ficou de pé e seus olhos estreitos encontraram os dela. Diferentemente dos outros, seu sotaque indicava que viera de algum lugar mais barra pesada.

— Aqui?

Ela deu de ombros.

— Não me importo.

— No outro quarto. — Ele indicou o cômodo.

No caminho para o quarto ao lado, ela passou por cima das pernas das outras meninas. Uma agarrou seu tornozelo, lhe dizendo para não ir, mas Lily se desvencilhou dela. Foi andando devagar, se exibindo, sentindo os olhos das pessoas fixos nela. *Desafio. Sempre desafio.*

Peter fechou a porta ao entrar e ela olhou em volta. A cama estava desarrumada, um edredom com uma estampa horrorosa que a cinco metros já dava para perceber que não era lavado havia séculos e deixava um leve cheiro de mofo no ar. Havia uma pilha de roupa suja no canto e um cinzeiro lotado ao lado da cama. O quarto ficou em silêncio, as vozes do lado de fora calaram-se temporariamente.

Ela ergueu o queixo e afastou o cabelo do rosto.

— Você quer mesmo fazer isso? — perguntou ele, dando um sorriso de escárnio. — Eu sabia que você ia dar para trás.

— Quem disse que estou dando para trás?

Mas ela não queria fazer aquilo. Já não reparava no seu belo rosto, só no brilho

frio em seus olhos e no trejeito desagradável de sua boca. Ele pôs as mãos no zíper.

Os dois ficaram ali parados por um minuto.

— Tudo bem se você não quiser. A gente sai e diz que você é uma frouxa.

— Eu nunca disse que não queria.

— Então o que você *está* dizendo?

Ela não conseguia pensar. Estava ouvindo um zumbido abafado dentro da cabeça. Queria não ter entrado ali. Ele dá um bocejo teatral.

— Estou ficando entediado, Lily.

Há uma batida frenética à porta. A voz de Jemima surge:

— Lily, você não precisa fazer isso. Venha. Podemos ir para casa agora.

— *Não* precisa fazer isso, Lily. — A voz dele é um arremedo, debochando dela.

Um cálculo. O que é o pior que pode acontecer? Dois minutos, na pior das hipóteses? Dois minutos da sua vida. Ela não vai dar para trás. Vai provar para ele. Vai provar para todos.

Ele está segurando frouxamente uma garrafa de Jack Daniel's na mão. Ela a pega, abre-a e bebe dois goles, os olhos fixos nos dele. Então devolve a garrafa e estica o braço para alcançar o cinto dele.

* * *

É preciso fotos para comprovar que algo aconteceu.

Ela ouve o garoto assobiando enquanto seus ouvidos latejam, enquanto seu couro cabeludo dói de tanto que ele puxa seu cabelo. Já é tarde demais.

Tarde demais.

Ela ouve a câmera do celular tirar uma foto justo quando ergue os olhos.

* * *

Um par de brincos. Cinquenta libras em espécie. Cem. Semanas depois, as exigências continuam. Manda mensagens de texto para ela: *Quer saber o que*

pode acontecer se eu colocar isso no Facebook?

Ela sente vontade de chorar quando vê a foto. Ele manda inúmeras vezes: seu rosto, seus olhos injetados, borrados de rímel. Aquela coisa na sua boca. Quando Louisa chega em casa, a menina precisa enfiar o telefone embaixo das almofadas do sofá. Tornou-se radiativo, um objeto tóxico que ela tem que manter próximo.

Queria saber o que seus amigos iam achar.

As outras meninas não falaram com ela depois do que aconteceu. Sabem o que ela fez porque Peter mostrou a foto para todo mundo assim que eles voltaram para a festa, ajeitando ostensivamente o zíper, que não precisava mais ser ajeitado. Ela precisou fingir que não se importava. As garotas a encararam, mas depois desviaram os olhos. Assim que os olhares delas encontraram os seus, Lily ficara sabendo que as histórias que as amigas contavam sobre terem feito boquetes e transado com os namorados que ninguém conhecera tinham sido inventadas. Elas eram impostoras. Tinham mentido sobre tudo.

Ninguém a considerou corajosa. Ninguém a admirou por não ter desistido. Ela era apenas Lily, a vadia, a garota com um pau na boca. Só de pensar nisso, ficava com o estômago embrulhado. Bebera mais Jack Daniel's e mandara todo mundo ir para o inferno.

Encontre comigo no McDonald's da Tottenham Court Road.

A essa altura, sua mãe já havia trocado as fechaduras de casa. Não tinha mais como pegar dinheiro da carteira dela. Também haviam bloqueado seu acesso à poupança.

Não tenho mais nada.

Acha que sou imbecil, sua riquinha?

Sua mãe nunca gostara dos brincos da Mappin & Webb. Lily torcera para que ela não notasse que haviam sumido. Ela tinha bancado a esposa carinhosa para Francis Pentelho quando ele lhe dera de presente, mas depois reclamara que realmente não entendia por que ele comprava brilhantes em formato de coração, todo mundo sabia que eram comuns demais, e o formato de gota ficava muito melhor em sua estrutura óssea.

Peter olhou para os brincos cintilantes como se Lily tivesse lhe entregado um trocado, depois os enfiou no bolso. Ele tinha comido um Big Mac, pois havia maionese no canto da boca. Ela se sentia nauseada toda vez que o via.

— Quer conhecer meus amigos?

— Não.

— Quer beber algo?

Ela negou com um gesto de cabeça.

— Acabou. Essa é a última coisa. Esses brincos valem milhões.

Ele fez uma careta.

— Da próxima vez, quero dinheiro. Sei onde você mora, Lily. Sei o que você tem.

Ela ficou com a impressão de que nunca se livraria dele. O garoto lhe mandava mensagens em horas inusitadas, acordando-a, não a deixando dormir. Aquela foto, insistentemente. Ela a via com efeito de negativo, até com as retinas marcadas. Parou de ir à escola. Ficava bêbada com desconhecidos, continuava na boate até muito depois do que realmente queria. Qualquer coisa para não ficar sozinha com seus pensamentos e o toque implacável do celular. Mudara-se para onde ele não poderia achá-la, mas o rapaz a encontrara e ficava horas com o carro estacionado na frente do prédio de Louisa, dando um recado silencioso. Algumas vezes ela até pensou em contar a Louisa. Mas o que a mulher poderia fazer? A própria Louisa era uma calamidade. Então Lily abria a boca e nada saía, depois Louisa desandava a falar sobre conhecer sua avó ou a perguntar se comera alguma coisa, e Lily se dera conta de que estava sozinha.

Às vezes, ficava acordada na cama pensando em como as coisas seriam se o pai estivesse vivo. Conseguia imaginá-lo. Ele teria agarrado Peter pelo pescoço e falado para o garoto nunca mais chegar perto da sua filhinha.

Teria colocado os braços em volta dela, dizendo que estava tudo bem, que estava em segurança.

Mas ele não faria isso. Porque era apenas um tetraplégico revoltado que nem sequer quisera viver. Ele teria visto as fotos e ficado enojado.

E ela não podia culpá-lo.

A última vez, quando Lily não tinha nada para entregar, Peter gritara com ela na calçada atrás da Carnaby Street, chamando-a de *inútil, puta, piranhazinha burra.* Ele parara o carro e descera. Ela fora beber dois uísques duplos porque estava com medo de olhar para ele. Quando o garoto gritou que ela estava mentindo,

Lily começou a chorar.

— Louisa me expulsou de casa. Minha mãe também. Não tenho nada.

As pessoas passavam depressa, desviando os olhos. Ninguém parava.

Ninguém dizia nada, porque um homem gritando com uma garota bêbada no Soho numa sexta à noite não era incomum. Peter xingou e girou nos calcanhares, como se estivesse indo embora, só que ela sabia que isso não ia acontecer. Então um grande carro preto parou no meio da rua e deu ré, as luzes brancas brilhando. O vidro elétrico baixou fazendo um zumbido.

— Lily?

Ela demorou alguns segundos para reconhecê-lo. Era o Sr. Garside, que trabalhava com seu padrasto. O chefe dele? Um sócio? Olhou para ela e depois para Peter.

— Você está bem?

Ela olhou para o garoto, depois assentiu.

O Sr. Garside não acreditou. Deu para perceber. O homem estacionou na frente do carro de Peter e foi lentamente até ela com seu terno preto. Tinha um ar de autoridade, como se nada fosse intimidá-lo. Ela se lembrou aleatoriamente de sua mãe comentando que ele tinha um helicóptero.

— Precisa de uma carona para casa, Lily?

Peter ergueu um pouco a mão com o celular. Apenas para provocá-la. E

Lily ficou boquiaberta, mas depois disse:

— Ele tem uma foto constrangedora minha no telefone, está ameaçando mostrar para todo mundo e quer dinheiro, mas não tenho nada. Já dei o que podia e não tenho mais nada. Por favor, me ajude.

Peter arregalou os olhos. Não esperava por isso. Mas ela não se importava com o que ia acontecer. Só estava desesperada, cansada e não queria mais lidar com essa situação toda sozinha.

O Sr. Garside ficou encarando Peter por um instante. O garoto enrijeceu os ombros e se empertigou, como se estivesse considerando a possibilidade de correr até o carro.

— Isso é verdade? — perguntou o Sr. Garside.

— Não é crime ter fotos de garotas no celular. — Peter deu um sorrisinho, a atitude de um fanfarrão.

— Eu sei. Mas é crime usá-las para extorquir dinheiro. — O tom de voz do Sr. Garside era baixo e calmo, como se fosse perfeitamente razoável discutir no meio da rua sobre fotos de uma pessoa nua. Ele enfiou a mão no bolso interno. — Quanto vai custar para fazer você ir embora?

— O quê?

— Seu celular. Quanto quer por ele?

Lily ficou sem ar. Olhou de um para o outro. Peter encarava, incrédulo, o Sr. Garside.

— Estou oferecendo dinheiro pelo seu telefone. Considerando que nele esteja a única cópia da foto.

— Não estou vendendo meu celular.

— Então, rapaz, preciso avisar que vou procurar a polícia e dar a placa do seu carro. Eu tenho muitos amigos na polícia. Amigos bem importantes. —

Ele deu um sorriso que não parecia nem um pouco um sorriso.

Do outro lado da rua, várias pessoas saíram rindo de um restaurante.

Peter olhou para Lily e depois para o Sr. Garside. Depois ergueu o queixo.

— Cinco mil.

O Sr. Garside enfiou a mão no bolso e fez que não com a cabeça.

— Acho que não. — Pegou a carteira e contou um maço de notas. — Acho que isso vai servir. Parece que você já foi bastante recompensado. Seu celular, por favor.

Foi como se Peter estivesse hipnotizado. Ele hesitou um instante, mas acabou entregando o telefone ao Sr. Garside. Simples assim. O homem verificou se o chip estava ali, enfiou-o no bolso e abriu a porta do carro para Lily.

— Acho que está na hora de ir embora, Lily.

Ela entrou no carro como uma criança obediente, ouvindo o baque da porta se fechando às suas costas. Depois partiram, seguindo tranquilamente pela rua estreita, deixando Peter em choque — ela conseguia vê-lo pelo espelho lateral — como se ele também não fosse capaz de acreditar no que acabara de acontecer.

— Você está bem? — O Sr. Garside não olhava para ela ao falar.

— É… só isso?

Ele olhou-a de soslaio, depois virou-se para a frente.

— Acho que sim.

Ela não conseguia acreditar. Não conseguia acreditar que aquele problema que a ameaçara durante semanas tinha se resolvido num piscar de olhos. Lily se virou para ele, sentindo-se ansiosa de repente.

— Por favor, não conte para minha mãe nem para o Francis.

Ele franziu levemente a testa.

— Se é o que você quer.

Ela suspirou fundo.

— Obrigada — disse em voz baixa.

Ele deu um tapinha em seu joelho.

— Menino mau. Precisa tomar cuidado com seus amigos, Lily.

Ele levou a mão de volta para o câmbio automático antes de ela registrar seu gesto.

* * *

O Sr. Garside nem piscara quando ela contara que não tinha onde ficar. Ele a levara para um hotel em Bayswater e falara baixinho com a recepcionista, que entregara a ela a chave do quarto. Lily ficara aliviada pelo fato de o homem não ter sugerido levá-la para a casa dele, porque ela não queria se explicar para mais ninguém.

— Venho buscar você amanhã quando estiver sóbria — dissera ele, guardando a carteira no bolso do paletó.

Ela subira pesadamente até o quarto 311, se deitara na cama sem tirar a roupa e dormira por quatorze horas.

* * *

Ele ligou para avisar que iria tomar café da manhã com ela. Lily tomou um banho, tirou algumas roupas da mochila e deu uma desamassada com ferro na esperança de ficar com um aspecto um pouco mais apresentável. Mas não era boa em passar roupa. Era Lena quem fazia essas coisas.

Quando desceu para o restaurante, ele já estava sentado à mesa, lendo um jornal, com uma xícara de café pela metade à sua frente. Era mais velho do que ela se lembrava, com pouco cabelo no topo na cabeça e a pele do pescoço enrugada. A última vez que o vira fora num evento da empresa, uma corrida em que Francis bebera demais e sua mãe sibilara furiosamente com ele quando não havia ninguém por perto. O Sr. Garside, flagrando a cena, erguera as sobrancelhas para Lily, como se dissesse “Pais, né?”.

Ela se sentou na cadeira em frente a ele, que baixou o jornal.

— Ah. Como você está hoje?

Ela ficou constrangida, como se houvesse sido excessivamente dramática na noite passada. Como se tudo não tivesse passado de um escândalo sem justificativa.

— Muito melhor, obrigada.

— Dormiu bem?

— Muito bem, obrigada.

Ele a observara por um minuto sobre os óculos.

— Muito formal.

Ela sorriu. Não sabia mais o que fazer. Era muito esquisito estar ali com o colega de trabalho do padrasto. A garçonete lhe ofereceu café e ela aceitou.

Deu uma olhada no bufê, se perguntando se esperavam que ela pagasse. Ele pareceu sentir seu desconforto.

— Coma alguma coisa. Não se preocupe. Está pago.

Ele voltou a atenção para o jornal.

Lily se perguntou se o Sr. Garside contaria a seus pais e queria saber o que ele tinha feito com o telefone de Peter. Esperava que tivesse desacelerado o carro preto às margens do Tâmisa, baixado o vidro e jogado o aparelho na correnteza lá embaixo. Ela nunca mais queria ver aquela foto.

Levantou-se e pegou um croissant e algumas frutas no bufê. Estava faminta.

Ele ficou lendo enquanto Lily comia. Ela se perguntou o que os dois pareciam para quem olhava de fora. Pai e filha, provavelmente. Ela se perguntou se ele tinha filhos.

— Você não tem que ir para o trabalho?

Ele sorriu e aceitou mais café da garçonete.

— Falei que tinha uma reunião importante.

Ele dobrou o jornal com capricho e o colocou na mesa. Ela se remexeu desconfortavelmente na cadeira.

— Preciso arranjar um emprego.

— Um emprego. — Ele se recostou na cadeira. — Bem, que tipo de emprego?

— Não sei. Eu me ferrei nas provas.

— E o que seus pais acham disso?

— Eles não… Eu não… Eles não estão muito contentes comigo. Tenho ficado na casa de amigos.

— Você não pode voltar para lá?

— Agora não. Minha amiga também não está muito contente comigo.

— Ah, Lily — disse ele, suspirando.

O Sr. Garside olhou pela janela, considerando algo por um instante, depois conferiu seu relógio caro. Pensou mais um pouco, então ligou para o escritório e disse que chegaria tarde da reunião. Ela esperou para ouvir o que ele tinha a dizer em seguida.

— Já terminou? — O Sr. Garside guardou o jornal na pasta e se levantou.

— Vamos embora bolar um plano.

* * *

Lily não esperava que ele fosse ao quarto dela e ficou sem graça com o estado do local: toalhas molhadas no chão, a televisão ligada no volume mais alto num programa de quinta categoria. Ela jogou a parte da bagunça no banheiro e enfiou às pressas o resto das suas coisas na mochila. Ele fingiu não reparar, limitou-se a olhar pela janela, depois se virou quando ela se sentou na cadeira, como se tivesse acabado de entrar no quarto.

— Até que não é um hotel ruim — comentou ele. — Eu me hospedava aqui quando não conseguia enfrentar a viagem até Winchester.

— É onde você mora?

— É onde minha mulher mora. Meus filhos já são adultos.

Ele deixou a pasta no chão e sentou-se na beirada da cama. Ela se levantou e pegou o bloco de papel de cortesia na mesa de cabeceira, caso precisasse anotar alguma coisa. Seu celular tocou e ela deu uma olhada.

Lily, me ligue. Bj, Louisa.

Ela o enfiou no bolso de trás e sentou-se com o bloco no colo.

— Então, o que acha?

— Você está numa posição complicada, Lily. Para falar a verdade, é jovem demais para estar procurando emprego. Não sei quem iria contratar você.

— Mas sou boa em muita coisa. Sou esforçada. Entendo de jardinagem.

— Jardinagem! Bem, talvez você consiga arranjar trabalho nessa área. Se o dinheiro vai ser suficiente para você se sustentar é outra questão. Tem alguma referência? Algum trabalho de férias?

— Não. Meus pais sempre me deram mesada.

— Hum. — Ele dava tapinhas no próprio joelho. — Você tem um relacionamento difícil com seu pai, não tem?

— Francis não é meu pai de verdade.

— É, sei disso. Sei que você saiu de casa algumas semanas atrás. Parece uma situação muito triste. Muito triste. Você deve se sentir bastante isolada.

Ela sentiu o nó aumentar em sua garganta e por um instante pensou que ele fosse pegar um lenço, mas enfiou a mão no bolso do paletó, de onde tirou um celular. O de Peter. Ele mexeu no aparelho e ela viu um lampejo da própria imagem. Ficou sem ar.

Ele clicou na imagem para aumentá-la. Lily enrubesceu. Ele ficou olhando a foto pelo que pareceu uma eternidade.

— Você realmente tem sido uma menina muito má, não é?

Lily agarrou com força a colcha do hotel. Olhou para o Sr. Garside com as bochechas queimando. Ele não desviava os olhos da foto.

— Uma menina muito má. — Por fim, olhou fixo para ela e acrescentou com um tom de voz suave: — Acho que a primeira coisa que precisamos fazer é descobrir um jeito de você me ressarcir pelo celular e pelo hotel.

— Mas — começou ela —, você não disse…

— Ah, qual é, Lily, uma pessoa esperta como você deve saber que nada é de graça. — Ele olhou para a foto. — Deve ter descoberto há algum tempo…

Está na cara que você é boa nisso.

O café da manhã de Lily subiu pela garganta.

— Está vendo, eu poderia ser muito útil para você. Providenciar um lugar para você morar até se reerguer, dar um empurrãozinho na sua carreira.

Você não precisaria fazer quase nada em troca. *Quid pro quo.* Conhece essa expressão? Estudou latim na escola, não é?

Ela se levantou bruscamente e foi pegar a mochila. Ele segurou seu braço.

Com a mão livre, enfiou devagarinho o celular de volta no bolso.

— Não vamos apressar as coisas, Lily. A gente não quer que eu mostre essa foto para os seus pais, não é mesmo? Vai saber o que eles achariam do que você andou aprontando.

As palavras dela ficaram engasgadas na garganta. Ele dava tapinhas na colcha

da cama.

— Eu pensaria com muito cuidado no seu próximo passo. Por que a gente…

Lily puxou o braço, desvencilhando-se dele. Depois abriu a porta do quarto e saiu correndo pelo corredor do hotel, com a mochila balançando às suas costas.

* * *

Londres fervilhava durante a madrugada. Lily andava enquanto carros tentavam impacientemente ultrapassar os ônibus nas avenidas principais, táxis costuravam o trânsito, homens de terno seguiam para casa ou continuavam sentados em pequenos escritórios iluminados em prédios tão altos que se aproximavam do céu, ignorando os faxineiros que trabalhavam em silêncio em volta deles. Lily andava com a cabeça baixa e a mochila no ombro, e, quando comia em lanchonetes que ficavam abertas até tarde, mantinha sempre o capuz levantado e fingia estar lendo um desses jornais distribuídos gratuitamente, pois toda vez alguém se sentava à mesa e tentava puxar assunto com ela. *Só estou sendo simpático, querida.*

Ela repassava o tempo inteiro os acontecimentos daquela manhã. O que ela tinha feito? Que sinal enviara? Havia algo nela que fazia todo mundo achar que era uma prostituta? As palavras dele a deixaram com vontade de chorar. Lily tinha a impressão de que encolhia dentro do capuz, odiando-o.

Odiando a si mesma.

Usava sua carteirinha de estudante e andava de metrô até o ambiente ficar perturbado e febril. Nesse momento parecia mais seguro ficar sobre a terra. Ela passava o resto do tempo atravessando a resplandecente Picadilly com suas luzes de neon, a extensão poluída da Marylebone Road, diante dos agitados bares noturnos de Camden. Dava passos largos, fingindo ter para onde ir, e só diminuía o ritmo quando seus pés começavam a doer por causa daquela calçada desconfortável.

Quando ficava cansada demais, implorava por favores. Passou uma noite na casa de sua amiga Nina, mas Nina fazia muitas perguntas. E, quando Lily, deitada na banheira com o cabelo imerso na água para se livrar da fuligem, ouviu-a conversando no andar de baixo com os pais, sentiu-se a pessoa mais sozinha do mundo. Foi embora após o café da manhã, apesar de a mãe de sua amiga ter falado que ela podia ficar mais uma noite, observando-a com preocupados olhos maternais. Ela passou duas noites no sofá de uma garota que conheceu numa boate, mas três homens também dividiam o apartamento e ela

não relaxou o suficiente para conseguir dormir; ficou sentada toda vestida, abraçando os joelhos, assistindo à televisão sem som até amanhecer. Passou uma noite no hostel do Exército da Salvação, ouvindo duas garotas discutirem no cubículo ao lado, enquanto agarrava sua mochila sob o cobertor. Disseram que ela podia tomar banho, mas Lily não gostava de deixar a bolsa no vestiário enquanto ia para o chuveiro.

Tomou a sopa grátis e foi embora. Andou muito de um lado para outro, gastando seus últimos tostões com café barato e McMuffins de ovo e ficando cada vez mais cansada e faminta até que se tornou difícil pensar com clareza, reagir quando os homens surgiam em vãos de portas e diziam coisas repugnantes ou quando o funcionário na cafeteria falava que ela já tinha feito aquela única xícara de chá durar bastante, moça, e já estava na hora de liberar a mesa.

Lily se perguntava o tempo todo o que seus pais estavam dizendo e o que o Sr. Garside contaria quando lhes mostrasse as fotos. Ela conseguia imaginar a expressão de choque da mãe e Francis balançando lentamente a cabeça, como se essa nova Lily não fosse nenhuma surpresa para ele.

Ela tinha sido muito burra.

Devia ter roubado o celular.

Devia ter pisado nele.

Devia ter pisado no Sr. Garside.

Não devia ter ido ao maldito apartamento daquele garoto, agido como uma idiota e estragado sua vida. Em geral era nesse momento que ela voltava a chorar, puxava mais o capuz em volta do rosto e…

20

— Ela o quê?

Notei a incredulidade no silêncio da Sra. Traynor, e quem sabe (talvez eu estivesse supersensível) um leve eco da última coisa dela que eu fracassara em manter sã e salva.

— E você já tentou ligar?

— Ela não está atendendo.

— E a menina não tem mantido contato com os pais?

Fechei os olhos. Eu estava com medo de ter essa conversa.

— Parece que ela já fez isso. A Sra. Houghton-Miller tem certeza de que Lily vai reaparecer a qualquer momento.

A Sra. Traynor assimilou a informação.

— Mas você não tem.

— Alguma coisa está errada, Sra. Traynor. Sei que não sou mãe, mas eu simplesmente… — Minhas palavras pairaram no ar. — Enfim. Prefiro fazer algo a não fazer nada, então vou sair mais uma vez por aí atrás dela. Eu só queria que a senhora soubesse o que está realmente acontecendo.

A Sra. Traynor ficou quieta por um instante. Depois, com uma voz comedida mas determinada, disse:

— Louisa, antes de ir, você se importaria de me dar o telefone da Sra.

Houghton-Miller?

* * *

Liguei para o trabalho e dei a desculpa de estar doente para faltar, notando que a resposta fria de Richard Percival era, na verdade, mais ameaçadora do que suas reclamações anteriores. Imprimi algumas fotos: a do perfil do Facebook de Lily e uma selfie que ela havia tirado de nós duas. Passei a manhã percorrendo o centro de Londres de carro. Estacionei no meio-fio, deixando o pisca-alerta ligado para entrar em pubs, lanchonetes e boates em que os faxineiros, trabalhando naquele ar viciado e turvo, me olhavam desconfiados.

— *Já viu essa garota?*

— *Quem quer saber?*

— *Já viu essa garota?*

— *Você é da polícia? Não quero me meter em confusão.*

E era óbvio que algumas pessoas achavam graça em me enrolar um pouco.

— *Ah, essa garota! Cabelo castanho? Qual é mesmo o nome dela?... Não.*

Nunca vi.

Parecia que ninguém a vira. E, quanto mais longe eu ia, mais inútil aquilo parecia. Tem lugar melhor do que Londres para desaparecer? Uma metrópole fervilhante onde era possível entrar furtivamente em um milhão de portas e misturar-se a multidões intermináveis. Eu observava os prédios altos e me perguntava se ela estava deitada de pijama no sofá de alguém.

Lily se aproximava com facilidade das pessoas e não tinha medo de pedir nada. Então poderia estar com qualquer um.

Mas…

Eu não tinha muita certeza do que me impulsionava a continuar. Talvez fosse a raiva que eu sentia da distância com que Tanya Houghton-Miller educava seus filhos. Talvez fosse minha culpa por ter fracassado justo no que eu criticava Tanya de não fazer. Quem sabe fosse só porque eu sabia muito bem como uma garota tão jovem podia ser vulnerável.

Mas o principal era Will. Eu andava a pé, de carro, interrogava, caminhava e tinha conversas intermináveis com ele enquanto meu quadril doía. Então eu parava o carro, comia sanduíches velhos e chocolates artesanais, e tomava analgésicos para poder continuar.

Aonde ela iria, Will?

O que você faria?

E mais uma vez: *Desculpe. Decepcionei você.*

* * *

Alguma novidade? , perguntei a Sam por mensagem. Era esquisito falar com ele ao mesmo tempo em que conversava mentalmente com Will. Parecia um estranho tipo de infidelidade. Eu não tinha muita certeza de quem estava traindo.

Não. Já liguei para todas as emergências de Londres. E você?

Um pouco cansada.

Quadril?

Nada que um analgésico não resolva.

Quer que eu passe na sua casa depois do trabalho?

Acho que preciso continuar procurando.

Não vá a nenhum lugar que eu não iria. Bj

Muito engraçado. Bjs

— Já tentou os hospitais? — Minha irmã ligou da faculdade, no intervalo de quinze minutos entre Evolução da arrecadação de taxas e Impostos sobre bens e serviços: uma perspectiva europeia.

— Sam disse que ninguém com o nome dela deu entrada nos hospitais universitários. Ele conhece gente em tudo quanto é canto e estão procurando por ela.

Eu olhava para trás ao falar, como se esperasse ver Lily surgindo no meio da multidão.

— Estão procurando há quanto tempo?

— Alguns dias. — Não contei que eu quase não dormia mais. — Eu…

hum… pedi dispensa do trabalho hoje.

— Eu sabia! Eu sabia que essa menina ia causar confusão. Seu chefe se importou? O que aconteceu com aquele outro trabalho, aliás? O de Nova York? Você fez a entrevista? Por favor, não me diga que esqueceu.

Demorei um pouco para entender sobre o que ela estava falando.

— Ah. Aquele. Eu consegui.

— Você *o quê*?

— Nathan disse que vão me oferecer a vaga.

Westminster estava cheia de turistas que se entretinham nas barraquinhas vistosas repletas de bugigangas da Union Jack, erguendo os celulares e suas câmeras caras para captar as imponentes Casas do Parlamento. Reparei que o guarda de trânsito vinha na minha direção e me perguntei se alguma legislação antiterrorista me proibia de estacionar naquele local. Ergui a mão, indicando que eu estava prestes a sair.

Houve um breve silêncio do outro lado da linha.

— Espere aí… Você não está dizendo que…

— Nem consigo pensar sobre isso agora, Treen. Lily desapareceu e preciso

encontrá-la.

— Louisa? Escute aqui. Você tem que aceitar esse trabalho.

— O quê?

— É a oportunidade da sua vida. Você nem imagina o que eu daria por uma chance de me mudar para Nova York… Com emprego garantido ainda.

E um lugar para morar. E você "nem consegue pensar sobre isso agora"?

— Não é tão simples.

O guarda de trânsito estava definitivamente vindo na minha direção.

— Ai, meu Deus. É isso. Era sobre isso que eu estava tentando falar com você. Toda vez que tem a chance de seguir em frente, você acaba sequestrando seu futuro. É como… é como se na verdade você não quisesse.

— Lily *sumiu*, Treen.

— Uma garota de dezesseis anos que você mal conhece, que tem pai e mãe e pelo menos dois avós, se mandou por alguns dias, sendo que já fez isso antes. Como os adolescentes fazem de vez em quando. E você vai usar isso como desculpa para desperdiçar a maior oportunidade que vai ter na vida? Caramba. Você nem ao menos quer ir, não é?

— O que quer dizer com isso?

— Para você é muito mais fácil manter esse seu empreguinho deprimente e ficar reclamando dele. É muito mais fácil ficar quieta, não correr riscos e dizer que tudo o que acontece é inevitável.

— Não posso simplesmente ir embora no meio disso tudo.

— Você é responsável pela sua vida, Lou. Mas age como se fosse permanentemente surpreendida por acontecimentos que fogem ao seu controle. O que é isso? Culpa? Você acha que deve alguma coisa a Will? É

algum tipo de penitência? Tem que abrir mão da sua vida porque não conseguiu salvar a dele?

— Você não entende.

— Não. Eu entendo perfeitamente. Entendo melhor do que você mesma se entende. A filha dele *não é responsabilidade sua.* Está me ouvindo? Nada disso é responsabilidade sua. E se você não for para Nova York, algo sobre o qual nem consigo falar porque realmente me deixa com vontade de te matar, nunca mais olho na sua cara. Nunca mais.

O guarda de trânsito estava ao lado da minha janela. Baixei o vidro, fazendo a expressão universal que todo mundo faz quando sua irmã está surtando do outro lado da linha e sentimos muito, mas não podemos interromper abruptamente a conversa. Ele indicou seu relógio de pulso e assenti, de um jeito tranquilizador.

— Então é isso, Lou. Pense um pouco. Lily não é sua filha.

Fiquei olhando para o meu celular. Agradeci ao guarda de trânsito e depois fechei a janela. Então uma frase surgiu na minha cabeça: *ele não é meu pai de verdade*.

Virei a esquina, parei ao lado de um posto de gasolina e folheei um surrado guia com mapas que eu deixava sempre no chão do meu carro, tentando lembrar o nome da rua que Lily tinha mencionado. Pyemore, Pyecrust, *Pyecroft.* Tracei com o dedo a distância até St. John's Wood. Será que daria uns quinze minutos a pé? Só podia ser o mesmo lugar.

Peguei o celular para procurar o sobrenome dele junto do nome da rua, e lá estava. Número cinquenta e seis. Fiquei muito empolgada. Liguei o carro, passei a marcha e arranquei para a rua.

* * *

Embora separadas por menos de um quilômetro e meio, a casa da mãe de Lily e a de seu antigo padrasto não poderiam ser mais diferentes. Enquanto a rua dos Houghton-Miller era marcada por casas imponentes revestidas de estuque branco ou tijolos aparentes, pontuada por arbustos e carrões que pareciam nunca se sujar, a rua de Martin Steele não era nada burguesa. Era um canto de Londres com sobradinhos, onde os preços dos imóveis subiam vertiginosamente, mas as fachadas insistiam em não refletir esse aumento.

Dirigi devagar, passando por carros cobertos de lona, por uma lixeira revirada, e finalmente encontrei uma vaga perto de uma casa vitoriana geminada, do tipo que havia por toda cidade. Observei a construção, reparando na pintura descascada na porta da frente e no regador de brinquedo no degrau. Por favor, que ela esteja aqui, rezei. A salvo dentro dessas paredes.

Saltei, tranquei o carro e fui até o primeiro degrau.

Eu conseguia ouvir vozes abafadas e um piano sendo dedilhado lá dentro, com um acorde interrompido se repetindo sem parar. Hesitei apenas por um instante, depois toquei a campainha, tendo como resposta a interrupção súbita da música.

Ouvi passos no corredor, a porta se abriu e apareceu um quarentão de camisa xadrez, calça jeans e barba por fazer.

— Pois não?

— Por acaso… Lily está aí?

— Lily?

Sorri e estendi a mão.

— Você é Martin Steele?

Ele me analisou rapidamente antes de responder:

— Talvez. Quem é você?

— Sou amiga de Lily. Eu… estou tentando entrar em contato com ela e achei que talvez pudesse estar aqui. Ou que talvez você saiba onde ela está.

Ele franziu a testa.

— Lily? Lily Miller?

— Hum, é.

Ele esfregou o queixo e olhou para o corredor às suas costas.

— Será que pode esperar um minuto, por favor?

Ele andou pelo corredor e o ouvi dar instruções para quem estava ao piano. Quando voltou, uma escala começou a ser tocada de forma hesitante, depois com mais ênfase.

Martin Steele encostou a porta às suas costas e baixou a cabeça por um instante, como se tentasse entender a pergunta que eu lhe fizera.

— Desculpe. Estou um pouco confuso. Você é amiga de Lily Miller? E veio aqui por quê?

— Porque Lily disse que passou aqui para conversar com você. Você é…

foi… padrasto dela?

— Não tecnicamente, mas sim. Muito tempo atrás.

— E você é músico? Costumava levá-la à creche? Mas continuam mantendo contato, não é? Ela me falou que vocês ainda são muito próximos. E que isso deixava a mãe dela irritada.

Martin semicerrou os olhos para mim.

— Srta…

— Clark. Louisa Clark.

— Srta. Clark. Louisa. Não vejo Lily Miller desde que ela tinha cinco anos.

Quando nos separamos, Tanya achou que seria melhor eu e Lily não termos mais qualquer contato.

Fiquei olhando para ele.

— Então ela não esteve aqui?

Ele pensou um pouco.

— Esteve uma vez, alguns anos atrás, mas não era um bom momento.

Tínhamos acabado de ter um bebê e eu estava tentando dar aula, e, bem, para ser sincero, não entendi o que ela realmente queria de mim.

— Então não a viu nem falou com ela desde então?

— Com exceção dessa única vez, não. Está tudo bem? Ela se meteu em alguma confusão?

Lá dentro, o piano continuava tocando: *dó ré mi fá sol lá si dó. Dó si lá sol fá mi ré dó.* Sem parar.

Acenei com a mão, já recuando na escada.

— Não. Está tudo bem. O erro foi meu. Desculpe o incômodo.

* * *

Passei outra noite rodando por Londres, ignorando as ligações da minha irmã e o

e-mail de Richard Percival, cujo assunto era URGENTE e PESSOAL.

Dirigi até ficar com os olhos vermelhos por causa do clarão dos faróis e me dar conta de que estava indo a lugares por onde já havia passado sem ter mais dinheiro para a gasolina.

Fui para casa logo antes da meia-noite, prometendo a mim mesma que pegaria o cartão de crédito, beberia uma xícara de chá, descansaria a vista por meia hora, depois sairia de novo. Tirei os sapatos e fiz uma torrada, mas não consegui comer. Em vez disso, tomei mais dois analgésicos e me deitei no sofá, com a cabeça a mil. O que eu não estava enxergando? Devia ter alguma pista. A exaustão fazia meu cérebro zumbir, a ansiedade me deixava com um nó permanente no estômago. Em quais ruas eu não procurara? Será que havia a chance de ela ter ido para outro lugar que não Londres?

Eu me dei conta de que não havia escolha. Tínhamos que comunicar à polícia. Era melhor ser considerada idiota e excessivamente dramática do que correr o risco de algo acontecer com ela. Fiquei deitada e fechei os olhos por cinco minutos.

* * *

Acordei três horas depois com o celular tocando. Eu me levantei em um pulo, sem saber onde estava. Então olhei para a tela piscando ao meu lado e atendi toda atrapalhada.

— Alô?

— Estamos com ela.

— O quê?

— É Sam. Estamos com Lily. Pode vir aqui?

* * *

Com a aglomeração que houve à noite depois da derrota da Inglaterra em uma partida de futebol, com o mau humor e as lesões relacionadas às bebedeiras, ninguém reparara na menina magra que dormia atravessada sobre duas cadeiras no canto com o capuz tapando o rosto. Só quando a enfermeira da triagem foi de um em um para se certificar de que o prazo de espera para o atendimento estava sendo cumprido, alguém sacudira a garota para acordá-la e ela confessara com relutância que só estava ali porque o local era aquecido, seco e seguro.

A enfermeira a estava interrogando quando Sam, carregando uma idosa com problemas respiratórios, a viu. Ele dissera baixinho para as enfermeiras não deixarem a garota sair e correra para me ligar antes que ela pudesse vê-lo. Sam me contou isso quando entramos na emergência. A sala de espera finalmente começava a esvaziar, as crianças com febre estavam em segurança dentro dos cubículos com os pais, os bêbados tinham sido mandados para casa a fim de dormir e curar o porre. Àquela hora da noite só havia vítimas de acidentes de trânsito e esfaqueamento.

— Deram um chá a ela. Parece exausta. Acho que só quer ficar sentada quietinha. — Devo ter parecido ansiosa, porque ele acrescentou: — Está tudo bem. Não vão deixá-la ir embora.

Eu meio que andava, meio que corria pelo corredor com iluminação fria.

Sam dava passos largos ao meu lado. E lá estava ela, de alguma maneira parecendo menor do que era, o cabelo trançado de qualquer jeito, com um copo descartável nas mãos magras. Havia uma enfermeira sentada ao seu lado, consultando uma pilha de pastas, e quando me viu e reconheceu Sam, ela sorriu calorosamente e depois se levantou para sair. Notei que as unhas de Lily estavam pretas de tão sujas.

— Lily — chamei. Seus olhos escuros e sombrios encontraram os meus.

— O que… o que aconteceu?

Ela olhou para mim, depois para Sam, os olhos arregalados e um pouco temerosos.

— Procuramos você por toda parte. Estávamos… Meu Deus, Lily. Por onde você andou?

— Desculpe — sussurrou ela.

Balancei a cabeça negativamente, tentando mostrar que isso não importava. Que nada podia ter importância, que a única coisa importante era que ela estava sã e salva ali.

Abri os braços. Ela encontrou meu olhar, deu um passo à frente e encostou delicadamente em mim. Eu lhe dei um abraço forte, sentindo seus soluços silenciosos e espasmódicos virarem meus. Só consegui agradecer a algum Deus desconhecido e oferecer essas palavras: *Will. Will… nós a encontramos.*

21

Na primeira noite lá em casa, coloquei Lily na minha cama e ela dormiu por dezoito horas seguidas, acordando à noite para tomar sopa e ir para o banho, e depois apagou por mais oito horas. Dormi no sofá, deixando a porta da frente trancada, com medo de sair ou até mesmo de me mexer e ela acabar sumindo de novo. Sam passou lá duas vezes, antes e depois do trabalho, para trazer leite e conferir como Lily estava. Cochichamos no corredor, como se estivéssemos discutindo sobre uma inválida.

Liguei para Tanya Houghton-Miller e contei que sua filha aparecera sã e salva.

— Eu falei, mas você não quis me ouvir — gabou-se triunfante, e desliguei o telefone antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa.

Ou eu.

Telefonei para a Sra. Traynor, que deu um longo e trêmulo suspiro de alívio e demorou um pouco a falar.

— Obrigada — disse ela finalmente. A palavra parecia ter vindo do fundo do seu coração. — Quando posso vê-la?

Depois abri o e-mail de Richard Percival, que informava que *Uma vez que lhe foram dados os três avisos necessários, considera-se que, tendo em vista sua baixa assiduidade e seu fracasso em cumprir com as exigências contratuais, seu contrato com o Shamrock and Clover (Aeroporto) será rescindido imediatamente*. Ele me pediu para devolver o uniforme ("incluindo a peruca") o mais rápido possível (*ou será descontado*) .

Abri a mensagem de Nathan, em que ele perguntava: *Cadê você, caramba?*

Viu meu último e-mail?

Pensei na oferta do Sr. Gopnik e, com um suspiro, fechei o laptop.

* * *

No terceiro dia, acordei no sofá e não achei Lily. Meu coração disparou, mas então reparei que a janela estava aberta. Subi a escada de incêndio e a encontrei sentada no telhado, observando a cidade. Estava usando sua calça de pijama, que eu tinha lavado, e o suéter enorme de Will.

— Oi — falei, andando em direção a ela no telhado.

— Você tem comida na geladeira — observou.

— Foi o Sam da ambulância.

— E você regou tudo.

— Também foi principalmente ele.

Ela assentiu, como se talvez isso fosse de se esperar. Ocupei meu lugar no banco e ficamos sentadas sem falar nada por algum tempo, sentindo o perfume de lavanda, cujas flores violeta tinham desabrochado nas estreitas hastes verdes. Tudo naquele pequeno jardim no telhado era uma explosão de vida. As pétalas e as folhas sussurrantes traziam cor, movimento e fragrância para o asfalto cinza.

— Desculpe por ter ficado na sua cama.

— Você precisava mais que eu.

— Você pendurou todas as suas roupas. — Ela se sentou em cima das pernas encolhidas, colocando o cabelo atrás da orelha. Ainda estava pálida.

— As bonitas.

— Bem, acho que você me fez pensar que eu não devia mais deixá-las escondidas nas caixas.

Lily me olhou de soslaio e deu um sorrisinho triste que, de alguma maneira, me deixou mais triste do que se ela não tivesse sorrido. Aquele dia prometia ser escaldante, os barulhos da rua pareciam abafados pelo calor do sol. Já dava para sentir esse calor entrando pelas janelas, desbotando o ar. Era possível ouvir o estrépito e o rugido de um caminhão de lixo seguindo lentamente próximo ao meio-fio, sendo acompanhado pelo barulho ensurdecedor de buzinas e vozes masculinas.

— Lily — falei, baixinho, quando o barulho se afastou, por fim —, o que está acontecendo? — Tentei não parecer muito questionadora. — Sei que não devo fazer perguntas e não faço parte da sua família de verdade nem nada, mas tudo o que consigo perceber é que alguma coisa deu errado e sinto… sinto como se eu… Bem, sinto como se tivéssemos algum parentesco e quero que você saiba que pode conversar comigo.

Ela mantinha o olhar fixo nas próprias mãos.

— Não vou julgar você. Não vou contar a ninguém nada do que me disser.

Eu só… Bem, você precisa saber que contar a verdade a alguém vai ajudar.

Prometo. Vai melhorar as coisas.

— Quem disse?

— Eu. Não há nada que não possa me contar, Lily. De verdade.

Ela me encarou, depois desviou os olhos.

— Você não entende — disse ela baixinho.

E então me dei conta. Eu sabia.

Lá embaixo tudo ficara estranhamente silencioso, ou talvez eu já não conseguisse ouvir mais nada para além dos poucos centímetros que nos separavam.

— Vou contar uma história — comecei. — Só uma pessoa no mundo inteiro já a ouviu, porque foi uma coisa que passei muitos anos achando que não conseguiria compartilhar. E ter contado a Will mudou totalmente a forma como eu me sentia em relação a isso e como me sentia em relação a mim mesma. O negócio é o seguinte: não precisa me dizer nada, mas vou confiar em você o bastante para lhe contar minha história assim mesmo, caso ajude.

Esperei um instante, mas Lily não protestou, nem revirou os olhos, nem disse que seria *chato.* Abraçou os joelhos e escutou. Ficou me ouvindo contar sobre a adolescente que, numa noite gloriosa de verão, extrapolara na comemoração num lugar que ela considerava seguro, mesmo rodeada de amigas e de alguns garotos simpáticos que pareciam ser de boas famílias e ter boas maneiras. Estava tudo muito divertido, engraçado, louco e maneiro, até algumas doses mais tarde ela se dar conta de que quase todas as meninas tinham ido embora, as gargalhadas haviam ficado sinistras e, no fim das contas, era dela que estavam rindo. E contei, sem entrar em muitos detalhes, como aquela noite terminou: com a irmã ajudando-a em silêncio a voltar para casa, sem os sapatos, com as partes íntimas doloridas e um grande buraco negro no lugar das lembranças do que acontecera durante aquelas horas. As recordações, fugazes e obscuras, continuavam presentes para lembrar-lhe todos os dias de que ela tinha sido burra, irresponsável e que aquilo acontecera por sua culpa. E, durante anos, ela deixara esse pensamento influenciar tudo que fazia, aonde ia e nas suas capacidades.

Mas, às vezes, bastava alguém dizer algo simples como: *Não. Não foi culpa sua. Não foi mesmo culpa sua.*

Terminei minha história e Lily continuou me observando. Sua expressão não dava nenhuma pista da sua reação.

— Não sei o que estava, ou está acontecendo com você, Lily — falei com cautela. — Pode ser que não tenha nada a ver com o que acabei de contar.

Só quero que saiba que não há nada tão ruim que você não possa me falar.

E nada que você possa fazer me levaria a fechar a porta na sua cara outra vez.

Ela não disse nada. Olhei por cima do terraço, deliberadamente sem encará-la.

— Sabe, seu pai me disse algo que nunca esqueci: "Você não precisa deixar que uma única coisa seja aquilo que define quem você é."

— Meu pai. — Ela ergueu o queixo.

Assenti.

— O que quer que tenha acontecido, mesmo que não queira me contar, você precisa entender que ele tinha razão. Essas últimas semanas, esses últimos meses, não têm que definir quem você é. Mesmo não te conhecendo muito, sei que é uma menina inteligente, divertida, gentil e esperta, e que, se conseguir deixar para trás o que tiver ocorrido, terá um futuro incrível pela frente.

— Como é que você pode saber?

— Porque você é igual ao seu pai. Está até usando o suéter dele —

acrescentei baixinho.

Ela levou devagarinho o braço até o rosto, encostando na lã macia, pensativa.

Eu me recostei no banco, me perguntando se havia forçado a barra ao falar de Will.

Então Lily respirou fundo e, com um tom de voz calmo e monótono, nada típico dela, me contou a verdade sobre onde estivera. Falou sobre o garoto, sobre o homem, sobre a foto em algum celular que a assombrava e sobre os dias que passara feito uma sombra nas ruas da cidade cheias de luzes neon.

Enquanto falava, começou a chorar, encolhendo-se toda, contraindo o rosto como uma criança de cinco anos. Eu me aproximei dela e a puxei para perto de mim, afagando seu cabelo enquanto ela continuava falando, as palavras ficando

emboladas, pronunciadas com muita pressa e interrompidas por soluços. Quando contou sobre o último dia, estava encolhida no meu colo, engolida pelo suéter, pelo próprio medo, pela culpa e pela tristeza.

— Desculpe — soluçava. — Desculpe mesmo.

— Você não tem nada, *nada* do que se desculpar — falei com veemência, enquanto a abraçava.

* * *

Sam apareceu naquela noite. Foi alegre, tranquilo e carinhoso ao lidar com Lily. Quando ela disse que não queria sair, ele preparou para nós uma massa com molho, bacon e cogumelos, e depois assistimos a uma comédia sobre uma família que se perdia na floresta, estranhamente parecida com a nossa família. Sorri, dei risada e fiz chá, mas por dentro eu fervia com uma raiva que não me atrevia a demonstrar.

Assim que Lily foi se deitar, sinalizei para Sam ir até a escada de incêndio.

Subimos para o telhado, onde eu tinha certeza de que não seria ouvida.

Quando ele se sentou no pequeno banco de ferro fundido, revelei o que ela me contara naquele mesmo lugar, apenas algumas horas antes.

— Ela acha que isso vai atormentá-la para sempre. Ele ainda está com o celular, Sam.

Acho que nunca senti tanta raiva na vida. Durante toda a noite, enquanto a televisão matraqueava na minha frente, eu repassara na mente as últimas semanas sob uma nova perspectiva: pensei nas vezes em que o garoto ficara esperando lá embaixo, no jeito que Lily escondera o celular embaixo das almofadas do sofá quando achou que eu pudesse vê-lo, em como ela às vezes estremecia ao receber uma nova mensagem. Pensei em como ela gaguejara, descrevendo o alívio que sentira ao achar que havia sido salva, e depois o horror do que viria em seguida. Pensei na arrogância de um homem que tinha visto uma menina aflita e enxergara naquela situação uma oportunidade.

Sam fez sinal para que eu me sentasse, mas eu não conseguia ficar parada. Andava de um lado para outro no terraço, com os punhos cerrados, o pescoço rígido. Eu queria jogar coisas lá embaixo. Queria encontrar o Sr.

Garside. Sam surgiu atrás de mim e massageou meus ombros. Eu desconfiava de

que esse tinha sido o jeito que ele arranjara de me fazer ficar quieta.

— Quero muito matá-lo.

— Podemos dar um jeito nisso.

Eu me virei para ver se Sam estava brincando, e fiquei um pouco desapontada ao perceber que sim.

Com o vento forte da noite, tinha ficado mais frio ali em cima e desejei ter trazido casaco.

— Talvez a gente devesse procurar a polícia. Isso é chantagem, não é?

— Ele vai negar. Pode esconder o celular em um milhão de lugares diferentes. E se a mãe dela tiver falado a verdade, ninguém vai acreditar em Lily frente a uma pessoa considerada importante na sociedade. É assim que esse pessoal sai impune.

— Mas como resgataremos esse telefone? Ela não vai conseguir superar enquanto souber que esse cara está por aí, enquanto essa foto continuar por aí.

Eu estava tremendo de frio. Sam tirou o casaco e o colocou nos meus ombros. Conservava o calor dele, e tentei não demonstrar como fiquei agradecida.

— Não podemos aparecer no escritório dele, senão os pais dela vão descobrir. Será que mandamos um e-mail? Dizendo que precisa devolver o celular?

— Ele não vai simplesmente confessar. Talvez nem responda ao e-mail, pois poderia ser usado como prova.

— Ah, não tem jeito — resmunguei. — Talvez ela precise aprender a conviver com isso. Quem sabe a gente consegue convencê-la de que ele tem tanto interesse em esquecer o que aconteceu quanto ela. Porque tem, não é? Talvez ele mesmo se livre do celular.

— Você acha que ela vai concordar com isso?

— Não. — Esfreguei os olhos. — Não consigo aceitar. Não consigo suportar a ideia de que ele saia impune. Aquele canalha repugnante, nojento, manipulador, que dirige uma limusine…

Eu me levantei e observei a cidade lá embaixo, me sentindo desesperada.

Conseguia adivinhar o futuro: Lily na defensiva e violenta, enquanto tentava escapar da sombra do seu passado. Aquele celular era a chave do seu comportamento, do seu futuro.

Pense, ordenei a mim mesma. *Pense em como Will agiria.* Ele não deixaria esse homem vencer. Eu precisava elaborar uma estratégia, como ele faria.

Observei o tráfego passando devagar diante do meu prédio. Pensei no carrão preto do Sr. Garside percorrendo as ruas do Soho. Imaginei um homem que circulava em silêncio e com facilidade pela vida, convencido de que ela sempre lhe seria favorável.

— Sam? — chamei. — Tem alguma droga que você possa me dar que faça o coração de alguém parar de bater?

Ele deixou minha pergunta no ar por um tempo.

— Por favor, me diga que está brincando.

— Não. Olhe. Tive uma ideia.

* * *

Ela não falou nada a princípio.

— Você estará em segurança — falei. — E desse jeito ninguém precisa saber de nada.

O que mais me comoveu foi que ela não me fez a pergunta que eu repetia para mim mesma desde que esboçara meu plano para Sam. *Como sabe que isso vai mesmo dar certo?*

— Tenho tudo pensado, querida — disse Sam.

— Ninguém mais sabe…

— De nada. Só que ele está perturbando você.

— Não vai se meter em confusão?

— Não se preocupe comigo.

Ela arregaçou a manga do casaco, depois murmurou:

— E você não vai me deixar com ele. De jeito nenhum.

— Nem por um minuto.

Ela mordeu o lábio. Olhou para Sam e em seguida para mim. E algo pareceu se tranquilizar dentro dela.

— Tudo bem. Vamos fazer isso.

* * *

Comprei um celular pré-pago barato, liguei para o trabalho do padrasto de Lily e arranjei o número do Sr. Garside com a secretária, fingindo que tínhamos marcado um encontro para tomar um drinque. Esperei Sam chegar à noite e mandei uma mensagem para o homem.

Sr. Garside. Desculpe por ter fugido do senhor. Eu perdi a cabeça. Quero acertar as coisas. L

Ele esperou meia hora para responder, provavelmente para deixá-la nervosa.

Por que eu deveria falar com você, Lily? Foi muito mal-agradecida depois de toda ajuda que lhe dei.

— Calhorda — murmurou Sam.

Eu sei. Desculpe. Mas preciso muito da sua ajuda.

Isso não pode ser unilateral, Lily.

Eu sei. Mas fiquei chocada. Eu precisava de um tempo para pensar. Vamos nos encontrar. Darei o que você quiser, mas terá que me devolver o celular primeiro.

Acho que não é você quem determina as regras, Lily.

Sam me olhou. Retribuí seu olhar, depois voltei a digitar.

Nem mesmo... se eu for uma garota muito má?

Uma pausa.

Agora fiquei interessado.

Sam e eu nos entreolhamos.

— Acabei de ter uma ânsia de vômito — falei.

Amanhã à noite então, escrevi. *Mando o endereço quando souber que horas*

minha amiga vai sair.

Quando tivemos certeza de que ele não responderia mais, Sam enfiou o telefone no bolso, onde Lily não podia encontrar, e me deu um longo abraço.

* * *

Eu estava quase passando mal de nervoso no dia seguinte, e Lily estava pior. Beliscamos nosso café da manhã. Deixei Lily fumar no apartamento e quase fiquei tentada a pedir um cigarro. Assistimos a um filme e tentamos arrumar a casa. Às sete e meia da noite, quando Sam chegou, minha cabeça zumbia tanto que eu mal conseguia falar.

— Você mandou o endereço? — perguntei.

— Mandei.

— Mostre.

A mensagem era simplesmente o endereço do meu apartamento e tinha sido assinada por *L.*

O Sr. Garside respondera: *Tenho uma reunião e chegarei pouco depois das oito.*

— Você está bem? — perguntou ele.

Senti um nó no estômago. Parecia que eu estava sendo sufocada.

— Não quero meter você em confusão. Quer dizer, se o pegarem… você perde o emprego.

Sam negou com a cabeça.

— Isso não vai acontecer.

— Eu não devia ter colocado você no meio disso. Você foi brilhante, e sinto que minha retribuição foi colocá-lo em perigo.

— Ficaremos bem. Respire.

Ele me deu um sorriso tranquilizador, mas tive a impressão de ter reparado numa leve tensão no seu rosto.

Sam olhou por cima do meu ombro e eu me virei. Lily estava usando uma camiseta preta, short jeans e meia-calça preta. Tinha se maquiado. Estava linda

e jovial.

— Você está bem, querida?

Ela assentiu. Sua pele, normalmente do mesmo tom levemente moreno de Will, tinha uma palidez inusitada. Seus olhos pareciam enormes no rosto.

— Vai dar tudo certo. Vou ficar surpreso se levar mais que cinco minutos.

Lou repassou tudo com você, não é? — A voz de Sam estava calma e tranquilizadora.

Tínhamos ensaiado umas dez vezes. Eu queria que ela chegasse a um ponto em que não hesitasse, em que repetisse sua fala sem pensar.

— Sei o que estou fazendo.

— Muito bem — disse ele, batendo palmas. — Já são quinze para as oito.

Vamos nos preparar.

* * *

Ele foi pontual, tive que reconhecer. Às oito e um, o interfone tocou. Lily inspirou ruidosamente, então apertei sua mão e ela foi atender. *Sim. Sim, ela saiu. Pode subir.* Não pareceu lhe ocorrer que a menina poderia não ser o que ele pensava.

Lily o deixou entrar. Só eu, observando pela fresta da porta do meu quarto, notei como a mão dela tremia ao tocar a maçaneta. Garside passou a mão pelo cabelo e olhou em volta rapidamente. Estava usando um bom terno cinza e guardou a chave do carro no bolso interno do paletó. Eu não conseguia parar de olhar para ele, para sua camisa cara e seus olhos cobiçosos analisando o apartamento. Cerrei o maxilar. Que tipo de homem se achava no direito de pressionar uma garota quarenta anos mais nova que ele? De chantagear a filha do próprio colega?

Ele parecia desconfortável, longe de relaxar.

— Parei o carro na rua de trás. É seguro?

— Acho que sim. — Lily engoliu em seco.

— Você *acha*? — Ele recuou em direção à porta. Era o tipo de homem que via o carro como uma extensão de uma parte minúscula de si mesmo. — E

sua amiga? A dona da casa. Ela não vai voltar?

Prendi a respiração. Senti a mão tranquilizadora de Sam na base das minhas costas.

— Ah. Não. Não vai ter problema. — Lily sorriu, ficando tranquila de repente. — Ela vai demorar séculos para voltar. Pode entrar. Quer beber alguma coisa, Sr. Garside?

Ele olhou para ela como se a visse pela primeira vez.

— Quanta formalidade. — Ele deu um passo à frente e finalmente fechou a porta. — Você tem uísque?

— Vou ver. Venha.

Ela seguiu para a cozinha e ele foi atrás, tirando o paletó. Ao chegarem na sala de estar, Sam saiu do quarto e passou por mim, atravessou o corredor com suas botas pesadas e trancou a porta do apartamento, colocando no bolso as chaves, que chacoalharam.

Garside teve um sobressalto, virou-se e se deparou com Sam, acompanhado de Donna. Eles estavam ali parados com o uniforme de paramédico, encostados na porta. O homem olhou para os dois, depois para Lily, e hesitou, tentando entender o que estava acontecendo.

— Oi, Sr. Garside — falei, saindo do quarto. — Acho que o senhor tem uma coisa para devolver para minha amiga aqui.

Ele começou a suar de nervosismo de repente. Até então, eu nunca tinha presenciado uma coisa dessas. Seus olhos procuravam Lily, mas, quando apareci, ela foi para trás de mim.

Sam deu um passo à frente. O Sr. Garside batia no seu ombro.

— O celular, por favor

— Vocês não podem me ameaçar.

— Não estamos ameaçando o senhor — afirmei, com o coração acelerado. — Só queremos o telefone.

— Bloquear minha saída já é uma ameaça.

— Ah, não, senhor — retrucou Sam. — Na verdade, *ameaçar* o senhor envolveria mencionar que, se minha colega e eu quisermos, podemos imobilizá-lo aqui e lhe injetar uma dose de dihypranol, que faria seu coração começar a bater mais devagar, até parar. *Isso*, sim, seria uma ameaça, ainda mais porque ninguém questionaria a palavra da equipe de paramédicos que aparentemente tentou salvá-lo. E porque o dihypranol é uma das poucas drogas que não deixa vestígio na corrente sanguínea.

Donna, com os braços cruzados, balançou a cabeça tristemente.

— É uma pena como esses executivos de meia-idade simplesmente caem duros no chão.

— Eles têm todo tipo de problemas de saúde. Bebem demais, comem demais, não se exercitam o suficiente.

— Mas tenho certeza de que esse cavalheiro aqui não é assim.

— A gente gostaria que não. Mas vai saber?

O Sr. Garside parecia ter encolhido vários centímetros.

— E nem pense em ameaçar Lily. Sabemos onde o senhor mora, Sr.

Garside. Todos os paramédicos têm essa informação para quando precisarem. É inacreditável o que pode acontecer com alguém que irrita um paramédico.

— Isso é uma falta de respeito. — Ele estava gritando, o rosto lívido.

— Sim. É mesmo. — Estendi a mão. — O celular, por favor.

Garside olhou em volta mais uma vez, até que finalmente enfiou a mão no bolso e entregou o aparelho para mim.

Joguei-o para Lily.

— Confira, Lily.

Enquanto ela fazia isso, desviei os olhos, em consideração aos seus sentimentos.

— Apague — falei. — Apague logo.

Quando voltei a olhar, a tela do telefone na sua mão estava preta. Lily balançou de leve a cabeça. Sam fez sinal para que ela lhe entregasse o aparelho. Sam o

jogou no chão e o pisoteou com o pé direito, estraçalhando o plástico. Esmagou-o com tanta violência que o piso tremeu. Percebi que eu também tremia, assim como o Sr. Garside, cada vez que Sam baixava a bota pesada.

Finalmente, Sam se curvou e, com muito cuidado, pegou o pequeno cartão de memória, que fora parar embaixo do aquecedor. Examinou-o e segurou-o diante do homem mais velho.

— Essa era a única cópia?

Ele assentiu. O suor escurecia seu colarinho.

— Claro que é a única cópia — disse Donna. — Um membro respeitável da sociedade não gostaria de correr o risco de que uma coisa dessas aparecesse em algum jornal, não é mesmo? Imagine o que a família do Sr.

Garside diria se o seu segredinho deplorável viesse à tona?

A boca do homem se transformara numa linha fina de tão contraída.

— Vocês já conseguiram o que queriam. Agora me deixem ir.

— Não. Eu gostaria de dizer uma coisa. — Notei vagamente que minha voz estava um pouco trêmula por causa do meu esforço de conter a fúria.

— Você é um cara sórdido, patético, e se eu…

A boca do Sr. Garside se repuxou formando um sorrisinho sarcástico. O

tipo de homem que nunca se sentira ameaçado por uma mulher.

— Ah. Fique quietinha, sua…

Um brilho impassível surgiu nos olhos de Sam, e ele saltou para a frente.

Estiquei o braço para segurá-lo. Não me lembro de ter afastado meu outro punho. Eu me recordo, sim, da dor que senti nos nós dos dedos quando tocaram o rosto do Sr. Garside. O homem cambaleou para trás, batendo na porta, e eu tropecei, pois não esperava a força do impacto. Quando ele se empertigou, fiquei chocada ao ver sangue escorrendo do seu nariz.

— Me deixem ir — sibilou ele, entre os dedos que protegiam o ferimento.

— *Agora.*

Sam piscou para mim e em seguida destrancou a porta. Donna se afastou, quase deixando-o passar. Mas se inclinou na direção dele.

— Tem certeza de que não quer fazer um curativo nisso antes de ir?

Garside saiu devagar, mas, quando a porta se fechou às suas costas, ouvimos o barulho de seus sapatos caros começando a correr pelo corredor. Ficamos em silêncio até não escutarmos mais nada. E então houve o ruído de várias pessoas soltando o ar ao mesmo tempo.

— Belo soco, Cassius Clay — disse Sam, após um minuto. — Quer que eu dê uma olhada na sua mão?

Eu não conseguia falar. Estava com o corpo curvado, xingando baixinho.

— Sempre dói mais do que a gente acha, não é? — comentou Donna, dando tapinhas nas minhas costas. — Não se estresse, querida — disse ela a Lily. — O que quer que ele tenha falado para você, aquele velho não significa nada. Já era.

— Ele não vai voltar — afirmou Sam.

Donna riu.

— Ele quase se borrou. Acho que vai sair correndo se a encontrar alguma vez. Esqueça isso, querida. — Ela deu um forte abraço em Lily, como faríamos com alguém que tivesse caído da bicicleta. Depois me entregou o que sobrou do telefone quebrado para eu jogar fora. — Muito bem. Prometi dar um pulo na casa do meu pai antes do expediente. Até mais tarde.

Com um aceno, ela foi embora, seus passos fazendo um barulho alegre pelo corredor.

Sam começou a procurar no seu kit de socorrista um curativo para minha mão. Lily e eu fomos para a sala e afundamos no sofá.

— Você foi brilhante — falei para ela.

— E você foi genial.

Dei uma olhada nos nós dos meus dedos ensanguentados. Quando ergui os olhos, um sorriso imperceptível surgiu em seus lábios.

— Ele realmente não esperava por essa.

— Nem eu. Eu nunca tinha batido em ninguém. — Ergui o rosto. — Não que você deva me considerar um exemplo de moral, sabe.

— Nunca a considerei exemplo de nada, Lou. — Ela sorriu, quase com relutância, quando Sam entrou trazendo uma atadura e uma tesoura.

— Você está bem, Lily? — Ele ergueu as sobrancelhas.

Ela assentiu.

— Ótimo. Vamos mudar o assunto para alguma coisa mais interessante.

Quem está a fim de espaguete à carbonara?

Quando Lily saiu da sala, ele suspirou fundo, depois passou um instante olhando para o teto, como que se acalmando.

— O que foi? — perguntei.

— Graças a Deus você bateu nele primeiro. Acho que eu ia matá-lo.

* * *

Mais tarde, quando Lily já estava na cama, fui atrás de Sam na cozinha. Pela primeira vez em semanas, uma paz pairava na minha casa.

— Ela já está mais feliz. Quer dizer, reclamou da pasta de dente nova e largou as toalhas no chão. Mas, em se tratando de Lily, ela definitivamente está melhor.

Sam concordou com a cabeça e terminou de lavar a louça. Eu gostava de quando ele estava na minha cozinha. Observei-o por um instante, me perguntando como seria me aproximar e colocar os braços em volta da sua cintura.

— Obrigada — falei, em vez disso. — Por tudo.

Ele se virou, enxugando as mãos num pano de prato.

— Você foi muito esperta, boxeadora.

Ele esticou o braço e me puxou para perto. Nós nos beijamos. Os beijos dele eram muito deliciosos, ainda mais quando comparávamos a suavidade deles com a força bruta do resto do seu corpo. Eu me perdi em Sam. Mas…

— O quê? — perguntou ele, recuando. — O que foi?

— Você vai achar estranho.

— Hum, mais esquisito do que esta noite?

— Não paro de pensar no dihypranol. Quanto seria necessário para matar uma pessoa? É uma substância que vocês carregam sempre?

Parece… muito… arriscado.

— Não precisa se preocupar — disse ele.

— Se você acha… Mas e se alguém sentisse um ódio profundo de você?

Poderiam colocar na sua comida? Será que os terroristas conseguem arranjar algumas doses? Quer dizer, de quanto realmente precisariam?

— Lou. Essa droga não existe.

— Como assim?

— Eu inventei. Não existe uma substância chamada dihypranol. É pura invenção. — Ele riu da minha expressão perplexa. — O engraçado é que acho que nunca tive uma droga que funcionasse melhor.

22

Fui a última a chegar no encontro do Grupo Seguindo em Frente. Meu carro não pegava e tive que esperar o ônibus. Quando entrei no salão, haviam acabado de fechar a lata de biscoito, um sinal de que o que interessava estava prestes a começar.

— Hoje vamos falar sobre ter fé no futuro — disse Marc. Sussurrei um pedido de desculpas e me sentei. — Ah, e só temos uma hora por causa de uma reunião de emergência dos Escoteiros. Desculpem por isso, gente.

Marc fitou cada um de nós com seu Olhar Especial de Empatia. Ele era muito bom nisso. Às vezes, ficava me encarando por tanto tempo que eu me perguntava se tinha alguma coisa no meu nariz. Ele baixou os olhos, como se estivesse organizando os pensamentos… ou talvez gostasse de tirar sua frase inicial de um roteiro previamente preparado.

— Quando alguém que amamos é arrancado de nós, quase sempre é muito difícil fazer planos. Às vezes as pessoas sentem que perderam a confiança no futuro, ou se tornam supersticiosas.

— Achei que fosse morrer — confessou Natasha.

— E vai — afirmou William.

— Você não está ajudando, William — disse Marc.

— Não… Para ser sincera, depois que Olaf morreu, fiquei um ano e meio achando que estava com câncer. Acho que fui ao médico umas dez vezes convencida de que estava com câncer. Tumores no cérebro, câncer de pâncreas, de útero, até câncer de dedo mindinho.

— Não existe câncer de dedo mindinho — retrucou William.

— Ah, como você sabe? — questionou Natasha. — Você tem uma resposta inteligente para tudo, William, mas algumas vezes devia ficar de boca fechada, está bem? É muito chato ouvir você fazer um comentário debochado sobre tudo o que alguém fala no grupo. Achei que estivesse com câncer de dedo mindinho. Meu médico me mandou fazer exames, mas no fim das contas eu não tinha. Poderia ter sido um medo irracional, sim, mas você não precisa debochar de tudo o que digo porque, seja lá qual for a sua opinião, você não sabe de tudo, está bem?

Houve um breve silêncio.

— Na verdade — disse William —, trabalho na ala da oncologia.

— Mesmo assim, continua valendo — assegurou ela, após uma fração de segundo. — Você é insuportável. Um criador de caso. Um pé no saco.

— É verdade — concordou ele.

Natasha olhou para o chão. Ou talvez nós todos tenhamos feito isso. Era difícil dizer, considerando que eu estava observando o chão. Ela apoiou o rosto nas mãos por um instante, depois olhou para ele.

— Você não existe, William. Desculpe. Acho que só estou tendo um dia difícil. Não tive intenção de falar com você desse jeito.

— De qualquer forma, não existe câncer de dedo mindinho — insistiu William.

— Então… — começou Marc, enquanto tentávamos fingir que não reparávamos em Natasha xingando baixinho sem parar. — Estou me perguntando se algum de vocês já chegou num ponto em que considera a perspectiva de vida daqui a cinco anos. Onde vocês se veem? O que acha que estarão fazendo? Sentem-se bem ao

imaginar o futuro?

— Estarei feliz se meu velho coração continuar batendo — disse Fred.

— Com a sobrecarga de todo esse sexo virtual? — perguntou Sunil.

— Ai, isso! — exclamou Fred. — Foi um desperdício total de dinheiro. No primeiro site, passei duas semanas trocando e-mails com uma mulher de Lisboa, que era muito gata, por sinal, mas, quando finalmente sugeri que nos encontrássemos para fazer aquilo, ela tentou me vender um condomínio na Flórida. E então um homem chamado Adônis Malhado me mandou uma mensagem particular para me alertar que, na verdade, ela era um porto-riquenho perneta chamado Ramirez.

— E os outros sites, Fred?

— A única mulher que disse que se encontraria comigo parecia minha tia-avó Elsie, que guardava as chaves na calcinha. Quer dizer, ela era muito boazinha e tal, mas era tão velha que quase fiquei tentado a conferir.

— Não desista, Fred — encorajou Marc. — Talvez você esteja procurando nos lugares errados.

— Pelas minhas chaves? Ah, não, essas eu penduro ao lado da porta.

Daphne resolveu que gostaria de se aposentar em outro país dali a alguns anos.

— Faz muito frio aqui. Eu sinto até nas juntas.

Leanne disse que esperava terminar o mestrado em filosofia. Todo mundo se entreolhou, como se na verdade presumíssemos que ela trabalhava num supermercado. Ou talvez num abatedouro. William disse:

— E quais são seus Hobbes?

Ninguém riu, e quando se deu conta de que não tinham achado graça, ele se recostou na cadeira. Talvez eu tenha sido a única que ouviu Natasha murmurando:

— Rá rá, você parece o Nelson de *Os Simpsons.*

A princípio, Sunil não quis falar. Depois disse que tinha pensado sobre o assunto e decidido que dali a cinco anos gostaria de estar casado.

— Sinto como se tivesse me desligado durante esses últimos dois anos.

Como se não quisesse deixar ninguém chegar perto de mim por causa do que aconteceu. Quer dizer, de que adianta se aproximar de uma pessoa se vamos perdê-la? Mas outro dia comecei a pensar sobre o que realmente quero da vida e me dei conta de que quero alguém para amar. Porque temos que seguir em frente, não é? Temos que enxergar algum futuro.

Desde que eu começara a frequentar as reuniões, nunca tinha ouvido Sunil falar tanto.

— Isso foi muito positivo, Sunil — elogiou Marc. — Obrigado por compartilhar.

Ouvi Jake falar sobre ir para a faculdade, que queria muito trabalhar com animação, e me perguntei distraidamente onde estaria o pai dele. Ainda chorando pela esposa falecida? Ou no colo de uma mulher mais nova?

Desconfiei de que minha última hipótese fosse a correta. Então pensei em Sam e me perguntei se minha referência precipitada a um relacionamento havia sido prudente. Fiquei me perguntando se o que tínhamos era um relacionamento. Porque havia relações e relações. E mesmo enquanto eu remoía isso, me dava conta de que, caso ele perguntasse, eu não saberia responder muito bem em que categoria nos encaixávamos. Não pude deixar de questionar se a intensidade da nossa busca por Lily funcionara como uma cola de qualidade ruim, nos unindo depressa demais. O que tínhamos em comum, além de uma queda do telhado?

Dois dias antes, eu havia ido à garagem de ambulâncias esperar Sam, e Donna ficara em pé ao lado do veículo, conversando um pouco comigo enquanto ele pegava suas coisas.

— Não maltrate ele.

Eu me virara, sem ter certeza se a ouvira direito.

Ela observara uma ambulância ser descarregada e depois esfregara o nariz.

— Ele é legal. Para um cabeça oca. E gosta muito de você. — Eu não soube o que dizer. — Ele gosta mesmo. Está sempre falando de você. Sendo que não fala de ninguém. Não conte a ele que eu disse isso. Eu só… Ele é um cara legal. Só queria que você soubesse.

Ela erguera as sobrancelhas para mim e depois balançara a cabeça, como se confirmasse algo para si mesma.

Então Daphne falou e me arrancou das minhas divagações:

— Acabei de notar! Você não está com a roupa de dançarina.

Houve um murmúrio de reconhecimento.

— Foi promovida?

— Ah. Não. Fui demitida.

— Onde você está trabalhando agora?

— Em lugar nenhum. Ainda.

— Mas sua roupa…

Eu estava usando meu vestidinho preto de gola branca.

— Ah. Isso. É só um vestido.

— Achei que estivesse trabalhando num bar temático para secretárias.

Ou talvez para garotas francesas.

— Você não para nunca, Fred?

— Você não entende. Na minha idade, a expressão "use agora ou perca"

ganha certa urgência. E talvez só me restem cerca de vinte ereções.

— Para início de conversa, tem gente aqui que nunca viu vinte ereções.

Fizemos uma pausa para que Fred e Daphne tivessem tempo de parar de rir.

— E o seu futuro? Parece que está tudo mudando para você — disse Marc.

— Bem… Na verdade me ofereceram outro emprego.

— É mesmo?

Houve uma pequena salva de palmas, o que me fez corar.

— Ah, não vou aceitar, mas é legal. Só de terem me oferecido o trabalho, me sinto como se já tivesse seguido em frente.

— E qual era o trabalho? — perguntou William.

— Uma coisa em Nova York.

Todos olharam para mim.

— Você recebeu uma oferta de trabalho em Nova York?

— Recebi.

— Um trabalho remunerado?

— Com acomodação — acrescentei baixinho.

— E você não teria que usar aquele vestido brilhante medonho?

— Não acho que minha roupa seja motivo suficiente para emigrar. — Eu ri, só que ninguém mais achou graça. — Ah, qual é.

Todo mundo me olhava. Leanne estava ligeiramente boquiaberta.

— *Nova York?* Nova York?

— Vocês não sabem a história toda. Não posso ir agora. Tenho que resolver a questão de Lily.

— A filha do seu ex-patrão? — Jake me olhava espantado.

— Bem, ele era mais do que meu patrão. Mas, sim, ela mesma.

— Ela não tem família, Louisa? — Daphne inclinou-se para a frente.

— É complicado.

Todos se entreolharam. Marc colocou o bloco de anotações no colo.

— Quanto você acha que realmente aprendeu com esses encontros, Louisa?

* * *

Eu recebera o pacote de Nova York: vários documentos, formulários de imigração e plano de saúde, e ainda um grosso papel de carta bege em que o Sr. Leonard M. Gopnik me encaminhava uma oferta formal para trabalhar para sua família. Eu tinha me trancado no banheiro para ler, depois reli, converti o salário para libras, suspirei por um instante e prometi a mim mesma que não ia procurar o endereço no Google.

Depois de ter buscado o endereço no Google, resisti à vontade passageira de me deitar no chão em posição fetal. Então me recompus, me levantei, dei descarga (para o caso de Lily ter se perguntado o que eu estava fazendo ali), lavei as mãos (por força do hábito) e levei tudo para o meu quarto, enfiei na gaveta embaixo da cama e disse a mim mesma que nunca voltaria a olhar para aquilo.

Naquela noite, ela bateu à porta do meu quarto pouco antes da meia-noite.

— Posso ficar aqui? Não queria voltar para minha mãe.

— Pode ficar o tempo que quiser.

Ela se deitou do outro lado da cama e se encolheu toda. Observei-a adormecer, depois a cobri com o edredom.

A filha de Will precisava de mim. Era simples assim. E, apesar do que minha irmã dissera, eu tinha, sim, uma dívida com ele. Dessa forma, eu sentia que não havia sido uma completa inútil. Ainda podia fazer alguma coisa por ele.

E aquele envelope provava que eu era alguém capaz de arranjar um trabalho decente. Isso era progresso. Eu tinha amigos, e até uma espécie de namorado. O que também era um progresso.

Ignorei as chamadas perdidas de Nathan e apaguei as mensagens que ele havia deixado na caixa postal. Eu explicaria tudo para ele em um ou dois dias. Talvez isso não fosse um plano, mas, no momento, era o que eu tinha de mais parecido com um.

* * *

Sam devia chegar pouco depois de mim na terça. Ele mandou uma mensagem às sete para dizer que ia se atrasar. Enviou outra às oito e quinze, avisando que não sabia a que horas conseguiria chegar. Eu tinha passado o dia inteiro desanimada, lutando com a prostração que surge quando não precisamos ir trabalhar, as preocupações com as contas para pagar, e presa num apartamento com uma pessoa que também não tinha para onde ir e que eu não pretendia deixar sozinha. Às nove e meia, o interfone tocou. Sam estava lá embaixo, ainda de uniforme. Deixei-o entrar e fui para o corredor depois de fechar a porta do apartamento. Ele surgiu na escada e andou na minha direção, cabisbaixo. Estava exausto e passava uma energia estranha, perturbada.

— Achei que você não viesse. O que aconteceu? Você está bem?

— Fui chamado para comparecer perante a comissão disciplinar.

— Como assim?

— Outra equipe viu meu carro lá embaixo na noite em que encontramos Garside. Contaram para a controladoria e não consegui dar uma boa desculpa sobre o porquê de estarmos atendendo a algum caso que não estava no sistema.

— O que aconteceu, então?

— Inventei uma história, disse que alguém tinha vindo correndo e pedido nossa ajuda. Mas que, no fim das contas, tinha sido um trote. Donna me apoiou, graças a Deus, só que eles não ficaram satisfeitos.

— Não é tão ruim assim, é?

— E uma das enfermeiras da emergência perguntou a Lily de onde ela me conhecia. E ela respondeu que eu tinha lhe dado carona de uma boate para casa.

Levei a mão à boca.

— E o que isso significa?

— O sindicato está discutindo meu caso. Mas, se decidirem contra mim, serei suspenso. Ou algo pior.

Uma ruga profunda surgira na sua testa.

— Por nossa causa… Desculpe, Sam.

Ele balançou a cabeça.

— Ela não tinha como saber.

Eu estava prestes a dar um passo à frente e abraçá-lo, encostar minha testa na dele. Mas algo me conteve: uma imagem súbita e espontânea de Will virando a cabeça para o outro lado, inatingível em sua infelicidade.

Hesitei, então estendi a mão e toquei o braço de Sam um segundo tarde demais. Ele olhou para minha mão, franzindo ligeiramente a testa, e tive a sensação desconcertante de que ele sabia o que havia acabado de passar pela minha cabeça.

— Sempre há a opção de largar o emprego e criar suas galinhas.

Construir sua casa. — Percebi que minha voz saiu forçada. — Há alternativas! Um homem como você… poderia fazer qualquer coisa!

Ele deu um meio sorriso que não chegou a iluminar seus olhos.

Continuou observando minha mão.

Permanecemos assim por mais um instante desconfortável.

— É melhor eu ir. Ah — disse ele, indicando um embrulho. — Alguém deixou isto lá embaixo. Achei que não ia durar muito na sua portaria.

— Entre, por favor. — Peguei o embrulho da mão dele, com a sensação de tê-lo decepcionado. — Me deixe cozinhar mal para você. Venha.

— É melhor eu ir para casa.

Ele saiu andando pelo corredor antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa.

* * *

Da janela, observei-o ir embora, voltando rigidamente para a moto, e senti uma nuvem fugaz passar outra vez sobre mim. *Não se aproxime muito.*

Depois me lembrei do conselho de Marc no fim do último encontro: *Entenda que seu cérebro desconsolado e ansioso está apenas respondendo a picos de cortisol. É perfeitamente natural ter medo de se aproximar de alguém.* Alguns dias parecia haver dois anunciantes, um de cada lado da minha cabeça, discutindo sem parar.

Na sala, Lily desviou o olhar da televisão.

— Era o Sam da ambulância?

— Era.

Ela voltou-se para a televisão. Depois o embrulho chamou sua atenção.

— O que é isso?

— Ah. Estava na portaria. É para você.

Ela olhou desconfiada para aquilo, como se continuasse preparada para receber surpresas desagradáveis. Então abriu a embalagem, revelando um álbum de fotos com capa de couro, com a inscrição "Para Lily (Traynor)"

gravada em relevo.

Ela abriu lentamente o álbum, e logo na primeira página, coberta com papel fino, havia a foto em preto e branco de um bebê. Embaixo, a legenda manuscrita:

Seu pai pesava 4,6kg. Fiquei muito brava com ele por ser tão grande, pois tinham me falado que eu teria um pequerrucho lindo! Ele foi um bebê muito emburrado e não me deu sossego durante meses. Mas quando sorria... Ah! Velhinhas atravessavam a rua só para apertar as bochechas dele (e ele odiava, é claro).

Eu me sentei ao lado de Lily. Ela passou duas páginas e lá estava Will, de uniforme e boné azul-celeste da pré-escola, franzindo a testa para a câmera. A legenda embaixo dizia:

Will odiava tanto esse boné da escola que o escondia embaixo da cama do cachorro. O segundo, ele "perdeu" num lago. Na terceira vez, o pai ameaçou

cortar a mesada dele, mas Will simplesmente vendeu figurinhas de futebol para ter dinheiro de novo. Nem a escola conseguia fazê-lo usar o boné... Acho que ele ficou de castigo todas as semanas até os treze anos.

Lily tocou o rosto dele na foto.

— Eu parecia com ele quando era pequena.

— Bem, é seu pai.

Ela se permitiu dar um sorrisinho, depois passou para a página seguinte.

— Olhe. Olhe essa.

Na foto seguinte, ele sorria para a câmera. Era a mesma foto de férias na neve que havia em seu quarto quando nos conhecemos. Olhei para seu belo rosto e fui tomada por uma tristeza familiar. E então, inesperadamente, Lily começou a rir.

— Olhe! Olhe essa!

Will, com o rosto coberto de lama após um jogo de rúgbi, outra em que estava fantasiado de diabo, pulando um monte de feno. Havia uma página só com besteiras: Will brincalhão, risonho. Pensei na folha datilografada que Marc me entregara depois que faltei à Semana da Idealização: *É*

importante não transformar os mortos em santos. Ninguém consegue andar à sombra de um santo.

Eu queria que você visse seu pai antes do acidente. Ele era muito ambicioso e profissional, sim, mas também me lembro de quando ele ria tanto que chegava a cair da cadeira, ou dançava com o cachorro, ou voltava para casa todo machucado depois de ter feito algo ridículo. Uma vez, ele enfiou a cabeça da irmã num pavê (foto ao lado), porque ela tinha dito que ele não seria capaz de fazer isso. Quis ficar zangada com ele, porque eu tinha demorado séculos para fazer o pavê, mas não dava para ficar muito tempo brava com Will.

Não, não dava. Lily folheou as outras fotos, todas com legendas. Aquele Will das páginas não era uma nota de duas linhas num jornal, um obituário meticuloso, uma foto solene ilustrando uma história triste num longo debate jurídico. Era um homem com vida, tridimensional. Observei cada imagem, percebendo vagamente toda vez que um nó se formava em minha garganta e era superado.

Um cartão caiu no chão. Peguei-o e olhei a mensagem de duas linhas.

— Ela quer ver você. — Lily mal conseguia desviar os olhos do álbum. —

O que acha, Lily? Você topa?

Ela custou um pouco a me ouvir.

— Acho que não. Quer dizer, é simpático, mas…

O clima mudou. Ela fechou o álbum, colocou-o com cuidado ao seu lado no sofá e voltou-se para a televisão. Alguns minutos depois, sem dizer uma palavra, se aproximou de mim no sofá e apoiou a cabeça no meu ombro.

Nessa noite, depois que Lily foi se deitar, mandei um e-mail para Nathan.

Sinto muito. Não vou poder aceitar o trabalho. É uma longa história, mas a filha de Will está morando aqui em casa e tem acontecido muita coisa, então não posso ir embora e deixá-la para trás. Tenho que fazer o que é certo. Tentarei explicar em poucas palavras…

Terminei com:

Obrigada por pensar em mim.

Mandei um e-mail para o Sr. Gopnik, agradecendo a oferta e dizendo que, devido a uma mudança na minha situação, eu sentia muito, mas não poderia aceitar o trabalho. Eu queria escrever mais, só que meu estômago embrulhado parecia ter exaurido toda a energia da ponta dos meus dedos.

Esperei uma hora, mas nenhum dos dois me respondeu. Quando voltei para a sala vazia a fim de apagar as luzes, o álbum de fotos não estava mais lá.

23

— Ora, ora… se não é a funcionária do ano.

Deixei no balcão a sacola com o uniforme e a peruca. As mesas do Shamrock and Clover já estavam cheias na hora do café da manhã. Um empresário quarentão e robusto, cuja cabeça pendente sugeria que tinha começado a pegar pesado logo cedo, me observou com olhos aturdidos, o copo aninhado nas mãos gordas. Vera estava nos fundos, tirando, irritada, as mesas e os pés das pessoas do lugar para varrer como se estivesse caçando ratos.

Eu estava usando uma camisa masculina azul — tinha chegado à conclusão de que era mais fácil se sentir confiante com roupas de homem

— e observei, distraidamente, que era quase do mesmo tom da que Richard vestia.

— Richard… eu queria conversar com você sobre o que aconteceu semana passada.

À nossa volta, metade dos passageiros do aeroporto aproveitava o feriado bancário. Havia menos gente de terno que o normal, além de várias crianças pequenas chorando. Atrás da caixa, uma nova faixa anunciava a oferta: “Comece bem sua viagem! Café, croissant e uma dose!” Concentrado, com a testa franzida, Richard andava energicamente pelo bar, colocando numa bandeja xícaras recém-servidas de café e barrinhas de cereal ainda embaladas.

— Não se preocupe. O uniforme está limpo?

Ele alcançou a sacola ao meu lado e puxou o vestido verde. Observou-o cuidadosamente sob a luz, fazendo uma careta, como se estivesse preparado para detectar marcas indesejáveis. Eu estava esperando que ele fosse cheirá-lo.

— Claro que está limpo.

— Mas você sabe que precisa realmente estar em condições de ser usado por uma nova funcionária.

— Foi lavado ontem — falei secamente.

De repente notei que estava tocando uma nova versão de *Gaitas Celtas.*

Com menos cordas de harpa e um som de gaita mais forte.

— Certo. Tem uma papelada lá nos fundos que você precisa assinar. Vou buscar e você pode fazer isso aqui. E então acabou.

— A gente não podia simplesmente fazer isso em algum lugar um pouco mais… privado?

Richard Percival não olhou para mim.

— Estou muito ocupado, sinto muito. Tenho mil coisas para fazer e só tem eu da equipe aqui hoje. — Ele passou alvoroçado por mim, com excesso de diligência, contando em voz alta os sacos remanescentes de salgadinho de camarão pendurados ao lado dos dosadores. — Seis… sete…

Vera, pode servir aquele cavalheiro ali, por favor?

— Sim, bem, é sobre isso que eu gostaria de conversar. Queria saber se tem algum jeito de você…

— Oito… Nove… A peruca.

— O quê?

— Cadê a peruca?

— Ah. Aqui.

Tirei-a da sacola. Eu a escovara antes de guardá-la em um saco separado.

A peruca, que mais parecia a sobra da pelugem loura de um animal atropelado na estrada, estava prestes a fazer a cabeça de outra pessoa coçar.

— Você a lavou?

— A peruca?

— Sim. É anti-higiênico outra pessoa usá-la sem que tenha sido lavada antes.

— Ela é feita de fibras sintéticas mais baratas do que uma Barbie em promoção. Achei que fosse se desfazer na máquina de lavar.

— Se não estiver em condições de ser usada por um futuro membro da equipe, terei que cobrar reposição.

Fiquei olhando para ele.

— Vai me cobrar pela peruca?

Ele a segurou no alto, depois a guardou de volta na sacola.

— Vinte e oito libras e quarenta. E é claro que lhe darei um recibo.

— Ai, meu Deus. Você vai mesmo me cobrar pela peruca.

Dei risada. Fiquei parada no meio do aeroporto lotado, enquanto os aviões decolavam, e pensei em como tinha sido a minha vida durante o tempo que passei trabalhando para aquele homem. Tirei a carteira do bolso.

— Ótimo — falei. — Vinte e oito libras e quarenta, não é? Vou lhe dizer uma coisa: vou arredondar para trinta, sabe, para incluir as despesas administrativas.

— Não precisa…

Contei as notas e usei-as para bater no balcão do bar na frente dele.

— Sabe de uma coisa, Richard? Gosto de trabalhar. Se enxergasse além das suas malditas metas por cinco minutos, você teria percebido que eu era uma pessoa que realmente queria fazer um bom trabalho. Eu me esforçava.

Usava seu uniforme horrendo, mesmo que deixasse meu cabelo cheio de frizz e incentivasse as criancinhas a dançar atrás de mim na rua. Eu fazia tudo o que você pedia, inclusive limpar os banheiros masculinos, o que tenho quase certeza de que não constava no meu contrato, e, de acordo com a atual legislação trabalhista, certamente eu deveria pelo menos receber um traje para manusear os produtos químicos. Dobrei turnos para substituir colegas enquanto você procurava novos garçons depois de ter afastado todos os funcionários que já passaram por essa porta. E ainda vendi mais caro seus miseráveis amendoins torrados, apesar de terem cheiro de pum.

“Mas não sou um robô. Sou humana e tenho uma vida. E só por um tempo tive que lidar com responsabilidades que não me permitiram ser a funcionária que você, ou eu, gostaria. Vim aqui hoje pedir meu emprego de volta… Na verdade, implorar meu emprego de volta, porque continuo tendo responsabilidades e quero trabalhar. *Preciso* de um trabalho. Mas acabei de perceber que não quero este. Prefiro trabalhar de graça do que ter que passar mais um dia ouvindo flauta de pan neste bar horrível que destrói nossa alma. Prefiro limpar banheiros *de graça* do que ter que trabalhar mais um dia para você. Então, obrigada, Richard. Você me fez tomar minha primeira decisão positiva em muito tempo.

Enfiei a carteira de volta na bolsa, entreguei a peruca para ele e segui para a saída.

— Enfie esse trabalho e esses amendoins bem naquele lugar. — Dei meia-volta. — Ah, e sabe essa coisa que você faz no cabelo? Com todo esse gel e esse negócio no alto todo arrumadinho? É medonho. Você fica parecendo o Action Man.

O empresário se empertigou no banco do bar e aplaudiu. Richard levou involuntariamente a mão ao cabelo. Olhei para o cliente e depois para meu ex-chefe.

— Aliás, esqueça a última parte. Foi pura maldade.

E fui embora. Eu estava andando pelo saguão, com o coração ainda acelerado,

quando o ouvi:

— *Louisa! Louisa!*

Richard meio que andava, meio que corria atrás de mim. Pensei em ignorá-lo, mas acabei parando ao lado da perfumaria.

— O que foi? — perguntei. — Deixei cair uma migalha de amendoim?

Ele parou, bufando um pouco. Ficou um instante observando a vitrine da loja, como se estivesse pensando. Em seguida me encarou.

— Você tem razão. Está bem? Você tem razão. — Fiquei olhando para ele.

— O Shamrock and Clover… é um lugar horrível. E sei que não tenho sido o melhor dos chefes. Mas tudo o que posso dizer é que cada ordem infeliz que dou é porque a direção está me pressionando dez vezes mais. Minha mulher me odeia, pois nunca estou em casa. Os fornecedores me detestam porque tenho que cortar as margens deles toda maldita semana por causa da pressão dos acionistas. Meu gerente regional fala que meu rendimento em unidades vendidas é baixo e, se eu não resolver esse problema, serei mandado para a filial da estação de balsas do País de Gales. Se isso acontecer, minha mulher vai me deixar de vez. E não vou culpá-la.

“Odeio gerir pessoas. Tenho as mesmas habilidades sociais que um poste, por isso sempre afasto todo mundo. Vera só continua aqui porque é durona e desconfio de que, no fundo, está querendo o meu cargo. Então… desculpe.

Eu realmente gostaria que aceitasse seu trabalho de volta, porque, não importa o que falei antes, você era muito boa. Os clientes gostavam de você.

Ele suspirou e olhou para as pessoas à nossa volta.

— Mas quer saber de uma coisa, Louisa? Você devia sair enquanto pode.

É inteligente, esforçada. Podia arranjar coisa muito melhor do que isso aqui. Se eu não estivesse enrolado com uma hipoteca que mal consigo pagar, um bebê a caminho e prestações não pagas de um maldito Honda Civic que me faz sentir com cento e vinte anos, pode acreditar que eu estaria decolando daqui mais depressa do que qualquer um desses aviões.

— Ele me entregou um contracheque. — É o pagamento das suas férias.

Agora vá. Estou falando sério, Louisa, dê o fora daqui.

Olhei para o pequeno envelope pardo na minha mão. Ao nosso redor, os passageiros andavam devagar, parando diante das vitrines das lojas, procurando onde guardaram os passaportes, alheios ao que acontecia por ali. Mas eu já estava cansada de saber o que ocorreria em seguida.

— Richard? Obrigada por isso tudo, mas… ainda posso aceitar o emprego de volta? Mesmo que seja só por um tempo? Estou mesmo precisando.

Ele pareceu não acreditar no que eu estava dizendo. Então suspirou.

— Seria um grande alívio se você pudesse ficar alguns meses. Estou num beco sem saída aqui. Na verdade, se puder começar agora, eu iria no atacadista buscar os novos porta-copos.

Trocamos de papel. Uma pequena valsa de desapontamento mútuo.

— Vou ligar para casa — falei.

— Ah. Aqui — disse ele. Ficamos nos encarando por mais um tempo, até que ele me entregou a sacola com o meu uniforme. — Acho que vai precisar disso.

* * *

Richard e eu entramos numa rotina. Ele me tratava com um pouco mais de consideração e só me pedia para limpar o banheiro masculino nos dias em que Noah, o novo faxineiro, não aparecia. Ele também não fazia nenhum comentário sobre eu estar conversando demais com os clientes (ainda que ele parecesse, sim, um pouco aflito). Por outro lado, eu era alegre, pontual e tomava o cuidado de vender os produtos mais caros quando dava. Passei a sentir uma estranha responsabilidade pela pressão que Richard sofria.

Um dia, ele me levou para um canto e disse que, embora talvez ainda fosse um pouco cedo, a direção lhe dissera que queriam promover um dos funcionários ao cargo de assistente de gerente, e, se as coisas continuassem daquele jeito, ele pretendia me indicar. ("Não posso correr o risco de promover Vera. Ela colocaria desinfetante no meu chá para pegar meu emprego.") Agradeci e tentei parecer mais feliz do que realmente estava.

* * *

Nesse meio-tempo, Lily pediu emprego a Samir. Ele disse que aceitaria fazer um teste de meio expediente se ela aceitasse não receber nada durante esse pequeno período de experiência. Entreguei-lhe um café às sete e meia e a fiz sair de casa

arrumada e a tempo para começar às oito.

Quando voltei do trabalho naquela noite, aparentemente ela havia conseguido a vaga, ainda que por duas libras e setenta e três a hora. Depois descobri que esse era o mínimo permitido por lei que Samir poderia pagar.

Ela passara a maior parte do dia mudando caixotes de lugar no depósito dos fundos e colocando o preço em latas com uma etiquetadora antiga, enquanto Samir e o primo assistiam a um jogo de futebol no iPad. Ela estava toda suja e exausta, mas curiosamente feliz.

— Se eu durar um mês, ele disse que vai considerar me deixar trabalhar como caixa.

* * *

Mudei de turno, então quinta à tarde fomos à casa dos pais de Lily em St.

John's Wood. Fiquei esperando no carro enquanto Lily entrava para pegar mais roupas e a gravura do Kandinsky que ela jurara que ficaria ótima no meu apartamento. Saiu vinte minutos depois, furiosa e de cara amarrada.

Tanya apareceu na varanda com os braços cruzados, observando em silêncio a filha abrir o porta-malas e jogar lá dentro uma sacola e, com mais cuidado, a gravura. Depois Lily se sentou no banco do carona e ficou olhando fixo para a rua deserta. Quando Tanya fechou a porta, havia uma pequena possibilidade de que ela estivesse enxugando lágrimas nos olhos.

Enfiei a chave na ignição.

— Quando eu crescer, não vou ser *nem um pouco* parecida com minha mãe — disse Lily, e talvez ninguém além de mim teria conseguido notar o leve tremor em sua voz.

Esperei um instante, depois liguei o carro e voltamos em silêncio para o meu apartamento.

Está a fim de ir ao cinema hoje à noite? Eu poderia dar uma fugida.

Acho que não devia deixar Lily sozinha.

Quer levar ela?

Melhor não. Desculpe, Sam. Bj.

* * *

Naquela noite, encontrei Lily na escada de incêndio. Ela ergueu os olhos ao ouvir a janela se abrindo e acenou a mão com um cigarro.

— Achei que não era muito legal continuar fumando no seu apartamento, considerando que você não fuma.

Coloquei um calço na janela para deixá-la aberta, pulei com cuidado para o lado de fora e me sentei nos degraus de ferro ao lado dela. Lá embaixo, os carros estacionados ferviam sob o calor de agosto, o cheiro de asfalto quente subia no ar parado. Um carro com a capota aberta vibrava com o baixo da música que tocava. O ferro dos degraus conservava o calor acumulado de um mês de tardes ensolaradas. Eu me recostei, fechando os olhos.

— Achei que tudo daria certo — disse Lily.

Abri os olhos.

— Achei que se eu conseguisse me livrar de Peter, todos os meus problemas estariam resolvidos. Pensei que se eu conseguisse encontrar meu pai, eu sentiria que pertencia a algum lugar. Agora Peter foi embora, Garside também, já sei sobre meu pai e tenho você. Mas nada é como eu esperava.

Eu estava prestes a lhe dizer para não ser boba. Ia ressaltar que ela havia progredido muito em pouco tempo, que conseguiu seu primeiro emprego, tinha perspectivas, um futuro brilhante… As respostas adultas comuns. Mas me pareceram estereotipadas e paternalistas.

No fim da rua, havia alguns executivos amontoados em volta de uma mesa de metal ao lado da porta dos fundos do pub. Mais tarde, o local ficaria cheio de hipsters e desgarrados da City ocupando a calçada com bebidas nas mãos, e seus gritos roucos entrariam pela minha janela aberta.

— Entendo o que quer dizer — falei. — Desde que seu pai morreu espero me sentir normal de novo. No fundo, me sinto fazendo tudo no automático.

Continuo num emprego de merda. Ainda moro neste apartamento, mas acho que nunca vou me sentir em casa aqui. Tive uma experiência de quase morte, mas não posso dizer que isso me deu sabedoria ou gratidão pela vida nem nada. Frequento um grupo de terapia de luto cheio de gente tão atordoada quanto eu. Mas, no fim das contas, não fiz nada da vida.

Lily pensou no que falei.

— Você me ajudou.

— É a isso que me prendo na maioria dos dias.

— E você tem um namorado.

— Ele não é meu namorado.

— Está bem, Louisa.

Observamos o tráfego seguir em direção à City. Lily deu uma última tragada no cigarro e o apagou no degrau de ferro.

— Esse é meu próximo objetivo — falei.

Ela teve a gentileza de parecer um pouco culpada.

— Eu sei. Vou parar. Prometo.

Do outro lado dos telhados, o sol começara a se pôr e seu brilho laranja era difundido pelo ar cinza-chumbo da City ao anoitecer.

— Sabe, Lily, talvez algumas coisas simplesmente demorem mais que outras. Mas acho que vamos chegar lá.

Ela passou o braço pelo meu e apoiou a cabeça no meu ombro. Assistimos ao suave pôr do sol e observamos as sombras se esticando na nossa direção. Imaginei a silhueta de Nova York e me dei conta de que ninguém é realmente livre. Talvez toda liberdade — física e pessoal — só viesse às custas de outra pessoa ou outra coisa.

O sol desapareceu e o céu laranja começou a ficar azul-petróleo. Ficamos de pé, Lily desamassou a saia e depois olhou para o maço em sua mão.

Puxou bruscamente os cigarros que restavam lá de dentro, partiu-os ao meio e jogou-os para o alto, como confete de tabaco e papel branco. Olhou para mim triunfante e ergueu a mão.

— Pronto. Sou oficialmente uma não fumante.

— Assim do nada?

— Por que não? Você disse que poderia levar mais tempo do que pensávamos.

Bem, esse é meu primeiro passo. Qual é o seu?

— Ai, meu Deus. Talvez eu convença Richard a me deixar não usar mais aquela peruca de náilon terrível.

— Esse seria um ótimo primeiro passo. Seria bom não levar um choque ao tocar cada maçaneta do seu apartamento.

O sorriso dela era contagiante. Peguei o maço de cigarro vazio da sua mão, antes que ela também jogasse no carro estacionado lá embaixo, e recuei para que ela pudesse pular a janela. Lily parou e se virou para mim, como se de repente tivesse pensado em alguma coisa.

— Sabe, se apaixonar por alguém não significa que você amou menos o meu pai. Não precisa ficar triste para continuar ligada a ele. — Olhei para ela. — É só uma ideia.

Lily deu de ombros e passou pela janela.

* * *

Quando acordei no dia seguinte, vi que ela já tinha ido para o trabalho. Lily deixara um bilhete para avisar que traria pão para casa na hora do almoço, pois estávamos com pouca comida. Bebi café, comi alguma coisa e calcei o tênis para dar uma caminhada (Marc disse que "exercício faz tão bem ao espírito quanto ao corpo!"), mas então meu celular tocou. Era um número desconhecido.

— Alô!

Demorei um minuto para reconhecer.

— Mãe?

— Olhe pela janela!

Atravessei a sala e dei uma olhada lá fora. Minha mãe estava acenando vigorosamente da calçada.

— O que… o que está fazendo aqui? Cadê meu pai?

— Em casa.

— Vovô está bem?

— Vovô está ótimo.

— Mas você nunca vem sozinha para Londres. Nem passa do posto de gasolina sem meu pai vindo logo atrás.

— Bem, já estava na hora de mudar, não é? Posso subir? Não quero gastar todos os minutos do meu celular novo.

Abri o portão para ela e fui até a sala, retirando de vista o pior da louça da noite anterior. Quando ela chegou à porta, eu estava ali em pé de braços abertos, pronta para recebê-la.

Minha mãe estava usando seu melhor casaco, uma bolsa a tiracolo ("Desse jeito é mais difícil os ladrões levarem") e tinha feito um penteado ondulado no cabelo. Estava sorrindo radiante, os lábios cuidadosamente contornados com batom coral, e segurava o guia com mapas da família, cuja edição datava de 1983.

— Não acredito que você veio sozinha.

— Não é maravilhoso? Na verdade, estou bem atordoada. Eu disse a um rapaz no metrô que era a primeira vez em trinta anos que eu estava ali sem que tivesse alguém segurando minha mão, e ele se afastou quatro bancos de mim no vagão. Quase morri de rir. Pode colocar a chaleira no fogo? —

Ela se sentou, tirando o casaco, e observou as paredes em volta. — Olhe só.

Verde é… interessante.

— Escolha de Lily. — Por um instante me perguntei se a chegada dela era alguma brincadeira e papai estivesse prestes a entrar pela porta, rindo de como eu era boba por ter acreditado que Josie iria a algum lugar sozinha.

Coloquei uma caneca na frente dela. — Não estou entendendo. Por que você veio sem meu pai?

Ela tomou um gole do chá.

— Ah, está ótimo. Você sempre fez o melhor chá. — Ela deixou a caneca na mesa, mas antes colocou cuidadosamente um livro por baixo. — Bem, acordei esta manhã e pensei em tudo que tinha que fazer: lavar a roupa, limpar as janelas dos fundos, trocar a roupa de cama do vovô, comprar pasta de dente, e de repente pensei: não, não posso fazer isso. Não vou desperdiçar um sábado maravilhoso fazendo a mesma coisa que faço há trinta anos. Vou viver uma aventura.

— Uma aventura.

— Então pensei que a gente podia ver um espetáculo.

— Um espetáculo.

— É. Um espetáculo. Louisa, você virou papagaio? A Sra. Cousins da seguradora disse que tem um quiosque na Leicester Square em que dá para comprar ingressos baratos no mesmo dia para espetáculos que não lotaram ainda. Queria saber se você gostaria de ir comigo.

— E Treena?

Minha mãe fez um gesto com a mão.

— Ah, ela estava ocupada. Então, o que acha? Vamos ver se conseguimos arranjar alguns ingressos?

— Tenho que avisar Lily.

— Então avise logo. Vou terminar meu chá, você pode dar um jeito nesse seu cabelo e a gente sai. Tenho um cartão de metrô de um dia! Talvez eu passe o dia inteiro apenas entrando e saindo do metrô!

* * *

Compramos ingressos pela metade do preço para *Billy Elliot*. Era isso ou uma tragédia russa, e minha mãe disse que achava os russos esquisitos desde que alguém lhe dera uma sopa de beterraba fria e tentara enganá-la que era assim que comiam na Rússia.

Ela passou o espetáculo inteiro em êxtase ao meu lado, me cutucando e sussurrando de vez em quando:

— Eu me lembro dessa greve dos mineiros, Louisa. Foi muito difícil para aquelas pobres famílias. Margaret Thatcher! Lembra-se dela? Ah, foi uma mulher terrível. Mas estava sempre com uma bolsa bonita.

Quando o jovem Billy voou no ar, aparentemente impulsionado por suas ambições, ela chorou baixinho, limpando o nariz com um lenço branco.

Observei a professora de balé do garoto, a Sra. Wilkinson, uma mulher cujas ambições nunca a levaram além dos confins da cidade, e tentei não buscar

nenhuma semelhança com a minha vida. Eu tinha um emprego e uma espécie de namorado e estava num teatro do West End numa tarde de sábado. Somei essas coisas como se fossem pequenas vitórias contra algum inimigo que eu não conseguia identificar muito bem.

Deslumbradas e emocionalmente exauridas, saímos na claridade da tarde.

— Bem — disse minha mãe, segurando firme a bolsa embaixo do braço (alguns hábitos são difíceis de perder). — Chá num hotel. Venha. Vamos esticar o programa.

Não conseguimos entrar em nenhum dos hotéis imponentes, mas encontramos um bem simpático perto do Hotel Haymarket, que tinha uma seleção de chás aprovada por minha mãe. Ela pediu uma mesa no meio do salão e ficou ali comentando sobre cada um que entrava, reparando no vestido, se parecia estrangeira, na falta de sabedoria dessas pessoas por trazerem crianças pequenas ou cachorrinhos que mais pareciam ratos.

— Bem, olhe só para a gente! — exclamava ela sempre que eu ficava calada. — Isso não está sendo ótimo?

Pedimos chá English Breakfast (Minha mãe: "Essas são palavras elegantes para chá normal, não são? Não tem nenhum daqueles sabores esquisitos?") e o "Prato Sofisticado do Chá da Tarde" e comemos pequenos sanduíches de pão sem casca, pãezinhos que não eram tão bons quanto os que mamãe fazia e bolos com folha dourada. Ela passou meia hora falando sobre *Billy Elliot*, que achava que devíamos fazer isso mais ou menos uma vez por mês e que apostava que meu pai ia adorar se a gente conseguisse trazê-lo.

— Como está meu pai?

— Ah, está bem. Você conhece seu pai.

Eu queria fazer uma pergunta, mas estava com muito medo. Quando ergui os olhos, ela me lançou um olhar penetrante.

— E, não, Louisa, não estou depilando as pernas. E, não, ele não está feliz.

Mas tem coisas mais importantes na vida.

— O que ele disse sobre você vir aqui hoje?

Ela riu com desdém e depois disfarçou com um pequeno acesso de tosse.

— Ele não acreditou que eu realmente viria. Contei quando fui levar o chá dele de manhã, e ele começou a rir. Para falar a verdade, isso me irritou tanto que troquei de roupa e saí.

Meus olhos se arregalaram.

— Você não contou para o meu pai?

— Eu já tinha contado. Ele está me mandando mensagens o dia inteiro, esse bobo.

Ela deu uma olhada na tela, depois guardou o telefone com cuidado no bolso.

Fiquei observando-a colocar delicadamente com o garfo outro pãozinho no seu prato. Ela fechou os olhos de prazer enquanto dava uma mordida.

— Isso está maravilhoso.

Engoli em seco.

— Mãe, vocês não vão se divorciar, vão?

Ela arregalou os olhos.

— Divorciar? Sou uma boa católica, Louisa. Não nos divorciamos. Apenas fazemos nossos homens sofrerem para todo o sempre!

* * *

Paguei a conta e fomos ao toalete, que era um espaço cavernoso com mármore marrom e flores caras supervisionado por uma funcionária calada que ficava em pé ao lado das pias. Minha mãe lavou duas vezes as mãos, meticulosamente, depois sentiu o cheiro dos diversos hidratantes enfileirados na pia, fazendo diferentes expressões no espelho caso tivesse gostado ou não.

— Eu não deveria dizer isso, considerando minha oposição ao patriarcado e tal, mas eu queria, sim, que uma de vocês tivesse um homem bom.

— Conheci uma pessoa — falei, sem perceber.

Ela se virou para mim com um vidro de hidratante na mão.

— Jura?

— Ele é paramédico.

— Bem, isso é o máximo. Um paramédico! É quase tão útil quanto um bombeiro. E quando vamos conhecê-lo?

Hesitei.

— Conhecê-lo? Não sei se é…

— Se é o quê?

— Bem. Quer dizer, é cedo. Não tenho certeza se é esse tipo de…

Minha mãe abriu o batom e olhou para o espelho.

— Você está dizendo que é só sexo?

— Mãe! — Olhei para a funcionária.

— Bem, o que você quer dizer, então?

— Eu não tenho certeza se já estou pronta para um relacionamento de verdade.

— Por quê? O que mais está acontecendo com você? Esses ovários não vão no freezer, sabe.

— Aliás, por que Treena não veio? — perguntei, mudando depressa de assunto.

— Ela não conseguiu encontrar uma babá para ficar com Thom.

— Você disse que ela estava ocupada.

Os olhos da minha mãe se fixaram no meu reflexo. Ela contraiu os lábios e guardou bruscamente o batom na bolsa.

— Ela parece estar um pouco brava com você, Louisa. — Minha mãe acionou sua Visão Raio X Maternal. — Vocês brigaram?

— Não sei por que ela sempre tem que dar palpites sobre tudo o que faço.

— Ouvi minha própria voz sair com o tom emburrado de uma criança de doze anos.

Minha mãe olhou fixo para mim.

Então contei para ela. Eu me sentei na pia de mármore e mamãe se acomodou

na poltrona. Em seguida falei sobre a oferta de emprego e por que eu não podia aceitar, pois tínhamos perdido Lily e a encontrado novamente, e o comportamento dela estava melhorando.

— Já combinei outro encontro entre a Sra. Traynor e ela. Então estamos progredindo. Treena simplesmente não me escuta, mas se Thom estivesse enfrentando metade dessas coisas, ela seria a primeira a dizer que não podia deixá-lo.

Fiquei mais aliviada ao contar para minha mãe. Ela, mais do que ninguém, entenderia o peso da responsabilidade.

— É por isso que ela não está falando comigo.

Minha mãe me encarava.

— Jesus, Maria, José, você perdeu o juízo?

— O quê?

— Um emprego em Nova York com tudo o que tem direito e você continua aqui, trabalhando naquele lugar medonho no aeroporto? Você ouviu isso? — Ela se virou para a funcionária. — Não consigo acreditar que ela seja minha filha. Juro por Deus que não entendo o que aconteceu com o cérebro dela.

A funcionária balançou a cabeça devagar.

— Não adianta — disse a mulher.

— Mãe! Estou fazendo a coisa certa!

— Para quem?

— Para Lily!

— Acha que ninguém, a não ser você, poderia ter ajudado essa garota?

Bem, você perguntou a esse seu colega em Nova York se poderia adiar a oferta de emprego por algumas semanas?

— Não é esse tipo de emprego.

— Como você sabe? Quem não chora não mama. Não é verdade?

A funcionária assentiu.

— Ah, nossa. Só de pensar nisso…

A mulher entregou uma toalha de mão para a minha mãe, que a usou para abanar vigorosamente o pescoço.

— Escute aqui, Louisa. Tenho uma filha brilhante presa em casa por estar sobrecarregada de responsabilidades depois de fazer uma escolha errada no passado. Não que eu não ame Thom, mas vou lhe dizer que fico com vontade de chorar quando penso no que Treena poderia ter se tornado se tivesse deixado para ter esse filho um pouco mais tarde. Estou presa cuidando do seu pai e do seu avô, mas tudo bem. Vou dando um jeito. Mas isso não deveria ser o máximo que você pode almejar na sua vida, está me ouvindo? Alguns ingressos pela metade do preço e um chá elegante de vez em quando. Você devia estar por aí! É a única pessoa da nossa família que tem uma chance de verdade! E saber que acabou de desperdiçá-la por causa de uma garota que mal conhece!

— Fiz a *coisa certa*, mãe.

— Pode ser. Ou talvez essa não fosse uma situação em que você tivesse que escolher entre duas opções.

— Quem não chora não mama — repetiu a funcionária.

— Olhe só! Até essa senhora entende. Você precisa voltar lá e perguntar a esse cavalheiro americano se tem algum jeito de chegar um pouco depois…

Não me olhe assim, Louisa. Tenho pegado muito leve com você. Não pesei a mão quando devia. Você precisa sair desse seu emprego sem futuro e começar a viver.

— Aquele trabalho já era, mãe.

— Já era coisa nenhuma. Já perguntou a eles?

Neguei com a cabeça.

Minha mãe bufou e ajeitou a echarpe no pescoço. Tirou duas moedas da bolsa e colocou-as na mão da funcionária.

— Bem, preciso dizer que você faz um trabalho espetacular! Dá até para comer nesse chão. E tudo cheira maravilhosamente bem.

A mulher sorriu calorosamente para minha mãe, e então, quase como uma

reflexão tardia, ergueu um dedo. Espiou pela porta, depois andou até seu armário e o abriu com agilidade usando um molho de chaves. Em seguida voltou e colocou um sabonete floral nas mãos da minha mãe, que sentiu o cheiro e suspirou.

— Bem, isso é simplesmente o *paraíso*. Um pedacinho do paraíso.

— É para você.

— Para mim?

A mulher fechou a mão da minha mãe em volta do sabonete.

— Minha nossa, você é um amor. Posso perguntar o seu nome?

— Maria.

— Maria, eu me chamo Josie. Da próxima vez que eu voltar a Londres vou usar seu banheiro com certeza. Viu só, Louisa? Vai saber o que acontece quando a gente dá uma fugidinha? Que tal essa aventura? E ainda ganhei o sabonete mais maravilhoso da minha nova e querida amiga Maria!

Elas trocaram um aperto de mão com o mesmo fervor de velhas conhecidas se despedindo, e saímos do hotel.

* * *

Eu não podia contar a ela. Não podia revelar que aquele emprego me assombrava da hora em que eu acordava até a hora em que eu ia dormir.

Não importava o que eu dizia a todo mundo, eu sabia que sempre me arrependeria profundamente de ter perdido a oportunidade de morar e trabalhar em Nova York. Que por mais que eu dissesse a mim mesma que haveria outras chances, outros lugares, eu teria que carregar comigo essa oportunidade perdida, como uma bolsa barata que, aonde quer que fosse, eu me arrependeria de ter comprado.

Depois de me despedir dela no trem que a levaria de volta para o meu pai, sem dúvida perplexo e bravo, e muito depois de ter preparado uma salada para mim e para Lily com as sobras que Sam deixara na geladeira, fui checar meu e-mail e encontrei uma mensagem de Nathan.

Não posso dizer que concordo, mas entendo o que você está fazendo. Acho que Will ficaria orgulhoso. Você é uma pessoa boa, Clark. Bj.

Aprendi algumas coisas sobre ser mãe sem realmente ser uma. Por exemplo, independentemente do que disser, é provável que você esteja errado. Se for cruel, desdenhoso ou negligente, marcará quem está sob seus cuidados. Se der apoio e amor, encorajando e elogiando a pessoa até por seus menores feitos — como levantar da cama na hora certa ou conseguir passar um dia inteiro sem fumar —, vai estragá-la de diferentes maneiras.

Aprendi que se fôssemos pai ou mãe *de facto*, todas essas coisas aconteciam, mas não tínhamos a autoridade natural que razoavelmente esperamos ter quando alimentamos e cuidamos de alguém.

Com tudo isso em mente, no meu dia de folga falei para Lily entrar no carro e avisei que íamos almoçar. Eu disse a mim mesma que isso provavelmente acabaria muito mal, mas pelo menos seríamos duas para assumir a culpa.

Lily estava muito ocupada observando o celular, com os fones de ouvido, por isso ela só olhou pela janela depois de quarenta minutos. Ela franziu a testa quando nos aproximamos da placa.

— Esse não é o caminho para a casa dos seus pais.

— Eu sei.

— Então aonde vamos?

— Já disse. Almoçar.

Depois de me encarar por tempo suficiente para aceitar que eu não daria detalhes, ela passou alguns minutos olhando pela janela com os olhos semicerrados.

— Nossa, às vezes você é irritante.

Meia hora depois, estacionamos no Crown and Garter, um hotel de tijolos vermelhos que ficava em um parque de oito mil metros quadrados, a cerca de vinte minutos de Oxford. Eu decidira que um território neutro era o melhor caminho. Lily desceu do carro e bateu a porta com força para me dar o recado de que *na verdade isso ainda era muito irritante*.

Eu a ignorei, passei um batom e entrei no restaurante, e Lily teve que me seguir.

A Sra. Traynor já estava à mesa. Quando a viu, Lily gemeu baixinho.

— Por que estamos fazendo isso de novo?

— Porque as coisas mudam — respondi, empurrando-a.

— Lily. — A Sra. Traynor ficou de pé.

Dava para perceber que ela tinha passado no cabeleireiro, pois seu cabelo recuperara o belo corte. Também usava um pouco de maquiagem, e essas duas coisas conspiravam para deixá-la mais parecida com a Sra. Traynor de antigamente: uma mulher segura de si, que entendia que as aparências eram, se não tudo, pelo menos a base de alguma coisa.

— Olá, Sra. Traynor.

— Oi — resmungou Lily.

A garota não estendeu a mão, mas se sentou na cadeira ao lado da minha.

A Sra. Traynor notou isso e deu um breve sorriso, sentou-se e chamou o garçom.

— Este era um dos restaurantes preferidos do seu pai — disse ao colocar o guardanapo no colo. — Nas poucas vezes em que eu conseguia convencê-

lo a sair de Londres, era aqui que a gente se encontrava. A comida é muito boa. Recebeu estrelas do guia Michelin.

Dei uma olhada no cardápio: *quenelles de turbot com massa recheada de mexilhão e lagostim, peito de pato defumado com cavolo nero e cuscuz israelense.* Então torci muito para que, como tinha sido a Sra. Traynor que sugerira o restaurante, ela pagasse.

— Parece cheio de frescura — comentou Lily, sem erguer a cabeça do cardápio.

Olhei para a Sra. Traynor.

— É exatamente o que Will dizia. Mas é muito bom. Acho que vou pedir a codorna.

— Vou querer o robalo — disse Lily, fechando o cardápio encadernado em couro.

Fiquei observando a lista na minha frente. Não havia nada ali que eu ao menos reconhecesse. O que era *rutabaga*? O que era *ravioli de tutano e salicórnia?*

Considerei pedir um sanduíche.

— Estão prontas para fazer o pedido? — O garçom apareceu ao meu lado.

Deixei as duas pedirem primeiro. Consegui encontrar algumas palavras que eu reconhecia da época que passei em Paris. — Por favor, as *joues de boeuf confites*.

— Com nhoque de batata e aspargos? É claro, madame.

Carne, pensei. Posso comer carne.

Conversamos sobre amenidades enquanto esperávamos as entradas chegarem. Eu disse à Sra. Traynor que continuava trabalhando no aeroporto, mas estava sendo considerada para uma promoção, e tentei fazer com que isso parecesse uma escolha positiva de carreira, em vez de um grito de socorro. Contei que Lily tinha arranjado um emprego, e quando a Sra. Traynor ficou sabendo qual era, não estremeceu, como, no fundo, eu tinha medo de que fizesse. Em vez disso, apenas assentiu.

— Parece bastante sensato. Não faz nenhum mal sujar as mãos quando estamos começando.

— Mas não tem futuro — disse Lily com firmeza. — A menos que considere que passar a trabalhar na caixa registradora é um avanço.

— Bem, entregar jornais também não tem. Mas seu pai fez isso durante dois anos antes de terminar a escola. Isso nos dá uma ética de trabalho.

— E as pessoas sempre precisam de latas de salsicha — observei.

— Precisam mesmo? — retrucou a Sra. Traynor, e por um instante pareceu horrorizada.

Observamos outras pessoas se acomodarem na mesa ao lado da nossa, dois homens ajudando uma idosa a se sentar com muito alvoroço e reclamações.

— Recebemos seu álbum de fotos — falei.

— Ah, receberam! Eu estava mesmo querendo saber. Você… gostou?

Os olhos de Lily por um instante se fixaram nela.

— Foi legal, obrigada — disse a garota.

A Sra. Traynor tomou um gole de água.

— Quis lhe mostrar o outro lado de Will. Às vezes tenho a impressão de que as circunstâncias da morte dele passaram a ter mais importância do que a própria vida dele. Só queria mostrar que meu filho era mais do que uma cadeira de rodas. Mais do que alguém que morreu daquela forma.

Houve um breve silêncio.

— Foi legal, obrigada — repetiu Lily.

Nossa comida chegou e Lily ficou quieta mais uma vez. Os garçons nos rondavam com muita diligência, enchendo os copos com água quando o nível baixava um centímetro. Uma cesta de pães foi oferecida, retirada e oferecida novamente cinco minutos depois. O restaurante ficou cheio de gente como a Sra. Traynor: bem-vestida, educada, para quem *quenelles de turbot* era um almoço padrão e não um campo de conversa minado. A Sra.

Traynor perguntou sobre a minha família e falou com carinho do meu pai.

— Ele fez um ótimo trabalho no castelo.

— Deve ser estranho não voltar mais lá — falei, depois me repreendi mentalmente, me perguntando se eu havia ultrapassado algum limite.

Mas a Sra. Traynor apenas olhou para a toalha de mesa à sua frente.

— É — concordou, balançando a cabeça, dando um sorriso um pouco mais tenso. Depois, bebeu mais água.

A conversa continuou assim enquanto comíamos as entradas (salmão defumado para Lily e salada para a Sra. Traynor e para mim), engatando e depois morrendo, aos trancos e barrancos como alguém aprendendo a dirigir. Senti certo alívio ao ver o garçom chegar com nossos pratos principais. Meu sorriso desapareceu quando ele colocou o prato na minha frente. Não parecia carne, e sim rodelas marrons empapadas num molho marrom grosso.

— Desculpe — falei para o garçom. — Eu pedi carne.

Ele ficou me encarando por um instante.

— Essa é a carne, madame.

Nós dois olhamos para o meu prato.

— *Joues de boeuf?* — disse ele. — Bochechas de boi?

— *Bochechas* de boi?

Ficamos olhando para o meu prato e senti um frio na barriga.

— Ah, claro — falei. — Eu… sim. Bochechas de boi. Obrigada.

Bochechas de boi. Eu estava com nojo de comer aquilo. Não sabia o que podia ser pior. Sorri para a Sra. Traynor e comecei a beliscar o nhoque.

Comemos praticamente em silêncio. A Sra. Traynor e eu estávamos ficando sem assunto. Lily falava pouco e era agressiva quando dizia alguma coisa, como se estivesse testando a avó. Brincava com a comida feito uma adolescente relutante que tinha sido arrastada para um almoço muito elegante com adultos. Eu dava pequenas garfadas no meu prato, tentando não ouvir a vozinha que gritava no meu ouvido: *Você está comendo bochechas! Bochechas de verdade!*

Por fim, pedimos café. Quando o garçom foi embora, a Sra. Traynor colocou o guardanapo em cima da mesa e disse:

— Não consigo mais fazer isso.

Lily ergueu a cabeça. Olhou para mim e depois para a Sra. Traynor.

— A comida está muito boa e é ótimo saber sobre o trabalho de vocês e tudo o mais, porém isso realmente não vai nos levar a lugar algum, vai?

Eu me perguntei se ela estava prestes a ir embora, se Lily havia exigido muito. Vi a expressão surpresa de Lily e percebi que ela estava pensando a mesma coisa. Mas, em vez disso, a Sra. Traynor empurrou a xícara com o pires e se debruçou sobre a mesa.

— Lily, não vim para impressioná-la com um almoço chique. Vim pedir desculpas. É difícil explicar meu estado no dia em que você apareceu, mas o encontro infeliz não foi culpa sua. Quero me desculpar por você ter sido apresentada a esse lado da sua família de forma tão… inadequada.

O garçom chegou com o café e a Sra. Traynor ergueu a mão sem se virar.

— Pode nos dar licença por uns dois minutos, por favor?

Ele recuou depressa com a bandeja. Fiquei imóvel na cadeira. A Sra.

Traynor, com o rosto tenso e a voz urgente, respirou fundo.

— Lily, perdi meu filho, seu pai, e na verdade provavelmente o perdi algum tempo antes de ele morrer. A morte dele destruiu todos os alicerces da minha vida: meu papel de mãe, minha família, minha carreira e até minha fé. Para ser sincera, me senti como se tivesse entrado num buraco negro. Mas descobrir que ele tinha uma filha, que tenho uma neta, me fez pensar que talvez nem tudo esteja perdido. — Ela engoliu em seco. — Não vou dizer que você me devolveu parte dele, porque isso não seria justo.

Você tem, como já percebi, uma personalidade única. Com você ganhei uma nova pessoa para dar o meu afeto. Espero que me ofereça uma segunda chance, Lily. Porque eu gostaria muito, não, *droga*, eu *adoraria*, que pudéssemos conviver. Louisa me contou que você tem personalidade forte.

Bem, precisa saber que isso é de família. Então provavelmente vamos bater de frente algumas vezes, assim como acontecia com seu pai. Mas, caso o encontro de hoje não dê em nada, achei que você precisava saber disso. —

Ela segurou a mão de Lily e a apertou. — Estou muito feliz de conhecer você. O simples fato de você existir mudou tudo completamente. Minha filha, sua tia Georgina, está chegando no mês que vem para conhecê-la, e já andou perguntando se um dia nós duas poderíamos ir a Sydney passar um tempo com ela. Na minha bolsa tem uma carta que ela escreveu para você.

— Ela baixou o tom de voz: — Sei que nunca poderemos compensar a ausência do seu pai e sei que não estou… Bem, ainda tenho que superar algumas coisas, é verdade, mas… você acha que… talvez consiga encontrar espaço para uma avó bem difícil?

Lily ficou olhando para ela.

— Você poderia pelo menos… tentar? — A voz da Sra. Traynor falhou um pouco nessa última frase.

Houve um longo silêncio. Eu conseguia ouvir meu coração batendo. Lily olhou para mim e, depois do que pareceu uma eternidade, virou-se para a Sra. Traynor.

— Você gostaria… que eu ficasse na sua casa?

— Se você quisesse, sim. Eu gostaria muito.

— Quando?

— Quando você pode vir?

Eu nunca tinha visto Camilla Traynor sem estar no controle da situação, para dizer o mínimo, mas naquele instante seu rosto se contorceu. Ela esticou a outra mão na mesa. Após um segundo de hesitação, Lily a segurou e as duas apertaram os dedos uma da outra por cima da toalha branca, como se fossem sobreviventes de um naufrágio. Enquanto isso, o garçom esperava com a bandeja, sem saber quando poderia voltar a servir com segurança.

* * *

— Eu a trago de volta amanhã à tarde.

No estacionamento, Lily esperava ao lado do carro da Sra. Traynor. Ela comera duas sobremesas: o petit gâteau dela e o meu (a essa altura eu tinha perdido completamente o apetite) e examinava com displicência o cós da sua calça jeans.

— Tem certeza?

Eu não sabia muito bem para qual delas eu dirigira a pergunta. Eu tinha noção de como essa nova *entente cordiale* era frágil, de como era fácil dar errado.

— Ficaremos bem.

— Não trabalho amanhã, Louisa — gritou Lily. — O primo de Samir vai aos domingos.

Era estranho deixá-las ali, apesar de Lily estar com um sorriso radiante.

Eu queria dizer "nada de fumar", "nada de palavrão" e talvez até "que tal se a gente fizer isso depois?", mas Lily acenou e, quase sem olhar para trás, sentou no banco do carona do Golf da Sra. Traynor.

Já era. Estava fora das minhas mãos. A Sra. Traynor se virou para se juntar a ela.

— Sra. Traynor? Posso perguntar uma coisa?

Ela parou.

— Pode me chamar de Camilla. Acho que já superamos as formalidades, não é

mesmo?

— Camilla, você chegou a falar com a mãe de Lily?

— Ah, sim, falei. — Ela se abaixou para arrancar a grama de um canteiro.

— Eu disse a ela que esperava passar bastante tempo com Lily no futuro. E

que sabia muito bem que, aos olhos dela, eu não era nenhum modelo de mãe. Mas, para ser sincera, nenhuma de nós parecia ser exemplar nesse papel, e cabia a ela considerar, pela primeira vez, colocar a felicidade da filha à frente da dela.

Talvez eu tenha ficado boquiaberta.

— "Cabia" é uma palavra excelente — comentei, quando consegui falar.

— Não é? — Ela se empertigou. Notei um brilho travesso e imperceptível em seus olhos. — Sim. Bem. As Tanya Houghton-Miller desse mundo não me assustam. Acho que vamos nos dar muito bem, Lily e eu.

Eu estava prestes a voltar para o meu carro, mas dessa vez a Sra. Traynor me deteve.

— Obrigada, Louisa. — Ela manteve a mão no meu braço.

— Eu não fi…

— Fez, sim. Sei muito bem que tenho muito a lhe agradecer. Espero que algum dia eu possa retribuir.

— Ah, não precisa. Estou bem.

Seus olhos procuraram os meus e ela abriu um pequeno sorriso. Reparei que seu batom estava perfeito.

— Bem, ligo para você amanhã para combinar a hora de deixar Lily em casa.

A Sra. Traynor enfiou a bolsa embaixo do braço e voltou para o carro, onde Lily a esperava.

Observei o carro desaparecer e então liguei para Sam.

* * *

Um urubu sobrevoava preguiçosamente o campo, planando com suas asas

enormes no azul cintilante do céu. Eu havia me oferecido para ajudar Sam a assentar alguns tijolos, mas tínhamos feito apenas uma fileira (eu ia lhe entregando os tijolos). O calor sufocante era tão grande que ele sugerira que tomássemos uma cerveja gelada durante o intervalo e, de certa forma, depois de termos passado algum tempo deitados na grama, acabou sendo impossível tornarmos a nos levantar. Eu contara a história das bochechas de boi e ele passara um minuto inteiro rindo, tentando ficar sério quando protestei que *se ao menos tivessem dado outro nome para o prato, quer dizer, é como ser informado de que estamos comendo bumbum de galinha ou algo assim*. Eu estava estirada ao lado dele, escutando os pássaros e o delicado farfalhar da relva, observando o sol cor de pêssego se pôr delicadamente no horizonte. E, quando estava conseguindo não me preocupar com a possibilidade de Lily já ter usado a expressão *escravo de boceta* com a Sra. Traynor, percebi que a vida não era de todo ruim.

— Às vezes, quando as coisas estão boas assim, penso que eu poderia não me dar o trabalho de construir a casa — disse Sam. — Poderia apenas ficar deitado num campo até envelhecer.

— Bom plano. — Eu estava mascando um talo de grama. — Só que o chuveiro de água da chuva vai parecer bem menos agradável durante o inverno.

Senti a risada dele, que mais pareceu um ronco abafado.

Saí do restaurante e fui direto encontrá-lo, inexplicavelmente desestabilizada pela ausência inesperada de Lily. Eu não queria ficar sozinha no apartamento. Quando estacionei diante da porteira do campo de Sam, continuei sentada no carro até o motor morrer e observei-o, feliz da vida, passando cimento em cada tijolo e pressionando-o no seguinte, enxugando o suor da testa com sua camiseta desbotada, e senti algo relaxar dentro de mim. Ele não comentou nada sobre o ligeiro mal-estar das nossas últimas conversas e fiquei grata por isso.

Uma nuvem solitária vagava pelo céu azul. Sam aproximou mais a perna da minha. Seus pés tinham o dobro do tamanho dos meus.

— Eu me pergunto se a Sra. Traynor tirou aquelas fotos da gaveta dela.

Sabe, para Lily.

— Fotos?

— O álbum de fotos. Contei para você. Ela não tinha nenhuma foto de Will em lugar algum quando Lily e eu estivemos na casa dela. Fiquei bastante surpresa quando mandou o álbum, porque uma pequena parte de mim questionara se ela

tinha destruído todos.

Ele ficou em silêncio, refletindo.

— É estranho. Mas, agora que estou pensando nisso, também não tenho nenhuma foto de Will exposta. Talvez a gente simplesmente demore um pouco a… ser capaz de encarar as fotografias de novo. Quanto tempo levou para você colocar de volta a foto da sua irmã ao lado da cama?

— Nunca tirei a foto dela. Gosto de ter o retrato dela ali, especialmente com sua aparência de sempre. — Ele ergueu o braço acima da cabeça. —

Ela costumava me dizer as coisas na lata. Era uma típica irmã mais velha.

Quando acho que fiz algo errado, olho para a foto dela e ouço sua voz. *Sam, seu cabeça oca, ande logo com isso.* — Ele virou o rosto para mim. — E, sabe, faz bem para o Jake ver a mãe dele por aqui. Ele precisa saber que falar sobre ela não é um problema.

— Talvez eu tire um retrato da gaveta. Para Lily vai ser bom ter fotos do pai no apartamento.

As galinhas estavam soltas, e a alguns passos dali duas delas tiritaram na terra, arrepiando as penas e se sacudindo, levantando pequenas nuvens de poeira. Dava para perceber que as aves tinham personalidade. Havia a marrom mandona, a amorosa com a crista pintada, a pequena bantam que precisava ser retirada da árvore toda noite e levada para dormir no galinheiro.

— Acha que eu devia mandar uma mensagem para ela? Para ver como as coisas estão?

— Para quem?

— Lily.

— Deixe as duas. Elas devem estar bem.

— Sei que você tem razão. É esquisito. Fiquei observando Lily naquele restaurante e ela é muito mais parecida com ele do que eu tinha me dado conta. Acho que a Sra. Traynor, Camilla, também notou isso. A cada maneirismo de Lily, ela piscava, impressionada, como se de repente estivesse se lembrando de coisas que Will fazia. Teve um momento em que Lily ergueu uma sobrancelha e nenhuma de nós conseguiu desviar os olhos dela. Porque foi igualzinho a como ele fazia.

— E o que você quer fazer esta noite?

— Ah… qualquer coisa. Você escolhe. — Eu me espreguicei, sentindo a grama fazer cócegas no meu pescoço. — Eu poderia apenas ficar deitada aqui. Não tem problema se você cair delicadamente em cima de mim em algum momento.

Esperei que ele risse, mas isso não aconteceu. Em vez disso, falou:

— Então… vamos… conversar sobre nós dois?

— Nós dois?

Ele puxou um pedaço da grama com os dentes e respondeu:

— Sim. Só pensei… Bem, eu queria saber o que você acha que está acontecendo aqui.

— Você nos faz parecer um problema de matemática.

— Só estou tentando garantir que a gente não tenha mais nenhum desentendimento, Lou.

Observei-o jogar fora a grama e pegar outra.

— Acho que estamos numa boa. Bem, não vou mais acusar você de estar negligenciando seu filho. Nem de ter um monte de namoradas.

— Mas você ainda não está se soltando.

Isso foi dito com delicadeza, mas senti como se tivesse levado um chute.

Apoiei-me no cotovelo, para olhá-lo de cima.

— Estou aqui, não é? Você é a primeira pessoa para quem eu ligo no fim do dia. A gente se vê quando pode. Eu não chamaria isso de não estar me soltando.

— É. A gente se vê, transa e come algumas coisas gostosas.

— Achei que, no fundo, esse fosse o relacionamento dos sonhos de todos os homens.

— Não sou todos os homens, Lou.

Passamos um tempo nos olhando em silêncio. Eu já não me sentia mais

relaxada. Tinha a impressão de ter sido colocada numa posição chata, na defensiva.

Ele suspirou.

— Não fique com essa cara, não estou querendo me casar nem nada. Só estou dizendo… Nunca conheci uma mulher que tivesse menos vontade de discutir a relação. — Ele usou a mão para proteger os olhos do sol, franzindo-os ligeiramente. — Tudo bem se você não quiser que isso seja uma coisa de longo prazo. Quer dizer, tudo bem, não, mas só queria ter uma ideia do há na sua cabeça. Acho que, com a morte de Ellen, me dei conta de que a vida é curta. Não quero…

— Não quer o quê?

— Perder tempo com uma coisa que não vai dar em nada.

— *Perder tempo?*

— Escolhi mal as palavras. Não sou bom nisso. — Ele ergueu o corpo.

— Por que isso *tem* que ser alguma coisa? Nós nos divertimos juntos. Por que não podemos simplesmente deixar rolar e, sei lá, ver o que acontece?

— Porque sou humano, está bem? E já é difícil demais estar com uma pessoa que continua apaixonada por um fantasma sem que ela também aja como se não estivesse usando nosso relacionamento apenas para sexo. —

Ele ergueu a mão, tapando os olhos. — Nossa, não consigo acreditar que acabei de dizer isso em voz alta.

Minha voz, quando saiu, estava falhando um pouco:

— Não estou apaixonada por um fantasma.

Dessa vez, Sam não olhou para mim. Apenas se sentou e esfregou o rosto.

— Então deixe ele ir, Lou.

Sam se levantou pesadamente e foi até o vagão, e eu fiquei ali olhando para suas costas.

* * *

Lily chegou na noite seguinte, um pouco bronzeada. Entrou no apartamento com sua chave e, antes de desabar no sofá, passou pela cozinha, onde eu estava tirando a roupa da máquina de lavar enquanto me perguntava pela décima quinta vez se ligava ou não para Sam. Fiquei parada perto da bancada, observando-a apoiar os pés na mesa de centro, pegar o controle remoto e ligar a televisão.

— E aí, como foi? — perguntei depois de um instante.

— Bem.

Esperei que ela dissesse algo mais e me preparei, achando que fosse jogar o controle remoto no chão e sair resmungando: *Essa família é impossível.*

Mas ela apenas mudou de canal.

— O que vocês fizeram?

— Nada de mais. Conversamos um pouco. Na verdade, cuidamos do jardim. — Ela se virou, apoiando o queixo nas suas mãos, que estavam no encosto do sofá. — Ei, Lou. Ainda tem aquela granola com nozes? Estou faminta.

25

Estamos nos falando?

Claro. Sobre o que você quer conversar?

* * *

Às vezes reparo na vida das pessoas à minha volta e me pergunto se não estamos todos destinados a deixar um rastro de estrago. Não são só seus pais que fundem a sua cuca. Olhei ao redor, como se de repente tivessem me entregado óculos limpos, e notei que quase todo mundo carregava a marca brutal do amor, fosse perdido, roubado ou simplesmente sepultado num túmulo.

Will tinha feito isso com todos nós, agora eu conseguia perceber. Ele não tivera a intenção, mas, ao se recusar a viver, causara isso.

Amei um homem que me mostrara o mundo, mas que não me amara o suficiente para permanecer nele. E no momento eu estava morrendo de medo de amar alguém que retribuía meu amor, caso… caso o quê? Eu ficava pensando sobre isso durante as horas silenciosas depois de Lily ter se retirado para as exuberantes distrações digitais em seu quarto.

Sam não ligou. Eu não podia culpá-lo. O que eu teria dito, afinal de contas? A verdade era que eu não queria falar sobre o que nós éramos porque eu mesma não sabia.

O problema não era que eu não gostava de estar com ele. Eu desconfiava de que ficava um pouco ridícula ao seu lado, rindo como uma boba, fazendo brincadeiras tolas e infantis, sentindo uma paixão feroz e surpreendente até para mim mesma. Eu me sentia melhor quando ele estava por perto, me sentia mais quem eu queria ser. Mais tudo. Mas mesmo assim…

Mesmo assim…

Comprometer-me com Sam significava me comprometer com a probabilidade de mais uma perda. Estatisticamente, a maioria dos relacionamentos acabava mal e, considerando meu estado mental nos últimos dois anos, as chances de que o nosso acabasse bem eram pequenas.

Podíamos evitar esse assunto, nos esquecer de tudo de vez em quando, mas, em última instância, o amor significava mais sofrimento. Mais estrago… para mim ou, pior, para ele.

Quem era forte o bastante para isso?

* * *

Eu estava dormindo mal de novo. Por isso não acordei quando o despertador tocou e, apesar de ter pisado fundo na estrada, acabei chegando atrasada para o aniversário do meu avô. Para comemorar os oitenta anos dele, meu pai montara a tenda dobrável que tínhamos usado no batizado de Thomas, que ondulava, mofada e apática, no fundo do jardim. A porta aberta dava para o beco, por onde vários vizinhos entravam e saíam, trazendo bolo ou votos de felicidade. Vovô estava no meio daquilo tudo, sentado numa cadeira de plástico de jardim, acenando com a cabeça para pessoas que ele já não reconhecia, olhando só de vez em quando para seu exemplar do *Racing Post.*

— E essa promoção significa exatamente o quê? — Treena era responsável pelo chá, servindo-o de um bule enorme e distribuindo xícaras.

— Bem, é um novo cargo. Eu fecho a caixa ao fim de cada expediente e fico com uma penca de chaves.

Essa é uma grande responsabilidade, Louisa, dissera Richard Percival, conferindo àquilo tanta seriedade e pompa como se estivesse me entregando o Santo Graal.

Eu sentira vontade de perguntar: o que mais posso fazer com uma penca de chaves de um bar? Arar um campo?

— Dinheiro? — Ela me entregou uma xícara e tomei alguns golinhos.

— Uma libra a mais por hora.

— Hum. — Ela não ficou impressionada.

— E não preciso mais usar aquele uniforme.

Minha irmã observou meu macacão, que mais parecia uma roupa das Panteras, que eu colocara aquela manhã em homenagem à ocasião.

— Bem, acho que isso já é alguma coisa.

Ela indicou para a Sra. Laslow onde ficavam os sanduíches.

O que mais eu podia dizer? Era um trabalho. Com algum tipo de progresso. Não contei sobre os dias em que eu ficava com a impressão de ser uma forma peculiar de tortura ter que trabalhar num local em que eu era obrigada a assistir a cada avião taxiar na pista, ganhar potência como um grande pássaro, depois se lançar no céu. Não contei que usar aquela camisa polo verde todos os dias me deixava com a sensação de ter perdido alguma coisa.

— Mamãe disse que você arranjou um namorado.

— Não estamos namorando.

— Ela também falou isso. O que é, então? Vocês só transam de vez em quando?

— Não. Somos bons amigos…

— Então ele é um cachorro.

— Ele não é um cachorro. Ele é maravilhoso.

— Mas é babaca.

— Ele é ótimo. Não que isso seja da sua conta. E é inteligente, antes que você…

— Então ele é casado.

— Ele não é casado. Nossa, Treen. Quer me deixar explicar? Gosto dele, mas não tenho certeza se quero me envolver agora.

— Por causa da longa fila de homens solteiros, bonitos e empregados esperando para agarrar você? — Olhei furiosa para ela. — É só a minha opinião. A cavalo dado não se olha os dentes.

— Quando você vai saber os resultados das suas provas?

— Não mude de assunto. — Ela suspirou e abriu outra caixa de leite. —

Daqui a algumas semanas.

— O que foi? Você vai tirar as maiores notas. Sabe que vai.

— Mas qual é a diferença? Estou encalhada. — Franzi a testa. — Não há empregos em Stortfold e não tenho como arcar com o preço do aluguel em Londres, muito menos tendo que pagar uma creche para Thom. Além do mais, ninguém ganha o teto salarial quando está começando, mesmo se tiver as melhores notas.

Ela serviu mais uma xícara de chá. Eu queria protestar, dizer que não era assim, mas eu sabia muito bem como o mercado de trabalho estava difícil.

— Então, o que você vai fazer?

— Acho que vou ficar aqui por enquanto. Viajar todos os dias para ir trabalhar, talvez. Torcer para que a metamorfose feminista da mamãe não a impeça de buscar Thom na escola. — Ela esboçou um pequeno sorriso, mas não parecia nem um pouco um sorriso.

Eu nunca tinha visto minha irmã deprimida. Mesmo se estivesse mal, ela seguia em frente, feito um robô, uma firme defensora do "faça uma pequena caminhada e saia dessa". Eu tentava decidir o que dizer quando houve uma súbita comoção na mesa das comidas. Erguemos os olhos e nos deparamos com mamãe e papai se enfrentando em torno de um bolo de chocolate.

Estavam conversando naquele tom baixo e sibilante de quem não quer que os outros saibam sobre o que estão discutindo, mas mesmo assim não consegue parar de debater.

— Mãe? Pai? Está tudo bem?

Fui até lá. Meu pai apontou para a mesa.

— Não é um bolo caseiro.

— O quê?

— O bolo. Não é caseiro. Olhe só.

Dei uma olhada. Era um grande bolo de chocolate com bastante cobertura e decorado com pastilhas de chocolate entre as velas.

Minha mãe balançou a cabeça, exasperada.

— Eu tinha que escrever uma dissertação.

— Uma dissertação. Você não está na escola! E sempre faz o bolo do vovô.

— Esse bolo é bom. É do supermercado. Meu pai não se importa que não seja caseiro.

— Ele se importa, sim. É seu pai. Você se importa, não é, vovô?

Meu avô olhou de um para o outro e balançou de leve a cabeça, negando.

À nossa volta, a conversa foi interrompida. Nossos vizinhos, nervosos, se entreolhavam. Bernard e Josie Clark nunca discutiam.

— Ele só está dizendo isso porque não quer magoar você. — Papai pigarreou.

— Se ele não se importa, Bernard, porque cargas-d'água você está assim?

É um bolo de chocolate. Não é como se eu tivesse ignorado todo o aniversário dele.

— Só quero que você dê prioridade à sua família! É pedir demais, Josie?

Apenas um bolo caseiro?

— Eu estou aqui! Temos um bolo com velas! Aqui estão os malditos sanduíches. Não estou tomando sol nas Bahamas!

Minha mãe colocou pesadamente na mesa de cavalete a pilha de pratos que segurava e cruzou os braços.

Papai estava prestes a falar de novo, mas ela o calou ao erguer a mão.

— Então, Bernard, você que é um homem de família dedicado, quanto exatamente dessa festinha aqui você organizou, hein?

— Ih… — Treena se aproximou de mim.

— Você comprou o pijama novo do papai? Comprou? Embrulhou? Não.

Você nem sabe qual é o tamanho dele. Nem sabe o tamanho das suas próprias cuecas porque SOU EU QUE COMPRO PARA VOCÊ. Você acordou às sete da manhã para buscar o pão para os sanduíches porque algum idiota chegou do pub ontem à noite e resolveu comer duas torradas, deixando o restante do pão fora do saco para endurecer? Não. Ficou com a bunda na cadeira lendo o caderno de esportes do jornal. Faz semanas que você está reclamando de mim porque me atrevi a reivindicar de volta vinte por cento da minha vida, a tentar descobrir se tem mais alguma coisa que eu possa fazer antes de me libertar dessa existência. E enquanto continuo lavando sua roupa, cuidando do vovô e lavando a louça, você está aí pegando no meu pé por causa de um bolo de supermercado. Bem, Bernard, pode pegar esse maldito bolo, que aparentemente é um enorme sinal de negligência e falta de respeito, e enfiar no seu… — ela resmungou — no seu… bem… A cozinha é logo ali, minha batedeira está lá, você mesmo pode preparar um bolo!

Em seguida, mamãe jogou para o alto o prato do bolo, que aterrissou de cabeça para baixo diante do meu pai. Ela enxugou as mãos no avental e seguiu para dentro de casa batendo os pés. Parou ao chegar no pátio, tirou o avental pela cabeça e o jogou no chão.

— Ah, sim! Treena? É melhor você mostrar ao seu pai onde estão os livros de receita. Ele só mora aqui há vinte e oito anos. Não podemos esperar que ele saiba onde ficam.

* * *

Depois disso, a festa do meu avô não durou muito mais. Os vizinhos foram embora aos poucos, cochichando e nos agradecendo efusivamente pela festa *maravilhosa*, dando uma rápida olhada na cozinha. Percebi que estavam tão perplexos quanto eu.

— Isso está para acontecer há semanas — murmurou Treena, enquanto tirávamos a mesa. — Ele se sente negligenciado. Ela não consegue entender por que nosso pai não quer deixá-la crescer um pouco.

Olhei para o meu pai, que estava de mau humor catando guardanapos e latas de cerveja vazias no gramado. Parecia totalmente infeliz. Eu me lembrei de minha mãe no hotel de Londres, radiante com uma nova vida.

— Mas eles estão velhos! Já deviam ter acertado o relacionamento!

Minha irmã ergueu as sobrancelhas.

— Você acha que…?

— Claro que não — respondeu Treena.

Mas ela não soou tão convencida quanto poderia.

* * *

Ajudei minha irmã a arrumar a cozinha e depois joguei dez minutos de Super Mario com Thom. Mamãe ficou no quarto dela, aparentemente escrevendo sua dissertação, e vovô retirou-se com certo alívio para o conforto mais confiável da corrida de cavalo que estava passando na televisão . Fiquei pensando se meu pai tinha voltado para o pub, mas quando pus o pé para fora de casa o encontrei sentado no banco do motorista da sua van de trabalho.

Bati na janela e ele se sobressaltou. Abri a porta e me sentei ao seu lado.

Achei que talvez ele estivesse ouvindo os resultados do esporte, mas o rádio estava desligado.

Ele suspirou fundo.

— Aposto que você me acha um velho bobo.

— Você não é um velho bobo, pai. — Cutuquei-o. — Quer dizer, você não é velho.

Ficamos sentados em silêncio, observando os garotos da vizinhança andando de bicicleta para cima e para baixo na rua, e fizemos uma careta quando o menor deles derrapou muito rápido e escorregou até o meio da rua.

— Quero que as coisas continuem iguais. É pedir muito?

— Nada continua igual, pai.

— Eu… apenas sinto falta da minha mulher. — Ele parecia bastante desanimado.

— Sabe, você podia simplesmente aproveitar o fato de estar casado com alguém que ainda tem tanta energia. Mamãe está animada. Ela tem a sensação de estar vendo o mundo com novos olhos. Só precisa dar espaço para ela. — A boca dele

formou uma linha melancólica. — Ela ainda é sua mulher, pai. E ama você.

Por fim, ele se virou para mim.

— E se ela decidir que eu é que não tenho mais tanta energia? E se toda essa novidade mudar a cabeça dela e… — Ele engoliu em seco. — E se ela me abandonar?

Apertei sua mão. Então pensei melhor e lhe dei um abraço.

— Você não vai permitir que isso aconteça.

O sorriso lânguido que ele me deu permaneceu na minha cabeça durante toda a viagem de volta para casa.

* * *

Lily chegou justo quando eu estava prestes a sair para o encontro do grupo Seguindo em Frente. Ela se encontrara outra vez com Camilla e, como tinha virado um hábito, chegou em casa com as unhas pretas por causa do trabalho de jardinagem. Contou toda alegre que haviam criado um canteiro novo para uma vizinha, e a mulher ficara tão satisfeita que dera trinta libras a Lily.

— Na verdade, ela também nos deu uma garrafa de vinho, mas falei que devia ficar com vovó. — Notei que ela disse “vovó” de um jeito espontâneo.

— Ah, e conversei com Georgina pelo Skype ontem à noite. Quer dizer, era de manhã lá, porque é na Austrália, mas foi muito legal. Ela ficou de me mandar por e-mail um monte de fotos de quando meu pai e ela eram crianças. Disse que sou muito parecida com ele. É bem bonita. Tem um cachorro chamado Jakob, que uiva quando ela toca piano.

Coloquei na mesa uma tigela de salada, alguns pães e queijo para Lily enquanto ela falava sem parar. Eu me perguntei se deveria lhe contar que Steven Traynor ligara de novo, a quarta vez em várias semanas consecutivas, esperando convencê-la a conhecer o bebê.

— Somos todos uma família. E Della está muito mais *relaxada* agora que o bebê está aqui, são e salvo — continuou ela.

Talvez essa fosse uma conversa para outro momento. Estiquei o braço para pegar minhas chaves.

— Ah — acrescentou. — Antes que você saia. Vou voltar para a escola.

— O quê?

— Vou voltar para a escola que fica perto da casa da vovó. Lembra?

Aquela sobre a qual contei para você? Aquela que eu realmente gostei? É

internato de segunda a sexta. Só para o ensino médio. E vou passar os fins de semana na casa da vovó.

Por essa reviravolta eu não esperava.

— Ah.

— Desculpe. Eu queria contar para você. Mas tudo aconteceu muito depressa. Eu estava falando sobre isso e vovó ligou por acaso para a escola e disseram que eu seria bem-vinda de volta, e você nunca vai adivinhar!

Minha amiga Holly continua lá! Falei com ela pelo Facebook. Ela me disse que mal pode esperar para eu voltar. Quer dizer, não contei a ela tudo o que aconteceu, e provavelmente não vou contar, mas isso foi muito maneiro.

Ela me conheceu antes de tudo dar errado. Ela é… legal, sabe?

Escutei-a falando toda animada e fiquei com a impressão de ter sido trocada por outra.

— Quando isso tudo vai acontecer?

— Bem, preciso estar lá para o início das aulas em setembro. Vovó acha que talvez seja melhor eu me mudar logo. Quem sabe semana que vem?

— *Semana* que vem? — Fiquei sem ar. — O que sua mãe acha disso?

— Ela está feliz que vou voltar a estudar, principalmente porque é vovó quem está pagando. Teve que contar à escola um pouco sobre o outro lugar onde estudei e sobre o fato de eu não ter feito as provas, e dá para perceber que ela não gosta muito da vovó, mas disse que estava tudo bem. “Se isso é o que realmente vai fazer você feliz, Lily… E espero que não trate sua avó como trata todo mundo.” — Riu do próprio comentário da mãe. — Quando ela falou isso, olhei para vovó, que ergueu de leve a sobrancelha, mas deu para perceber o que passou pela sua cabeça. Já contei que ela pintou o cabelo? Um tom de castanho-escuro. Ela está muito bem agora. Menos parecida com uma paciente de câncer.

— Lily!

— Está tudo bem. Ela achou graça quando falei isso. — Lily sorriu para si mesma. — Era o tipo de comentário que meu pai faria.

— Bem — murmurei ao recuperar o fôlego —, parece que você já resolveu tudo.

Ela olhou para mim.

— Não fale assim.

— Desculpe. É que… vou sentir saudade.

De repente Lily abriu um sorriso radiante.

— Você não vai sentir saudade, boba, porque ainda vou voltar aqui nos feriados e tal. Não posso passar o tempo inteiro em Oxfordshire com gente velha, ou vou enlouquecer. Mas é bom. Ela é… Sinto que ela é da minha família. Não é estranho. Achei que seria, mas não é. Ei, Lou… — Ela me abraçou com força. — Você vai continuar sendo minha amiga. No fundo, é a irmã que nunca tive.

Abracei-a também e me esforcei para manter o sorriso.

— Enfim, você precisa ter privacidade. — Ela se afastou e tirou o chiclete da boca, embrulhando-o com cuidado num pedacinho de papel. — Ter que ouvir você e o Gostosão da Ambulância transando do outro lado do corredor era bastante nojento, na verdade.

Lily está indo.

Indo aonde?

Morar com a avó. Eu me sinto estranha. Ela está muito feliz com isso.

Desculpe. Não queria falar o tempo todo sobre coisas relacionadas a Will, mas na verdade não tenho com quem mais conversar.

* * *

Lily arrumou a mala, retirando com cuidado do quarto praticamente todos os vestígios de que estivera lá, largando apenas a gravura do Kandinsky e a cama dobrável, além de uma pilha de revistas femininas e uma embalagem de desodorante vazio. Eu a deixei na estação de trem, escutando-a falar ininterruptamente e tentando não parecer tão desestabilizada quanto me sentia. Camilla Traynor estaria esperando no fim da viagem dela.

— Você devia nos visitar lá. Meu quarto está muito bonito. Tem um cavalo na casa ao lado, e o fazendeiro disse que posso andar nele. Ah, e ainda tem um pub muito legal.

Ela olhou para o horário das partidas dos trens e de repente teve um sobressalto ao ver a hora.

— Droga. Meu trem. Certo. Onde é a plataforma onze?

Ela saiu correndo apressada pelo meio da multidão, com a mala no ombro, as pernas compridas exibindo a meia-calça preta. Fiquei ali, imóvel, observando-a ir embora. Ela aumentou o passo.

De repente se virou e, ao me ver perto da entrada, acenou, com um sorriso largo e o cabelo balançando em volta do rosto.

— Ei, Lou! — gritou ela. — Só queria falar de novo que seguir em frente não significa que você amou menos o meu pai, sabe. Tenho quase certeza de que ele diria isso.

E então ela desapareceu, engolida pela multidão.

O sorriso dela era igual ao dele.

Ela nunca foi sua, Lou.

Eu sei. Eu só sentia que com ela eu tinha um objetivo.

Só uma pessoa pode lhe dar um objetivo.

Fiquei um instante assimilando essas palavras.

Podemos nos encontrar? Por favor?

Vou trabalhar esta noite.

Passa lá em casa depois?

Talvez mais para o final da semana. Ligo para você.

* * *

Foi o "talvez" que me fez tomar a decisão. Tinha algo de definitivo naquela palavra, como uma porta sendo fechada lentamente. Fiquei olhando para o meu celular enquanto aquelas inúmeras pessoas chegando para trabalhar na cidade

me rodeavam, e algo dentro de mim também mudou. Eu poderia ir para casa lamentar mais uma coisa que eu havia perdido ou poderia abraçar uma liberdade inesperada. Era como se uma luz tivesse se acendido: a única forma de evitar ser deixada para trás era começar a seguir em frente.

Fui para casa, fiz café e fiquei encarando a parede verde. Então peguei meu laptop.

Prezado Sr. Gopnik,

Meu nome é Louisa Clark e mês passado o senhor teve a gentileza de me oferecer um emprego, que precisei recusar. Imagino que já tenha preenchido a vaga, mas, se eu não disser isso, acabarei me arrependendo para sempre.

Eu queria muito esse trabalho. Se a filha do meu antigo patrão não tivesse aparecido com problemas, eu teria aceitado a oferta na hora. Não quero responsabilizá-la por minha decisão, pois foi um privilégio ajudá-la a resolver as coisas. Mas eu só queria dizer que, se algum dia o senhor precisar outra vez de alguém, espero que possa considerar entrar em contato.

Como sei que é um homem ocupado, não vou me estender. Eu só precisava que soubesse disso.

Atenciosamente,

Louisa Clark

Eu não tinha muita certeza do que estava fazendo, mas pelo menos estava fazendo alguma coisa. Apertei enviar e, após esse pequeno ato, de repente me senti com um objetivo. Corri para o banheiro e liguei o chuveiro, tirando a roupa e tropeçando na barra da calça por causa da pressa de tirá-las para entrar debaixo da água quente. Comecei a lavar o cabelo, já planejando o que faria em seguida. Eu iria até a garagem de ambulâncias, encontraria Sam e…

A campainha tocou. Soltei um palavrão e peguei uma toalha.

* * *

— Estou de saco cheio — disse minha mãe.

Demorei um pouco para registrar que ela realmente estava parada ali, segurando uma pequena mala. Enrolei-me na toalha enquanto meu cabelo pingava no tapete.

— Do quê?

Ela fechou a porta ao entrar.

— Do seu pai. Reclamando sem parar de tudo o que eu faço. Agindo como se eu fosse uma prostituta só por querer um tempinho para mim. Então avisei a ele que estava vindo para cá por uns dias.

— Uns dias?

— Louisa, você não faz ideia. Ele passa o tempo todo de mau humor. Não posso ficar parada como uma pedra, sabe? Todo mundo consegue mudar.

Por que eu não posso?

Tive a impressão de ter entrado no meio de uma conversa que já estava rolando há uma hora. Possivelmente num bar. Daqueles que ficam abertos até mais tarde.

— Quando comecei o curso de consciência feminista, eu achava que boa parte daquilo era exagero. Controle patriarcal? Mesmo o tipo inconsciente.

Pois bem, eles não sabem da missa a metade. Seu pai simplesmente não consegue me enxergar como uma pessoa além do que eu coloco na mesa ou tiro da cama.

— Hã…

— Ah. Falei demais?

— Acho que sim.

— Vamos discutir isso tomando um chá. — Minha mãe passou por mim e entrou na cozinha. — Bem, este lugar parece ter melhorado um pouco. Mas ainda não tenho certeza quanto ao verde da parede. Essa cor apaga você.

Aliás, cadê seus saquinhos de chá?

* * *

Minha mãe se sentou no sofá e, enquanto o chá esfriava, escutei sua ladainha de frustração, tentando não pensar na hora. Sam começaria o expediente em meia hora. Eu levaria vinte minutos para chegar à garagem de ambulâncias. Mas então minha mãe erguia o tom de voz, levava as mãos aos ouvidos e eu sabia que

não iria a lugar algum.

— Sabe como é desanimador a pessoa nos dizer que nunca vai ser capaz de mudar? Pelo resto da vida? Só porque mais ninguém quer isso? Sabe como é horrível se sentir empacada?

Assenti vigorosamente. Eu sabia. De verdade.

— Com certeza meu pai não tem a intenção de fazer você se sentir assim, mas, olhe, eu…

— Até sugeri que ele fizesse um curso à noite. Alguma coisa de que gostasse, sabe, como restauração de antiguidades, desenho de modelo vivo ou algo assim. Não me importo que ele olhe para as nudistas! Achei que podíamos crescer juntos! Esse é o tipo de esposa que estou tentando ser, daquelas que nem ligam que o marido fique olhando para pessoas nuas, desde que seja em nome da cultura… Mas ele só fica dizendo: "Para que você quer que eu vá até lá?" É como se ele estivesse na menopausa, caramba. E a caduquice dele por eu não raspar as pernas? Ai, meu Deus. É

muita hipocrisia. Sabe de que tamanho estão os pelos das narinas dele, Louisa?

— Não.

— Pois eu conto! Dá para enxugar o prato com eles. Nos últimos quinze anos, era sempre eu quem pedia para o barbeiro dar uma aparada ali, sabe?

Como se ele fosse uma criança. Eu me importo? Não! Porque ele é assim. É

um ser humano! Com pelo no nariz e tudo!! Mas se me atrevo a não ficar tão lisinha quanto o bumbum de um bebê, ele age como se eu tivesse me transformado no Chewbacca!

Faltavam dez minutos para as seis. Sam sairia às seis e meia. Suspirei e me enrolei na toalha.

— Então… Hum… Você acha que vai passar quanto tempo aqui?

— Bem, ora, não sei. — Mamãe tomou um gole de chá. — Agora é o serviço social que leva o almoço do vovô, então não preciso estar lá o tempo todo. Talvez eu fique só por alguns dias mesmo. A gente se divertiu bastante da última vez que estive aqui, não foi? Podíamos visitar Maria no toalete amanhã. Não seria legal?!

— Maravilhoso.

— Ok. Bem, vou arrumar a cama extra. Onde é que está?

Tínhamos acabado de nos levantar quando a campainha tocou de novo.

Abri a porta, esperando uma entrega de pizza errada, mas me deparei com Treena e Thom e, atrás deles, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça feito um adolescente teimoso, estava meu pai.

Ela nem olhou para mim. Foi entrando logo de uma vez.

— Mãe. Isso é ridículo. Você não pode simplesmente fugir do papai.

Quantos anos você tem? Quatorze?

— Não estou fugindo, Treena. Estou me permitindo um espaço para respirar.

— Bem, vamos ficar aqui sentados até vocês dois resolverem esse problema ridículo. Sabia que ele tem dormido na van, Lou?

— O quê? Isso você não me contou.

Eu me virei para minha mãe, que ergueu o queixo.

— Você não me deu a chance, com toda sua falação.

Minha mãe e meu pai ficaram ali em pé sem olhar um para o outro.

— Não tenho nada a dizer para o seu pai agora — afirmou mamãe.

— Sentem-se aí — disse Treena. — Vocês dois. — Eles foram arrastando os pés até o sofá, olhando com ressentimento um para o outro, sem falar nada. Minha irmã se virou para mim. — Muito bem. Vamos fazer um chá. E

depois resolveremos isso como uma família.

— Boa ideia! — falei, sentindo que aquela era minha oportunidade. —

Tem leite na geladeira. O chá está ao lado. Sirvam-se. Vou ter que sair por meia hora.

E antes que alguém pudesse me deter, enfiei uma calça jeans e uma regata e saí correndo do apartamento levando a chave do carro.

* * *

Eu o vi assim que entrei no estacionamento. Sam estava indo na direção da ambulância, com a mochila no ombro, e senti um aperto no peito. Eu sabia como seu corpo era delicioso, conhecia os ângulos suaves do seu rosto. Ele se virou e deu um passo em falso, como se eu fosse a última coisa que ele esperasse ver. Então voltou-se para a ambulância, abrindo as portas de trás.

Fui até ele.

— Podemos conversar?

Ele ergueu um tanque de oxigênio como se fosse uma lata de spray de cabelo, prendendo-o no suporte.

— Claro. Mas vai ter que ser outra hora. Estou de saída.

— Não dá para esperar.

Sua expressão não se alterou. Ele pegou um pacote de gaze.

— Olhe. Só queria explicar… aquilo sobre o que a gente estava falando. Eu gosto de você, sim. Gosto muito de você. Só tenho… medo.

— Todos nós temos medo, Lou.

— Você não tem medo de nada.

— Tenho, sim. Só que não de coisas que você notaria.

Ele olhou para as próprias botas. E então notou que Donna vinha correndo na sua direção.

— Ah, droga. Tenho que ir.

Pulei na parte de trás da ambulância.

— Vou com vocês. Depois pego um táxi de volta para casa.

— Não.

— Ah, qual é. Por favor.

— Está querendo me arranjar mais problemas com a comissão disciplinar?

— Alerta vermelho, nível dois. Relatos de esfaqueamento, jovem do sexo masculino. — Donna jogou sua mochila na parte de trás da ambulância.

— Temos que ir, Louisa.

Eu estava perdendo Sam. Conseguia sentir isso pelo tom da sua voz, pelo jeito que ele evitava me encarar. Desci da ambulância, xingando-me por ter me atrasado. Mas Donna me pegou pelo braço e me levou para o banco da frente.

— Pelo amor de Deus — disse ela, quando Sam estava prestes a reclamar.

— Você passou a semana inteira de cara amarrada. Resolva isso. A gente deixa ela antes de chegarmos ao local.

Sam se encaminhou energicamente até a porta do motorista e a abriu, dando uma olhada na sala da direção.

— Ela seria uma boa terapeuta de casal. — A voz dele endureceu. — Se fôssemos, sabe, um casal.

Não foi necessário falar duas vezes. Sam se sentou ao volante e olhou para mim como se fosse dizer alguma coisa, mas depois mudou de ideia.

Donna começou a arrumar o equipamento. Ele ligou o motor e acionou a luz azul.

— Para onde estamos indo?

— *Nós* estamos indo para o subúrbio. E, com o uso da sirene, fica a uns sete minutos daqui. *Você* está indo para a rua da ladeira, a dois minutos de Kingsbury.

— Então tenho cinco minutos?

— E uma longa caminhada de volta.

— Tudo bem — falei.

E, enquanto seguíamos a toda velocidade, me dei conta de que na verdade eu não fazia ideia do que dizer.

26

— É o seguinte — falei.

Sam fez um sinal e deu a partida. Eu precisava gritar, porque a sirene era muito alta. Ele estava com a atenção voltada para a rua à sua frente. Depois olhou para as informações no computador do painel.

— Qual é o caso, Don?

— Possível esfaqueamento. Dois relatos. Há um jovem do sexo masculino desmaiado numa escada.

— Será que essa é mesmo uma boa hora para conversar? — perguntei.

— Depende do que você quer falar.

— Não é que eu não queira ter um relacionamento — comecei. — Só estou um pouco confusa ainda.

— Todo mundo está confuso — comentou Donna. — Todo cara com quem eu saio começa nosso encontro dizendo que tem problemas de confiança. — Ela olhou para Sam. — Ah. Desculpe. Não ligue para mim.

Sam olhava fixo para a frente.

— Uma hora você me chama de babaca porque achou que eu estivesse dormindo com outras mulheres. Depois se mantém distante de mim porque continua ligada a outra pessoa. É muito…

— Will morreu. Sei disso. Mas simplesmente não consigo me entregar tanto quanto você, Sam. Acho que estou começando a me reerguer depois de muito tempo de… Não sei… Eu estava um caos.

— Sei que você estava um caos. Peguei essa fase sua.

— Na verdade, gosto muito de você. Gosto tanto que, se isso desse errado, eu ficaria mal outra vez. E não sei se sou forte o suficiente.

— E como é que *isso* vai acontecer?

— Você pode me deixar. Pode mudar de ideia. É um cara bonito. Outra mulher poderia cair de um prédio e você acharia bom. Poderia ficar doente.

Ou então cair da moto.

— Horário de chegada estimado em dois minutos — avisou Donna, observando o sistema de navegação. — Não estou escutando, sério.

— Você poderia dizer isso sobre qualquer um. E daí? Então a gente deve ficar sentado sem fazer nada todos os dias porque pode sofrer um acidente? Isso é viver?

Ele fez uma curva para a esquerda e tive que me segurar no banco.

— Ainda sou um donut, está bem? — falei. — E quero ser um pão. Quero mesmo. Mas continuo sendo um donut.

— Nossa, Lou! Todos nós somos donuts! Você acha que não vi minha irmã sendo destruída pelo câncer e soube que sofreria com isso, não só por ela, como pelo seu filho, pelo resto dos meus dias? Acha que não sei como é isso? Só existe uma resposta, e posso dizer qual é porque convivo com isso todo dia. A gente *vive*. E se joga em tudo, tentando não pensar nos ferimentos.

— Ah, que lindo — comentou Donna, assentindo.

— Estou *tentando*, Sam. Você não tem ideia de como progredi.

E então chegamos. A placa para Kingsbury surgiu à nossa frente.

Passamos sob um enorme arco, por um estacionamento e entramos num pátio escuro, onde Sam estacionou depois de xingar baixinho.

— Droga. A gente devia ter deixado você.

— Eu não quis interromper — disse Donna.

— Vou esperar aqui até vocês voltarem. — Cruzei os braços.

— Não adianta. — Sam saltou do banco e pegou sua mochila. — Não vou me esforçar ainda mais só para convencê-la a ficar comigo. Ah, droga. Não sei onde estão essas malditas placas. Esse garoto pode estar em qualquer lugar.

Dei uma olhada naqueles prédios ameaçadores com revestimento de tijolos. Provavelmente havia vinte escadas naqueles edifícios, e ninguém gostaria de andar por ali sem estar acompanhado de um guarda-costas avantajado.

Donna vestiu o casaco.

— Na última vez que vim aqui, para um caso de ataque cardíaco, só encontramos o prédio certo depois de quatro tentativas, e o portão estava trancado. Tivemos que achar o zelador para abri-lo antes de podermos entrar com a unidade móvel. Quando consegui chegar ao apartamento certo, o paciente já estava morto.

— Houve dois tiroteios entre gangues aqui no mês passado.

— Quer que eu chame uma escolta policial? — perguntou Donna.

— Não. Não temos tempo.

O local estava assustadoramente tranquilo, embora ainda nem fossem oito da noite. Esses lugares ficavam numa parte da cidade onde, até poucos anos atrás, talvez houvesse crianças andando de bicicleta na rua, fumando escondido e assobiando noite adentro. Mas atualmente os moradores trancavam as portas bem antes de escurecer, e as janelas eram reforçadas com grades de metal. Metade das lâmpadas havia sido apagada com tiros, e as poucas que restavam piscavam sem parar, como se não tivessem certeza se era seguro brilhar.

Sam e Donna, já fora do veículo, cochichavam. Donna abriu a porta do carona e me entregou um colete de alta visibilidade.

— Muito bem. Vista isso e venha com a gente. Ele não acha seguro deixar você aqui.

— Por que ele não podia…

— Ah, vocês dois! Pelo amor de Deus! Olhe, eu vou por aqui e você vai por ali, atrás dele. Está bem? — Fiquei olhando para Donna. — Depois vocês resolvem isso.

Ela seguiu andando, com o walkie-talkie chiando na mão.

Fui logo atrás de Sam por uma passagem de concreto, depois por outra.

— Savernake House — murmurou ele. — Como vamos saber qual é Savernake? — O rádio chiou. — Alô, podemos receber uma orientação?

Esses prédios não têm placa, e não tenho ideia de onde está o paciente.

— Sinto muito — respondeu a voz. — Nosso mapa não mostra o nome de cada prédio.

— Quer que eu vá por ali? — perguntei, apontando para a frente. —

Assim cobriremos três passagens. Estou com meu celular.

Paramos diante de uma escada que fedia a urina e a gordura rançosa de embalagens de comida velhas. Os corredores estavam imersos na escuridão, apenas o som abafado de uma televisão atrás das janelas sugeria que tinha vida no interior de cada pequeno apartamento. Eu esperara um alvoroço ao longe,

alguma vibração no ar que nos levasse ao garoto ferido.

Mas tudo ali estava assustadoramente quieto.

— Não. Fique perto, está bem?

Percebi que minha presença ali o deixava nervoso. Considerei simplesmente ir embora, mas não queria procurar o caminho de volta sozinha.

Sam parou no fim do corredor. Virou-se, balançando a cabeça, com os lábios crispados. A voz de Donna crepitou no rádio:

— Nada desse lado.

Então ouvimos um grito.

— Ali — falei, seguindo o som.

Do outro lado da praça, à meia-luz, vimos um vulto agachado, um corpo no chão sob a luz das lâmpadas.

— Lá vamos nós — disse Sam, e começamos a correr.

Ele me dissera uma vez que velocidade era tudo naquele trabalho. Uma das primeiras coisas que se ensinavam aos paramédicos, por causa da diferença que alguns segundos podiam fazer nas chances de sobrevivência de uma pessoa. Se o paciente se esvaía em sangue, sofrera um derrame ou um ataque cardíaco, talvez esses poucos segundos críticos o mantivessem vivo. Seguimos em disparada pelos corredores de concreto e pelas escadas fedidas e sujas, até pararmos do outro lado da grama pisoteada e irmos em direção ao vulto prostrado.

Donna já estava agachada ao seu lado.

— Uma garota. — Sam colocou a mochila no chão. — Tenho certeza de que disseram que era um homem.

Enquanto Donna a examinava para localizar as lesões, ele ligou para a base de controle.

— Sim. Jovem do sexo masculino, pouco menos de vinte anos, aparência afro-caribenha — respondeu o atendente.

Sam desligou o rádio.

— Devem ter ouvido mal. Tem dias que mais parecem sussurros em chinês.

A garota tinha cerca de dezesseis anos, o cabelo trançado com capricho, as pernas e os braços abertos como se tivesse acabado de cair. Estava estranhamente tranquila. Por um instante fiquei imaginando se eu estava desse jeito quando ele me encontrou.

— Você está me escutando, querida?

Ela não se mexeu. Ele verificou suas pupilas, o pulso, as vias respiratórias.

A garota estava respirando e não havia sinais aparentes de lesões. Mas ela parecia não responder a nenhum estímulo. Sam verificou mais uma vez tudo em volta dela, olhando para o seu equipamento.

— Está viva?

Sam e Donna se entreolharam. Ele se empertigou e olhou ao redor, pensando. Observou as janelas dos prédios, que pareciam nos encarar como olhos vazios, hostis. Então fez sinal para nos aproximarmos e sussurrou:

— Tem alguma coisa errada. Escutem, vou testar soltar a mão da menina.

E quando eu fizer isso, quero que sigam para a ambulância e liguem o motor. Se for o que acho que é, precisamos dar o fora daqui.

— Uma emboscada de drogas? — murmurou Donna, olhando para algum ponto atrás de mim.

— Pode ser. Ou disputa de território. A gente devia ter procurado este lugar no banco de dados. Tenho certeza de que foi aqui que Andy Gibson enfrentou aquele tiroteio.

Tentei manter a voz calma:

— O que é esse teste de soltar a mão?

— Vou levantar a mão dela e soltar em cima do rosto. Se ela estiver fingindo, vai mexer a mão para não deixá-la atingir a cara. Todo mundo sempre faz isso. É como um reflexo. Mas, se tiver alguém olhando, não quero que percebam que descobrimos a armação. Louisa, aja como se estivesse indo buscar mais algum equipamento, está bem? Vou fazer isso depois que me mandar uma mensagem avisando que está no carro. Se tiver alguém por perto, não entre. Simplesmente dê meia-volta e venha direto para cá. Donna, fique com sua mochila pronta.

Você vai logo depois dela. Se nos virem saindo juntos, vão entender tudo.

Ele me entregou as chaves. Peguei uma bolsa, como se fosse minha, e comecei a andar depressa até a ambulância. De repente, percebi que estava sendo observada por pessoas escondidas nas sombras. As batidas do meu coração latejavam nos meus ouvidos. Tentei ficar inexpressiva, me movendo com determinação.

Meus passos ecoavam pelo pátio e a caminhada apareceu dolorosamente longa. Quando cheguei à ambulância, suspirei aliviada. Peguei as chaves, abri a porta, e, quando dei um passo, uma voz gritou no escuro:

— Moça. — Olhei para trás. Nada. — Moça.

Um rapaz surgiu em uma pilastra de concreto, e outro vinha logo atrás, com o capuz escondendo o rosto. Eu me aproximei da ambulância com o coração disparado.

— O reforço está chegando — falei, tentando manter a voz firme. — Não tem nenhuma droga aqui. Vocês dois precisam se afastar, está bem?

— Moça. Ele está perto das lixeiras. Não querem que vocês o encontrem.

Está sangrando muito, moça. É por isso que a prima do Emeka está fingindo lá. Para distrair. Para fazer vocês irem embora.

— O quê? Como assim?

— Ele está perto das lixeiras. Você tem que ajudar, moça.

— O quê? Onde ficam as lixeiras?

Mas o garoto olhou com cautela para trás, e, quando perguntei outra vez, os dois já tinham desaparecido no escuro.

Olhei em volta, tentando entender o que ele quis dizer. Então notei, perto das garagens, a borda saliente de uma lixeira de plástico verde. Fui me esgueirando pelas sombras do térreo, fora da vista da praça principal, até encontrar uma porta aberta que dava para o depósito de lixo. Saí correndo nessa direção, e ali, enfiado atrás da lata para reciclagem, havia as pernas estiradas de alguém, numa calça de moletom ensopada de sangue. A metade superior do corpo estava embaixo das lixeiras, e eu me agachei. O

garoto virou a cabeça e gemeu baixinho.

— Oi? Está me ouvindo?

— Eles me pegaram.

Sangue pegajoso escorria do que pareciam dois ferimentos em suas pernas.

— Eles me pegaram…

Alcancei o celular e liguei para Sam, falando em um tom baixo e urgente.

— Estou perto das lixeiras, à sua direita. Por favor. Venha rápido.

Eu pude vê-lo observando o entorno até me encontrar. Dois rapazes apareceram ao lado dele. Notei que estavam perguntando sobre a garota caída com uma expressão preocupada. Ele fez a gentileza de colocar um cobertor sobre a prima farsante, pedindo-lhes para vigiá-la, e foi energicamente, carregando sua mochila, até a ambulância, como se tivesse ido buscar mais equipamentos. Donna havia sumido.

Abri a bolsa que ele me dera, pegando um pacote de gaze para fazer uma compressa sobre a perna do garoto, mas havia muito sangue.

— Tudo bem. Tem uma pessoa vindo ajudar. Já vamos colocar você na ambulância.

Eu parecia a personagem de um filme ruim. Não sabia mais o que dizer.

Ande logo, Sam.

— Você precisa me tirar daqui. — O garoto gemia.

Toquei seu braço, tentando manter a calma. *Ande logo, Sam. Cadê você, caramba?* De repente, ouvi o motor da ambulância sendo ligado. Depois o veículo percorreu depressa e de ré as garagens, vindo na minha direção, o motor rugindo em protesto. O carro parou com um tranco e Donna saltou.

Abriu as portas de trás e correu até mim.

— Me ajude a botá-lo lá dentro — disse ela. — Vamos dar o fora daqui.

Não havia tempo para pegar a maca. Em algum lugar acima de nós, ouvi gritos e muitos passos. Empurramos o garoto para a ambulância, jogando-o na parte de trás. Donna bateu as portas e corri para o banco do carona com o coração disparado, me jogando dentro do carro e trancando as portas.

Consegui vê-los: uma gangue de homens corria no andar de cima e vinham na nossa direção, as mãos erguidas segurando… o quê? Pistolas? Facas?

Senti algo derreter dentro de mim. Olhei pela janela. Sam andava pelo pátio com a cabeça levantada: ele também tinha visto os homens.

Mas, antes dele, Donna notou a pistola apontada na mão de um sujeito.

Ela xingou em voz alta e saiu de ré da garagem, conduzindo a ambulância direto para o gramado, de onde Sam vinha até nós. Eu conseguia apenas distingui-lo, pois o tom verde do seu uniforme ia ficando cada vez maior no reflexo do retrovisor do carona.

— Sam! — gritei da janela.

Ele olhou para mim, depois para os homens.

— Deixem a ambulância em paz — gritou ele para a gangue, acima do barulho do veículo que dava marcha a ré. — Vão embora! Só estamos fazendo nosso trabalho.

— *Agora, não, Sam. Agora, não* — sussurrou Donna.

Os homens continuavam correndo, olhando ao redor, como se procurassem o caminho mais rápido para descer, agitados, avançando depressa. Um deles pulou um muro com agilidade, descendo facilmente um lance de escada. Eu queria tanto dar o fora dali que estava até sem forças.

Mas Sam continuava indo na direção deles, com as mãos erguidas, as palmas para cima.

— Deixem a ambulância, rapazes, está bem? Só estamos aqui para ajudar.

— Sua voz era calma e autoritária, sem trair nem um pouco o medo que eu sentia.

Então, pelo vidro traseiro, reparei que os homens haviam desacelerado.

Eles estavam andando, não mais correndo. Uma parte distante de mim pensou: *Ah, graças a Deus*. O garoto, logo atrás de nós, continuava gemendo.

— Pronto — disse Donna, curvando o corpo. — Ande *logo*, Sam. Rápido.

Venha para cá agora, e a gente pode dar o…

Bang.

O barulho cortou o ar, amplificado pelo espaço vazio, e por um instante fiquei com a sensação de que a minha cabeça tinha se expandido e se contraído com o som. Em seguida, rápido demais…

Bang.

Gritei.

— *Que po...*— berrou Donna.

— A gente precisa dar o fora daqui, cara! — gritou o garoto.

Olhei para trás, desejando com todas as forças que Sam entrasse. *Entre agora. Por favor*. Mas ele tinha sumido. Não, sumido, não. Havia algo no chão: um colete de alta visibilidade. Uma mancha amarela no concreto cinza.

Tudo parou.

“Não”, pensei. “Não.”

A ambulância deu uma freada brusca. Então Donna saltou e corri atrás dela. Sam estava imóvel no meio de uma poça cada vez maior do sangue que se esvaía do seu corpo. Ao longe, os dois idosos corriam aos trancos e barrancos para a segurança da porta dos próprios apartamentos, a garota, que supostamente estava imóvel, saiu em disparada, numa velocidade de atleta, pelo gramado. E os homens continuavam se aproximando, correndo na nossa direção. Senti um gosto metálico na boca.

— *Lou! Pegue ele*.

Arrastamos Sam para a parte de trás da ambulância. Ele era muito pesado, como se resistisse deliberadamente. Eu o puxava pelo colarinho e pelas axilas. Minha respiração saía entrecortada. Seu rosto estava branco como giz e havia enormes sombras escuras embaixo de seus olhos entreabertos, como se ele não dormisse há cem anos. Eu me sujei com o sangue dele. Não sabia que o sangue era tão quente. Donna já estava dentro do veículo, arrastando Sam, e nós duas fazíamos força, ofegando. Eu sentia um nó na garganta enquanto puxava as pernas e os braços dele.

— *Me ajudem!* — gritei, como se houvesse alguém ali que pudesse ajudar.

— *Me ajudem!*

Finalmente o colocamos na ambulância, com a perna retorcida. Depois batemos as portas.

Paft! Algo atingiu o alto do veículo. Gritei e me abaixei. Pensei, distraidamente: *É isso? É assim que vou morrer? Usando minha calça jeans ruim, enquanto a alguns quilômetros daqui meus pais discutem sobre bolos de aniversário com minha irmã?* O garoto na maca gritava, a voz esganiçada de medo. Então a ambulância avançou a toda velocidade, desviando para a direita quando os homens se aproximaram de nós pela esquerda. Vi a mão de alguém se erguer e pensei ter escutado um tiro, por isso voltei a me abaixar instintivamente.

— *Caramba!* — disse Donna, dando outra guinada com o carro.

Ergui a cabeça. Eu conseguia ver a saída. Donna virou com tudo para a esquerda, depois para a direita, quase deixando a ambulância apoiada apenas em duas rodas ao fazer a curva. O espelho lateral atingiu outro carro. Alguém se jogou na nossa frente, mas Donna deu outra guinada e continuou. Ouvi alguém dar um murro raivoso na lateral do carro. Em seguida estávamos na rua, com os rapazes no nosso encalço diminuindo o passo, derrotados, assistindo à nossa fuga.

— *Nossa*.

Com a sirene ligada, Donna entrou em contato com o hospital, mas meus ouvidos latejando não me deixaram escutar o que ela disse. Eu segurava a cabeça de Sam, que estava pálido, suando frio e com os olhos vidrados. Ele estava calado.

— O que eu faço? — gritei para Donna. — *O que eu faço?*

Ela freou bruscamente numa rotatória e se virou para mim por um instante.

— Encontre a lesão. O que está vendo?

— Foi na barriga. Tem um buraco. Dois. E muito sangue. Ai, meu Deus, tem muito sangue.

Minhas mãos ficaram ensanguentadas. Eu estava ofegante. Achei que fosse desmaiar.

— Preciso que você se acalme, ok, Louisa? Ele está respirando? Dá para sentir a pulsação?

Verifiquei outra vez e relaxei de alívio.

— Dá.

— Não posso parar. Estamos muito perto. Levante as pernas dele.

Mantenha o sangue perto do peito dele. A camisa tem que estar aberta.

Pode rasgar. Ande logo. Consegue descrever o ferimento?

Sua barriga, que eu já havia sentido quente, macia e rígida roçando na minha, estava uma confusão vermelha, de sangue e feridas. Deixei escapar um soluço.

— Ai, meu Deus…

— Não entre em pânico agora, Louisa. Está me ouvindo? Já vamos chegar.

Você precisa fazer pressão. Vamos, você consegue. Pegue a gaze. A grande.

Pegue qualquer coisa, mas estanque a hemorragia, está bem?

Ela voltou para a pista na contramão. O garoto na maca soltou um palavrão baixinho, imerso na própria dor. À nossa frente, carros desviavam obedientemente na rua iluminada. A sirene, sempre a sirene.

— *Paramédico ferido. Repito: paramédico ferido. Baleado no abdômen!* —

gritava Donna no rádio. — *Chegada prevista em três minutos. Vamos precisar de todo o equipamento pronto para atender a emergências.*

Com as mãos trêmulas, desembrulhei as ataduras e rasguei a camisa de Sam, me segurando enquanto a ambulância fazia as curvas a toda velocidade. Como é que esse mesmo homem podia estar discutindo comigo havia apenas quinze minutos? Como alguém tão forte podia estar se esvaindo bem na minha frente?

— Sam? Consegue me ouvir?

Eu estava ajoelhada ao lado dele, debruçada sobre seu tronco, sujando toda a minha calça de sangue. Ele fechou os olhos. Quando abriu, pareciam fixos em um ponto distante. Abaixei o rosto, me posicionando bem diante do seu campo visual. Por um segundo, ele sustentou meu olhar, e notei algo que talvez fosse reconhecimento.

Peguei a mão dele, do jeito que Sam fez comigo naquela outra ambulância, um milhão de anos atrás.

— Você vai ficar bom, está me ouvindo? Você vai ficar bom.

Nada. Ele não parecia registrar minha voz.

— Sam? Olhe para mim, Sam.

Nada.

Tive a impressão de estar lá outra vez, naquele quarto na Suíça, Will se afastando de mim, perdendo-o.

— Não. Não se atreva. — Encostei meu rosto no dele, pedindo em seu ouvido: — Sam. Fique comigo, está ouvindo? — Mantive minha mão na compressa de gaze e meu corpo sobre o dele, sacolejando com o movimento da ambulância. Eu escutava alguns soluços, mas só depois me dei conta de que eram meus. Virei a cabeça dele com as mãos, forçando-o a olhar para mim. — Fique comigo! Está me ouvindo, Sam? *Sam! Sam!*

Eu nunca sentira tanto medo. O medo estava no seu olhar fixo, no seu sangue quente, e só aumentava.

Uma porta se fechou.

— *Sam!*

A ambulância tinha parado.

Donna pulou na parte de trás da ambulância. Abriu uma bolsa de plástico transparente, pegando remédios, gazes e uma seringa, que usou para injetar algo no braço de Sam. Com as mãos trêmulas, colocou-o no soro e posicionou uma máscara de oxigênio no seu rosto. Eu ouvia um bipe no lado de fora. E tremia violentamente.

— Fique aí! — ordenou ela, quando eu estava prestes a sair da sua frente.

— Mantenha a pressão. Isso aí, assim está bom. Está se saindo muito bem.

— Aproximou seu rosto do dele. — Força, colega. Força, Sam. Estamos quase lá. — Eu conseguia ouvir as sirenes enquanto ela trabalhava, ainda falando, as mãos ágeis e competentes mexendo no equipamento, sempre ocupadas, em movimento. — Você vai ficar bom, companheiro. Fique aí, está bem?

Luzes verdes e pretas piscavam no monitor. O barulho de bipe vinha dali.

Então as portas se abriram novamente, inundando a ambulância de uma luz neon oscilante. Surgiram paramédicos, com seus uniformes verdes e jalecos brancos,

e levaram o garoto, que ainda resmungava e xingava.

Depois pegaram Sam, tirando-o de mim com delicadeza e carregando-o noite dentro. O chão da ambulância estava encharcado de sangue, e, quando fui me levantar, escorreguei e usei a mão para me apoiar. Ela ficou vermelha de sangue.

As vozes sumiram. Vi o rosto de Donna de relance, pálida de ansiedade.

Rosnaram uma instrução: *Direto para o centro cirúrgico*. Fiquei parada entre as portas da ambulância, observando-o ser levado dali às pressas, ouvindo o barulho das botas dos homens no asfalto. As portas do hospital se abriram e Sam desapareceu lá dentro. Quando tornaram a se fechar, fui deixada sozinha no silêncio do estacionamento.

27

As horas que passamos sentados numa cadeira de hospital têm características estranhas, elásticas. Eu não era capaz de perceber o tempo passar enquanto esperava Will fazer os exames. Lia revistas, dava uma olhada nas mensagens no meu celular, descia para tomar um café de hospital forte demais num saguão onde o vendiam por um preço muito alto, me preocupava com as tarifas do estacionamento. Eu me queixava só por me queixar pelo tempo que essas coisas levavam.

Nesse momento, eu estava sentada numa cadeira de plástico, com a mente entorpecida, olhando fixo para uma parede, incapaz de dizer quantas horas fazia que eu estava ali. Eu não conseguia pensar. Não conseguia sentir. Apenas existia: eu, a cadeira de plástico e o linóleo rangendo sob meus tênis ensanguentados.

A luz fria no teto era uma difícil constante, iluminando as enfermeiras que passavam apressadas, mal olhando para mim. Algum tempo depois que cheguei, uma delas teve a gentileza de me indicar o banheiro para que eu pudesse lavar as mãos, mas o sangue de Sam não saíra das minhas unhas, e as cutículas com cor de ferrugem continuavam sugerindo uma atrocidade recente. Partes dele em partes minhas. Partes dele em locais onde não deveriam estar.

Quando eu fechava os olhos, ouvia as vozes, o barulho da bala atingindo o teto da ambulância, o eco do tiro, a sirene, a sirene, a sirene… Eu visualizava o rosto dele durante o breve instante em que me encarara com um olhar vazio, sem qualquer aflição, sem nada senão talvez uma vaga perplexidade de estar ali no chão, sem conseguir se mexer.

Aqueles ferimentos não saíam da minha cabeça, pois não eram furinhos limpos, como os tiros que as pessoas levavam nos filmes, e sim feridas abertas, vivas, pulsantes, jorrando sangue como se maldosamente tentassem exauri-lo.

Fiquei sentada naquela cadeira de plástico sem me mexer porque eu não sabia fazer mais nada. Em algum lugar no fim daquele corredor ficava o centro cirúrgico. Ele estava lá dentro. Vivo ou morto. Estava sendo levado para uma ala distante, ou rodeado de colegas que comemoravam aliviados, ou então alguém puxava aquele pano verde sobre o seu…

Apoiei a cabeça nas mãos e escutei minha respiração, inspirando e expirando. Inspirando e expirando. Meu corpo tinha um cheiro estranho: de sangue, antisséptico e alguma coisa azeda por causa do medo visceral.

De vez em quando, eu observava vagamente minhas mãos tremerem, mas não tinha certeza se era queda do nível de açúcar no sangue ou exaustão, e, de alguma maneira, tentar procurar comida parecia requerer um esforço enorme. Não conseguia me mexer.

Minha irmã tinha me mandado uma mensagem de texto fazia algum tempo.

Cadê você? Vamos comer pizza. Eles estão conversando, mas preciso de você aqui para fazer o papel da ONU.

Eu não respondera. Não tinha ideia do que dizer.

Ele está falando de novo sobre as pernas cabeludas dela. Por favor, venha.

Isso pode piorar. Ela tem uma pontaria incrível com massa de farinha.

Fechei os olhos e tentei lembrar como foi, uma semana atrás, ficar deitada na grama ao lado de Sam, com suas pernas esticadas muito mais compridas que as minhas, o cheiro tranquilizador da sua camisa quente, o tom grave da sua voz, o sol batendo no meu rosto. A cabeça dele virando na direção da minha para roubar beijos, e como, no fundo, ele parecia contente depois de cada um. Seu modo de andar, com o corpo ligeiramente inclinado para a frente, mas mantendo-se equilibrado. Era o homem mais forte que já conheci, passava a impressão de que nada conseguiria derrubá-lo.

Senti o celular vibrar, então o tirei do bolso e li a mensagem da minha irmã: *Cadê você? Mamãe está ficando preocupada*. Olhei a hora: 22h48. Eu não conseguia acreditar que eu era a mesma pessoa que acordara aquela manhã e deixara Lily na estação de trem. Eu me recostei na cadeira, pensei por um instante e comecei

a digitar. *Estou no hospital da City. Houve um acidente. Estou bem. Volto quando souber*

quando souber

Meu dedo pairava sobre as teclas. Pisquei e, depois de um tempo, apertei enviar.

Fechei os olhos e comecei a rezar.

* * *

Eu me sobressaltei ao ouvir as portas de vaivém. Minha mãe andava depressa pelo corredor, vestindo seu melhor casaco, já com os braços abertos.

— O que foi que aconteceu? — Treena vinha logo atrás, arrastando Thom, que usava um casaco por cima do pijama. — Mamãe não quis vir sem papai e eu não quis ficar para trás.

Thom me olhou sonolento e acenou com a mão úmida.

— Não fazíamos ideia do que tinha acontecido com você! — Minha mãe se sentou ao meu lado, observando meu rosto. — Por que não nos contou?

— O que está acontecendo?

— Sam foi baleado.

— Baleado? O seu paramédico?

— Com uma arma? — perguntou Treena.

Então minha mãe notou minha calça jeans. Observou as manchas vermelhas, incrédula, e virou-se em silêncio para o meu pai.

— Eu estava com ele.

Ela tapou a boca com as mãos.

— Como você está? — Mas ela percebeu sozinha que eu estava bem, pelo menos fisicamente. — E… ele?

Os quatro estavam parados na minha frente, paralisados pelo choque e pela preocupação. De repente, senti um alívio imenso por eles estarem ali.

— Não sei — respondi e, quando meu pai deu um passo à frente para me

abraçar, finalmente comecei a chorar.

* * *

A impressão é que passamos vários anos sentados ali, minha família e eu, naquelas cadeiras de plástico. Ou quase isso. Thom dormiu no colo de Treena, pálido sob a luz fria, apertando seu surrado gato de pelúcia na pele sedosa entre o pescoço e o queixo. Eu estava entre papai e mamãe, e a todo momento um deles segurava minha mão ou afagava meu rosto e dizia que ia dar tudo certo. Eu me apoiei no meu pai e deixei as lágrimas escorrerem em silêncio, e minha mãe enxugou meu rosto com seu infalível lenço limpo.

De vez em quando, ela saía para dar uma volta pelo hospital e trazer bebidas quentes.

— De jeito nenhum que ela teria feito isso sozinha um ano atrás — disse papai na primeira vez que minha mãe saiu.

Eu não sabia se seu tom era de admiração ou de lamento.

Falamos pouco. Não havia o que dizer. As palavras se repetiam na minha cabeça como um mantra: *Que ele fique bom. Que ele fique bom. Que ele fique bom.*

É isso que uma catástrofe faz: elimina as bobagens e o barulho de fundo, o *será que eu devia mesmo* e o *e se.* Eu queria Sam. Sabia disso com uma clareza pungente. Queria sentir seus braços em volta de mim, ouvi-lo falando, e andar na sua ambulância. Eu queria que ele preparasse para mim uma salada com verduras que tivesse cultivado na sua horta e queria sentir seu peito quente e nu subindo e descendo sob o meu braço enquanto ele dormia. Por que eu não tinha sido capaz de lhe dizer isso? Por que eu perdera tanto tempo me preocupando com o que não era importante?

Então, quando minha mãe entrou pelas portas do fundo carregando uma bandeja de papelão com quatro chás, as portas do centro cirúrgico se abriram e Donna saiu, com o uniforme ainda sujo de sangue, passando as mãos pelo cabelo. Fiquei de pé. Ela diminuiu o passo diante de nós com uma expressão séria, os olhos vermelhos e exaustos. Por um instante, achei que eu fosse desmaiar. Seu olhar encontrou o meu.

— Esse cara é forte como uma rocha.

Quase sem querer, deixei escapar um soluço e ela tocou meu braço.

— Você foi ótima, Lou — disse ela, dando um longo suspiro trêmulo. —

Você foi ótima hoje.

* * *

Ele passou a noite na unidade de terapia intensiva e pela manhã foi transferido para a semi-intensiva. Donna ligou para os pais de Sam e disse que passaria na casa dele para alimentar os bichos depois de dormir um pouco. Entramos juntas para vê-lo pouco depois da meia-noite, mas ele estava dormindo, ainda pálido, com uma máscara cobrindo quase todo o rosto. Eu queria me aproximar, mas estava com medo de tocar nele, ligado a todos aqueles fios, tubos e monitores.

— Ele vai mesmo ficar bom?

Ela assentiu. Uma enfermeira andava em silêncio em volta da cama, fazendo verificações, conferindo sua pulsação.

— Foi sorte ter sido uma pistola antiga. Muitos garotos estão arranjando semiautomáticas. Teria sido o fim. — Donna esfregou os olhos. — Talvez saia no jornal, se não acontecer mais nada. Sabia que ontem à noite outra equipe encarou o assassinato de uma mãe e um bebê na Athena Road? Mas é possível que esse caso nem vire notícia.

Desviei o olhar de Sam e me virei para ela.

— Você vai continuar?

— Continuar?

— Sendo paramédica.

Ela fez uma careta, como se não tivesse realmente entendido minha pergunta.

— Claro. É o meu trabalho. — Deu tapinhas no meu ombro e se virou para a porta. — Durma um pouco, Lou. Ele só deve acordar amanhã, de qualquer forma. Foi sedado com fentanil.

Quando voltei para o corredor, encontrei meus pais esperando por mim.

Não disseram nada. Balancei discretamente a cabeça. Meu pai pegou meu braço e mamãe deu tapinhas nas minhas costas.

— Vamos levá-la para casa, querida — disse ela. — Para você colocar roupas

limpas.

* * *

Parece que quando você diz ao seu chefe que gostaria de trocar de turno porque um homem que pode ou não ser seu namorado levou dois tiros na barriga, sendo que esse mesmo chefe sabe que você já passou alguns meses de licença médica depois de ter caído do quinto andar de um prédio, a voz dele ganha um tom específico:

— Você… Ele levou… o quê?

— Levou dois tiros. Já saiu da UTI, mas eu gostaria de estar lá de manhã quando ele acordar. Então queria saber se posso trocar de turno com você.

Houve um breve silêncio.

— Certo… Hum. Ok. — Ele hesitou. — O cara levou mesmo um tiro? De uma arma de verdade?

— Você pode inspecionar os buracos, se quiser. — Meu tom de voz estava tão calmo que quase dei risada.

Discutimos mais alguns detalhes logísticos, como as ligações que precisavam ser feitas, uma visita à sede da empresa, e, antes de desligar, Richard ficou quieto por um instante. Depois, perguntou:

— Louisa, sua vida é sempre assim?

Pensei em quem eu era apenas dois anos atrás, nos meus dias medidos pela breve caminhada entre a casa dos meus pais e a cafeteria, pela rotina das noites de terça-feira vendo Patrick correr ou jantando com meus pais.

Dei uma olhada no saco de lixo no canto, com meus tênis ensanguentados.

— Talvez. Mas eu gostaria de pensar que é só uma fase.

* * *

Depois do café da manhã, meus pais voltaram para casa. Minha mãe não queria ir, mas garanti que eu estava bem e, como não sabia onde ficaria nos próximos dias, não fazia muito sentido que ela continuasse comigo.

Também lembrei a ela que a última vez que deixaram vovô sozinho por mais de

vinte e quatro horas, ele acabou trocando as refeições por dois potes de geleia de framboesa e uma lata de leite condensado.

— Mas você está bem mesmo. — Ela falou como se não fosse uma pergunta, embora obviamente fosse. Depois tocou no meu rosto.

— Mãe, estou bem.

Ela balançou a cabeça e foi pegar a bolsa.

— Não sei, Louisa. Você escolhe eles a dedo, né?

Ela foi pega de surpresa quando eu ri. Pode ter sido porque eu ainda estava em choque. Mas gosto de pensar que foi nesse momento que me dei conta de que não tinha mais medo de nada.

* * *

Tomei um banho, tentando não olhar para a água cor-de-rosa que escorria das minhas pernas, e lavei o cabelo. Depois fui comprar um buquê com as flores menos murchas que encontrei no Samir, e voltei para o hospital porque queria chegar lá às dez. Enquanto me levava até a porta, a enfermeira me disse que os pais de Sam já estavam lá fazia tempo. Eles tinham ido buscar as coisas dele no vagão, junto com Jake e o pai.

— Sam não estava dizendo coisa com coisa quando eles chegaram, mas agora melhorou um pouco — contou ela. — Isso é comum quando a pessoa acabou de sair do centro cirúrgico. Alguns se recuperam mais depressa que outros.

Desacelerei o passo assim que nos aproximamos da porta. Eu conseguia vê-lo pelo vidro, de olhos fechados, assim como na noite passada, a mão imóvel ao lado do corpo ligada por fios a vários monitores. A barba despontava de seu queixo e, embora ele ainda estivesse pálido como um fantasma, parecia mais consigo mesmo.

— Tem certeza de que posso entrar?

— Você é a Louise, não é? Ele anda perguntando por você. — Ela sorriu e enrugou o nariz. — Pode nos chamar caso se canse desse cara aí. Mas ele é ótimo.

Empurrei a porta devagar e Sam abriu os olhos, virando ligeiramente o rosto. Olhou para mim como se estivesse me reconhecendo, e relaxei de alívio.

— Tem gente que faz qualquer coisa para ter mais cicatrizes que eu.

Fechei a porta ao entrar.

— É. Bem. — A voz dele saiu rouca. — Já saí desse jogo.

Ele me deu um sorriso cansado. Fiquei parada, trocando o peso de pé. Eu odiava hospitais. Faria quase qualquer coisa para não ter que entrar outra vez em um.

— Venha cá.

Coloquei as flores na mesa e me aproximei dele. Sam mexeu o braço, fazendo sinal para que eu me sentasse ao seu lado na cama. Fiz isso, e então, como parecia errado estar olhando para ele de cima, eu me deitei, me ajeitando com cuidado para não tirar nada do lugar nem machucá-lo.

Apoiei a cabeça no seu ombro e senti o toque agradável do seu rosto encostando no meu. Ele ergueu o braço, me prendendo com delicadeza.

Ficamos ali deitados em silêncio por algum tempo, escutando o vaivém dos passos suaves das enfermeiras lá fora, conversando ao longe.

— Pensei que você tivesse morrido — murmurei.

— Parece que uma mulher incrível que não devia estar na parte de trás da ambulância conseguiu conter minha hemorragia.

— Essa é uma mulher e tanto, hein.

— É o que eu acho.

Fechei os olhos, sentindo o calor da sua pele no meu rosto, o cheiro desagradável de desinfetante químico emanando do seu corpo. Não pensei em nada. Apenas aproveitei aquele momento, o enorme prazer de estar ali ao lado dele, sentindo sua presença, o espaço que ele ocupava ali. Virei a cabeça e beijei a pele macia do seu braço, e depois senti seus dedos percorrerem com delicadeza meu cabelo.

— Você me assustou, Sam da ambulância.

Houve um longo silêncio. Eu quase conseguia ouvi-lo pensando nas milhões de coisas que ele decidiu não dizer.

— Que bom que você está aqui — falou ele, no fim das contas.

Ficamos ali deitados mais um pouco, em silêncio. Quando a enfermeira finalmente entrou e ergueu uma sobrancelha ao me ver tão perto de vários tubos e fios, saí da cama com relutância e obedeci às suas instruções para ir tomar café da manhã enquanto ela cuidava dos procedimentos médicos.

Dei um beijo nele, um pouco inibida, e, quando afaguei seu cabelo, ele ergueu os olhos e percebi, com gratidão, um pouco do que eu significava para ele.

— Volto depois do trabalho — falei.

— Talvez você encontre meus pais — disse ele, como se estivesse me dando um aviso.

— Tudo bem — retruquei. — Vou tomar o cuidado de não colocar minha camiseta "Foda-se a Polícia".

Ele riu, depois fez uma careta, como sentisse dor ao rir.

Fiquei mais um tempo por ali enquanto as enfermeiras cuidavam dele, fazendo o que todo mundo faz no quarto de um paciente quando está simplesmente procurando uma desculpa para continuar por ali. Arrumei as frutas, joguei um lenço de papel fora, organizei algumas revistas que eu sabia que ele não ia ler. Até que chegou a hora de ir embora. Eu já estava na porta quando ele falou:

— Ouvi você.

Minha mão estava estendida, prestes a girar a maçaneta. Mas eu me virei.

— Ontem à noite. Enquanto eu sangrava. Ouvi você.

Nós nos entreolhamos. E naquele momento tudo mudou. Percebi o que realmente havia feito. Eu me dei conta de que poderia ser o eixo da vida de uma pessoa, algo que a prendesse ali. Vi que apenas minha presença bastaria. Voltei, segurei o rosto de Sam nas mãos e beijei-o com ferocidade, sentindo lágrimas quentes e descontroladas rolarem, enquanto ele me puxava com força para perto ao retribuir meu beijo. Encostei o rosto no dele, chorando e rindo, ignorando as enfermeiras, ignorando tudo, exceto o homem à minha frente. Então, por fim, saí e desci a escada, enxugando o rosto, rindo das minhas lágrimas, ignorando a expressão de curiosidade de quem passava por mim.

O dia estava lindo, mesmo sob a iluminação artificial do hospital.

Pássaros cantavam lá fora, um novo dia amanhecia, as pessoas viviam, cresciam, melhoravam e ansiavam por ficar mais velhas. Comprei um café e

comi um muffin exageradamente doce, que foram as coisas mais deliciosas que já provei. Mandei mensagens para os meus pais, para Treena e Richard, avisando a ele que chegaria logo mais no trabalho. Também escrevi para Lily: *Achei que talvez você quisesse saber que Sam está no hospital. Foi baleado, mas está bem. Ele ia adorar se você mandasse um cartão. Ou até mesmo só uma mensagem de texto, se estiver ocupada.*

Recebi a resposta alguns segundos depois. Sorri. Como é que as garotas dessa idade digitavam tão depressa, mas faziam todo o resto tão devagar?

Ai, meu Deus. Acabei de contar às outras garotas e agora sou basicamente a pessoa mais interessante da sala. Mas, sério, mande beijos para ele. Se me der o endereço dele, mando um cartão depois da aula. Ah, e me desculpe por ter me exibido para ele de calcinha daquela vez. Não foi minha intenção. Pelo menos não de um jeito pervertido. Torço para vocês serem muito felizes. Bjs.

Respondi na hora. Observei a cafeteria do hospital, os pacientes arrastando os pés e o límpido dia azul pela claraboia, e meus dedos começaram a digitar antes que eu me desse conta do que estava escrevendo.

Eu estou feliz.

28

Jake estava esperando embaixo da marquise quando cheguei ao Grupo Seguindo em Frente. Chovia muito, densas nuvens escuras desencadearam uma tempestade brusca que encheu os bueiros e me deixou encharcada apenas nos dez segundos que levei para atravessar correndo o estacionamento.

— Você não vai entrar? Está horrível aí…

Ele deu um passo à frente e, quando cheguei à porta, seus braços magricelos me envolveram num abraço rápido e desajeitado.

— Ah! — Ergui as mãos, para não deixá-lo todo molhado.

Ele me soltou e deu um passo para trás.

— Donna nos contou o que você fez. Eu só… sabe… queria agradecer.

Os olhos dele estavam tensos e com olheiras, então me dei conta do que esses últimos dias deviam ter sido para ele, depois de ter perdido a mãe há tão pouco tempo.

— Ele é forte — falei.

— Vaso ruim não quebra — disse ele, e rimos sem jeito, como os ingleses fazem quando estão muito emocionados.

Na reunião, com uma desenvoltura que não era típica dele, Jake falou sobre o fato de sua namorada não compreender seu sofrimento.

— Ela não entende por que em certas manhãs só quero ficar na cama com a cabeça coberta. Ou por que entro em pânico quando acontece alguma coisa com alguém que eu amo. Mas nunca aconteceu nada de ruim na vida dela. Nunca. Até o coelho de estimação dela continua vivo, por mais que tenha, sei lá, nove anos.

— As pessoas se cansam do luto — comentou Natasha. — É como se tacitamente nos dessem um tempo, seis meses, talvez, e depois ficassem um pouco irritadas por você não ter "melhorado". É como se estivéssemos sendo autoindulgentes ao nos prender à nossa infelicidade.

— Isso mesmo! — Um murmúrio de concordância percorreu a roda.

— Às vezes acho que seria mais fácil se as viúvas ainda tivessem que usar preto — disse Daphne. — Assim todo mundo saberia que continuamos de luto.

— Talvez a pessoa pudesse ir mudando a cor com o tempo. Do preto ao roxo-escuro, por exemplo — sugeriu Leanne.

— Voltando ao amarelo quando estiver muito feliz outra vez. — Natasha riu.

— Ah, não. Amarelo fica horrível no meu tom de pele. — Daphne sorriu com cautela. — Terei que continuar um pouco infeliz.

Fiquei naquele salão úmido da igreja ouvindo as histórias daquelas pessoas que davam passos hesitantes para superar pequenos obstáculos emocionais. Fred tinha entrado para uma liga de boliche e estava gostando de ter mais um motivo para sair às terças-feiras, um que não envolvia falar sobre a falecida esposa. Sunil concordara em deixar a mãe apresentá-lo a uma prima distante de Eltham.

— Não gosto muito dessa coisa de casamento arranjado, mas, para ser sincero, não estou tendo sorte com os outros métodos. Fico repetindo para mim mesmo que ela é minha mãe, então não vai querer que eu me case com alguém que não presta.

— Acho que é uma ótima ideia— disse Daphne. — Minha mãe talvez tivesse

notado muito antes de mim qual era a preferência de Alan. Ela sempre teve um olho bom para julgar as pessoas.

Eu os observava como se estivesse de fora. Ria de suas piadas, estremecia com suas histórias de quando choraram em momentos inoportunos ou quando fizeram comentários equivocados. Mas o que ficou claro, enquanto eu estava ali sentada naquela cadeira de plástico tomando café solúvel, era que, de algum jeito, eu tinha ido parar do outro lado. Eu havia superado. A luta deles não era mais a minha. Eu não ia parar de chorar por Will, nem de amá-lo, nem de sentir falta dele, mas minha vida parecia ter aterrissado de volta no presente. Com uma enorme satisfação, percebi, ainda sentada ali com pessoas que eu passara a conhecer e confiar, que eu queria estar em outro lugar: queria estar numa cama de hospital com um grande homem que, para minha absoluta gratidão, eu sabia que naquele mesmo instante devia estar olhando para o relógio no canto, se perguntando quanto tempo faltava para eu chegar.

— Não vai participar esta noite, Louisa?

Marc me olhava com uma sobrancelha erguida. Neguei com a cabeça.

— Estou bem.

Ele sorriu, talvez reconhecendo algo no meu tom de voz.

— Que bom.

— É. Na verdade, acho que não preciso mais vir. Eu… estou bem.

— Eu sabia que tinha alguma coisa diferente com você — comentou Natasha, inclinando-se para a frente e me olhando quase com desconfiança.

— É o sexo — disse Fred. — Tenho certeza de que essa é a cura. Aposto que eu teria superado Jill muito mais rápido com sexo.

Natasha e William trocaram um olhar estranho.

— Eu gostaria de continuar participando até o fim do trimestre, se não tiver problema — falei para Marc. — É que… passei a considerar todos vocês meus amigos. Talvez eu não precise, mas mesmo assim gostaria de frequentar o grupo por mais um tempo. Só para garantir. E, sabe, ver todo mundo.

Jake deu um pequeno sorriso.

— A gente devia sair para dançar — sugeriu Natasha.

— Pode vir quando quiser — disse Marc. — É para isso que estamos aqui.

Meus amigos. Um grupo heterogêneo, como a maioria dos amigos é.

* * *

Orecchiette cozidas *al dente*, pinhões, manjericão, tomates da horta, azeitonas, atum e queijo parmesão. Eu tinha preparado a salada seguindo uma receita que Lily me passara pelo telefone enquanto recebia instruções da avó.

— É uma boa comida de doente — gritou Camilla, de sua cozinha distante. — Fácil de digerir se ele estiver passando muito tempo deitado.

— Eu compraria logo uma comida para viagem — resmungou Lily. — O

coitado já sofreu o suficiente. — Ela deu um riso agudo baixinho. — Enfim, achei que você o preferisse deitado.

Mais tarde naquela noite atravessei o corredor do hospital me sentindo, no fundo, orgulhosa do meu pequeno Tupperware com comida caseira. Eu preparara a refeição na noite anterior e estava carregando-a diante do corpo como se fosse uma medalha de honra, esperando que alguém me parasse e perguntasse o que era aquilo. *Sim, meu namorado está se recuperando. Todo dia eu trago comida para ele. Só coisinhas de que talvez ele goste. Sabia que eu mesma cultivei esses tomates?*

Os ferimentos de Sam começavam a sarar, o estrago interno ia melhorando. Toda hora ele tentava se levantar. Estava mal-humorado por ter que ficar na cama e preocupado com seus bichos, embora Donna, Jake e eu tivéssemos estabelecido um rodízio inteligente para cuidar da criação.

Os médicos calculavam mais duas a três semanas. Isso se ele fizesse o que mandavam. Considerando a extensão das lesões, ele tivera sorte. Presenciei mais de uma conversa, durante a qual os médicos haviam murmurado: “Um centímetro para o outro lado e…” Eu cantava lá-lá-lá-lá-lá mentalmente ao ouvir isso.

Cheguei ao corredor dele e toquei o interfone, limpando as mãos com o álcool antisséptico enquanto empurrava a porta com o quadril.

— Boa noite — disse a enfermeira de óculos. — Você está atrasada!

— Tive que ir a uma reunião.

— Você acabou de se desencontrar da mãe dele. Ela trouxe a comida caseira mais deliciosa de todas: torta de filé ao molho de cerveja. Deu para sentir o cheiro por toda a enfermaria. Ainda estamos aguando.

— Ah. — Abaixei meu pote de comida. — Que legal.

— Foi bom vê-lo comer. O médico vai passar daqui a cerca de meia hora.

Estava guardando o Tupperware na bolsa quando meu celular tocou.

Apertei o botão para atender, ainda lutando contra o fecho.

— Louisa?

— Sim?

— É Leonard Gopnik.

Levei dois segundos para reconhecer o nome. Eu estava prestes a falar, mas então fiquei paralisada, olhando à minha volta feito uma idiota, como se ele pudesse estar em algum lugar por ali.

— Sr. Gopnik.

— Recebi seu e-mail.

— Certo.

Deixei o Tupperware na cadeira.

— E-mail interessante. Fiquei bastante surpreso quando recusou minha oferta de emprego. Nathan também. Você parecia adequada para o cargo.

— É como eu disse… Eu queria o emprego, sim, Sr. Gopnik, mas eu…

Bem… algumas coisas aconteceram.

— Está tudo bem com a menina agora?

— Lily. Sim. Ela está na escola. Feliz. Com a família dela. A nova família.

Foi só um período de… ajuste.

— Que você levou muito a sério.

— Não sou o tipo de pessoa que consegue deixar alguém para trás.

Houve um longo silêncio. Fiquei de costas para o quarto de Sam e, pela janela, olhei para o estacionamento, observando um enorme 4x4 manobrar para entrar numa vaga. Para a frente e para trás. Dava para perceber que não ia caber.

— Então o negócio é o seguinte, Louisa. Não está dando certo com a nova funcionária. Ela não está feliz. Por algum motivo, minha mulher e ela não estão se dando muito bem. De comum acordo, ela vai embora no fim do mês. O que me deixa com um problema.

Fiquei ali ouvindo.

— Eu gostaria de lhe oferecer o trabalho. Mas não gosto de tumulto, ainda mais quando envolve pessoas próximas a mim. Então acho que estou ligando porque queria realmente entender o que você quer.

— Ah, eu queria o emprego, sim. Mas eu…

Senti uma mão no ombro. Virei-me e encontrei Sam encostado na parede.

— Eu… hã…

— Você conseguiu a promoção?

— Fui promovida.

— E você quer continuar nesse cargo?

Sam observava meu rosto.

— N-não necessariamente. Mas…

— Mas é óbvio que você precisa avaliar tudo. Ok. Bem, imagino que a surpreendi com essa ligação. Mas considerando o que me escreveu, se ainda estiver realmente interessada, eu gostaria de lhe oferecer o emprego.

Nos mesmos termos, para começar o quanto antes. Isto é, desde que tenha certeza de que quer mesmo isso. Acha que consegue me responder em quarenta e oito horas?

— Sim. Sim, Sr. Gopnik. Obrigada. Obrigada por ligar.

Ouvi-o desligar. Olhei para Sam. Ele estava usando um roupão por cima de sua

camisola hospitalar curta demais. Nenhum de nós dois falou por algum tempo.

— Você está de pé. Devia estar na cama.

— Vi você pela janela.

— Se algum ventinho inoportuno soprar aqui, aquelas enfermeiras vão falar de você até o Natal.

— Era o cara de Nova York?

Por mais estranho que fosse, me senti exausta. Enfiei o celular no bolso e fui pegar o Tupperware.

— Ofereceram de novo aquela vaga. — Notei que ele desviou o olhar de mim. — Mas é… Acabei de ter você de volta. Então vou recusar. Olhe, acha que pode comer um pouco de massa depois da torta épica? Sei que você deve estar empanturrado, mas é tão raro eu conseguir cozinhar alguma coisa que realmente dê para comer…

— Não.

— Não está tão ruim assim. Você podia pelo menos tentar…

— Não a massa. O emprego.

Ficamos nos encarando. Ele passou a mão pelo cabelo, olhando para o corredor.

— Você precisa fazer isso, Lou. Você sabe e eu também. Tem que aceitar.

— Já tentei sair daqui, mas só acabei ficando mais confusa.

— Porque era cedo demais. Você estava fugindo. Agora é diferente.

Olhei para ele. Senti ódio de mim ao me dar conta do que eu queria fazer.

E também senti ódio dele por saber disso. Permanecemos em silêncio no corredor do hospital. Até que notei que ele estava ficando pálido muito depressa.

— Você precisa se deitar.

Ele não ofereceu resistência. Peguei seu braço e voltamos para a cama.

Sam fez uma careta ao se deitar com cuidado nos travesseiros. Esperei seu rosto recuperar a cor normal, depois me deitei ao seu lado e segurei sua mão.

— Tenho a sensação de que acabamos de resolver tudo. Você e eu.

Encostei a cabeça em seu ombro, sentindo minha garganta fechar.

— E resolvemos.

— Não quero ficar com mais ninguém, Sam.

— Ora. Como se isso algum dia tivesse sido posto em dúvida.

— Mas relacionamentos a distância raramente duram.

— Então temos um relacionamento?

Comecei a protestar, e ele sorriu.

— Estou brincando. Alguns. *Alguns* não duram. Mas acho que outros duram. Acho que depende do quanto os dois lados querem tentar.

Seu grande braço enlaçou meu pescoço e me puxou para perto. Percebi que eu estava chorando. Ele enxugou delicadamente minhas lágrimas com o polegar.

— Lou, não sei o que vai acontecer. Ninguém nunca sabe. Você pode sair certa manhã, passar na frente de uma moto e sua vida inteira mudar. Pode estar fazendo seu trabalho e ser baleado por um adolescente que acha que precisa disso para ser homem.

— Pode cair de um prédio alto.

— Pode. Ou visitar um cara de camisola numa cama de hospital e receber a melhor oferta de emprego imaginável. A vida é assim. Não sabemos o que vai acontecer. Por isso temos que aproveitar as oportunidades enquanto podemos. E… acho que essa pode ser a sua.

Fechei os olhos com força, sem querer ouvi-lo, sem querer admitir a verdade do que ele estava dizendo. Enxuguei os olhos com as palmas das mãos. Ele me entregou um lenço de papel e me esperou limpar os borrões pretos do rosto.

— Você fica bem com olhos de panda.

— Acho que talvez eu esteja um pouco apaixonada por você.

— Aposto que você diz isso para todos os homens na UTI.

Eu me virei e dei um beijo nele. Quando voltei a abrir os olhos, encontrei-o me

observando.

— Vou tentar, se você quiser — disse ele.

Demorou um pouco para o nó na minha garganta diminuir o suficiente para que eu conseguisse falar.

— Não sei, Sam.

— Não sabe o quê?

— A vida é curta, não é? Nós dois sabemos disso. Bem, e se você for minha oportunidade? E se for você o que realmente vai me fazer muito feliz?

29

Quando alguém diz que sua estação do ano preferida é o outono, penso em dias assim: a névoa do amanhecer se tornando uma luminosidade límpida e fresca, montes de folhas varridas pelo vento nas esquinas, um cheiro rançoso de vegetação se decompondo aos poucos. Tem gente que diz que não dá muito para notar as estações na cidade, que os inúmeros prédios cinzentos e o microclima criado pela poluição do trânsito não permitem que a diferença seja muito grande. Só há o interior e o exterior, o molhado ou o seco. Mas, no telhado, o outono ficava em evidência. Não só na enorme extensão do céu, como também nos pés de tomate que Lily tinha plantado, os quais passaram semanas dando grandes frutos vermelhos, e os vasos pendurados de morango forneciam uma variedade ocasional de belas surpresas. As flores já secas depois de despontar e desabrochar, o novo tom de verde do início do verão substituído por talos finos e sem folhas. No telhado, dava para detectar o mais leve sinal da brisa do inverno que se aproximava. Um avião deixava um rastro de vapor pelo céu e notei que as luzes da rua estavam acesas desde a noite anterior.

Minha mãe surgiu no telhado de calça social, olhando ao redor para os convidados e sacudindo da roupa as gotículas de umidade da escada de incêndio.

— Esse seu espaço é mesmo incrível, Louisa. Dá para receber cem pessoas aqui em cima. — Ela carregava uma sacola com várias garrafas de champanhe e colocou-a no chão com cuidado. — Já falei que a considero muito corajosa de arranjar forças para subir aqui de novo?

— Ainda não acredito que você conseguiu cair — comentou minha irmã, que estava enchendo os copos. — Só você seria capaz de cair de um espaço tão grande assim.

— Bem, ela estava muito bêbada, lembra? — Minha mãe se virou para a escada de incêndio. — Onde você arranjou todo esse champanhe, Louisa?

Isso é incrível.

— Meu chefe me deu.

Algumas noites antes, estávamos fechando a caixa registradora, conversando (passamos a nos falar bastante, principalmente depois que o filho de Richard nascera. Eu sabia mais sobre a retenção de líquidos da Sra.

Percival do que ela consideraria aceitável). Eu mencionara meus planos, mas meu chefe desaparecera, como se não estivesse escutando. Eu estava prestes a considerar isso só mais um exemplo de como, no fundo, ele continuava sendo um idiota, mas, alguns minutos depois, Richard voltou da adega com uma caixa que continha meia dúzia de garrafas de champanhe.

— Aqui. Sessenta por cento de desconto. A última do pedido. — Ele me entregou a caixa e deu de ombros. — Na verdade, deixe para lá. Pode levar.

Vá em frente. Você mereceu.

Eu gaguejara um agradecimento e ele murmurara algo sobre não ser uma safra maravilhosa e a última da linha, mas suas orelhas ganharam um tom cor-de-rosa revelador.

— Você poderia tentar parecer um pouco feliz por eu não ter realmente morrido — falei, entregando uma bandeja de copos para Treena.

— Ah, já faz séculos que superei aquela minha neura de "queria ser filha única". Bem, talvez há uns dois anos.

Minha mãe se aproximou com um pacote de guardanapos. Falou num sussurro exagerado:

— Olhe, você acha que esses estão bons?

— Por que não estariam?

— São os Traynor, não é? Eles não usam guardanapos de papel. Usam de linho. Talvez com um brasão bordado ou algo assim.

— Mãe, eles vieram para o telhado de um antigo prédio comercial no leste de Londres. Então não acho que estejam esperando um serviço cinco estrelas.

— Ah — disse Treena. — E eu trouxe o edredom e o travesseiro extras de Thom. Achei que poderíamos começar a trazer algumas coisinhas toda vez que viéssemos. Amanhã tenho uma reunião para tratar das atividades extracurriculares dele.

— Acho maravilhoso vocês terem resolvido tudo, meninas. Treena, se você quiser, posso cuidar do Thom. Só me avisar.

Fizemos nosso trabalho, arrumando os copos e os pratos de papel, até minha mãe desaparecer para buscar mais guardanapos inadequados.

Abaixei o tom de voz para que ela não conseguisse me ouvir:

— Treen? Papai não vem mesmo?

Minha irmã fez uma careta, e tentei não parecer tão triste quanto me sentia.

— As coisas não melhoraram?

— Espero que, quando eu sair de casa, eles tenham que se falar. Os dois ficam se evitando e falam apenas comigo ou com Thom na maioria das vezes. É de enlouquecer. Mamãe finge que não está chateada por ele não ter vindo com a gente, mas sei que está.

— Achei realmente que ele viria.

Eu tinha visto minha mãe duas vezes desde o tiroteio. Ela se matriculara num curso novo, de poesia inglesa moderna, no centro educacional de adultos, e passou a ficar melancólica diante de símbolos em qualquer lugar.

Cada folha morta era um sinal de decrepitude iminente, cada pássaro no ar, um sinal de esperanças e sonhos. Tínhamos ido a uma leitura de poesia na Margem Sul, onde ela ficara sentada extasiada e aplaudira duas vezes em meio ao silêncio, e uma vez ao cinema, depois ao toalete do hotel elegante, onde ela se sentara nas poltronas do vestiário para dividir sanduíches com Maria. Nas duas vezes em que ficamos sozinhas, ela pareceu muito suscetível.

— Não estamos nos divertindo muito? — perguntava minha mãe o tempo todo, como se me desafiasse a discordar.

Depois ficava em silêncio ou se impressionava com o preço louco dos sanduíches em Londres.

Treena puxou o banco, afofando as almofadas que trouxera lá de baixo.

— É com vovô que estou preocupada. Ele não gosta de toda essa tensão.

Troca de meia quatro vezes por dia e já quebrou dois botões do controle remoto de tanto apertar.

— Nossa… Mas essa é uma questão. Quem ficaria com a custódia dele?

Minha irmã me encarou horrorizada.

— Não olhe para mim — dissemos em uníssono.

Fomos interrompidas pela chegada dos primeiros membros do Grupo Seguindo em Frente. Sunil e Leanne subiam os degraus de ferro e comentavam sobre o tamanho do terraço e a vista inesperadamente magnífica do lado leste da City.

Lily chegou ao meio-dia em ponto. Foi logo me abraçar e deixou escapar um discreto grunhido de felicidade.

— *Amo* esse vestido! Você ficou deslumbrante. — Ela parecia sincera.

Estava bronzeada e sardenta, com os pelos dos braços descoloridos, usando um vestido azul-claro e sandália gladiadora. Notei que ela ficou observando o terraço, visivelmente encantada por estar ali outra vez.

Camilla, subindo devagar pela escada de incêndio logo atrás, endireitou o casaco e veio até mim com uma discreta expressão de censura.

— Você podia ter esperado, Lily.

— Por quê? Você não é nenhuma velha.

Camilla e eu trocamos olhares irônicos, e depois, quase por impulso, me inclinei à frente e lhe dei um beijo na bochecha. Ela tinha o mesmo cheiro daquelas lojas de departamento caras, e seu cabelo estava perfeito.

— Que bom que você veio.

— Você até cuidou das minhas plantas. — Lily estava observando tudo ao redor.
— Achei que mataria todas. Ah, e isso! Adorei. São novos?

Ela apontou para os dois vasos que eu havia comprado no mercado de flores na semana anterior para decorar o telhado. Eu não quisera vaso de flores, nem nada que pudesse morrer.

— São gerânios — disse Camilla. — Não vai querer deixá-los aqui em cima no inverno.

— Ela poderia cobri-los com *fleece*. Esses vasos de barro são pesados para carregar lá para baixo.

— Mesmo assim não sobreviveriam — afirmou Camilla. — Estão expostos demais.

— Na verdade — falei —, Thom está vindo morar aqui e não temos certeza se ele ficaria em segurança no telhado, considerando o que aconteceu comigo. Então vamos fechar o acesso. Se quiser levar esses depois…

— Não — disse Lily, após refletir um instante. — Vamos deixar aqui. Vai ser bom poder imaginar o terraço assim. Como era.

Ela me ajudou a abrir uma mesa de cavalete e falou sobre a escola —

estava feliz, mas sofrendo um pouco com o trabalho — e sobre a mãe, que aparentemente estava dando em cima de um arquiteto espanhol chamado Felipe, que comprara a casa ao lado da dela em St. John's Wood.

— Estou quase com pena do Pentelho. Não sabe o que o espera.

— Mas você está bem? — perguntei.

— Estou ótima. A vida está boa. — Ela enfiou um salgadinho na boca. —

Já contei que vovó me levou para visitar o bebê? — Devo ter parecido espantada, porque Lily acrescentou: — Eu sei. Mas ela disse que alguém precisava agir como adulto. Ela até foi comigo. Legal à beça. Eu não devia saber disso, mas ela comprou um casaco Jaeger especialmente para a ocasião. Acho que precisava de mais confiança do que dizia. — Ela olhou para Camilla, que conversava com Natasha perto da mesa das comidas. —

Na verdade, fiquei um pouco triste pelo meu avô. Quando ele achava que ninguém estava vendo, ficava olhando para ela, parecia triste com o jeito que tudo acabou.

— E como era o bebê?

— É um bebê. Quer dizer, são todos iguais, não? Mas acho que os adultos se comportaram muito bem. Foi mais ou menos: "E como vai o colégio, Lily?

Você gostaria de escolher uma data para passar um tempo aqui? E gostaria de segurar sua tia?" Como se isso não fosse totalmente bizarro.

— Você vai visitá-los de novo?

— Provavelmente sim. São legais, eu acho.

Olhei para Georgina, que estava conversando educadamente com o pai.

Ele ria um pouco alto demais. Mal saíra de perto dela desde que a filha chegara.

— Ele me liga duas vezes por semana para conversar sobre assuntos aleatórios, e Della fica falando que quer que eu "construa uma relação" com o bebê, como se um bebê fosse capaz de outra coisa além de chorar e fazer cocô.

Ela fez uma careta. Eu ri.

— O que foi? — perguntou ela.

— Nada. — respondi. — É bom ver você.

— Ah. Trouxe uma coisa para você.

Fiquei esperando enquanto ela tirava uma caixinha da bolsa e me entregava.

— Vi isso numa feira de antiguidades chatíssima para onde vovó me obrigou a ir, e pensei em você.

Abri a caixa com cuidado. No interior, em cima do veludo azul-escuro, havia uma pulseira art déco com contas cilíndricas alternando entre o preto do azeviche e o amarelado do âmbar. Peguei-a e coloquei na palma da mão.

— É um pouco exótica, não é? Mas me fez lembrar a…

— Meia-calça.

— A meia-calça. É um agradecimento. Só, sabe, por tudo. Você é a única pessoa que conheço que gostaria disso. Ou eu, aliás. Enfim. Na verdade, ela combina muito com seu vestido.

Estiquei o braço e ela colocou a pulseira no meu pulso. Girei-a devagar.

— Amei.

Ela chutou algo no chão e ficou séria.

— Bem, acho que lhe devo algumas joias.

— Você não me deve nada.

Olhei para Lily, com sua nova confiança e os olhos do pai, e pensei em tudo o que ela me proporcionara sem sequer se dar conta. Depois ela me deu um soco bastante forte no braço.

— Muito bem. Pare de ficar toda esquisita e emotiva. Senão vai estragar meu rímel. Vamos descer e buscar o resto da comida. Eca, sabia que tem um pôster dos Transformers no meu quarto? E outro da Katy Perry? Quem é que você arranjou para dividir o apartamento, caramba?

* * *

O resto do Grupo Seguindo em Frente chegou, subindo os degraus de ferro com diferentes níveis de agitação ou alegria. Daphne passou para o telhado com ruidosas exclamações de alívio, Fred entrou segurando seu braço, William pulou com displicência o último degrau enquanto Natasha revirava os olhos atrás dele. Outros pararam para exclamar diante dos balões de gás brancos, que subiam e desciam sob a luz fraca. Marc beijou minha mão e me disse que era a primeira vez que algo como aquilo acontecia desde que ele criara o grupo. Achei graça ao notar que Natasha e William passaram muito tempo conversando a sós.

Colocamos a comida sobre a mesa de cavalete. Jake estava tomando conta do bar, servindo champanhe e parecendo curiosamente satisfeito com essa responsabilidade. Lily e ele se evitaram a princípio, um fingindo que o outro era invisível, como os adolescentes fazem quando estão reunidos com um grupo pequeno de pessoas, cientes de que todo mundo espera que eles conversem. Quando Lily finalmente se aproximou dele, estendeu a mão com uma deferência exagerada, e Jake passou um instante olhando para aquela mão antes de abrir um sorriso devagar.

— Parte de mim gostaria que eles fossem amigos. A outra não consegue pensar em nada mais apavorante — murmurou Sam no meu ouvido.

Enfiei a mão no seu bolso de trás.

— Ela está feliz.

— Está maravilhosa. E ele acabou de terminar com a namorada.

— O que aconteceu com o lema de viver intensamente, moço? — Ele deixou

escapar um grunhido. — Ele está a salvo. Ela passa quase o ano todo escondida em Oxfordshire.

— Ninguém está a salvo com vocês duas. — Ele baixou a cabeça e me beijou, e deixei que tudo o mais desaparecesse por um ou dois segundos. —

Gostei desse vestido.

— Não é muito infantil?

Levantei a saia de prega listrada. Aquela parte de Londres era cheia de brechós. Eu passara o sábado anterior imersa em antigas araras de seda e pluma.

— Eu gosto. Mas estou um pouco triste por você não estar usando aquela roupa sexy de duende.

Ele recuou quando minha mãe se aproximou, trazendo mais um pacote de guardanapos de papel.

— Como vai, Sam? Está se recuperando bem?

Ela havia visitado Sam no hospital duas vezes. Ficara muito preocupada com sua dificuldade de depender da comida do hospital, e levava para ele rolinhos de salsicha e sanduíches recheados com salada de ovo que ela mesma fazia.

— Estou quase bom, obrigado.

— Não se esforce demais hoje. Nada de carregar peso. As meninas e eu damos conta muito bem.

— Talvez a gente devesse começar — sugeri.

Mamãe conferiu outra vez o relógio, depois deu uma olhada no terraço.

— Será que esperamos mais cinco minutos? Para garantir que todo mundo esteja com uma bebida?

Seu sorriso — constante e alegre demais — era de partir o coração. Sam notou isso. Ele deu um passo à frente e segurou seu braço.

— Josie, acha que poderia me mostrar onde vocês colocaram as saladas?

Acabei de me lembrar que eu não trouxe o molho lá de baixo.

— Cadê ela?

Um murmúrio percorreu o pequeno grupo reunido perto da mesa. Nós nos viramos na direção da voz que berrava.

— Nossa, é aqui em cima mesmo ou Thom está me mandando outra vez atrás de uma coisa que não existe?

— Bernard! — Minha mãe largou os guardanapos.

Meu pai surgiu sobre o parapeito, observando o terraço. Ele subiu os últimos degraus de ferro e inflou as bochechas enquanto analisava a vista.

Uma fina camada de suor brilhava em sua testa.

— Não sei por que você teve que fazer essa droga aqui em cima, Louisa.

Cruz credo.

— Bernard!

— Isso não é uma igreja, Josie. E tenho um recado importante.

Mamãe olhou em volta.

— Bernard. Agora não é a…

— E meu recado é… este.

Meu pai se abaixou e, com um cuidado exagerado, puxou as pernas da calça. Primeiro a esquerda, depois a direita. De onde eu estava, do outro lado da caixa d'água, notei que as canelas dele estavam pálidas e havia algumas manchinhas. O telhado ficou em silêncio. Todo mundo olhava fixo.

Ele esticou uma das pernas.

— Lisinha como bumbum de bebê. Venha, Josie, pode tocar.

Minha mãe deu um passo nervoso à frente e se abaixou, percorrendo os dedos pela canela do meu pai. Depois deu tapinhas em volta da perna.

— Você disse que me levaria a sério se eu depilasse as pernas. Pois bem.

Pronto. Já depilei.

Minha mãe olhou para ele, incrédula.

— Você depilou *as pernas*?

— Depilei. E se eu soubesse que você passava por tamanho sofrimento, querida, eu teria ficado quieto. Que tortura é essa? Quem acha que *isso* é uma boa ideia, caramba?

— Bernard…

— Não me importo. Sofri horrores, Josie. Mas depilo outra vez se isso significar que podemos fazer as coisas voltarem ao normal. Sinto sua falta.

Muito. Não me importo se você quiser fazer cem cursos universitários, de política feminina, sobre o Oriente Médio, peças de macramê para cães, o que for, desde que a gente fique junto. E para provar até onde eu iria por você, já marquei outra sessão para semana que vem, para as costas, o saco e… o que mais?

— Os fundilhos — completou minha irmã, sem qualquer animação.

— Ai, meu Deus. — Minha mãe levou a mão até o pescoço.

Ao meu lado, Sam começou a tremer em silêncio.

— Mande eles pararem — murmurou. — Meus pontos vão arrebentar.

— Eu faço o que for. Viro um frango depenado se isso mostrar o que você significa para mim.

— Ah, meu Deus, Bernard.

— Estou falando sério, Josie. Estou desesperado.

— E é por isso que não há romance em nossa família — murmurou Treena.

— O que é uma depilação dos fundilhos? — perguntou Thomas.

— Ah, querido, senti muito sua falta.

Minha mãe passou os braços em volta do pescoço do meu pai e lhe deu um beijo. O alívio no rosto dele era quase palpável. Apoiou a cabeça no ombro dela e a beijou outra vez, na orelha, no cabelo, segurando suas mãos, como um garotinho.

— Que nojento — comentou Thomas.

— Então não preciso fazer o…

Minha mãe afagou o rosto do meu pai.

— Vamos desmarcar a sessão.

Meu pai relaxou visivelmente.

— Bem — falei, quando as coisas se acalmaram, e pela palidez de Camilla Traynor ficou óbvio que Lily tinha acabado de lhe explicar exatamente o que meu pai planejara suportar em nome do amor —, acho que devíamos dar uma última conferida nos copos de todo mundo, e depois quem sabe…

começar?

* * *

Com a alegria pelo gesto magnânimo do meu pai, a explosiva troca de fraldas da bebê Traynor e a descoberta de que Thomas andara jogando sanduíches de ovo lá embaixo, na varanda do Sr. Antony Gardiner (e em sua espreguiçadeira chique novinha), demorou mais vinte minutos para o silêncio reinar no telhado. Lendo disfarçadamente algumas anotações e pigarreando, Marc se posicionou no centro. Ele era mais alto do que eu me lembrava, afinal eu só o vira sentado.

— Sejam todos bem-vindos. Primeiro, eu gostaria de agradecer a Louisa por nos oferecer este espaço agradável para nossa cerimônia de fim de semestre. É bem oportuno estar assim tão perto do céu… — Ele fez uma pausa para as risadas. — Esta é uma cerimônia de encerramento inusitada para todos nós. Pela primeira vez temos a presença de algumas pessoas que não fazem parte do grupo, mas acho que é uma ótima ideia nos abrir e comemorar entre amigos. Todo mundo aqui sabe o que é ter amado e perdido alguém. Por isso, hoje somos todos membros honorários do grupo.

Jake estava em pé ao lado do pai, um homem sardento e louro.

Infelizmente, eu não conseguia olhar para ele sem imaginá-lo chorando após o sexo. Nesse momento, o homem esticou o braço e puxou o filho para perto. Jake encontrou meus olhos e revirou os dele. Mas sorriu.

— Gosto de dizer que, embora o nome do grupo seja Seguindo em Frente, nenhum de nós segue em frente sem olhar para trás. Seguimos em frente sempre levando aqueles que perdemos. O que temos a intenção de fazer em nosso pequeno grupo é assegurar que trazê-los conosco não é um fardo impossível de carregar, um peso que nos mantém empacados no mesmo lugar. Queremos sentir a presença dessas pessoas como uma dádiva.

“E o que aprendemos compartilhando nossas memórias, nossas tristezas e nossas pequenas vitórias é que não há problema em ficar triste. Ou perdido. Ou com raiva. É normal sentir certas coisas que os outros podem não entender, e algumas vezes por bastante tempo. Todo mundo tem um percurso próprio. Nós não julgamos.

— A não ser os biscoitos — resmungou Fred. — Julgo, sim, aqueles biscoitos. São terríveis.

— E, embora a princípio isso pareça impossível, todos nós vamos chegar ao ponto em que conseguiremos ficar alegres por essas pessoas sobre quem discutimos, por quem choramos e sofremos terem existido e convivido conosco. E não importa se essa pessoa nos foi tirada depois de seis meses ou sessenta anos, nós tivemos a sorte de tê-la conhecido. — Ele balançou a cabeça para enfatizar. — Tivemos essa sorte.

Olhei em volta para o rosto das pessoas a quem eu me apegara, todas extasiadas, prestando atenção, então pensei em Will. Fechei os olhos e me lembrei do seu rosto, do seu sorriso e de sua risada, e pensei no quanto me custou amá-lo, mas principalmente em tudo o que ele me proporcionara.

Marc observou nosso pequeno grupo. Daphne enxugava disfarçadamente o canto do olho.

— Então… em geral agora nós dizemos algumas palavras para nos situar.

Não precisa ser muita coisa. É só uma porta se fechando nesse pequeno trecho do nosso percurso. Ninguém precisa fazer isso, mas, se fizerem, será uma coisa boa.

O grupo trocou sorrisos constrangidos e, por um instante, pareceu que ninguém falaria nada. Então Fred deu um passo à frente. Ajeitou o lenço no bolso do blazer e se empertigou de leve.

— Eu só gostaria de dizer obrigado, Jilly. Você foi uma mulher incrível e eu fui um homem de sorte durante trinta e oito anos. Sentirei sua falta todos os dias, querida.

Ele recuou, um pouco sem jeito, e Daphne articulou em silêncio:

— Muito lindo, Fred. — Ela ajustou seu lenço de seda e depois também deu um passo à frente. — Eu só queria dizer… Desculpe, Alan. Você foi um homem muito gentil e eu gostaria de ter sido sincera sobre tudo. Queria ter conseguido

ajudar você. Eu queria, hum, espero que você esteja bem, e que… tenha um bom amigo, onde quer que esteja.

Fred deu tapinhas no braço de Daphne. Jake coçou a nuca, depois se adiantou, corando, e encarou o pai.

— Nós dois sentimos sua falta, mãe. Mas estamos chegando lá. Não quero que se preocupe nem nada.

Quando terminou, o pai o abraçou, beijando o topo da sua cabeça e piscando com força. Sam e ele trocaram discretos sorrisos de compreensão.

Leanne e Sunil foram logo depois, cada um dizendo algumas palavras, com os olhos fixos no céu para esconder as lágrimas constrangedoras ou, com um aceno de cabeça, dando força um ao outro em silêncio.

William também deu um passo à frente e, sem dizer nada, deixou uma rosa branca ao lado do pé. Sem palavras, algo que não era típico dele, ficou um instante olhando para a flor, o rosto impassível, e depois recuou.

Natasha lhe deu um breve abraço e ele fez barulho ao engolir em seco de repente, cruzando os braços em seguida.

Marc olhou para mim, e senti a mão de Sam apertar a minha. Sorri para ele e balancei a cabeça.

— Eu, não. Mas Lily gostaria de dizer algumas palavras, se não tiver problema.

Mordendo o lábio, ela foi para o centro. Olhou para um pedaço de papel em que anotara alguma coisa, depois pareceu mudar de ideia e amassou o bilhete.

— Hum, perguntei a Louisa se eu podia falar apesar de, vocês sabem, não fazer parte do grupo. Não conheci meu pai e não pude me despedir dele no enterro, então achei que seria bom dizer algumas palavras agora que acho que o conheço um pouco melhor. — Ela sorriu com nervosismo e afastou uma mecha de cabelo do rosto. — Então, Will… Pai. Assim que descobri que você era meu verdadeiro pai, fiquei um pouco apavorada, para ser sincera.

Eu imaginava que meu verdadeiro pai fosse um homem sábio, bonito, que ia querer me ensinar coisas, me proteger e viajar comigo para me mostrar lugares incríveis que ele amava. Mas o que arranjei foi um homem irritado numa cadeira de rodas que, sabe, simplesmente se matou. Mas por causa de Lou e da sua família, nos últimos meses comecei a compreender você um pouco melhor.

“Sempre vou me sentir triste e talvez até um pouco zangada por nunca ter conhecido você, mas agora quero agradecer. Você me deu muita coisa, mesmo sem saber. Acho que tenho muitas qualidades suas e provavelmente alguns defeitos também. Você me deu olhos azuis, a cor do cabelo, contribuiu para minha aversão à pasta de levedura Marmite, para a habilidade de descer nas pistas de esqui mais difíceis e… Bem, aparentemente também herdei um pouco do seu mau humor. Essa é a opinião dos outros, pelo menos. Não a minha.

As pessoas riram.

— Mas, principalmente, você me deu uma família que eu não sabia que tinha. O que é muito legal. Porque, para ser sincera, as coisas não estavam indo *tão* bem antes de eles aparecerem. — Ela deu um sorriso trêmulo.

— Ficamos muito felizes por você ter aparecido — gritou Georgina.

Senti os dedos de Sam apertarem os meus. Ele não devia passar tanto tempo em pé, mas, como ele costumava fazer, se recusou a se sentar. *Não sou um inválido*. Apoiei a cabeça nele, lutando contra o nó que se formara na minha garganta.

— Obrigada, G. Então, hum, Will… *Pai*, não vou me estender muito porque discursos são chatos e também porque o bebê vai começar a chorar a qualquer instante, o que vai acabar com o clima. Mas quero dizer obrigada, da sua filha, e que eu… amo você e sempre vou sentir sua falta. Espero que, se estiver olhando para cá e puder me ver, você fique feliz. Por eu existir.

Porque minha presença meio que significa que você continua aqui, não é?

— Lily ficou com a voz embargada e os olhos cheios d’água. Olhou para Camilla, que fez um pequeno gesto de cabeça. A menina fungou e ergueu o queixo. — Será que agora não seria uma boa hora para todo mundo soltar os balões?

As pessoas suspiraram de forma quase imperceptível e deram alguns passos abafados. Atrás de mim, alguns membros do Grupo Seguindo em Frente cochichavam entre si, esticando o braço para pegar um barbante.

Lily foi a primeira a dar um passo à frente, segurando seu balão de gás branco. Ergueu o braço, e então, como se isso só tivesse lhe ocorrido depois, colheu uma pequena flor de um dos vasos e amarrou-a cuidadosamente no barbante. Em seguida, levantou a mão e, após uma hesitação imperceptível, soltou seu balão.

Observei Steven Traynor chegar em seguida e notei Della apertar com

delicadeza seu braço. Camilla soltou o dela, seguida por Fred, Sunil e então Georgina, de braço dado com a mãe. Depois foi a vez de minha mãe, Treena, papai, assoando ruidosamente o nariz no lenço, e Sam. Ficamos em silêncio no telhado observando os balões subirem um a um pelo límpido céu azul, se afastando até sumirem no infinito.

Então soltei o meu.

30

O homem de camisa cor de salmão estava comendo o quarto pão doce, enfiando grandes pedaços trançados na boca com seus dedos rechonchudos, e de vez em quando aliviava a garganta com um gole de chope gelado.

— Esse é o café da manhã dos campeões — murmurou Vera ao passar por mim com uma bandeja de copos e fazer um barulho de nojo.

Por um instante, senti gratidão por não ser mais encarregada do banheiro masculino.

— Então, Lou! O que um homem precisa fazer para ser servido por aqui?

— Ali perto, meu pai se sentara num banco e se debruçava sobre o bar, observando a grande variedade de cervejas. — Preciso mostrar um cartão de embarque para comprar uma bebida?

— Pai…

— Uma viagem rápida a Alicante? O que acha, Josie? Está a fim?

Minha mãe o cutucou.

— A gente devia pensar em fazer isso este ano. Devia mesmo.

— Sabe, até que este lugar não é tão ruim. Depois que a gente supera que aqui as crianças podem entrar num pub de verdade. — Meu pai deu de ombros e olhou para trás onde uma jovem família, cujo voo estava obviamente atrasado, espalhara Lego e passas pela mesa enquanto fazia dois cafés renderem. — Então o que você recomenda, hein, querida? O que é bom aqui?

Olhei para Richard, que se aproximava com sua prancheta.

— É tudo bom, pai.

— Com exceção daquelas roupas — disse minha mãe, observando a saia de Lurex muito curta de Vera.

— São ordens superiores — justificou Richard, que já aguentara duas conversas com minha mãe sobre a objetificação das mulheres no local de trabalho. — Não tenho nada a ver com isso.

— Tem alguma cerveja preta aí, Richard?

— Temos a Murphy's, Sr. Clark. É muito parecida com a Guinness, mas eu não diria isso a um purista.

— Não sou nada purista, meu filho. Se é líquido e está escrito "cerveja" no rótulo, para mim está bom.

Papai estalou os lábios em aprovação e em seguida um copo foi colocado à sua frente. Minha mãe usou sua "voz social" para aceitar um café. Ela passou a utilizar isso em todos os lugares de Londres, como se fosse um dignitário visitante sendo levado pelo anfitrião para conhecer uma linha de produção. *Então essa é a cafeteira, é? Nossa, é impressionante. E que máquina inteligente.*

Meu pai deu tapinhas no banco ao lado dela.

— Venha se sentar aqui, Lou. Venha. Quero pagar uma bebida para minha filha.

Olhei para Richard.

— Vou aceitar um café, pai — falei. — Obrigada.

Ficamos sentados em silêncio no bar enquanto Richard nos servia, e meu pai ficou à vontade, como se sentia em todo bar, acenando para os colegas que também frequentavam o local, acomodando-se no banco como se fosse sua poltrona favorita. Era como se as garrafas dosadoras enfileiradas e uma superfície dura sobre a qual apoiar os cotovelos criassem um lar espiritual instantâneo. E o tempo todo ele ficou bem próximo da minha mãe, dando tapinhas agradecidos em sua perna ou segurando sua mão. Eles mal se largavam ultimamente, mantinham as cabeças encostadas uma na outra, rindo feito adolescentes. Era muito revoltante, segundo minha irmã. Antes de ir para o trabalho, ela me contou que quase preferia a época em que eles não estavam se falando.

— Precisei dormir com protetores de ouvido no sábado passado. Dá para imaginar o horror? Vovô estava pálido no café da manhã.

Do lado de fora, um pequeno avião cheio de passageiros desacelerou na pista e taxiou em direção ao terminal. Um homem usando colete refletivo gesticulava com pás para guiá-lo. Minha mãe, sentada com a bolsa no colo, ficou observando a cena.

— Thom ia adorar ver isso — disse ela. — Não ia, Bernard? Aposto que ele passaria o dia inteiro diante daquela janela.

— Bem, ele pode vir agora, não é? É pertinho. Treena podia trazê-lo aqui no fim de semana. Eu também posso voltar caso a cerveja seja boa.

— Foi lindo o que você fez, deixando eles ficarem no seu apartamento. —

Minha mãe observou o avião sumir de vista. — Sabe que isso vai fazer toda a diferença para Treena, com o salário inicial dela e tudo o mais, não é?

— Bem, fazia sentido.

— Vamos sentir falta dela, mas sabemos que não pode morar conosco para sempre. Tenho certeza de que ela está valorizando muito isso, querida. Por mais que nem sempre demonstre.

Eu realmente não me importava com o fato de ela não demonstrar. Eu me dei conta de uma coisa no instante em que minha irmã e Thom puseram os pés no meu apartamento carregando seus pertences e pôsteres, meu pai logo atrás levando a caixa com os bonecos dos Predacons e Autobots preferidos do neto: naquele momento finalmente me senti confortável em relação ao apartamento que o dinheiro de Will comprara.

— Louisa contou que a irmã dela está se mudando para cá, Richard? —

Minha mãe partia do princípio de que praticamente todo mundo que ela conhecia em Londres era seu amigo e, portanto, tinha interesse em saber de todas as novidades da família Clark. Naquela manhã, ela passara dez minutos aconselhando Richard sobre a mastite da esposa dele e não encontrava nenhum motivo para não ir conhecer o bebê do casal. Por outro lado, Maria, do toalete do hotel, iria com a filha tomar chá em Stortfold dali a duas semanas, sendo assim, minha mãe não estava totalmente errada. —

Nossa Katrina é uma menina maravilhosa. Muito inteligente. Se algum dia você precisar de ajuda com a contabilidade do bar, ela é a pessoa certa para isso.

— Vou me lembrar disso. — Richard me encarou e depois desviou os olhos.

Conferi o relógio. Quinze para o meio-dia. Fiquei aflita.

— Você está bem, querida?

Era preciso reconhecer que nada passava despercebido por minha mãe.

— Estou bem, mãe.

Ela apertou minha mão.

— Estou muito orgulhosa de você. Sabe disso, não é? Por tudo o que você conquistou nesses últimos meses. Sei que não foi fácil. — Depois ela apontou. — Ah, olhe! Eu sabia que ele viria. Pronto, querida. É isso!

E lá estava ele. Uma cabeça mais alto que todo mundo, andando um pouco hesitante no meio da multidão, o braço à frente do corpo, como se ainda tivesse medo de que alguém esbarrasse nele. Eu o vi antes que ele me visse e abri um sorriso espontâneo. Acenei vigorosamente, e ele me notou, fazendo um sinal afirmativo com a cabeça.

Quando me voltei para minha mãe, ela me observava com um pequeno sorriso se formando nos lábios.

— É um homem bom, esse aí.

— Eu sei.

Ela passou bastante tempo me olhando, seu semblante era uma mistura de orgulho e outro sentimento um pouco mais complicado. Ela deu tapinhas na minha mão.

— Muito bem — disse, descendo do banco. — Está na hora de você viver suas aventuras.

* * *

Deixei meus pais no bar. Era melhor assim. Era difícil se emocionar na frente de um homem que gostava de citar trechos do manual do League of Legends. Sam conversou brevemente com meus pais — meu pai interrompia de vez em quando com barulhos de sirene —, e Richard perguntou pelas lesões de Sam e riu de nervosismo quando meu pai comentou que pelo menos ele se saíra melhor do que meu último namorado. Foram necessárias três tentativas para que meu pai convencesse Richard de que não, ele não estava brincando em relação a Dignitas, e foi tudo muito triste. Talvez tenha sido nesse instante que Richard

percebeu que, na verdade, estava muito feliz com a minha saída.

Eu me desvencilhei do abraço da minha mãe, e atravessamos o saguão em silêncio. Segui de braço dado com Sam, tentando ignorar que meu coração batia acelerado e que provavelmente meus pais continuavam me observando. Eu me virei para Sam, sentindo um leve pânico. Pensei que teríamos mais tempo.

Ele olhou para o relógio e depois para o quadro com os horários dos voos.

— Estão tocando sua música — observou ele.

Ele me entregou minha pequena mala de rodinhas. Peguei-a e tentei sorrir.

— Belo traje de viagem.

Olhei para minha camisa com estampa de leopardo e para os óculos escuros estilo Jackie Onassis que eu enfiara no bolso da blusa.

— Escolhi a vibe da alta sociedade dos anos 1970.

— É um belo visual. Para alguém da alta sociedade.

— Então — falei. — Vejo você daqui a quatro semanas… Nova York deve ser agradável no outono.

— Vai ser agradável de qualquer jeito. — Depois ele balançou a cabeça.

— Nossa. "Agradável." Odeio essa palavra.

Observei nossas mãos, que estavam entrelaçadas. Fiquei olhando fixamente para elas, como se precisasse decorar o toque da mão dele na minha, como se não tivesse conseguido revisar o conteúdo de alguma prova muito importante que viera antes do esperado. Um pânico estranho crescia dentro de mim, e acho que Sam percebeu, porque apertou meus dedos.

— Está tudo pronto? — Ele indicou minha outra mão com a cabeça. —

Passaporte? Cartão de embarque? Endereço de onde vai ficar lá?

— Nathan vai me encontrar no aeroporto.

Não queria deixá-lo ir embora. Eu me sentia um ímã danificado, atraída por dois polos. Eu me mantive um pouco afastada enquanto outros casais seguiam juntos para a área de embarque, rumo a suas aventuras, ou se separavam dos braços

um do outro com os olhos cheios d'água.

Ele também os observava. Deu um passo para trás, afastando-se de mim com delicadeza, e beijou meus dedos antes de soltar minha mão.

— Está na hora de ir — falou.

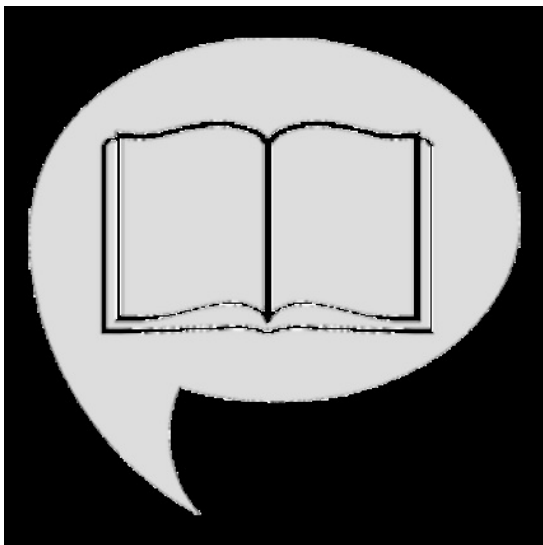
Eu tinha um milhão de coisas para dizer, mas não sabia como. Dei um passo para a frente e o beijei, como as pessoas se beijam nos aeroportos, com muito amor e um desejo urgente, beijos que precisam deixar sua impressão no receptor durante a viagem, as semanas, os meses que estão por vir. Com esse beijo, tentei lhe dizer quanto ele significava para mim.

Tentei mostrar que ele era a melhor resposta para uma pergunta que eu nem percebera que andava fazendo. Tentei agradecer por querer que eu fosse eu mesma, mais do que queria que eu ficasse. Mas, no fim das contas, acho que só disse que tomei duas xícaras grandes de café e não escovei os dentes.

— Cuide-se — falei. — Não se apresse em voltar para o trabalho. E fique um tempo sem construir nada na sua casa.

— Meu irmão vai assumir o posto de pedreiro amanhã.

— E se não voltar para o trabalho, não fique chateado. Você não é muito bom nesse negócio de não levar tiro.

— Lou. Eu vou ficar bem.

— Estou falando sério. Assim que eu chegar em Nova York vou mandar um e-mail para Donna e dizer que a responsabilizarei pessoalmente se acontecer alguma coisa com você. Ou talvez eu apenas diga para o seu chefe lhe passar trabalhos burocráticos. Ou mandar você para um posto de saúde no norte de Norfolk, onde nada acontece. Ou talvez o obrigar a usar coletes à prova de bala. Será que eles já consideraram a possibilidade de distribuir coletes à prova de bala? Aposto que eu poderia comprar um bom em Nova York se…

— Louisa.

Ele afastou uma mecha de cabelo dos meus olhos. Senti que fiz uma careta. Encostei a cabeça na dele, cerrei a mandíbula e senti seu perfume, tentando roubar um pouco da sua força para mim. E então, antes que eu pudesse mudar de ideia, deixei escapar um "tchau" embargado que poderia ter sido um soluço,

uma tosse ou uma risada boba, e acho que nem eu mesma conseguiria distinguir. Depois me virei de costas e andei depressa até a segurança, puxando a mala atrás de mim, antes que eu desistisse.

Para um funcionário cujo rosto eu mal enxergava através das lágrimas, mostrei meu passaporte novo e a autorização de entrada no território americano, que era minha chave para o futuro. E então, enquanto faziam sinal para que eu seguisse em frente, quase por impulso, me virei. Lá estava ele, encostado na barreira, ainda observando. Nossos olhares se cruzaram e ele ergueu a mão espalmada, e levantei a minha em resposta. Guardei essa imagem de Sam na minha mente — o jeito que se inclinava para a frente, a luz batendo em seu cabelo, seu olhar penetrante —, em algum lugar onde eu pudesse recuperá-la nos dias solitários. Porque haveria dias solitários. E

dias ruins. E dias em que eu me perguntaria que diabo de experiência era essa de que eu tinha aceitado participar. Porque tudo isso também fazia parte da aventura.

Eu te amo, articulei sem emitir som, sem ter certeza se ele conseguia ver o movimento da minha boca dali.

Em seguida, segurando com firmeza meu passaporte, me afastei.

Ele continuaria ali, observando meu avião ganhar velocidade e subir na imensidão do céu azul. E, com sorte, estaria ali, me esperando, assim que eu voltasse.

FIM

Sobre a autora

JOJO MOYES é escritora e jornalista. Foi correspondente do jornal *The Independent* por dez anos, de onde saiu para se dedicar integralmente à carreira de escritora. É autora de *A última carta de amor*, *Como eu era antes de você*, *A garota que você deixou para trás* e *Um mais um*, todos aclamados pela crítica. *Como eu era antes de você* vendeu cinco milhões de exemplares em todo o mundo, ocupou o topo da lista de mais vendidos em nove países e foi adaptado para o cinema com Sam Claflin (*Jogos vorazes*) e Emilia Clarke (*Game of*

Thrones) nos papéis de Will e Lou. Jojo Moyes é uma das poucas autoras a ter ao mesmo tempo três livros na lista de mais vendidos do *The New York Times*. Ela mora em Essex com o marido e os três filhos.